

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

KÁTIA ALEXSANDRA DOS SANTOS

A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO FEMININO: MULHER-EFEITO E SEUS  
DESDOBRAMENTOS

MARINGÁ  
2008

KÁTIA ALEXSANDRA DOS SANTOS

A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO FEMININO: MULHER-EFEITO E SEUS  
DESDOBRAMENTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos. Linha de Pesquisa: Estudo do Texto e do Discurso.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Honório.

MARINGÁ  
2008

Catálogo na Publicação  
Fabiano de Queiroz Jucá – CRB 9/1249  
Biblioteca Central da UNICENTRO, Campus Guarapuava

S237h Santos, Kátia Alexsandra dos  
A heterogeneidade do discurso feminino: mulher-efeito e seus  
desdobramentos / Kátia Alexsandra dos Santos. -- Maringá, 2008  
x, 123 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá,  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2008

Orientador: Maria Aparecida Honório

Banca examinadora: Pedro Luis Navarro Barbosa, Glacy  
Queirós de Roure

Bibliografia

1. Mulher. 2. Heterogeneidade. 3. Discurso feminino. I. Título. II.  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

CDD 305.4

KÁTIA ALEXSANDRA DOS SANTOS

**A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO FEMININO: MULHER-  
EFEITO E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Aprovado em **14 de abril de 2008**.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Honório  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -

---

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Glacy Queirós de Roure  
Universidade Católica de Goiás-UCG/Goiânia-GO

## AGRADECIMENTOS

À Ceci, pelo apoio, confiança e pela liberdade com que me orientou;

À minha família, por ser minha base de constituição e estar sempre presente, mesmo quando eu estava ausente;

Às amigas queridas Aline e Elaine pela ajuda e amizade;

À CAPES, pelo apoio financeiro durante a realização da pesquisa;

Aos membros da banca, Pedro Navarro e Glacy Roure, pela leitura atenta e preciosa contribuição no momento da qualificação;

Aos professores e funcionários do PLE, pelo auxílio e dedicação durante o período do mestrado;

A todos os colegas do mestrado pelos bons momentos de troca, especialmente Adriana, Renata, Juliana, entre muitos outros.

À Ana, querida, pelos bons momentos e discussões sobre outros assuntos, que me possibilitaram fugir da dissertação;

Ao Alessandro pela presença e incentivo na finalização do trabalho;

Às mulheres entrevistadas, pela disponibilidade em fornecer suas falas, sem as quais não seria possível desenvolver este trabalho.

Enfim, a todas as pessoas que se envolveram direta ou indiretamente neste trabalho.

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a minha mãe Maria, uma Maria entre as tantas marias mulheres.

Mãe, você merece essa dedicatória por ser meu referencial de mulher, por ser a mãe, a amiga, a pessoa que conjuga todos os papéis possíveis para uma grande mulher.

“Não me venha falar da malícia de toda mulher,  
cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...”

Caetano Veloso

## RESUMO

Tendo como contexto as novas configurações pelas quais passam homens e mulheres na contemporaneidade, este trabalho tem como objetivo pensar o efeito identitário da mulher a partir do discurso que ela faz circular sobre si mesma. cremos que dessa forma é possível investigar quem é a mulher contemporânea: pela sua própria palavra, pelo seu discurso, já que é a partir dele que nos configuramos como sujeito, se considerarmos que o discurso é a via de materialização da ideologia e essa é a “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2002: 46). A base teórica e analítica parte dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), sobretudo no que diz respeito aos conceitos de heterogeneidade e de forma-sujeito. A Psicanálise auxiliou em nossas reflexões teóricas ao postular uma noção de sujeito desejante e da mulher como sintoma. Com isso em vista, analisamos um *corpus* constituído por 10 (dez) entrevistas realizadas com mulheres de perfis diversificados. As entrevistas partiram da seguinte questão: “Você gosta de ser mulher? Por quê?”. A partir desse corpus, descrevemos o processo de interpelação da mulher, o que chamamos de “efeito-mulher”. Na descrição/interpretação feita, observamos ainda o que “escapa” dessa interpelação, o que fura na teia discursiva tecida pela mulher contemporânea. As análises que fizemos apontam para os seguintes resultados: a mulher atual tem se situado na posição determinada para ela pelas práticas discursivas masculinas, as quais são produto da história e da ideologia que se materializa no discurso dominante: o masculino. Entretanto, a heterogeneidade inerente à constituição do sujeito faz com que essa interpelação não se dê de forma completa, o que se pode verificar nos equívocos e faltas presentes no discurso feminino. Considerando esse aspecto, podemos dizer que a mulher contemporânea reproduz um discurso composto por formações discursivas machistas, feministas, entre muitas outras que a ideologia dominante faz circular. Contudo, também dá voz a um discurso “outro” que desestabiliza a suposta homogeneidade do que chamamos de “discurso feminino”. Desse lugar de interpretação que construímos é possível afirmar que a mulher é, portanto, efeito, mas um efeito que possui desdobramentos: materialização da heterogeneidade.

Palavras-chave: discurso feminino, efeito-mulher, heterogeneidade.

## ABSTRACT

### **HETEROGENEITY IN FEMININE DISCOURSE: FEMALE-PRODUCED EFFECT AND ITS DEVELOPMENT**

Current analysis investigates woman's identity effects, within the context of novel developments experienced by males and females in contemporary society, as from the self-discourse that she spreads around. Who is the contemporary woman may thus be analyzed through her word and her discourse. Since discourse is the materialization of ideology and the latter is "the condition foregrounding the establishment of the subject and of meaning" (ORLANDI, 2002: 46), it is through discourse that we establish ourselves as subjects. Theory and analysis are based on the French Discourse Analysis, especially on the concepts of heterogeneity and subject/form. Psychoanalysis has been a subsidy in so far as it postulated the idea of a desiring subject and of the female as a symptom. A corpus of ten interviews with females featuring a diversity of traits was analyzed. Interviews started with the following question: "Is it a pleasure being a woman? Why?" Through interview responses the process of female interpellation, or female-produced effect, was produced and described. Off-cuff opinions, or rather, what is released in the discursive web by contemporary woman, are reported in the context of the description and interpretation. Results show that present day woman situates herself within the context fabricated by male discourse practices which are history and ideology bound and materializes itself within the male dominant discourse. However, heterogeneity, inherent to the constitution of the subject, produces a mere incomplete interpellation, which may be verified by current equivocal statements and gaps in feminine discourse. It may be stated that contemporary woman reproduces a discourse composed of male, feminist and other discursive forms which dominant ideology spreads around and propagates. Contemporary woman also expresses "another" discourse that disrupts the presumed homogeneity of what may be called "feminine discourse". It may be stated that woman is, therefore, an effect, albeit an effect with developments, or rather, the materialization of heterogeneity.

**Key words:** feminine discourse; female-produced effect; heterogeneity.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>UMA MULHER VAI FALAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>                                 | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO 1</b>  |           |
| <b>O EFEITO-MULHER: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO MULHER.....</b>                      | <b>15</b> |
| 1.1 Uma história para a mulher.....  | 18        |
| 1.1.1 Idade Média: toma corpo um discurso patriarcal.....                                | 21        |
| 1.1.2 O discurso patriarcal no Brasil.....   | 27        |
| 1.1.3 Movimento feminista e Feminismo.....   | 33        |
| 1.2 O Efeito-mulher.....   | 36        |
| <b>CAPÍTULO 2:</b>   |           |
| <b>A MULHER NA PSICANÁLISE: UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA.....</b>                            | <b>40</b> |
| 2.1 Sujeito psicanalítico.....   | 41        |
| 2.2 A mulher estruturada como sintoma.....   | 44        |
| 2.3 Efeito ou sintoma? Mulher-efeito, sintoma? Afinal, aonde chegamos (chegamos?) ?..... | 50        |
| <b>CAPÍTULO 3:</b>   |           |
| <b>A MULHER VISTA SOB O SIGNO DA HETEROGENEIDADE.....</b>                                | <b>53</b> |
| <b>CAPÍTULO 4:</b>   |           |
| <b>ENFIM, O DISCURSO FEMININO!.....</b>  | <b>59</b> |
| 4.1 <i>Conversando com mulheres sobre ser mulher: constituição do corpus.....</i>        | <i>59</i> |
| 4.2 Um percurso de análise.....  | 65        |
| 4.2.1 O que é ser mulher?: mulher “não pode”.....  | 66        |
| 4.2.2 “Você quer se casar?”.....   | 75        |
| 4.2.3 “Você quer ser mãe”?.....  | 82        |
| 4.2.4 O que falha nesse tal discurso feminino.....                                       | 85        |
| 4.2.5 “Um caso exemplar”.....  | 89        |
| 4.2.5.1 Um discurso feminista?.....  | 93        |
| 4.2.5.2 Um lugar para um discurso machista na fala de uma mulher do séc. XXI.....        | 96        |

|   |            |
|---|------------|
| 4.2.5.3 Discursos feminista e machista intercalados: heterogeneidade... | 101        |
| 4.3 Juntando os pedaços: fechamento de uma análise incompleta.....      | 103        |
| <b>FALTA AINDA ALGUMA COISA...CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>             | <b>106</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                  | <b>110</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>113</b> |

## UMA MULHER VAI FALAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mais um trabalho a versar sobre a identidade feminina, questão bastante debatida na academia neste período contemporâneo em que vêm sendo colocadas em pauta as identidades possíveis para o homem desse tempo. Uma ressalva faz-se necessária, entretanto. Não queremos aqui “construir” nada, considerando que já tomamos como pressuposto a existência de identidades plurais para a mulher atual. Talvez a palavra seja “desconstruir”. Não no sentido de jogar tudo fora, mas de repensar, decompor ou entender como se compôs o que chamamos atualmente de identidade feminina.

Como se trata de um trabalho em Análise do Discurso (doravante AD), pretendemos observar como as práticas discursivas foram construindo os discursos que norteiam o processo identitário da mulher. A fundamentação teórica parte da 3ª fase da Análise do Discurso, alguns textos de Michel Foucault e De Certeau, e a Psicanálise, que nos auxilia a pensar um sujeito descentrado e individualizado. Buscamos compreender de que maneira foi se constituindo um imaginário social que cristaliza uma idéia de mulher homogênea, criando um efeito de naturalização do que é ser mulher, o que é um efeito ideológico que se faz via simbólico (linguagem). A concepção de discurso que tomamos como ponto de ancoragem é o de discurso como prática discursiva, como heterogêneo, perpassado pelo interdiscurso e pelo inconsciente. Bem, isso já é discussão para a metade do trabalho. Vamos partir do começo, de onde tudo começou:

O interesse pela temática da mulher encontra-se no simples fato da pesquisadora SER mulher. Parece bastante razoável, não? Talvez não. Nem todas as mulheres interessam-se pelo fato de como ou por que se tornaram mulheres ou mesmo pelo que é ser mulher. Vejamos, então, outra alternativa possível. Toda pesquisa parte de um incômodo. E sempre me incomodou muito ser mulher<sup>1</sup>. Sempre quis compreender as imposições aplicadas às mulheres, as características tão peculiares, as condutas padrão, enfim, o infortúnio e a delícia de SER mulher.

---

<sup>1</sup> Tomo aqui a liberdade, a despeito das regras acadêmicas, de mesclar, na escritura dessa introdução, as primeiras pessoas do plural e do singular. Utilizo esse recurso por considerar que, em alguns momentos, a escritura torna-se muito pessoal, o que requer a utilização de um “eu”, bem aos moldes da ilusão narcísica que nos constitui.

Situando-se num programa de Mestrado em Letras, concentração em Estudos Lingüísticos e linha de pesquisa Estudos do Texto e do Discurso, cremos que o presente trabalho configura-se em mais uma contribuição no âmbito da linguagem, já que trabalha com um registro específico de linguagem (oral), um público específico (feminino) e busca investigar o processo identitário que se dá via linguagem na sua relação com a ideologia, história e inconsciente. Dessa forma, a pesquisa é pertinente e coerente com a linha de pesquisa, bem como se presta ao diálogo tão necessário entre os trabalhos produzidos na academia e, mais precisamente, neste programa de mestrado, na esteira de outros trabalhos também produzidos na perspectiva na Análise do Discurso, área que vem sendo reforçada nesse contexto.

Primeiramente a idéia do projeto era comprovar a presença recorrente do discurso machista na fala da mulher. Essa era a questão que me instigava: como pode a própria mulher carregar em seu discurso uma fala essencialmente machista? Essa hipótese surgiu da observação das falas das mulheres que me cercavam e, sobretudo, num hábito bastante peculiar a nós que é o de criticar umas às outras.

Diante da inquietação e das leituras que realizamos, o percurso da pesquisa começou a ser alterado. Durante o encaminhamento do trabalho, o próprio *corpus* acabou nos levando por outros caminhos: percebemos que a hipótese inicial era falha. O discurso de origem machista até aparecia na fala das mulheres, mas não era essencialmente o que o constituía. A assimilação desse discurso dominante não se fazia do modo perfeito como imaginávamos. A hipótese foi sendo redefinida em relação às primeiras impressões e em função dos recortes do *corpus*. Muitos outros discursos compunham a fala da mulher, inclusive o feminista. O ponto central, todavia, foi a descoberta da constituição por um discurso “outro”, algo do nível do inominável, os equívocos de linguagem, o que observamos a partir dos apontamentos da AD da terceira fase que se embasa nos princípios da Psicanálise.

O contato com a **Análise do Discurso** de linha francesa, área da qual nos valem para fundamentar teoricamente este trabalho, deu-se ainda na graduação em Letras. Fascinação imediata. Pensar os processos de significação para além da língua por ela mesma, considerar o papel da ideologia, da história, parecia-nos um caminho interessante. A descoberta de um sujeito descentrado, não-dono do seu dizer desestabilizava a nossa ilusão de sujeitos completos. Mas era exatamente essa desestabilização que explicava muitos fatos, fazia surgir novos

questionamentos e desobrigava a relação com uma lingüística imanente, e uma lingüística das intenções.

Transitar por outras áreas também se fazia necessário. Pensar a constituição da mulher enquanto sujeito exigia uma leitura para além da lingüística. O que torna uma mulher uma mulher: seria a anatomia, a história, a cultura? Dentro da graduação em Psicologia encontramos um caminho na Psicanálise: ser mulher era também conter uma ESTRUTURA de mulher, o que se dá via linguagem. Na nova história também vimos um caminho necessário e determinante para entender a constituição da mulher atual.

Intercâmbio teórico concluído, começa a dura trilhagem por três áreas do conhecimento. O ponto comum: a linguagem, ou neste caso: o discurso, apesar de sabermos que cada uma das áreas tem uma concepção de discurso diferente. Tomamos esse ponto de ancoragem como material fértil para pensar a identidade feminina.

Com esse projeto em mãos, pretendemos tomar o discurso feminino, analisando-o segundo os pressupostos da AD. Para isso acreditávamos que a maneira mais adequada seria tratar da identidade feminina via discurso produzido por posições discursivas femininas<sup>2</sup>, considerando que nos tornamos sujeito via linguagem. Tendo isso em vista, passamos a coletar entrevistas com várias mulheres. Perguntávamos sobre a questão: “você gosta de ser mulher?” “por quê”. Escolhemos esse questionamento porque acreditávamos que ele daria margem à discussão do que era ser mulher e as implicações desse fato, como a relação da mulher com o homem, o que seria pertinente, portanto, para discutir a nossa questão central de análise que, no início, era a presença do discurso machista na fala da mulher.

A constituição do *corpus* foi feita em função das recorrências e também das dissonâncias que apareceram nas falas das mulheres. Dessa forma produzimos recortes que se transformaram em registros discursivos e objetos de análise, produto, portanto, do nosso gesto de interpretação. Todo esse percurso de leituras e composição do *corpus* nos permitiu organizar nosso texto da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Falamos em “posições discursivas femininas” ou posição discursiva de mulher” para designar o lugar discursivo que produz um discurso feminino. Evitamos o termo “discurso de mulheres” ou “produzido por mulheres” por entendermos que essa posição discursiva não diz respeito necessariamente à produção discursiva de um sujeito empírico do sexo feminino.

No primeiro capítulo, “O efeito-mulher: construção histórica do sujeito mulher”, fazemos uma retrospectiva da história da mulher no Ocidente desde a Idade Média até a atualidade e lançamos ainda o conceito da mulher como “efeito”, com base na proposta pêcheuxtiana de interpelação do indivíduo em sujeito: “forma-sujeito”. No segundo capítulo, “A Mulher na Psicanálise: uma questão de estrutura”, procuramos situar alguns pontos da teoria psicanalítica que possam auxiliar na compreensão da constituição da mulher da contemporaneidade. Partimos do conceito lacaniano da mulher como sintoma do homem, o que nos permitiu compreender a mulher-efeito como um conceito que não recobre a mulher como um todo, mas dá vazão a uma falta que nos é constitutiva. Feito isso pudemos passar ao conceito de heterogeneidade, cunhado na terceira fase da análise do discurso. É o que discutimos no terceiro capítulo. No quarto capítulo justificamos nossa coleta de dados: as entrevistas que tomamos como corpus representativo do discurso feminino. Por último, analisamos os recortes das entrevistas coletadas segundo os pressupostos da AD, considerando, sobretudo, a constituição da mulher pela falta, segundo o princípio da heterogeneidade. A conclusão... deixamos para a conclusão, se é que há alguma possível dentro da incompletude da linguagem e do sujeito, sobretudo quando esse sujeito é uma mulher.

Enfim, o trabalho está apresentado. Com ele pretendemos discutir a identidade feminina via discurso; fazer um levantamento das práticas discursivas que compõem o discurso da mulher a partir do nosso recorte das falas das entrevistadas; buscar na historicidade que foi constituindo um efeito homogeneizador da mulher um referencial para se pensar o efeito-mulher. Por fim, discutir as falhas, equívocos e sua relação com o ponto central do trabalho que é a heterogeneidade.

Dessa maneira pensamos contribuir aos estudos que discutem a identidade feminina. Acreditamos fazê-lo com o diferencial de partir do discurso, e do discurso produzido por posições discursivas de mulher, e ainda de não querer ver essa identidade como homogênea, mas como um efeito, que pode ser desconstruído e descrito justamente pela heterogeneidade.

## **CAPÍTULO 1:**

### **O EFEITO-MULHER: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO MULHER**

A chamada história das mulheres, ou seja, a história que não foi dita pela história oficial (e patriarcal), vem se colocando de maneira bastante visível nas duas últimas décadas (SCOTT, 1992: 63), sobretudo depois do advento do movimento feminista, na década de 60. Essa história se faz a partir de práticas discursivas<sup>3</sup> que a constituem, ou seja, dos discursos que circulam sobre a mulher, dos quais deriva um “efeito” de identidade para ela, bem como um lugar dentro da disciplina “história” e na memória dos falantes. Esse olhar sobre a história das mulheres, negligenciado por muito tempo pela história oficial, vem se mostrando de grande importância dentro do movimento da história geral, tendo em vista a crítica destinada à validade da disciplina, dos seus dados, por “excluir” dos feitos históricos a participação feminina e de outras minorias também sem direito a voz.

A negligência em relação à história da mulher ocorreu em grande parte em função de o ponto de vista dominante ter sido predominantemente o masculino. O fato é que a história da mulher como prática discursiva que é, tanto na academia como no senso comum, emerge em meio à história geral (e não separadamente) e carrega a memória de outros discursos que o circundam e que com ele se relacionam, possuindo, portanto, uma historicidade. Afinal, “A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos” (DEL PRIORE, 2000: 7).

Considerando a intrínseca relação entre discurso e história, para trabalhar com o discurso feminino, é preciso levar em conta as suas condições de produção,

---

<sup>3</sup> Compreendemos “prática discursiva” no sentido dado pela AD. Conforme o Dicionário de Análise do Discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU): “Noção freqüentemente empregada na AD francófona desde o final dos anos 60, fazendo convergir o vocabulário marxista da ‘práxis’ e o de Foucault. Ela funciona seja com um sentido pouco específico, seja no interior de redes conceituais” (2004: 396). Utilizamos a noção de prática discursiva conforme a noção geral que, conforme o mesmo dicionário, “tem aproximadamente as mesmas zonas de emprego que ‘discurso’ (...) Na verdade, quando se diz ‘prática discursiva’ em vez de ‘discurso’, efetua-se um ato de posicionamento teórico: sublinha-se obrigatoriamente que se considera o discurso como uma forma de ação sobre o mundo produzida fundamentalmente nas relações de forças sociais (idem).

especialmente o contexto sócio-histórico e a memória que esse discurso hoje retoma e atualiza.

Tendo como foco a questão identitária vista a partir do discurso, precisamos considerar o momento de realização deste trabalho, as condições que circunscrevem a produção do discurso feminino e da própria produção deste trabalho acadêmico. Pensado desse modo, acreditamos que se faz pertinente, então, refletir sobre a contemporaneidade para, logo em seguida, buscar dentro do discurso histórico a memória<sup>4</sup> que se tem sobre a história da mulher.

Pensar nas questões identitárias num período que ainda busca uma designação precisa, e que chamaremos de “contemporaneidade”, é tocar num ponto bastante nebuloso e móvel, dadas as novas configurações dos conceitos, o modo de pensar a constituição do sujeito como heterogênea e as mudanças e crises dos gêneros. No presente contexto começam a emergir novas configurações identitárias, renunciando a alguns paradigmas, inaugurando outros. Nesse sentido é que também a questão dos gêneros começa a se colocar, e os papéis de homem e mulher começam a passar por profundas modificações.

No auge da ideologia patriarcal era muito simples identificar o que era ser homem e o que era ser mulher: as práticas discursivas produziam somente essas duas possibilidades de identificação. Paulatinamente essa estabilidade foi sendo quebrada e observamos que homens e mulheres vivem um momento de desestabilização em relação aos modos de subjetivação anteriores, o que modifica sobremaneira o processo de constituição das identidades.

Sendo assim, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno...” (HALL, 2000: 07). As mudanças produzidas a partir do final do século XX, com o advento da Psicanálise, do feminismo e outros movimentos que modificaram a forma de viver e de se subjetivar, vêm causando a fragmentação dos sujeitos, visto que a noção unitária de sujeito tem perdido espaço face ao paradoxo das múltiplas formas de identificação e, ao mesmo tempo, à perda de identificação, o que instaura o colapso pelo qual passam os indivíduos da contemporaneidade.

---

<sup>4</sup> O conceito de memória pode ser tomado em muitas acepções. Eni Orlandi (2003) separa dois tipos de memória: a institucionalizada, que corresponde ao arquivo; e a memória discursiva, que corresponde ao conceito de interdiscurso, sendo “o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo) (2003: 48). Neste momento estamos tratando de memória enquanto arquivo, arquivo histórico sobre a mulher.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2000: 09).

Hall (2000) ainda afirma que há três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, no qual temos uma identidade fixa, imutável e individual; a do sujeito sociológico, que vê a identidade do sujeito na sua relação com a sociedade, ou seja, na interação com o outro; e, por fim, a identidade do sujeito pós-moderno, que migra da identidade unificada e estável para tornar-se fragmentado<sup>5</sup>.

Assim, o sujeito atual, ou pós-moderno, como designa Hall, fragmenta-se, isto é, assume várias identidades em diversos momentos, identidades por vezes contraditórias, já que não possui “uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2000: 12).

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente. (HALL, 2000: 13)

Há que se mencionar ainda que essa (s) nova (s) identidade (s) do homem pós-moderno ainda dialoga com as identidades anteriores, sejam eles os sujeitos do Iluminismo e/ou sociológico. Ainda podemos dizer, levando em conta os postulados da AD, que o sujeito não “deixou” de ser sociológico para ser “pós-moderno”, tendo em vista que ele ainda se constitui na relação com o “outro”.

Considerando esses postulados sobre a(s) identidade(s) no cenário contemporâneo, pretendemos, neste capítulo, pensar a identidade feminina, ou as possibilidades de identificação com os discursos que produzem o que rotulamos como “feminino”. Para isso faremos uma rápida apresentação da condição da mulher na Idade Média, as mudanças que vêm ocorrendo desde então, o rompimento ocorrido com o movimento feminista na década de sessenta e, por fim, o “efeito” que

---

<sup>5</sup> Apesar de não estarmos trabalhando com a categoria “pós-moderno”, tomamos o texto de Hall por considerarmos pertinentes suas afirmações sobre a mudança que se processa na sociedade atual, que, como já mencionamos, chamaremos “contemporaneidade”.

se constrói historicamente do que é “ser mulher”. Com isso pensamos poder dar sustentação a uma investida na questão da identidade feminina atual, via discurso.

Um aspecto que é importante deixar claro é que não pretendemos fazer um estudo de gênero, tal como tem sido entendido, ou seja, como estudos em defesa do gênero feminino, pois acreditamos, juntamente com Magali Engel, que

se queremos mesmo dar uma guinada na história das mulheres, deslocando-as para um campo mais fértil e instigante da história dos gêneros, é preciso que, entre outras coisas, abandonemos definitivamente essa obsessão em buscar comprovar que a mulher é mais discriminada, é mais explorada, é mais sofredora, é mais revoltada, etc, etc. Nem mais, nem menos, mas sim diferentemente. Diferenças cujos significados não se esgotam nas distinções sexuais, devendo, portanto, ser buscados no emaranhado múltiplo, complexo e, muitas vezes, contraditório, das diversidades sociais, étnicas, religiosas, regionais, enfim, culturais (ENGEL, 2000: 334).

Feitas essas considerações, vamos dar um passeio pela conhecida (e esquecida) história da mulher.

## 1.1 UMA HISTÓRIA PARA A MULHER

Impossível pensar numa história da (ou para) a mulher sem retomar Foucault. Apesar de trabalharmos numa linha da Análise do Discurso que não parte do método foucaultiano, o filósofo francês é indispensável quando se trabalha com discurso, subjetividade e, como é o nosso caso, construção de identidade, identidade feminina.

Faz-se necessário explicitar, entretanto, que a noção de subjetividade trazida por Foucault e as formas de subjetivação (Foucault, 2001) não serão operatórios na análise que se fará neste trabalho. Acreditamos numa possibilidade de articular essa perspectiva teórica à de forma-sujeito de Pêcheux, com a qual trabalharemos, contudo isso é atividade para outro trabalho. Ficamos com a noção de subjetividade trazida por Eni Orlandi (2001) que afirma ser o processo pelo qual o indivíduo torna-se sujeito. A subjetividade estrutura-se no acontecimento do discurso (ORLANDI, 2001: 99), sendo, pois, o fenômeno que desloca o lugar/situação empírica para a posição no discurso. Subjetivar-se, portanto, é submeter-se à língua, ao simbólico e, por isso, estar submetido também à história e à ideologia. A subjetividade é a

condição primeira, portanto, que conduz ao efeito de identidade, o que trataremos no final desse capítulo.

Explicitada essa questão, voltemos a Foucault:

Foucault (2001) em sua “História da Sexualidade” nos dá pressupostos históricos que funcionam como pano de fundo na construção da sexualidade em nossa sociedade, desde a Grécia antiga, passando pelo advento do Cristianismo, construindo no seu primeiro volume, publicado em 1976, a genealogia da sexualidade na modernidade. Além disso, trata das contribuições da medicina, pedagogia e outras áreas do saber que intervêm nessa construção de sentido da sexualidade. O autor apresenta a sexualidade como uma das formas mais recônditas de constituição do indivíduo em sujeito. “Foucault volta-se para a experiência da sexualidade, região em que certos saberes, normas e formas de subjetividade permitem que os indivíduos se reconheçam como sujeitos” (ARAÚJO, 2000: 123), além disso, afirma que essa noção que temos de nós mesmos enquanto seres sexuados é, na verdade, uma construção histórica.

A reflexão acima é bastante importante para nosso estudo, pois se considerarmos que a história é feita de práticas discursivas, conforme afirma o mesmo autor, é pelo discurso que se constituem as identidades. Quanto à noção de gênero, tão diretamente relacionada à biologia, nessa perspectiva, passa a ser vista também como uma construção histórica. É um passo bastante significativo na compreensão da formação da identidade da mulher. Mais do que isso, a contribuição de Foucault estende-se ainda à concepção da sexualidade enquanto mecanismo de poder. Ele propõe “analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder” (FOUCAULT, 2001: 88), entendendo “poder” como a “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (idem, *ibidem*)<sup>6</sup>.

Historiadores que trabalham ou não com a temática dos gêneros, notavelmente Michelle Perrot (conforme RAGO, 1998: 21), colocam a necessidade de haver uma produção acadêmica que problematize as relações entre os sexos, sem que se privilegie um dos sujeitos sexuados (homens ou mulheres). A mesma autora questiona se existiria uma maneira feminina de fazer história ou mesmo uma memória histórica feminina. A questão se complica quando pensamos nas fontes

---

<sup>6</sup> Essa concepção foucaultiana da construção histórica da sexualidade é pertinente para o que, ao final do capítulo, designaremos como “efeito-mulher”.

que temos: há poucos registros do que as mulheres falavam. Registros escritos por mulheres, há menos ainda. Os documentos e fontes oficiais costumam ser extremamente ligados ao mundo masculino. Sendo assim, o que resta? Os discursos sobre as mulheres que permaneceram na memória das pessoas, que foram passando de geração a geração, atualizando-se e constituindo o que hoje sabemos sobre as mulheres e sua história.

Dentro da memória histórica que nos perpassa, o período mais marcante na história das mulheres é, sem dúvida o movimento feminista. Margareth Rago (1998) coloca o movimento feminista como marco de uma mudança de pensamento na história da mulher, nos rumos da própria história e ainda na concepção de cientificidade. Segundo ela, o movimento feminista traz, juntamente com a Psicanálise, o Marxismo, o Desconstrutivismo e o Pós-Modernismo, uma crítica às categorias dominantes que se impõem como universais: padrão burguês-masculino-ocidental (RAGO, 1998: 24). Essa crítica propõe pensar a diferença, considerar a crise do sujeito, aliando-se ao pensamento do pós-modernismo e indo ao encontro de pensadores como Derrida, Foucault, Lyotard, entre outros. Uma das vertentes desse deslocamento da história oficial é chamada de “História Cultural”, movimento ao qual se filia a autora mencionada que trabalha com a história das mulheres. Entre as críticas que se colocam a partir disso, uma das mais importantes é a oposição de origem sexista entre o público e o privado, objetivo e subjetivo, entre outras dicotomias que foram sendo construídas no decorrer da história e que, por isso, desde muito tempo tomamos como naturais.

Assim, pensar uma história para a mulher é desconstruir os valores sedimentados a partir da ótica masculina. A crítica feminina sugere que não se parta do sujeito, mas que ele passe a ser visto como efeito das determinações histórico-culturais. Dessa forma, a mulher também “não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes” (RAGO, 1998: 27). É importante mencionar ainda que, nesse momento, com o advento da História

Cultural, o **discurso**, passa a ser visto como principal matéria-prima do historiador, ponto de partida para se perceber as relações sócio-histórico-culturais<sup>7</sup>.

A História Cultural, a Psicanálise, o Marxismo, o Pós-modernismo e o Feminismo foram movimentos que permitiram repensar a constituição da história geral e ainda pensar uma nova forma de se fazer ciência. Rago (1998: 32) acredita que o feminismo “trouxe a subjetividade como forma de conhecimento”, permitindo uma “epistemologia feminista” e, portanto, a possibilidade de uma história da mulher ou, pelo menos, uma história que contemple a presença da mulher na sociedade.

### **1.1.1 IDADE MÉDIA: TOMA CORPO UM DISCURSO PATRIARCAL**

Considerando a possibilidade mencionada acima da inserção da mulher na história, procuraremos, através de alguns achados teóricos que trabalham com a história da mulher, falar da sua história na Idade Média e nos períodos subsequentes anteriores ao advento do movimento feminista. A tomada do período em questão como ponto central da nossa exposição sobre a história da mulher (a Idade Média) se justifica por ser justamente um momento contraditório ao Feminismo, por ser o período em que se materializou com bastante força um discurso patriarcal que se manteve vivo até os dias de hoje, sendo ressignificado através do que chamaremos de “discurso machista”.

Conforme José Rivair Macedo (1992: 10), a mulher dispôs de liberdade relativa<sup>8</sup> em algumas civilizações antigas, como entre os celtas e os eslavos, mas, com a entrada do Cristianismo, ela perdeu muito dos seus direitos jurídicos. Durante a Idade Média, as relações familiares (instituição a partir da qual poderemos observar o papel da mulher) eram meros “negócios”. A relação feudal, sistema que sustentava as relações econômicas da sociedade nesse período, era transposta para a relação matrimonial. Assim, as mulheres donas de posses tinham mais direitos do que as que não detinham, mas, de qualquer forma, o papel da mulher era de mercadoria: “O casamento era, antes de tudo, um pacto entre duas famílias. Nesse ato, a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida, como um ser passivo.

---

<sup>7</sup> O conceito de discurso nessa perspectiva teórica é diferente do discurso da Análise do Discurso, portanto não trabalharemos com ele. A utilização da história cultural para nosso estudo centraliza-se na visão que ela apresenta acerca da história da mulher.

<sup>8</sup> Não se trata de discutir aqui o conceito de liberdade, o utilizamos dentro da acepção do senso comum. Dizemos “liberdade relativa” por considerar que os direitos da mulher em relação aos homens eram maiores do que na Idade Média, mas também não podem ser considerados direitos iguais aos dos homens.

Sua principal virtude, dentro e fora do casamento, deveria ser a obediência, a submissão” (MACEDO, 1992: 15).

A mulher era considerada “naturalmente” menor do que o homem, ser frágil, incapaz de responder por si mesma. Não era sequer nomeada. Na sociedade era sempre filha de alguém, esposa ou irmã, nomeada sempre em referência ao homem a que estava sujeita. Podemos observar que o modo de produção da sociedade fomenta os discursos que circulam e, por sua vez, produz as identidades dos sujeitos (homens e mulheres), resultado de uma ideologia<sup>9</sup> que era basicamente Cristã e feudal.

Essa representação da mulher foi muito divulgada pela Igreja Católica, que sacramentalizou o casamento (antes apenas “negócio” entre famílias) a fim de controlar a sexualidade. Vejamos o que afirma Macedo, ao reproduzir o discurso da Igreja sobre a mulher nessa época:

A mulher era vista pelos religiosos como “naturalmente” inferior ao “sexo viril”. Deus havia criado primeiro o homem. Ele foi criado à imagem e semelhança do Todo-Poderoso. Ela era meramente um reflexo da imagem masculina, uma imagem secundária. Sexos diferentes, ambos uniam-se pelo casamento. Contudo, não se tornavam iguais. Considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado, a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como o seu castigo (MACEDO, 1992: 19).

Com esses argumentos a Igreja Católica atestava a inferioridade da mulher e sua subordinação na relação com o homem. Aspectos biológicos como as dores do parto e a menstruação eram tomados como castigos divinos por ser a mulher um ser originalmente pecador. Além disso, “a inferioridade feminina provinha da fragilidade do sexo, da sua fraqueza ante os perigos da carne” (MACEDO, idem, ibidem: 19). Note-se que aqui se mesclam os discursos religioso e médico-biológico, ambos coadunados funcionam como forte argumento para a afirmação da natureza (seja ela divina ou biológica) inferior atribuída ao sexo feminino. O texto bíblico usufrui do discurso médico-biológico para demonstrar a “natureza” sórdida da mulher. Neste

---

<sup>9</sup> O conceito de ideologia é central para a AD, contudo ele não é entendido conforme os sentidos que se divulgam de inversão ou ocultação da realidade. A ideologia é ressignificada pela Análise do Discurso, ela é vista em relação à linguagem, numa definição discursiva. (Orlandi, 2003: 43). É considerada o que interpela os indivíduos em sujeitos, o que produz as evidências e naturaliza o que é construído na relação do histórico com o simbólico (linguagem). Sendo assim, a ideologia para a AD, “não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (idem, ibidem: 47).

sentido, os textos bíblicos materializam os discursos cristão e biológico, e, ao circular na sociedade, produziam os efeitos de identidade da mulher como ser castigado e inferior.

A Igreja ainda incutiu a maternidade como missão primordial da mulher. Assim, ela só podia transitar entre três posições dentro da família: esposa, mãe e viúva, sendo que era imprescindível ser mãe em qualquer uma das outras situações. A mulher que não podia ter filhos sofria discriminação do marido (que podia abandoná-la), da Igreja, que a via como pecadora e castigada por Deus, e da sociedade como um todo por não poder desempenhar o que era considerado o principal papel da mulher: o da procriação.

Isso não quer dizer, porém, que as mulheres ocidentais e cristãs (das quais estamos tratando) não tinham nenhum outro papel na sociedade. Com relação ao trabalho, elas, além de desempenhar o trabalho doméstico e cuidar dos filhos, exerciam funções na agricultura (ao lado dos maridos ou sozinhas, quando viúvas), trabalhavam como servas na casa dos senhores feudais, também se destacaram no artesanato e na confecção de tecidos no período da alta Idade Média e há registros de algumas mulheres mercadoras (MACEDO, 1992: 28). Mesmo as que não se dedicavam a nenhum desses trabalhos, e vinham das classes mais abastadas (e, portanto, não eram nem escravas nem servas), tinham que administrar a família, e administrar um núcleo familiar na Idade Média não era coisa muito simples, conforme atesta o mesmo autor. Como esses núcleos eram compostos por várias pessoas (parentes e agregados), as donas-de-casa tinham que ter um alto senso de organização para dar conta da alimentação, vestimenta e sobrevivência em geral da família.

Durante a Idade Média, conforme Alves e Pitanguy (1985), na obra *O que é Feminismo?*, destaca-se na literatura a mulher “castelã”, aquela a quem se dedicavam as cantigas de amor dos trovadores. O estereótipo era de uma mulher bela e cheia de ornamentos, mulher idealizada, frágil, delicada, romântica, mas sem papel ativo na sociedade. Contudo, os autores também mencionam que as mulheres das classes mais baixas trabalhavam, por exemplo, com tapeçaria, e participavam das chamadas “Corporações de Ofício”, comunidades compostas por pequenos artesãos. Ainda desempenham atividades de parteiras e curandeiras. Essas últimas pareciam ser as mais perigosas, pois desafiavam a Igreja e a ciência. Surge, então, a “mulher-bruxa”, queimada em grandes fogueiras pela inquisição, por conta de seus

“poderes”. É interessante observar que as instituições é que legitimavam essas práticas de exclusão à mulher: o Estado, a Igreja, a Medicina e o Direito.

Em relação a isso, Macedo nos apresenta a etimologia da palavra “mulher”, a qual corrobora para a identificação negativa do sexo:

A atitude de desprezo dos homens pelas mulheres, consideradas ao mesmo tempo perigosas e frágeis, era justificada por todos os meios, até pela etimologia da palavra que as designava. Para os pensadores da época, a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier*, o termo que designava o sexo feminino lembrava *Molitia*, relacionada à fraqueza, à flexibilidade, à simulação (MACEDO, 1992: 21).

Apesar de tudo isso, é importante observar, conforme o faz Macedo (1992: 26) que as mulheres não eram um grupo homogêneo oprimido pelos homens. A diferença sexual era tão forte quanto a diferença social. “Não é possível alinhar, num mesmo plano, condessas e castelãs com servas e camponesas livres, ricas burguesas com artesãs, domésticas ou escravas” (idem, ibidem: 26). Eis aqui o primeiro ponto, já levantado pelo discurso da história para pensarmos a mulher a partir de um “efeito” homogeneizador, a fim de chegarmos a uma constituição que é, essencialmente, heterogênea. Constituição do sujeito, conforme a AD da terceira fase, e constituição da “mulher” como significante generalizador.

Quando falamos em “efeito”, estamos tomando esse termo dentro da perspectiva da AD, entendendo-o como “efeito de sentido”, ou seja, construção que se dá a partir do discurso e sua relação com a ideologia de uma naturalização de fatos que são produzidos pela história e que são discursivizados. “As relações da linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2003: 26). Sendo a linguagem opaca, não temos, portanto, uma relação direta língua/sentido, mas sim um “efeito” que se processa na relação da linguagem (simbólico) com o ideológico.

Assim, por esse “efeito”, a ambigüidade da mulher: doce, submissa, frágil, mas ao mesmo tempo, sedutora, má, era considerada algo “natural”. A natureza a havia feito portadora do bem e do mal. A mulher era identificada com a natureza, portanto, enquanto o homem identificava-se com a cultura. A Psicanálise traz importantes considerações a respeito dessa dicotomia. Discutiremos um pouco

sobre isso no segundo capítulo. A formação discursiva<sup>10</sup> (FD) religiosa cristã, sob esse aspecto, faz circular um discurso que naturaliza o ambiente da mulher como o doméstico, privado. Auxilia na produção de uma prática do papel da mulher na sociedade como a responsável por cuidar da casa e dos filhos, enquanto ao homem cabe estar em contato com a civilização, habitar o espaço público.

“A valorização do pensamento burguês teve influência decisiva na deteriorização da imagem feminina. A misoginia, antes subjacente, tornou-se explícita. (MACEDO, 1992: 55). Conforme o mesmo autor (1992), várias obras literárias atestam o fato de que a imagem da mulher passa a ser denegrada nesse período, sendo que passam a ser vistas pelo seu caráter pecador, como traidoras, fúteis e más, sobretudo dentro da instituição do casamento, que também aparece de forma negativa. Macedo (1992) acredita que esse fato possa ter se originado por alguma forma de insubordinação das mulheres perante as condições do casamento.

Apesar disso

É difícil sustentar a hipótese de uma marginalização generalizada da mulher na Idade Média. O casamento, tornando-a responsável pela reprodução biológica da família, garantia-lhe papel de relevo na estabilidade da ordem social. Esta integração tinha, contudo os seus limites. Juridicamente despessoalizada, esteve reduzida ao meio familiar e doméstico. Reproduzia, biologicamente os homens que iriam continuar a dirigir a sociedade. (MACEDO, 1992: 59).

As mulheres que não se enquadraram no estereótipo da época foram marginalizadas. As principais reações marginalizantes eram contra hereges, bruxas e prostitutas (idem, *ibidem*: 59).

O fenômeno da “caça às bruxas” ocorreu principalmente entre os séculos XV e XVII (conforme MACEDO, 1992: 64), período cronologicamente posterior à Idade Média, contudo, é um fenômeno que já vinha se desencadeando anteriormente e que representa todo o espírito de uma época em relação à “intransigência na eliminação de um grupo arbitrariamente considerado indesejável e pernicioso” (idem, *ibidem*: 59), grupo esse formado por magas, curandeiras, adivinhas, etc. Na

---

<sup>10</sup> A formação discursiva (FD) é entendida como “aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada- determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2003: 43). Contudo, trabalhamos com esse conceito vendo-o não de forma fechada, como se as FD’s dessem conta de discursos específicos fechados entre si. Compreendemos esse conceito através do princípio da dispersão, entendendo que as FD’s perpassam umas às outras e podem ser vistas, conforme bem definiu Orlandi, como “regionalizações do interdiscurso” (idem, *ibidem*). É esse conceito que permite ao analista “estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (idem, *ibidem*).

verdade, o combate feroz, iniciado pela Inquisição contra as ‘maléficas’, reprimia a sexualidade feminina” (idem, ibidem: 66).

Passamos nessa nossa aventura teórica pela história da mulher por dois períodos distintos: a Idade Média e o período burguês. Podemos observar alguns deslocamentos nos discursos sobre a mulher em ambos os períodos. Primeiro tínhamos uma mulher discursivizada pela Igreja que surge sob o efeito dicotômico da santa (mãe) ou da bruxa. O Cristianismo “identificou afigurada mulher com a experiência do pecado, baseando-se para isso no mito da sedução de Adão por Eva” (BIRMAN, 1999: 62). O papel da mulher valorizado era o da maternidade, que a redimia dos seus pecados “naturais”. Com a burguesia esse discurso se desloca, atualizando o papel da mulher na relação com a família e, portanto, com as transações comerciais também. As de baixa renda podiam (e deveriam) atuar vendendo sua força de trabalho, já as mulheres das classes mais altas deveriam zelar pela imagem da família, empreendimento que era essa instituição. Daremos continuidade à discussão sobre a mulher no período burguês quando tratarmos da mulher no Brasil, no próximo tópico.

Outro importante deslocamento na rede de discursos sobre a mulher ocorre com o advento do Iluminismo, entretanto passaremos rapidamente por ele. Com o **Iluminismo** surge a proposta da “igualdade para todos”, contudo a categoria “todos” não incluía a mulher, considerada como possuidora de uma razão inferior. Podemos observar que aqui a inferioridade da mulher, atestada pelo discurso religioso, desloca-se para o discurso científico, que a toma como possuidora de uma razão inferior à masculina<sup>11</sup>. Durante a **Revolução Francesa** muitas mulheres se destacam e participam ativamente, entretanto esse fato é silenciado pela história que é construída ainda por e para os homens. Na **II Guerra Mundial**, a mulher acaba sendo obrigada a assumir o lugar dos homens, enquanto esses estão em batalha, mas com o término da guerra acabam sendo depostas do lugar que conquistaram e devolvidas à posição subalterna de “rainha do lar”.

Um aspecto importante em meio a essa história da mulher é a sedimentação de duas identidades possíveis para ela: sua periculosidade e ligação ao mal, característica divulgada pelo discurso cristão acerca do erotismo da mulher; e sua

---

<sup>11</sup> Sobre isso ver Rosseau: “Emílio ou Da Educação” e “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, textos em que percebemos que o pensamento filosófico iluminista fundamenta os ideários que sustentam uma educação e uma moral diferentes para homens e mulheres.

santidade pela via da maternidade. Esse aspecto diferencia essencialmente a mulher do homem. Entretanto, conforme Birman (1999)

desde o século XVIII, pelo menos, se forjou um conjunto de discursos- médico, filosófico e moral- que pretendiam delinear uma diferença de *essência* entre o masculino e o feminino. Antes disso não havia absolutamente uma fronteira essencial entre as figuras do homem e da mulher, pois desde Galeno, no início da era cristã, a mulher era considerada como um homem *imperfeito*, a quem faltava calor suficiente para ser um homem” (BIRMAN, 1999: 85-86).

Conforme a afirmação acima, o discurso da diferença essencial entre homem e mulher foi sendo construído a partir do século XVIII, dialogando com um outro discurso, aparentemente contraditório, de que a mulher seria uma espécie de homem diminuído. Dessa prática discursiva anterior ao século XVIII mantém-se o discurso que afirma a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Com o discurso da diferença entre os sexos, regulamenta-se e justifica-se a alocação da mulher com o espaço privado e do homem com o espaço público, dadas as diferenças “essenciais” existentes.

Vamos dar prosseguimento a nossa história, afinando um pouco os seus rumos para o nosso país.

### **1.1.2 O DISCURSO PATRIARCAL NO BRASIL**

Durante o Brasil-Colônia, a conduta feminina parece seguir os mesmos padrões da Europa na Idade Média. Entretanto, a literatura existente sobre a mulher desse período atesta que nem sempre o estereótipo da mulher boa esposa e mãe, submissa e fiel era o retrato da mulher brasileira. Muitos registros existem de modelos que desvirtuam esse tipo de conduta: mulheres adúlteras, prostitutas, lésbicas, mães solteiras, enfim, todo tipo de “desregramento” em relação à sexualidade feminina ocorria já nesse período segundo observamos nos relatos da obra *História das mulheres no Brasil* (2000), organizada por Mary Del Priore. Os capítulos utilizados da obra em questão são os seguintes: “Maternidade Negada”, R.P. Venâncio; “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, R. Soibet; “Trabalho feminino e sexualidade”, Margareth Rago; “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”, Mary Del Priore; “Psiquiatria e feminilidade”, Magali Engel; “A mulher e a família burguesa”, M. D’Incão; “Mulheres dos anos dourados”, C. Bassanezi; “A arte

da sedução: sexualidade feminina na Colônia”, Emanuel Araújo. Esses capítulos dessa obra, que tomaremos por base, carregam em seu discurso uma preocupação em trazer a história de mulheres reais, que foram pouco contempladas pela história oficial. Dessa maneira a obra põe em evidência um discurso divergente em relação à história oficial a respeito da mulher do Brasil-Colônia até a década de 80, relatando a existência e a atuação de mulheres reais desse período, mulheres essas que desvirtuavam o padrão feminino que compõe a nossa memória.

No Brasil, assim como na Europa, a mulher era “domesticada” e sempre em relação a algum homem: “o adestramento da sexualidade (...) pressupunha o desvio dos sentidos pelo respeito ao pai, depois ao marido, além de uma educação dirigida para os afazeres domésticos” (ARAÚJO, 2000: 49-50).

O matrimônio também era uma forma de reprimir os impulsos femininos próprios da adolescência, por isso os pais arranjavam bem cedo casamentos para suas filhas, “assim, desde muito cedo a mulher devia ter seus sentimentos devidamente domesticados e abafados” (idem, ibidem: 51). A menina, então, casava-se, normalmente com alguém bem mais velho e tornava-se mãe, pois “na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo (idem, ibidem: 52).

Mesmo com a maternidade, a mulher não se livrava da dominação masculina, porque aí surgia o médico, para desmentir a beleza e a naturalidade da maternidade, prescrevendo fórmulas, inventando explicações para coisas que as mulheres já sabiam e praticavam e ainda interpretações para os “males” que afligiam o corpo feminino. A maternidade, todavia, não foi vista por todas as mulheres como “missão”, algo divino, etc. Como atesta o texto de Renato Pinto Venâncio, *Maternidade Negada* (2000: 189-222), muitas mulheres durante o período colonial abandonavam seus filhos ou praticavam aborto por diversos motivos. Uma afirmação como essa, sendo veiculada num texto científico, vem negar um discurso consagrado e arraigado em nossa memória discursiva<sup>12</sup>: a maternidade, tida como missão e/ou desejo de toda mulher. Mais um ponto de divergência em relação à construção identitária da mulher veiculada pelo discurso histórico.

---

<sup>12</sup> Conceito discutido em nota anterior, diz respeito ao que também é chamado de interdiscurso: o eixo do dizível, o saber discursivo.

Durante o advento da burguesia no Brasil, no século XIX, há um deslocamento nos discursos sobre a mulher:

O nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D'INCÃO, 2000: 223).

Além disso, uma mudança muito importante ocorreu com a instalação da mentalidade burguesa: o espaço urbano consolidou-se e fez-se a distinção entre espaço público (a rua) e espaço privado (a casa), quando antes as pessoas tinham total liberdade para transitar em ambos os espaços nas mais diversas situações. Inclusive a disposição estrutural das cidades atesta esse fato: antes da “civilização” do Rio de Janeiro, as casas eram construídas junto com as ruas, não havia separação, somente nesse momento as casas começam a ganhar afastamento da rua e dos vizinhos laterais (idem, ibidem: 228). Assim, “o crescimento da população e as mudanças de atitude quanto ao uso dos espaços de fora da casa devem ter-se combinado para desencadear a desconfiança em relação aos ‘outros’, aos desconhecidos” (idem, ibidem: 227).

Com a existência do espaço público (onde havia a presença das outras pessoas), a mulher burguesa teve que aprender a se portar em sociedade, pois agora, além da vigilância do pai e do esposo, estava submetida à vigilância de toda a comunidade.

A emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visava “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família- a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (idem, ibidem: 230).

Todas essas mudanças no comportamento da mulher burguesa trazem-lhe uma nova função: dela dependia a “imagem” da família perante a sociedade, o que

influenciava decisivamente nos negócios da família. Os valores burgueses assumiram tal importância na vida das mulheres que sua conduta passou do domínio alheio (sociedade, pais, marido) para ela mesma. Houve um movimento de auto-vigilância no decorrer do século XIX: as mulheres “aprenderam a se comportar” (idem, *ibidem*: 236), ou seja, incorporaram os valores impostos como seus. Acreditamos que nesse momento os discursos de crítica em relação ao comportamento feminino passaram a fazer parte do repertório da própria mulher. Além de se auto-vigiar, ela vigia e fala sobre o comportamento das outras mulheres.

O “código” de conduta feminina foi discursivizado excessivamente em textos escritos: os jornais, que ocupavam suas páginas com mandamentos de conduta feminina, bons costumes, etc.; a literatura, que também se ocupava de extensas descrições dos comportamentos femininos. Através desses e outros textos, além dos textos divulgados na oralidade, o ideal burguês foi naturalizando o trabalho doméstico como afazer propriamente feminino, um dos principais pontos do “bom comportamento” da mulher burguesa.

É importante mencionar que também aqui em terras brasileiras, principalmente durante o projeto de higienização das cidades, “a medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o pecado, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal” (SOIBET, 2000: 363).

No século XIX, a medicina e, sobretudo, a psiquiatria fizeram divulgar uma concepção de sexualidade feminina como diretamente ligada à sanidade mental, o que passa para o campo da moral e aparece nos discursos sobre a sexualidade feminina até hoje. “Assim, a sexualidade só não ameaçaria a integridade física, mental e moral da mulher, caso se mantivesse aprisionada nos estreitos limites entre o *excesso* e a *falta* e circunscrita ao leito conjugal (ENGEL, 2000: 342). Dessa produção de sentido, resulta uma prática da sexualidade feminina tida como ideal: a mulher tinha de cumprir suas “obrigações” conjugais no que diz respeito ao sexo, entretanto não poderia demonstrar disposição excessiva, até as posições do coito eram determinadas. Práticas sexuais mais ousadas eram direito exclusivo das prostitutas.

Dos relatos sobre a vida da mulher em terras brasileiras, pudemos perceber que nem sempre a dominação masculina, normalmente feita através da família, da Igreja e da medicina, conseguiu adestrar completamente as mulheres, contudo

“parece que o normal era a introjeção, por parte das próprias mulheres, dos valores misóginos predominantes no meio social” (ARAÚJO, 2000: 53).

É preciso pensar de outra forma ainda a conduta das mulheres das classes menos abastadas. “Apesar da existência de muitas semelhanças entre mulheres de classes sociais diferentes, aquelas das camadas populares possuíam características próprias, padrões específicos, ligados às suas condições concretas de existência” (SOIBET, 2000: 367). A mulher das classes populares, ao que parece, gozavam de maior liberdade sexual, não necessariamente tendo que casar formalmente, podendo separar-se, portanto, com mais facilidade. Por outro lado, a responsabilidade pelos filhos muitas vezes recaía exclusivamente sobre ela, a qual tinha que trabalhar duramente para sustentá-los. O homem, nessas condições, nem sempre desempenhava o papel de mantenedor da casa e, conseqüentemente, não poderia também ser dominador, conforme rezava a ideologia dominante (burguesa).

Assim, a questão do trabalho feminino vai se colocando como uma necessidade para as classes mais pobres e, mais tarde, com a industrialização do país, no início do século XX, a mulher passa a atuar também nas fábricas, apesar de ser tratada diferentemente e conviver com o risco de ser considerada uma mulher imoral por estar fora do lar. Aos poucos surgem outras áreas para o trabalho legitimado feminino: as fábricas têxteis, o ambiente escolar, entre outros. (RAGO, 2000: 603). Nos anos 20 surgem muitas mulheres militantes, adeptas do anarquismo ou feministas liberais, que defendem a participação da mulher no espaço público.

Conforme Carla Bassanezi (2000: 607-639), no Brasil dos anos 50 houve uma ascensão da classe média, um grande crescimento urbano e industrialização pós Segunda Guerra Mundial, entretanto, os papéis feminino e masculino continuavam distintos, a moral sexual ainda apontava com maior rigor para a mulher e o trabalho feminino ainda era visto como inferior e subsidiário do masculino. “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação” (idem, ibidem: 609).

Todavia, nesse momento, já não estava mais em voga o casamento arranjado: os pais deveriam ser menos rígidos com as filhas. Por isso mesmo a vigilância sobre as moças deveria ser garantida, afinal elas deveriam auto-controlar-se para serem consideradas “moças de família” (designação comum da época- anos

50) e, portanto, dignas de um bom casamento. O código de conduta moral feminino era bastante divulgado e conhecido, enquanto às mulheres era proibido qualquer envolvimento sexual antes do casamento, sob pena de não casar mais, aos homens a sexualidade era incentivada como prova de sua virilidade.

Apesar da popularização do trabalho feminino (no comércio, hospitais, escolas, escritórios, etc.), a mulher que trabalhava ainda era estigmatizada na década de 50, pois não poderia ser boa mãe e dona de casa se trabalhasse fora. De qualquer forma, os afazeres domésticos continuam a ser exclusividade feminina: “tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram consideradas deveres exclusivamente femininos. Dentro de casa, os homens deveriam ser solicitados apenas a fazer pequenos reparos” (BASSANEZI, 2000: 626). Era a “divisão tradicional dos papéis”, que não poderia ser questionada, à mulher cabia sempre “agradar” ao homem, sendo boa esposa, “rainha do lar”, estando sempre contente, disposta a manter a paz e a felicidade da família (sem pensar em interesses próprios).

A partir do relato sobre os discursos que circulavam sobre a mulher no Brasil nos períodos que comentamos podemos observar (o que faremos posteriormente) nas análises das falas femininas atuais a presença de discursos que reproduzem essas práticas em relação à maternidade, casamento, moral feminina, etc.

Estendemo-nos no período da Idade Média, da burguesia e até os anos 50 para podermos deixar bem sedimentada a origem de um discurso que ainda produz efeitos na fala de mulheres e homens e que chamaremos de “discurso machista originário da Idade Média”. Nossa hipótese é de que essas práticas discursivas sobrevivem reatualizando-se e compondo contraditoriamente a fala da mulher atual. Juntamente com essa prática discursiva, aparece ainda o discurso originário do discurso feminista clássico. Por isso julgamos pertinente trabalhar esse outro ponto dentro da história da mulher.

### **1.1.3 MOVIMENTO FEMINISTA E FEMINISMO**

O segundo ponto que consideramos importante dentro da história das mulheres, por constituir de maneira bastante marcada o discurso feminino contemporâneo, é o movimento feminista.

Segundo Louro (2000), o feminismo põe em evidência o conceito de gênero, ele está “ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” (LOURO, 2000: 14). Conforme a autora, o Sufragismo (movimento que reivindicava o direito de voto à mulher) foi a “primeira onda” dentro do que se chamou movimento feminista. Nesse contexto, começam a surgir estudos sobre o papel da mulher que denunciavam amplamente a invisibilidade a que a mulher se encontrava submetida. “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como conseqüência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (idem, ibidem: 17). As atitudes do movimento foram marcadas por seu caráter essencialmente político: enquanto algumas militantes reivindicavam igualdade entre homens e mulheres, outras propunham a subversão, a ocupação do espaço que até então pertencia ao público masculino.

Pouco a pouco, as discussões chamadas “de gênero”, primeiramente somente relacionadas às mulheres, estendem-se aos homens. “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (idem, ibidem 24). Essa afirmação nos remete aos pressupostos foucaultianos já enunciados que tomam a sexualidade como fator identitário construído historicamente:

Em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo”(idem, ibidem: 28).

Na **década de sessenta** há uma forte corrente no sentido dos fatores genéticos como determinantes dos gêneros: o homem é pré-determinado ao exterior e a mulher ao interior. Esse fator dá ainda mais força ao argumento de superioridade masculina e de aprisionamento da mulher ao espaço doméstico. As mudanças só parecem começar a ocorrer na **década de setenta** com o marco instituído da liberdade sexual, através da pílula anticoncepcional e o levante do movimento feminista. A partir daí, a mulher começa a requerer seus direitos nos espaços públicos, começa a se colocar enquanto sujeito dentro de uma sociedade essencialmente patriarcal, sua voz começa a ecoar, apesar dos muitos rumores e opiniões contrárias.

O movimento feminista, conforme Hall (2000: 49-50) é um dos marcos responsáveis pelo descentramento do pensamento do século XX, descentramento

da própria identidade do sujeito moderno. Esse movimento questiona a distinção dentro versus fora, privado versus público; coloca em pauta ainda questões até então negligenciadas como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc. Com isso, o movimento questiona a forma generalizante como somos formados enquanto sujeitos: mães, pais, homens e mulheres, abrindo espaço para a discussão da *diferença sexual*.

Um outro aspecto bastante importante regulamentado pelo movimento feminista é a negação da maternidade como fator determinante para a identidade feminina. Um deslocamento bastante significativo ocorre no discurso sobre a maternidade: de missão (concepção ancorada no discurso religioso cristão), a maternidade passa a ser uma opção. “Dessa maneira, o ser femininamente mulher não passa mais agora pelo ranço obscuro da obrigatoriedade e da impossibilidade de ser mulher, sem que esta sofra as penas, dores e delícias da maternidade” (BIRMAN, 1999: 94). Entretanto, não podemos esquecer que até hoje a presença do discurso religioso sobre a maternidade ainda é evidente, contudo ele é transpassado por um outro discurso de base feminista que se impôs desde a década de oitenta (80).

“O feminismo é uma rejeição explícita ao estilo de vida criado por normas estritamente coercitivas que restringem e definem o que a mulher é e o que ela pode fazer” (BARDWICK, 1981: 9). Com a máxima da igualdade, “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (SCOTT, 1992: 67-68). Depois de algum tempo, as designadas como “feministas radicais” foram aquelas que passaram a divulgar um discurso de superioridade feminina e tomada de lugar do homem, em resposta aos anos de subordinação. Hoje em dia, contudo, esse discurso chamado feminista retorna de formas diferentes, sobretudo na fala de uma mulher que não está e nem esteve engajada no movimento feminista. Mesmo assim, consideramos que o movimento feminista “não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado” (SCOTT, 1992: 65).

Bardwick (1981) afirma que o início do movimento feminista nos Estados Unidos foi marcado por uma assimilação do “discurso do macho”. Dessa forma, as feministas sem o saber assimilavam um discurso sexista, ou seja, de que só as

coisas referentes ao “masculino” na cultura é que são boas e desejáveis. Dessa forma, “minimizavam suas próprias realizações e desvalorizavam suas próprias características, imitando o desdém da sociedade machista pelo ‘feminino’” (BARDWICK, 1981: 2-3). A autora ainda fala em três correntes dentro do movimento denominado “Feminismo”: as feministas conservadoras, que apenas requisitavam algumas poucas mudanças no sistema como a divisão dos trabalhos domésticos e pagamento de salários iguais entre os sexos; as feministas moderadas, que lutavam por mudanças de leis, reformas em geral que visavam a justiça para com as mulheres, mas não a destituição das instituições; e as feministas radicais, que queriam destruir algumas instituições americanas, mudar as estruturas básicas e não apenas “reformular” a sociedade, essas são as que parecem ter uma visão sexista, conforme já mencionamos.

Entretanto, apesar da ampla divulgação das feministas radicais, que pregavam o fim do capitalismo, do casamento, defendiam o homossexualismo, entre outros aspectos que chocavam o público em geral, havia as feministas moderadas que reivindicavam medidas mais viáveis a curto prazo, como a assistência à mulher no trabalho, condições de igualdade salarial, oportunidades igualitárias de estudo, etc. Todavia, parece que o “discurso feminista” que prevaleceu, e hoje conhecemos por esse rótulo é o das radicais, um discurso da mulher que quer inverter valores e chocar.

De qualquer forma, “o feminismo tornou-se um grande movimento porque as feministas, radicais ou moderadas, expressaram a frustração e o desejo latente de mudanças já existentes numa porcentagem significativa de mulheres” (BARDWICK, 1981: 17). E essa mudança, que ainda hoje é lenta e gradual, perpassa o discurso da mulher (e não só dela, mas também do homem) da contemporaneidade, já que esse movimento da história (do patriarcalismo introjetado ao feminismo) nos constitui e constitui nossa prática discursiva.

Para fechar esse passeio teórico pela história da mulher, trazemos a reflexão de Joel Birman (1999: 183-184), que fala das mudanças produzidas na subjetivação da mulher ao longo do tempo no Ocidente. O autor afirma (e concordamos com ele) que há duas mudanças significativas na história da mulher ocidental: “a primeira se processou entre a denominada Idade Clássica e a modernidade, enquanto a segunda indica uma descontinuidade entre esta e a pós-modernidade (idem, ibidem:

184). Dizer que houve uma “evolução” em relação à Idade Clássica e a contemporaneidade talvez não seja a melhor opção. O que houve foram mudanças, rupturas. Os papéis e discursos sobre as mulheres deslocaram-se, foram perpassados por outros discursos oriundos de novas ideologias e mudanças históricas. Assim, observamos o papel da ideologia e da história<sup>13</sup> produzida pelos historiadores na construção da identidade feminina, o que se materializa nos discursos SOBRE a mulher e produzidos PELA mulher também. Falemos agora, a partir do lugar teórico que nos colocamos- a AD- na constituição da mulher como sujeito.

## 1.2 O EFEITO-MULHER

A partir dessa revisão teórica podemos pensar como a mulher vem se constituindo historicamente. É pelas práticas discursivas, ou seja, pelos discursos que circulam sobre a mulher e que a mulher faz circular sobre si mesma desde muito tempo que podemos construir o que entendemos por “mulher” hoje. Que significante é esse “A mulher”? Será que ele é mesmo constituído a partir da palavra do homem, já que o discurso masculino se configurou (e configura ainda?) como dominante?

Propomos pensar essa construção do efeito (que entendemos como imaginário) “mulher” a partir do conceito pêcheuxtiano de forma–sujeito.

Embasado na tese central de Althusser de interpelação dos sujeitos pela ideologia, Pêcheux (1997) postula a relação entre ideologia e inconsciente na construção do sentido e do sujeito. Segundo ele, é no “complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997: 160) que a evidência do sentido e do sujeito se dá. No caso que analisamos, a evidência do que é “ser mulher” se dá justamente nesse complexo das formações ideológicas.

Conforme Orlandi, o papel da ideologia é “produzir evidências” (2002: 46). Dessa maneira, a evidência da existência do sujeito é produzida ideologicamente, através da filiação do indivíduo a uma dada formação ideológica que, por sua vez, materializa-se numa formação discursiva. “A ideologia faz parte. Ou melhor, é a

---

<sup>13</sup> A história que tratamos nesse momento é a história como “historicidade”, ou seja, não o fato em si, mas a produção de uma verdade histórica construída pelos historiadores.

condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (idem, *ibidem*: 46.).

Pêcheux passa a construir seu conceito de **forma-sujeito**, explicitado em *Semântica e Discurso*<sup>14</sup> (1975), para isso recorre a outros campos fora da Lingüística, a saber à releitura de Marx por Althusser e de Freud por Lacan, para dar conta de uma teoria não subjetiva do sujeito, tal como algumas noções filosóficas da época acentuavam. Assim sendo, a forma-sujeito é justamente a interpelação dos indivíduos em sujeitos falantes a qual se faz via ideologia e inconsciente, um passo já dado para se chegar ao conceito de heterogeneidade. A esse efeito ilusório, pelo qual todo sujeito é um já-sujeito, e não fruto de um processo de interpelação, o autor denomina “*Efeito Münchhausen*”, ilusão necessária para que os indivíduos tomem-se como “causa de si”. “É exatamente para superar essa visão do sujeito como *ser transparente a si mesmo* que ele empreende o esforço de conferir à subjetividade uma dimensão ao mesmo tempo ideológica e psicanalítica, através do conceito de forma-sujeito” (TEIXEIRA, 2005: 45)

Forma-sujeito é, portanto, o conceito utilizado para tratar da constituição do sujeito do discurso, através das propriedades discursivas que o posicionam histórico e socialmente. Pêcheux trabalha nesse conceito baseado nas noções de constituição do sujeito em Lacan e Althusser:

Ao dizer que o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade) não se pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *sujeito*, já que esta subordinação- assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia*, não estamos pois fazendo apelo a nenhuma “transcendência” (um Outro ou um Sujeito reais), estamos simplesmente retomando a designação que Lacan e Althusser- cada um a seu modo- deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e “fantasmagóricas” inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio histórico pelo qual se constitui- reproduz o efeito-sujeito como interior sem exterior, e isso pela determinação do real (exterior) e especificamente- acrescentaremos – do interdiscurso como real (exterior) (PÉCHEUX, 1997: 163).

Esse “efeito-sujeito”, resultado de uma ilusão imaginária que se origina na forma-sujeito, é justamente o sujeito “sempre-já-lá” Um efeito que se cria através dos processos ideológicos que tornam evidentes a (s) identidade(s) com as quais o sujeito se afirma.

<sup>14</sup> Título original *Les vérités de la Palice*.

Posteriormente, contudo, Pêcheux percebe que, ao cercar um sujeito plenamente interpelado, algo parece furar essa estabilidade. Assim corrige-se em auto-crítica impressa em fevereiro de 1978, quando apresenta seu artigo *Só há causa do que falha*: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um eu-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de La Palice*” (PÊCHEUX, 1997: 300).

Pensamos que ocorre com a mulher o mesmo “efeito” ilusório do sujeito. Assimilar o que é “ser mulher” é pautar-se num conceito imaginário produzido historicamente pelas práticas discursivas: o que chamamos de “efeito-mulher”. O significante “mulher” em si mesmo não carrega sentido algum, mas se investe de sentido pela determinação das posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico de (re) produção das palavras e dos discursos sobre a mulher. Isso ficará mais claro quando procurarmos estabelecer, no próximo capítulo, a relação com a psicanálise, considerando que, ao nomear um indivíduo de “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário.

Se nos voltarmos para o questionamento que colocamos no início desse tópico: será que a construção do efeito-mulher se deu por práticas discursivas masculinas (e, na maioria das vezes, machistas)? E se considerarmos (pelo menos provisoriamente) como verdade essa pergunta teremos de nos fazer outros questionamentos neste trabalho: como pensar a identidade feminina, via discurso (como estamos nos propondo) na contemporaneidade? Vejamos: a construção do próprio período que estamos vivendo é um passo na caminhada histórica. Acreditamos que não há como estar isento das práticas discursivas que constituíram e constituem a mulher de hoje. Considerando esse fato, achamos melhor não problematizar nossa suposta constituição através da palavra do homem, mas simplesmente ver a mulher contemporânea pela sua palavra, pelo seu discurso. Se os discursos que a compuseram são ou não masculinos e/ou machistas, o fato é que eles a compõem e é isso que ora nos interessa. Não havendo como voltar na história (e assim descobrir qual era o discurso da mulher nas épocas em que a literatura contempla apenas a história masculina), vamos partir do que temos HOJE como materialidade, ou seja, a fala da mulher, procurando compreender que práticas discursivas constituem sua fala na atualidade.

Dessa forma não ignoramos o passado, a história, mas procuramos vê-los sem os ranços das brigas de gênero, para podermos tomá-los como parte do que hoje é a mulher e o seu discurso. Assim tentaremos compreender como a mulher de hoje se identifica e reproduz esses discursos que compõem a memória histórica sobre o que é ser mulher.

Ainda é importante posicionar-nos acerca da nossa noção de discurso. Tomamos discurso a partir da ótica da AD, na sua formulação clássica “efeito de sentido entre interlocutores” (Pêcheux:: como materialidade lingüística, na sua relação com a história, com a ideologia e perpassado pelo inconsciente. Sendo permeado pela história e pela ideologia, o discurso (re) produz práticas discursivas assentadas, mas também é o lugar do equívoco, já que tem como material a língua, que está sujeita a falhas. Ainda o consideramos como produzido numa posição discursiva que fabrica sujeitos falantes, sujeitos esses interpelados pela ideologia, marcados pela história e faltantes/desejantes, pela interposição do inconsciente.

## **CAPÍTULO 2:**

### **A MULHER NA PSICANÁLISE: UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA**

Depois de trabalharmos com a noção de efeito-sujeito, estendido para “efeito-mulher”, pensamos que a designação “mulher” implica, para qualquer sujeito, além da questão histórico/ideológica, algo que é de estrutura e que se dá via linguagem.

Daí a necessidade de trabalharmos com alguns pressupostos psicanalíticos, mesmo que não os tomemos posteriormente como dispositivo analítico.

Abordamos a questão da identidade feminina a partir da ótica da Análise do discurso de linha francesa (AD), acrescentando alguns textos da Psicanálise, já que na terceira fase da AD ela tem papel fundamental. Ambas as teorias partem da linguagem como elemento fundamental na constituição do sujeito. O sujeito é para a Psicanálise um sujeito desejante, constituído pela falta e, para a AD, um sujeito heterogêneo e interpelado pela ideologia. Considerando, então, que o sujeito se constitui pela palavra, partimos do pressuposto de que “As formações da linguagem precedem os indivíduos e os inscrevem em determinadas posições na ordem simbólica; assim, ‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam” (KEHL, 1998: 11). Conforme essa designação, é a palavra do “outro” que dá palavra ao sujeito que, então, constitui-se. É, portanto, o discurso alheio que nos permite o acesso ao simbólico e, a partir daí, as possibilidades de identificação.

Freud afirma em seu artigo sobre a feminilidade (1976: 153), que “anatomia é destino”, ou seja, nascer anatomicamente homem ou mulher implica necessariamente a transposição de UM dos caminhos do Édipo. Já para Lacan “linguagem é destino” (*apud* KEHL, 1996: 13), portanto, o “tornar-se” sujeito e, mais precisamente, tornar-se um sujeito mulher, depende necessariamente da linguagem, da simbolização. Considerando esse aspecto, “é a cultura que nos designa destinos diferenciados como homens ou mulheres” (*idem, ibidem*: 13), além disso, “Do ponto de vista do inconsciente, a diferença -embora fundamental- também é mínima: depende do modo de inscrição dos sujeitos, homens ou mulheres, sob a ordem fálica que organiza o desejo, mas que não fixa necessariamente o gênero à sexualidade” (*idem, ibidem*: 13). Assim, o percurso pelo Édipo e a inscrição na ordem fálica é que irão determinar a questão da feminilidade ou masculinidade no indivíduo, seja qual for sua constituição biológica.

Para a Psicanálise, a constituição do indivíduo em sujeito se dá no momento da passagem do estado polimorfo infantil<sup>15</sup>, quando a criança ainda identifica-se com o falo e, por isso, vê-se onipotente, ainda não discriminada da mãe, para a

---

<sup>15</sup> Segundo Birman (1999: 31), “afirmar que a sexualidade é polimorfa implica enunciar que ela tem *diversas* formas de existência e de apresentação, se materializando pois em *diferentes* modalidades do ser”. Desse modo, o estado polimorfo é aquele em que ainda não se tem uma definição do objeto de desejo sexual, que primordialmente pode ser múltiplo.

organização genital sexuada. Esse processo ocorre pela recusa do amor edípico e pela identificação ao objeto parental dado pela cultura.

Assim sendo, o sujeito origina-se, primeiramente, do desejo dos pais, depois a criança torna-se o falo, no registro imaginário, inscrevendo-se, pois, no narcisismo primário. É preciso, então, que ocorra a castração para que o sujeito se desloque para o narcisismo secundário, quando assimila a figura do “outro”, deslocando, então, o amor de si mesmo para outros objetos (BIRMAN, 1999: 44). A partir dessa passagem pelo Complexo de Édipo é que o sujeito sai da sua arrogância primária de completude para a noção de si enquanto incompleto, faltante, desejante e sexuada.

## 2.1 SUJEITO PSICANALÍTICO

Há várias concepções que recobrem o conceito de sujeito. Trabalharemos com a noção de sujeito mobilizada na terceira fase da AD, baseados na leitura de Authier (1990), o que será desenvolvido no próximo capítulo. No entanto, como a autora parte de uma noção da teoria psicanalítica do sujeito, consideramos importante discutir as bases teóricas da constituição do sujeito psicanalítico, mesmo porque depois ela será ressignificada pela AD.

O Sujeito da Psicanálise é um sujeito desejante, interpelado pelo inconsciente e, portanto, um sujeito cindido, descentrado (contrário ao sujeito cartesiano), através do qual fala o Outro, sujeito do inconsciente. O Outro pode ser considerado a dimensão de alteridade que preexiste a todo sujeito. Lacan (1998) distingue no seu Seminário II uma dupla dimensão de alteridade: o outro e o Outro.

O Outro, é dele que se trata na função da fala. O Outro é, em primeiro lugar, a mãe, objeto perdido devido à proibição do incesto, mas constitui sobretudo o lugar onde os significantes já estão, antes de todo o sujeito, sendo daí que ele recebe sua determinação maior. (TEIXEIRA, 2005: 80).

O Sujeito lacaniano é constituído pelo nó **real, simbólico e imaginário**. Essas são as instâncias determinantes na formação do sujeito. “O *imaginário* está ligado ao nascimento do eu, o *simbólico*, ao registro da castração e o *real*, à impossibilidade de formalização pela linguagem” (TEIXEIRA, 2005: 87). São três anéis indissolutos que nos constituem psiquicamente como sujeitos. Pela instância

do imaginário temos a criação de um “eu” unificado, ou seja, é a instância que nos permite a ilusão de que somos completos, ilusão narcísica de domínio sobre nossos corpos e mentes. O simbólico, que é a instância que nos interpela via contato com a linguagem, quebra essa completude imaginária, permitindo-nos o acesso ao Real por meio de um “filtro”, que é a linguagem. Quanto ao Real é “*o que não cessa de não se escrever*” (idem, *ibidem*: 89), ou seja, justamente a dimensão que não pode ser simbolizada, e que, por isso mesmo, escapa ao sujeito. O Real é o todo e, ao mesmo tempo, o resto: é o registro que compreende o “todo” psíquico, inclusive aquilo que não é simbolizado; e é também o restante, aquilo que denota a existência de um vazio, o buraco instaurado pelo simbólico.

Como o sujeito lacaniano se constitui pela linguagem, a ordem simbólica é que irá mediatizar sua relação com o real, entrelaçando este e o imaginário. O sujeito entra na ordem do simbólico através do *estágio do espelho* (quando reconhece seu corpo no espelho como símbolo de si mesmo) e da *metáfora paterna* (significante *Nome do pai*, instância da lei, ordem simbólica, a própria linguagem) que leva à divisão do sujeito que precisa recalcar o desejo materno à ordem do inconsciente. O eu (*moi*, na terminologia lacaniana) se constitui no imaginário como uma identidade unificada, entretanto, o sujeito como um todo é o efeito clivado, faltoso e desejante do inconsciente que, para Lacan, pertence ao simbólico e também à ordem imaginária.

Assim, a concepção de sujeito de Lacan trata de um sujeito concebido como efeito do discurso, já que “um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1998). Dessa forma, o sujeito está na esfera de dois significantes e se coloca, portanto, no espaço de deslizamento da enunciação. Mas, diferentemente das concepções subjetivistas, o sujeito psicanalítico na enunciação é o sujeito da instância do imaginário e, portanto, um efeito.

Tendo observado alguns pontos da teoria psicanalítica lacaniana de constituição do sujeito, consideramos pertinente explicitar melhor a questão do Complexo de Édipo, para que possamos entender como se dá a diferenciação entre o feminino e o masculino (agora conforme a teoria freudiana):

Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre as idades de dois a cinco anos) ocorre uma convergência dos impulsos sexuais, da qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe. Essa escolha de um objeto, em conjunção com uma atitude

correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o *complexo de Édipo*, que em todo o ser humano é de maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica. (NAGERA, 1981: 63)

Sabemos que as crianças nascem biologicamente com um sexo, entretanto até a passagem pelo Édipo se configuram como seres bissexuais (Freud, 1976: 141), característica que permanece em nós, contudo um dos lados (feminino ou masculino) torna-se preponderante:

Freud sublinhou a contribuição da bissexualidade para o duplo e mais completo complexo de Édipo, ou seja, um que é positivo e negativo. Ainda mais importante é o fato de Freud ter considerado o vigor das disposições masculina e feminina como principais determinantes para a solução da situação de Édipo: “Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subseqüentes do complexo de Édipo” E mais: “A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais”.(NAGERA, 1981: 63)

O primeiro objeto de desejo para ambos, meninos e meninas, é a mãe, contudo a menina precisará deslocar esse objeto sexual para o outro pólo, situando-o, portanto, na figura paterna. Sendo assim, o caminho a ser percorrido pela menina parece ser bem mais complexo, considerando o deslocamento de interesse sexual (do feminino para o masculino), bem como a zona erógena que passa do clitóris (órgão que a menina acredita ser um “pênis pequeno”) para a vagina. No que diz respeito ao menino, “a zona genital principal do rapaz continua sendo o falo e o objeto sexual uma mulher” (idem, ibidem: 65).

Considerando esses aspectos, percebemos que a maturação sexual feminina se dá de forma diferente da masculina, constituindo-se num processo mais complexo. Se relacionarmos a isso as imposições de natureza social, que complicam ainda mais o papel da mulher, veremos que na conjuntura atual o “tornar-se mulher” parece passar por um processo de antítese: ao mesmo tempo que algumas tendências a empurram para o “desejo masculino”, em que a mulher precisa ser dócil, submissa, etc , ela parece precisar fugir desse padrão para sublimar-se. Ocorre que a mulher atual defronta-se com um paradoxo: algo do nível da estrutura-

a feminilidade- determina para ela algumas características regidas pelo desejo; entretanto, ela se constitui imersa numa ordem fálica, que requisita características divergentes para que ela possa saciar, então, o desejo masculino. As características que dizem respeito à feminilidade propriamente dita, são características outras (diferentes das exigidas pelo desejo masculino do que é ser mulher, numa ordem fálica) que de alguma forma foram renegadas pela cultura. É o que discutiremos no próximo tópico através da noção de sintoma, cunhada por Lacan.

## 2.2 A MULHER ESTRUTURADA COMO SINTOMA

Depois de termos dado uma noção geral da constituição do sujeito mulher pela psicanálise, para discutirmos a questão da estrutura da mulher partiremos de um conceito nuclear nesse sentido: a noção de “sintoma”, oriunda do axioma lacaniano: “*a mulher é sintoma do homem*”<sup>16</sup>

Segundo Laurent (2006: 1), Lacan formula, primeiramente, nos anos sessenta, a proposição da mulher vista como fantasma<sup>17</sup> do homem, numa relação imaginária. Nos anos setenta, desloca essa proposição para a noção de sintoma, e a mulher passa a ser em relação ao homem o seu “sintoma”. Ele explica, em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998), que não há identificação possível ideal com o papel masculino, porque existe a castração. Em decorrência disso, os homens estariam sempre à procura da parte perdida, que supostamente os completaria, e encontram essa parte no parceiro sexual, no “outro”. Assim “a fórmula do desejo do macho designa o lugar da mulher como sendo o do objeto *a*<sup>18</sup> do fantasma” (LAURENT, 2006: 2).

Já a inscrição do desejo da mulher não estaria necessariamente no “outro”. Ela está à procura do falo, que verdadeiramente nunca recusou, mesmo na passagem pelo Édipo, mesmo sendo ela própria o objeto que está à procura. Em *Mais Ainda* (1996), Lacan postula a fórmula “A Mulher não existe”, afirmando que

<sup>16</sup> Esta formulação aparece em : LACAN, J. “RST”. Séminaire du janvier 1975. **Ornicar?** N.3. Paris: Lyse, 1975, p. 108.

<sup>17</sup> A noção de “fantasma” diz respeito à fantasia. O fantasma é a produção no imaginário no sentido de dar corpo ao desejo, um caminho possível em direção ao gozo. Nas palavras de Lacan, “a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo” (LACAN, 1998, p. 785).

<sup>18</sup> Objeto *a* é a zona de interstício entre os registros que constituem o sujeito: real, simbólico e imaginário, sendo o local ocupado pelo *desejo*, conceito central na obra de Lacan, base da constituição do sujeito da psicanálise: sujeito desejante, incompleto, portanto.

não há um significante que designe esse conjunto geral que seria “A mulher”. Elas existem apenas na singularidade, já que “as mulheres se organizam como não-todas na função fálica” (idem, ibidem: 2). O “A” barrado da fórmula “A mulher” indica que não há inscrição possível para ela, esse significante é algo do nível do não-simbolizável.

Lacan reformula a diferença entre os sexos postulando a oposição de duas lógicas: a do “todo fálico” para o homem e “não-todo fálico” para as mulheres; ainda fala em dois tipos de gozo: gozo fálico para os homens e um gozo suplementar para as mulheres (SOLER, 2005: 17).

Voltando à noção de “sintoma”, para compreendermos como a mulher pode ser inscrita como sintoma do homem, é necessário que precisemos essa noção. “O sintoma é apreendido como fenômeno de verdade, quer dizer, pensado no significante, e concebido daqui por diante a partir do aparelho do gozo. O sintoma designa o efeito do gozo do significante no corpo” (idem, ibidem: 4). Relaciona-se mais ou menos ao que Freud designa como *pulsão*, algo entre o psíquico e o somático, mas Lacan coloca o sintoma “enquanto conexão real do significante e do corpo” (idem, ibidem: 4). Em “Função e campo da fala em linguagem e psicanálise”<sup>19</sup>, Lacan afirma que o sintoma é “o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito” (1998: 282). Em suma, o sintoma é a manifestação, seja no corpo, como o foi no caso das histéricas analisadas por Freud, ou mesmo na fala, do desejo do sujeito, que foi recalcado pela consciência. É “um sem sentido, uma opacidade no discurso do sujeito, por representar alguma irrupção da verdade” (DIAS, 2006: 4).

O sintoma é aquilo que retorna a despeito da vontade consciente do sujeito. Uma palavra, um gesto dissonante que traz à tona alguma verdade que parece, em princípio, absurda. É a irrupção do conteúdo recalcado e do nível do desejo do sujeito.

Essa apresentação da noção de sintoma, mesmo que sumária, permite-nos pensar a mulher enquanto sintoma. Temos consciência de que a máxima lacaniana da mulher como sintoma está relacionada ao corpo do homem, já que o homem coloca a mulher como causa do seu desejo, conteúdo esse que, não podendo ser verbalizado, só pode ser recuperado na terapia. Dessa forma o gozo feminino não

---

<sup>19</sup> In: Escritos, 1998, (original publicado em 1953).

passa pela linguagem, tendo caráter místico- o gozo suplementar-. O que seria, então, esse conceito “mulher-sintoma”? Mulher sintoma do homem? O enunciado literal da máxima lacaniana parece ressoar alguma submissão (efeito de sentido dado pelo interdiscurso), contudo, ao tomarmos a noção de sintoma, percebemos que é exatamente o contrário. A mulher sintoma (do homem e da sociedade, que por sua vez é predominantemente masculina, tendo em vista ser a voz masculina a dominante) é o reflexo de tudo que o homem recalca, tudo que o homem deseja e não pode simbolizar, ou seja, não pode discursivizar.

É importante mencionar ainda que esse conceito de sintoma não pode ser operatório<sup>20</sup> no que diz respeito ao dispositivo analítico, já que estamos trabalhando nos domínios da Análise do Discurso e os objetos são diferentes. A área na qual nos situamos recobre o que diz respeito apenas ao **discurso**, à materialidade lingüística. Contudo, entendemos que essa noção da estrutura feminina pode nos levar a compreender a constituição do discurso feminino, o efeito-mulher que nos recobre e produz nossa identidade e ainda seus desdobramentos. É o que procuraremos fazer na análise dos enunciados femininos.

A questão da mulher atual poder ou não ser considerada como sintoma do homem já foi discutida por Charles Melman (2005), numa conferência ocorrida no Brasil intitulada “*Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?*”. Nesse texto, o autor diz que a questão da diferença (e até da impossibilidade da relação entre um homem e uma mulher) é algo do nível da estrutura<sup>21</sup> (p. 16). Afirma ainda que é a mulher quem decide sobre a validade da figura paterna (ou melhor, do Nome-do pai, instância da lei)<sup>22</sup>, pelo fato dela não ser toda-fálica como o homem e ter em sua estrutura, portanto, características que permitem a ela recusar algo da lei paterna, do poder masculino. Ela instaura dessa maneira o lugar do “Outro”, que é justamente a instância do desejo, o que escapa ao poder do pai.

Melman faz ainda uma ressalva importante sobre a máxima lacaniana:

---

<sup>20</sup> Essa observação foi sugerida pela professora Dra Glacy Roure na qualificação que, da posição de psicanalista e analista do discurso, compreende que são objetos diferentes de análise de cada área, o que nos obriga a enveredar por UM dos caminhos, pelo menos neste momento, já que o trabalho é em Análise do Discurso.

<sup>21</sup> Entenda-se estrutura aqui dentro de uma concepção psicanalista: como estrutura de configuração do sujeito: a forma como ele passa pelo complexo de Édipo, segundo a leitura freudiana, e a forma como ele organiza as três instâncias psíquicas: Real, Simbólico e Imaginário, conforme a psicanálise lacaniana.

<sup>22</sup> O Nome-do-pai é a metáfora paterna ou “função paterna”, aquilo que inscreve para o sujeito a lei que o proíbe do incesto e instaura a linguagem. Pode ou não ser identificada com a figura paterna, mas funciona em termos de registro imaginário, não exatamente de uma figura empírica (o pai).

Ele não disse “uma mulher é o sintoma do homem”. É *A Mulher* que não existe e que, como somos todos aprendizes-mestres, nós queremos todos fazê-la existir, porque se nós conseguirmos fazê-la existir, aí então, nós podemos capturá-la completamente, perfeitamente e, assim, seremos todos iguais.(MELMAN, 2005: 22).

A partir da fala de Melman, podemos compreender que Lacan está tratando não de uma mulher específica, que seria o sintoma do homem, mas exatamente do conjunto *A Mulher*, significante que não existe, que não está no nível do simbólico e, por isso, revela a presença de um Outro que se interpõe, oriundo do registro do Real. É isso ainda que permite a singularidade das mulheres, de cada mulher, já que elas enquanto conjunto, não existem. O que existe é um efeito de homogeneidade do conjunto, do qual tratamos no capítulo anterior, que chamamos de “efeito-mulher”, efeito esse que, ao interpelar as mulheres como sujeito, as homogeneiza, já que permitem para elas a apropriação de um discurso do que é ser mulher, configurado por práticas discursivas pautadas em uma ideologia dominante que é machista.

Mas voltemos ao desejo, instância corporificada pela mulher. A questão do desejo está diretamente ligada à questão da perda. Vejamos como isso se processa. Ser um sujeito desejante é ser um sujeito em que algo falta, um sujeito que perdeu algo. E por haver algo perdido, passamos a vida a procurar essa parte perdida de nós. Isso explica outra máxima lacaniana: “não há relação sexual”. Melman explicita essa questão afirmando que Lacan quer com isso dizer que a relação sexual não existe porque ela se dá não pelo desejo do “todo” do outro sujeito, mas por alguma “parte” do seu corpo (2005: 24). “A parte do corpo do homem que interessa à mulher é evidente” (MELMAN, 2005: 25), entretanto o que em nós causa o desejo dos homens é algo que não sabemos exatamente. Por que estamos mencionando esse fator? Para falar de um aspecto muito recorrente nas mulheres e que se manifesta nas suas falas: a insegurança. A mulher vive angustiada sem saber o que tem que fazer para conquistar um homem. Já neles, essa característica é menos freqüente, já que possuem (e sabem que possuem) o que uma mulher procura. “A questão do que torna o corpo de uma mulher desejável para um homem se encontra naquela escrita de Lacan que sustenta que, para um homem, a imagem de uma mulher é o suporte desse objeto pequeno *a*, quer dizer, do objeto de sua fantasia” (idem, ibidem: 25).

Segundo esse raciocínio, o que o homem procura numa mulher é algo que está perdido nele e que pertence ao pequeno *a*, ou seja, à dimensão do Real, do impossível, do que foi recalçado, e aqui voltamos ao fato da mulher ser sintoma do homem. Não uma mulher individual, mas o conjunto das mulheres “A mulher” (que não existe), é sintoma em relação ao conjunto dos homens, que podemos relacionar com a própria civilização.

Ao afirmar que “A mulher é sintoma do homem”, estamos tratando de uma categoria que está fora do registro do simbólico: sendo da instância do Real, portanto, já que ela não “ex-siste”. Dessa forma, ela é sintoma do homem, enquanto categoria generalizada, não de um homem, ou de alguns homens. É sintoma de “O homem” enquanto humanidade, ou sociedade em geral, não especificamente do gênero masculino.

Por isso Freud afirmava já em *Feminilidade* (1976) ser a mulher a desestabilizadora do pacto civilizatório, porque ela quebra com mais facilidade do que os homens a questão da lei paterna instituída. Tudo isso porque durante o Complexo de Édipo feminino, o superego forma-se diferentemente em relação ao homem, de forma mais branda, o que, assinalaria muitos efeitos “sobre o caráter feminino em geral” (FREUD, 1976: 159). A mulher dá vazão ao desejo, e o desejo sempre está fora da lei. Esse “poder” atribuído à mulher- de conseguir fugir da lei- pode ser considerado um ponto extremamente positivo. Entretanto, sabemos que Freud tinha opiniões bastante preconceituosas em relação à mulher. Entretanto, é preciso considerar o lugar de onde fala Freud, que talvez não permitisse outra forma de conceber a mulher dentro da sociedade do século XIX.

Para Freud, é que uma mulher é simplesmente um homem diminuído, uma vez que ela renunciou a uma parte de sua virilidade. Seu gozo é deslocado para um outro lugar anatômico, mas permanece um gozo inteiramente fálico. Ou seja, Freud cai em cheio em nosso sintoma, que quer que a mulher seja de um falicismo ao menos igual àquele do homem. (MELMAN, 2005: 15).

Não vemos o fato de a mulher constituir-se diferentemente do homem em relação à lei de forma negativa, como o fez Freud. Ao contrário, o vemos positivamente, entendendo-o como um fator estrutural que nos permite uma transposição maior à lei e, portanto, uma abertura maior em direção ao desejo e ao gozo, característica da feminilidade.

Maria Rita Kehl (1996) também nos traz algumas contribuições sobre a formação do “sujeito-mulher”, conforme a Psicanálise. Ela afirma, com base na leitura freudiana inicialmente, que as mulheres são seres pouco éticos por conta de uma “falha” na formação do superego. Vejamos:

O superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Instância que se forma a partir de um duplo movimento psíquico: a renúncia às pretensões eróticas do amor edípico e o retorno de uma parte da libido sobre o próprio eu, na forma das identificações paterna e materna, e da formação dos ideais. Representa ao mesmo tempo um substituto para as pretensões do amor edípico e uma formação reativa contra ele (KEHL, 1996: 38)

Assim sendo, é pelo complexo de castração que o menino sai do Édipo, quando descobre a falta no sexo feminino, no entanto, a menina entra no complexo de Édipo justamente nesse momento, pela descoberta da castração, “reorientando seu amor da mãe castrada para o pai fálico” (idem, ibidem: 39). Dessa forma, ela, diferentemente do menino, já entra no complexo de Édipo com a descoberta da sua castração. A pergunta é: o que a faz sair, então, já que não tem nada a perder? Freud nos responde da seguinte maneira: “Na ausência do temor da castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (1976: 159).

Kehl responde da seguinte forma o mesmo questionamento: “É a ameaça da perda do amor, e não do pênis, que sinaliza a necessidade da renúncia feminina ao Édipo. É para não ser eliminada pela mãe rival e para poder ser amada de algum jeito pelo pai que a menina aceita a feminilidade como destino (KEHL, 1996: 60).

A questão do amor é colocada por Lacan como determinante na formação feminina. A mulher é caracterizada pelo “ser castrada” e, partindo desse destino, a falta fálica faz com que ela se volte para o amor de um homem (SOLER, 2005: 26), mas isso não é visto de forma pejorativa, e sim essa falta “é positivada” por Lacan. “Na impossibilidade de ser *A* mulher, resta ser *uma* mulher, a eleita de um homem” (Idem, ibidem: 57).

Dessa forma, a segunda resposta à questão da saída do Édipo aponta não somente para uma “falha” no superego em função de uma castração já evidente para a menina. Kehl, assim como outros psicanalistas recentes, compreende que a

mulher tem sim muito a perder se não sair do Édipo: tem a perder sua própria feminilidade. Tem a perder o que a faz tornar-se uma mulher.

O que nos interessa dessa discussão sobre a passagem da mulher pelo Complexo de Édipo é que, ao passar dessa forma e não de outra, é que a mulher torna-se mulher, assume sua feminilidade.

A constituição do sujeito psicanalítico deixa um legado bastante importante para nós em termos de pensar o sujeito a partir de uma falta que nos é constitutiva. No que diz respeito à mulher essa falta se coloca de maneira mais presente, tendo em vista a falta anatômica que dá origem à castração simbólica imposta pela lógica fálica a que estamos todos submetidos.

### **2.3 EFEITO OU SINTOMA? MULHER-EFEITO, SINTOMA, AFINAL, AONDE CHEGAMOS (CHEGAMOS?)?**

A questão da falta e da mulher como sintoma aponta para possíveis compreensões da mulher na contemporaneidade. A diversidade de papéis, a falta, ou assimilação de muitas identidades confirma um movimento que se processa e que não mais nos permite ver a mulher a partir de um signo homogêneo. Essas reflexões nos levam a pensar que nesse UM que é a mulher há um “Outro” que a desestabiliza. Obviamente esse movimento vem ocorrendo com homens e mulheres, mas mais nitidamente com as mulheres, tendo em vista que toda mudança em relação à lei (e aqui podemos citar o movimento feminista e todas as mudanças que a mulher vem trazendo em sua história) é mobilizada pelas mulheres. Os homens parecem estar mais fixos a uma lógica fálica e só têm se (des) estruturado em função do seu relacionamento com a mulher.

A mulher é o *sintoma* do homem porque se coloca como “objeto de desejo” dele, já que se defronta com a falta do falo. Entretanto, como para ela não há castração, já que já é castrada, não há nada a perder, o que faz com que ela, contraditoriamente, seja dotada de uma ilimitação fálica (ou SEJA o próprio falo<sup>23</sup>). Essa estruturação leva a uma **falta** que não é jamais preenchida. Como sempre foi o homem que historicamente deteve a palavra (KEHL, 1998), é ele quem vai produzir o desejo que vai habitar a mulher, por isso ela é o sintoma, posto que corporifica as

---

<sup>23</sup> Elizabeth da Rocha Miranda, apud Kehl, (1996: 74), afirma que se o homem possui o suporte imaginário do falo, à mulher é mais acessível a SÊ-LO.

angústias e conflitos, o que não é verbalizado, o que foge à lei instaurada pela linguagem.

A mulher é, portanto, sintoma do homem, e não somente dele, mas da própria cultura em que estamos inseridos. Assim, “não estarão as mulheres (...) tentando dar conta também dos aspectos da problemática masculina de que elas, receptivas, devoradoras, acabam por se ‘encarregar’?” (KEHL, 1996: 59). O questionamento colocado por Kehl (1996) progride para a afirmação de que a existência dessa mulher, que não existe para o inconsciente como preconizou Lacan, vem funcionando, portanto, como o inconsciente do mundo masculino, já que traz de volta alguns pontos recalcados, via sintoma.

Assim, se é pelas práticas discursivas, ou seja, pelos discursos que circulam sobre e pela boca da mulher que podemos construir o que entendemos por “mulher” hoje, que significante é esse “A mulher”? Será que ele é mesmo constituído a partir da palavra do homem, já que o discurso masculino se configurou (e configura ainda?) como dominante? Ou vem havendo uma subversão quando a mulher acaba verbalizando o que no homem não encontra simbolização? São pontos da construção do sujeito mulher na contemporaneidade que gostaríamos de discutir para pensar a **heterogeneidade**.

Articulando a noção de efeito-sujeito, ou “efeito-mulher”, com os pressupostos psicanalíticos, podemos dizer que, ao nomear um indivíduo “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário. Mesmo que, como afirmou Lacan, *A Mulher* não exista, ou melhor, não exista como conjunto, existe um efeito homogeneizante do que é ser mulher, o que é construído via palavra do homem.

Contudo, esse efeito nem sempre funciona, porque sempre há um furo, daí a mulher se constituir como sintoma.

Quando uma mulher se constitui como objeto causa do desejo para o homem, se alojando dessa forma no fantasma masculino, ela se faz, então, objeto de gozo para este homem. Ao ser *objeto a*, ou o sintoma que o homem recupera no seu corpo ao preço do Falo na relação sexual, a mulher localiza o gozo fálico deste homem. (LAURENT, 2006: 1)

Essa relação corpórea da mulher como sintoma em relação ao homem produz uma relação simbólica da mulher e sua constituição identitária. A falta está colocada e torna-se fato, fato esse simbolizável via linguagem.

Assim, ao mesmo tempo em que a mulher é interpelada pela ideologia e pela palavra do homem -efeito-sujeito-, também carrega o fado de ser *sintoma*, portar uma verdade negada, ou seja, ser aquilo que, como diz a gasta metáfora para designar sintoma, “ao ser jogado pela porta, retorna pela janela”.

Kehl (1996) nos oferece uma reflexão bastante significativa quando pensamos na transição por que passa a mulher contemporânea:

Que a mulher tenha se tornado plenamente- não, plenamente talvez seja exigir demais até para um homem!- capaz de amar e trabalhar, é essa a revolução na natureza humana que ainda não sabemos simbolizar, pois acena para a possibilidade de retrair as vias de circulação dos valores fálicos em nossa cultura. Que tenhamos nós, mulheres, conquistado o *falo da fala*, preparando caminho para nossa própria existência, criando a possibilidade de inscrever no inconsciente da espécie, nem que seja daqui a duzentos anos, os signos da nossa subjetividade- ambígua, sim; bissexual, sim; incestuosa, também-, tudo o que a mulher parece-que-é-mas-não-pode-ser se torna possível na medida em que adquirimos existência também sublime, sublimada, acesso ao simbólico, substituindo as possibilidades concretas, limitadas, destinadas em grande parte ao recalque (KEHL, 1996: 66)

Com isso fechamos/abrimos a discussão sobre a mulher sintoma, que corporifica e externaliza a falta, mas ainda carrega o “efeito” de ser mulher conforme a lógica masculinizadora e, por isso, está sob o signo da heterogeneidade. Deixamos as previsões futuras para o futuro. Por enquanto tratemos da mulher heterogênea e desse conceito de heterogeneidade processado na terceira fase da AD.

### **CAPÍTULO 3:**

#### **A MULHER VISTA SOB O SIGNO DA HETEROGENEIDADE**

Antes de ponderarmos sobre a mulher vista pela heterogeneidade, é importante discutir como esse conceito foi desenvolvido pela Análise do Discurso, vamos às bases teóricas, portanto.

Na terceira fase da Análise do Discurso, Pêcheux reformula grande parte da sua teoria. De uma análise automática do discurso (AAD-69) passa-se para a consideração do discurso e do sujeito visto sob o signo da heterogeneidade.

Ao enunciar o conceito de forma-sujeito, Pêcheux (1975) descreve a forma pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito ao assumir, no complexo das formações ideológicas<sup>24</sup>, sua posição como EU imaginário, entrando, assim, na evidência das significações. Dessa forma, ele aceita como sua “realidade” parte desse universo ideológico materializado nas formações discursivas para tornar-se sujeito do discurso. Vejamos nas palavras de Pêcheux:

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seus discursos) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações- aceitas-experimentadas. Ao dizer que o *EGO*, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia...*(PÊCHEUX, 1997: 162-163).

Pêcheux fala do efeito-sujeito referindo-se às teorias althusserianas da interpelação pela ideologia e lacanianas de constituição do sujeito. Entretanto, até esse momento (1975) ainda toma essa interpelação do sujeito como algo sem falhas, como se a ideologia nos assujeitasse sem lugar para furos. Depois do contato com Jacqueline Authier e da revisão de alguns pontos da teoria psicanalítica laciana, Pêcheux escreve em 1978 o artigo *Só há causa daquilo que falha*. Desse momento em diante, a AD caminha rumo à concepção de **heterogeneidade**.

A chamada terceira fase da AD é o fruto do amadurecimento dos conceitos enunciados por Pêcheux, o que se acentua pelo encontro teórico com a lingüista J. Authier-Revuz, que propõe a teoria da heterogeneidade enunciativa, a partir de estudos sobre o discurso relatado.

O princípio da heterogeneidade é apresentado por J. Authier em 1981, no colóquio *Materialidades Discursivas*, do qual Pêcheux participa. As idéias debatidas nesse colóquio levarão Pêcheux a romper com a noção de formação discursiva, inaugurando o termo “discursividade” e vendo o discurso e o sujeito como heterogêneos.

---

<sup>24</sup> Formação Ideológica (FI) é “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras” (Pêcheux (1971), apud Teixeira, 2005: 33).

O que a autora apresenta como “heterogeneidades enunciativas” compreende a **heterogeneidade constitutiva**, aquela pela qual o “eu” pensa falar- ilusão narcísica- que se constitui basicamente pela interferência do interdiscurso e do inconsciente; e a **heterogeneidade mostrada**, que é a presença do “outro” no texto, marcada explicitamente, através de aspas, discurso direto e indireto livre, glosa, citações, ironia etc.

A noção de **heterogeneidade constitutiva** nos interessa sobremaneira, já que é ela que dá novo estatuto ao sujeito discursivo, inaugura a presença determinante do “outro” no mesmo e apresenta essa como condição fundamental, ou melhor, constitutiva. Contudo, a heterogeneidade mostrada é precisamente a que confirma o assujeitamento, pois, ao se demarcar o discurso “alheio”, o sujeito afirma que o restante é autenticamente SEU, de sua autoria e propriedade. É, portanto, a heterogeneidade mostrada que nos leva à constitutiva.

A partir dos estudos sobre a presença manifestada do “outro” nos textos, pode-se pensar diferentemente a constituição do sujeito, agora não mais somente uma posição, um indivíduo plenamente assujeitado por uma ideologia. A Psicanálise contribuiu muito para essa designação de sujeito da terceira fase da AD, segundo a qual não falamos sempre o que queremos, como e da maneira que queremos, mas estamos “sujeitos” a inúmeros fatores e um deles é a manifestação do inconsciente e isso é que faz com que passemos de indivíduos a sujeitos.

Entendendo o sujeito como um efeito de linguagem, a Psicanálise busca as formas de constituição desse sujeito não no interior de uma fala homogênea, mas na diversidade de uma fala heterogênea, que é conseqüência de um sujeito dividido. (BRANDÃO, 1998: 43).

À abordagem psicanalítica, J. Authier (1990) conjuga a teoria bakhtiniana. Dessa teoria a autora considera o princípio dialógico constitutivo da linguagem e a afirmação de que todo dizer é atravessado por outras vozes- teoria polifônica-, o que significa que nenhum dizer é original e, mais que isso, toda palavra é carregada ideologicamente<sup>25</sup>. Vejamos o que afirma a autora sobre sua filiação teórica às duas correntes:

---

<sup>25</sup> Sobre isso ver BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

Para propor o que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, apoiar-me-ei, de um lado, nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano; de outro lado, apoiar-me-ei na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan (AUTHIER-REVUZ, 1990: 25)

Das concepções de Bakhtin e Lacan, a autora retira, portanto, elementos para formular a sua teoria da heterogeneidade enunciativa. Apesar de pontos de vista bastante divergentes, ambas as correntes

têm em comum o fato de terem oferecido para a concepção de sujeito, de linguagem, de sentido e da relação estabelecida entre essas posições, a idéia de não homogeneidade, de alteridade constitutiva, de heterogeneidade constitutiva, de relação não separável um-outro. É o conceito de ‘outro constitutivo do eu/discurso’, portanto, que sustenta a originalidade e a contribuição decisiva dessas duas teorias para os estudos do sujeito e da linguagem.”(BRAIT, 2001: 9).

Authier critica a posição dos estudos pragmáticos e enunciativos que consideram a noção de intenção do sujeito, a autora menciona o trabalho de Ducrot, ao qual se apóia já que ele dedicou-se aos casos do discurso relatado, entretanto considera o estudo desse teórico uma abordagem intralingüística do sentido. Critica os estudos pragmáticos pela não consideração da presença do inconsciente na linguagem, tal como enuncia a Psicanálise, encerrando-se na “categoria lacaniana do imaginário que é colocada em jogo, e a ‘função de desconhecimento’ assegurada estruturalmente no sujeito por um ‘ego’[‘moi’] ocupado em anular, no imaginário, a divisão que afeta o eu[‘je’]” (AUTHIER-REVUZ, 1998: 17).

Considerando o trabalho da autora acima mencionada, Pêcheux, como teórico inquieto que sempre foi, passou a reformular sua própria teoria. Com *Semântica e Discurso* ele “resolve” o problema da máquina discursiva que homogeneizava os discursos e absorvia completamente o sujeito. Entretanto, conforme já comentamos no primeiro capítulo, a forma-sujeito e o “*Efeito Münchhausen*” acabam dando uma dimensão tão perfeitamente estável da interpelação do sujeito, que não recobre uma questão que sempre pesou nos estudos de Michel Pêcheux: as ideologias dominadas.

O grande problema, agora reconhecido pelo autor, é que, ao acreditar ter cercado o sujeito, ele acaba reproduzindo o sujeito pleno, contornando o fato de que

“o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é inteiramente recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (PÊCHEUX, 1997: 300). O inconsciente ou Outro (da teoria lacaniana) nunca deixa de estar lá, sendo recoberto pelo Imaginário, já que é a instância fundadora e constitutiva do sujeito, o qual se configura como desejoso, faltante.

Pêcheux começa a questionar a questão dos discursos de resistência que surgem em meio a sujeitos interpelados por ideologias dominantes. Como se daria esse processo se o assujeitamento fosse perfeito? Quer dizer que há falhas, as quais se manifestam na linguagem e pouco a pouco fazem surgir discursos de resistência. Contudo

Retraçar a vitória do lapso e do ato “falho” nas falhas da interpelação ideológica não supõe que se faça agora do inconsciente a fonte da ideologia dominada, depois do fracasso de fazê-lo o impulso do superego da ideologia dominante, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente (PÊCHEUX, 1997: 301)

O autor procurar esclarecer com isso uma falha que houve em *Semântica e Discurso* (1975) ao identificar o Sujeito do inconsciente ao Sujeito ideológico de Althusser. O sujeito é sim interpelado ideologicamente, contudo esse ritual não se dá sem falhas, tendo em vista o atravessamento pelo inconsciente. A linguagem é a instauração do simbólico, e o simbólico faz-se pelo processo metafórico: um significante por outro. Sendo assim, é nesse filtro pelo simbólico que algo se perde, já que a linguagem não dá conta de reproduzir um Real que é insuportável ao sujeito.

Todas essas inquietações são colocadas em pauta no colóquio “Materialidades Discursivas”, de junho de 1979, quando M. Pêcheux entra efetivamente em contato com J. Authier. Esse contato foi decisivo e colocou de uma vez por todas o discurso, e por conseguinte o sujeito, sob o signo da heterogeneidade. Como afirma Pêcheux (*apud* MALDIDIER, 2003: 74): “o primado do outro sobre o mesmo se impôs”. Authier, na posição de lingüista, que insiste em manter, fornece pressupostos materiais lingüísticos para a problemática da heterogeneidade no discurso.

O conceito de heterogeneidade constitutiva de J. Authier vinha em consonância ao conceito de interdiscurso, aliás, a própria autora em seu trabalho fala da ligação à AD e aos trabalhos de Althusser e Foucault (AUTHIER, 1990: 27). E a heterogeneidade mostrada, além de levar à constitutiva, também pode ser relacionada ao intradiscurso da teoria pêcheuxtiana. Intercâmbio teórico perfeito.

Pêcheux, ao comentar sobre os novos caminhos da AD em sua terceira fase, fala da consideração do *discurso-outro*, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo, pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ seqüência” (*In*: GADET; HAK, 1993: 316-317). O que ele chama de um “além” interdiscursivo, podemos entender como o Outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo que o desestabiliza “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Pêcheux, *In*: GADET; HAK, 1993: 317). A partir daí, a AD “interessa-se em fazer emergir novos procedimentos de análise a partir da consideração da heterogeneidade/equivocidade do sujeito e do sentido” (TEIXEIRA, 2005: 16).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como materialidade lingüística constituída pelo interdiscurso e também pelo inconsciente.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990:28).

Ao chegar à especificidade de um sujeito heterogêneo que se constitui como tal à medida que fala e falha, Pêcheux ocupa um lugar original dentro dos estudos lingüísticos, tendo em vista que não se opõe simplesmente a um sujeito intencional, egóico, mas o situa através do assujeitamento como sujeito ideológico e afetado pelo inconsciente, e o faz relacionando esse sujeito à materialidade específica da língua, já que a própria língua é sintoma: “a língua que todo o locutor toma como ‘instrumento de comunicação’, freqüentemente escapa a ele” (TEIXEIRA, 2005: 16). A língua, o sujeito e o sentido passam, portanto, pelo crivo da heterogeneidade.

A noção de heterogeneidade abarca principalmente o postulado de que o discurso e o sujeito são constituídos também por uma falta, legado que nos é dado pela Psicanálise. Entretanto, como operaremos segundo os mecanismos de análise da AD, é preciso compreender como essa falta se manifesta na linguagem. Acreditamos que uma noção que nos pode ser útil em termos de análise é a noção de **equivoco**. O equivoco é procedente da falha, que se origina na língua, ou seja, a língua está sujeita a falhas. No discurso é que percebemos o equivoco, pois é pela inscrição da língua na história que ele se produz, no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente (ORLANDI, 2001: 102-103). Pelo equivoco, portanto, materializado no discurso das mulheres, podemos nos voltar à falta que é constitutiva de todo sujeito e que atesta a heterogeneidade.

Como pensar, então, essa noção de heterogeneidade do sujeito em relação à mulher? Acreditamos que ao situarmos a mulher como “efeito”, mas um efeito que falha, que produz equívocos no discurso, a colocamos na tensão entre dois pólos: um regido pela determinação histórico-ideológica e outro que se coloca a partir do desejo, da falta que constitui todo sujeito. Pensando nessa bipolaridade, situamos o sujeito sob o signo da heterogeneidade. Se considerarmos ainda a formação da estrutura feminina pela Psicanálise, podemos afirmar que a mulher apresenta de forma mais clara essa manifestação heterogênea, posto que corporifica a falta e a externaliza via sintoma. A materialização dessas posições acerca da identidade feminina é o que procuraremos demonstrar a partir do discurso feminino que analisaremos na seqüência.

#### **CAPÍTULO 4:**

#### **ENFIM, O DISCURSO FEMININO!**

A incursão pelo discurso feminino e as leituras que procedemos acerca da mulher vista pela história, da mulher vista pela psicanálise, e da constituição do sujeito pela heterogeneidade, segundo a AD, foram delimitando um percurso teórico-analítico que mobilizou conceitos requisitados pelo *corpus*, o qual foi também se delimitando. Dessa forma foi-se construindo, como denominou Orlandi um “dispositivo de interpretação” (2002: 59). Esse dispositivo se fez por uma via de mão dupla: as questões surgidas no *corpus* “pediam” o trabalho de algumas categorias teóricas e essas categorias teóricas foram fazendo com que o *corpus* para a análise

fosse se compondo. Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, é preciso explicitar esse gesto de composição do *corpus*.

#### **4.1 CONVERSANDO COM MULHERES SOBRE SER MULHER: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS**

Neste tópico procuraremos justificar a coleta de *corpus*, talvez nem tanto convencional. Nos ancoramos nas teorias das quais partimos: a AD, que prevê uma constituição do *corpus* não a partir da teoria, mas um trabalho de análise em que as questões teóricas surjam do *corpus*, o qual vai se delineando conforme o andamento da pesquisa; e a Psicanálise, que trabalha com o elemento verbal pautado no princípio da associação livre.

O material sobre o qual nos debruçamos – a materialidade lingüística- permite transitar entre as várias áreas teóricas nas quais nos apoiamos, contudo, temos em vista que são diferentes as noções de discurso em cada uma das áreas, assim como outros conceitos, tais como feminilidade.

Não pretendemos tecer considerações sobre a articulação da AD e a Psicanálise, terreno bastante conflituoso e ainda em desenvolvimento. Sabemos que a relação entre ideologia e inconsciente é o ponto de encontro entre as duas teorias, mas também ponto de divergência. Considerando isso, pretendemos tomar alguns pontos da Psicanálise como base para se pensar a constituição do sujeito mulher e a produção da(s) sua(s) identidades, tendo em vista a brecha teórica da constituição heterogênea do sujeito em sua dupla interpelação: pela ideologia e pelo Inconsciente. Todavia, a Psicanálise não será tomada para fins analíticos, problemática que mencionaremos na seqüência.

A análise do discurso feminino será feita, então, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa da terceira fase, a qual parte de alguns princípios psicanalíticos. Trabalharemos com a fala de mulheres, voltando nosso olhar a um material coletado em entrevistas e recortado por nós.

Trata-se, portanto, de mais um “gesto de interpretação”, como se diz em AD, a fim de pensar as práticas identitárias como efeitos que se produzem na e pela linguagem. Falamos em “gesto de interpretação”, porque além da investida do analista ser uma possibilidade de leitura, precisamos considerar que os discursos analisados são produzidos por um grupo que, por sua vez, é parte de uma

determinada realidade social, o que faz com que a referida pesquisa ofereça conclusões a respeito especificamente dessa realidade. É claro que isso pode contribuir para conclusões mais generalizadas acerca do tema, entretanto não pode constituir-se como algo fechado, definitivo.

A Psicanálise nos lega para a constituição do nosso objeto de estudo o princípio da associação livre, segundo o qual procuramos ancorar nossas entrevistas. Acreditamos que é no discurso oral que se produz um efeito de “naturalidade” no uso da língua, dada a não possibilidade de reformulação, de retorno ao texto. Nessa materialidade é que mais freqüentemente podemos observar o “real da língua” ou seja, aquilo que é impossível de ser dito e que aparece nos equívocos, chistes, faltas, falhas, etc.

O discurso oral ainda se justifica por um modelo bastante interessante, e já aceito por Pêcheux, que é o modelo da “Nova História”, sobretudo no que se refere aos princípios de Michel de Certeau. Esse modelo toma o discurso como base de análise e material para a história.

“O procedimento de Certeau privilegia o próprio ato de falar, passando pela escuta das práticas comuns desses usuários (homens comuns)” (TEIXEIRA, 2005: 58). Pêcheux concorda com Certeau ao priorizar a linguagem comum e o aspecto conversacional da linguagem. Na segunda parte do Tomo 2 de “A Invenção do Cotidiano” (CERTEAU, 1998) denominada “Cozinhar”, quando Luce Giard (colaboradora de Certeau) traz entrevistas com mulheres a respeito dos hábitos cotidianos acerca do ato de cozinhar, podemos ter um bom ponto de ancoramento e modelo para nossa coleta de dados.

Os autores tomam “vozes de mulheres” comuns, espécies de “conversas”, com o intuito apenas de ouvir essas mulheres, que em geral não são ouvidas. Trabalham nessa coleta de dados com mulheres comuns, do círculo de amigas de uma conhecida, mas não da família da pesquisadora por razões óbvias de interferência por conta do contato muito íntimo e de possíveis conflitos familiares. Outro aspecto importante, conforme as próprias palavras da autora, é que “cada entrevista foi feita de acordo com um plano bem flexível, dando lugar a muita liberdade e espontaneidade à entrevistada, inclusive para dar vazão às suas associações de idéias” (CERTEAU et al, 1998: 223).

Dessa forma também procuramos proceder nas entrevistas que realizamos: colocando algumas questões para iniciar a conversa, mas deixando, sobretudo, a mulher “livre” para falar.

Tendo justificado teoricamente nosso objeto de análise, vejamos como isto se deu concretamente. A constituição do *corpus* de análise, conforme já mencionado, parte de entrevistas realizadas com mulheres de perfis diversificados. Tendo em vista que a pesquisadora é também uma mulher, podemos dizer que a coleta de dados foi constante, pois o tempo todo estamos conversando com mulheres de vários espaços e níveis sociais. Entretanto, formalmente, foram feitas 10 (dez) entrevistas, com mulheres entre 15 e 83 anos, de níveis sociais diferentes e profissões diversas, nos municípios de Guarapuava, Irati e Maringá, no Paraná.

A escolha da amostra foi aleatória e contou com a disponibilidade dos sujeitos. Não partimos de segmentos ou estratificações sociais para determinar o público pesquisado, pois gostaríamos de compor um quadro de mulheres que pudesse ser representativo da mulher “em geral” no período contemporâneo, e não de uma classe específica de mulheres. Assim, selecionamos as mulheres em função das práticas discursivas femininas mais ou menos regulamentadas que acreditávamos que poderiam apresentar mulheres de determinada faixa etária, por exemplo, ou classe social.

Dessa forma, procuramos compor um quadro diversificado de mulheres, partindo do pressuposto de que elas poderiam mostrar práticas discursivas diversas, tendo em vista o afetamento por alguns discursos (como o feminista ou machista, por exemplo), dependendo da idade, escolaridade e/ou profissão. Assim, fizemos entrevistas com dez mulheres, escolhidas em função de sua idade, profissão e escolaridade. Quanto à idade, optamos por ter representantes das seguintes faixas etárias: dos 15-25 anos; 25-45 e acima de 45 anos; quanto à profissão, procuramos contemplar ao menos uma dona de casa e uma mulher considerada bem sucedida profissionalmente; quanto à escolaridade, selecionamos pelo menos uma mulher de cada nível: até ensino fundamental, ensino médio e ensino superior acima. Pretendemos com essa escolha dos sujeitos pesquisados conseguir uma amostra de práticas discursivas diversas a fim de obter um perfil da mulher em geral, e não estratificado, conforme já mencionamos.

Sabemos da impossibilidade de homogeneizar a mulher, tornando-a uma mulher genérica abstrata, talvez esse efeito possa ocorrer quando se fala em analisar o discurso feminino. Nossas mulheres são reais, indivíduos interpelados em sujeito, e, para que isso fique registrado, acreditamos ser importante apresentar o perfil das 10 (dez) entrevistadas.

Ao tratar disso, estamos falando de condições de produção (CP). Conforme Orlandi (2003) as CP compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Em sentido amplo diz respeito ao contexto sócio histórico e ideológico. cremos que tratamos disso no primeiro capítulo deste trabalho. Já as CP em sentido estrito dizem respeito ao contexto imediato. Partiremos primeiramente dos sujeitos pesquisados: das dez entrevistadas cinco eram solteiras, duas casadas, duas viúvas e uma separada; duas eram professoras, quatro estudantes (três universitárias e uma do Ensino Médio), uma empregada doméstica, uma funcionária pública, uma aposentada e uma dona de casa. Em relação ao grau de escolaridade, já adiantamos que três eram estudantes universitárias, uma estudante do ensino médio, duas professoras pós-graduadas (uma com nível de mestrado e a outra com especialização); duas com ensino fundamental incompleto, uma com ensino fundamental completo e uma com ensino médio completo. Os locais onde vivem essas mulheres são cidades do interior do Paraná (Guarapuava, Irati e Maringá) e a escolha se deu em função de serem os locais por onde a pesquisadora transitava. O cruzamento desses dados pode ser observado no quadro a seguir, que apresenta os sujeitos pesquisados:

| <b>Iniciais</b> | <b>estado civil</b> | <b>idade</b> | <b>Profissão</b>    | <b>escolaridade</b>     | <b>Local</b>  |
|-----------------|---------------------|--------------|---------------------|-------------------------|---------------|
| M.M.            | solteira            | 22 anos      | Estudante           | superior inc.           | Irati-PR      |
| V.C.            | solteira            | 19 anos      | Estudante           | superior inc.           | Irati-PR      |
| P.P.B           | solteira            | 15 anos      | Estudante           | ensino médio incompleto | Guarapuava-PR |
| M.S.            | separada            | 30 anos      | Empregada doméstica | ens. fund. incompleto   | Guarapuava-PR |
| R.M. S.         | viúva               | 51 anos      | aposentada          | ens. fund.              | Guarapuava-   |

|         |          |         |                         |                       |               |
|---------|----------|---------|-------------------------|-----------------------|---------------|
|         |          |         |                         | incompleto            | PR            |
| T.V.    | casada   | 44 anos | funcionária pública     | ens. médio completo   | Guarapuava-PR |
| N.F.L.  | solteira | 27 anos | professora              | sup. Comp. Pós- Grad. | Maringá-PR    |
| E.C.B.  | casada   | 34 anos | Profesora universitaria | sup. Comp. Pós- Grad. | Maringá-PR    |
| C. S.   | solteira | 21 anos | estudante               | superior Inc.         | Maringá-PR    |
| I. M.S. | viúva    | 83 anos | dona de casa            | Ens. fund. completo   | Irati-PR      |

O procedimento das entrevistas ocorreu da seguinte maneira: abordamos as entrevistadas dizendo que estávamos fazendo uma pesquisa sobre o comportamento feminino e gostaríamos de conversar, fazer algumas perguntas. Fomos bem recebidas por todas as mulheres, todas se mostraram bastante dispostas a falar. A impressão que tivemos é de que não há um espaço de reflexão na vida dessas mulheres sobre o fato de ser mulher, daí o interesse em falar sobre o assunto.

A entrevista partia do seguinte questionamento:

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

Outras questões que foram colocadas durante as entrevistas pela entrevistadora foram:

**O que a mulher pode ou não fazer?**

**Qual a diferença entre ser homem e ser mulher? Quais os pontos positivos e/ou negativos no fato de ser mulher?**

**Você quer (ou sempre quis) se casar?**

**Você quer (ou sempre quis) ser mãe?**

Daí em diante, foram surgindo muitos assuntos dependendo da entrevista, mas contemplamos na análise principalmente a resposta a essas questões.

Outro dado importante é que nove das dez entrevistas que realizamos não foram gravadas. Foram feitas anotações pela pesquisadora durante as entrevistas e logo depois delas. Contudo, a riqueza do material coletado fez com que considerássemos que ele não poderia ser desperdiçado e, materialidade lingüística que é, poderia e deveria ser analisado. Ainda é importante mencionar que o material dessas nove entrevistas, mesmo não tendo sido gravado, é a reprodução das falas das entrevistadas, procuramos não alterar nada do seu conteúdo e forma original. As frases que nos “soaram” mais importantes foram anotadas na íntegra. O material que não lembrávamos e que não foi anotado descartamos, priorizamos as respostas de questões que foram feitas para todas as entrevistadas. Compreendemos que a “tradução” desses textos orais produzidos pelas mulheres significa, faz diferença, já que se configura como outra materialidade lingüística. O recorte que fizemos já é um gesto de interpretação, sem falar da diferença que há entre o registro oral e o escrito. Os sentidos produzidos, portanto, se colocam nessa relação pelo modo como o *corpus* foi sendo constituído, entre a fala propriamente dita das entrevistadas e a transcrição feita pela pesquisadora.

A última entrevista, realizada com uma senhora de 83 anos, foi gravada e transcrita. Nela detemos grande parte da nossa análise, considerando a quantidade e qualidade do material coletado.

Uma outra ressalva ainda faz-se necessária antes de nos dirigirmos para a análise. Apesar de ter dado algumas características das entrevistadas, estamos as “homogeneizando” no processo de análise. Explicamos: no início do projeto deste trabalho acreditávamos ser importante mencionar idades, profissões, escolaridades, etc., por conta da hipótese de que o discurso feminino se manifestaria diferentemente conforme essas categorias. Todavia, no processo de descrição dos discursos, observamos que o discurso feminino, mesmo heterogêneo, era um só, independentemente de quem falava. Em decorrência dessa constatação, em nosso gesto de interpretação não tomamos as mulheres individualmente, especificamos quem fala, mas não tomamos esses dados como categorias de análise. Consideramos a fala das entrevistadas como reflexo de suas posições-sujeito, ou seja, dadas as condições, elas estão nesse momento na posição de mulheres, respondendo pela condição “mulher”. Além disso, o objetivo do trabalho é observar via discurso a identidade feminina e não a identidade particular das entrevistadas.

À análise, então:

## 4.2 UM PERCURSO DE ANÁLISE:

Depois de termos lançado algumas hipóteses teóricas acerca da identidade da mulher na contemporaneidade, hipóteses que partiram do próprio *corpus*, procuraremos situar agora, na fala das entrevistadas, os pontos que mencionamos na revisão teórica, sejam eles principalmente: o “efeito-mulher” e a questão da heterogeneidade.

De que maneira essas questões se materializam no discurso de mulheres comuns, como é o caso das entrevistadas? Elas falam em ser “efeito” ou mulheres heterogêneas? Obviamente que não. Porém, procuramos pistas nas suas falas, indícios dentro da materialidade lingüística que essas mulheres nos trazem para verificar como elas se compreendem enquanto mulher. Que efeito de sentido produzem ao falar sobre o que é a mulher hoje? Essa é a nossa questão central.

Do conteúdo das falas das entrevistadas, fomos selecionando aquilo que latejava nos seus discursos. Não partimos de nenhum critério dado *a priori*, mas buscamos observar nas falas o que “saltava aos olhos”. Dessa maneira, é no conteúdo reiterante e também reticente e até negligenciado que procuramos ver o discurso feminino. Buscamos vê-lo ainda na relação com o exterior que o determina (contexto histórico-ideológico) e ainda observar os lapsos, as faltas, os resquícios de um discurso de um sujeito desejante que põe em utilização uma língua que, como já mencionamos, é lacunar tanto quanto o sujeito.

Para iniciar de algum ponto a nossa análise, partimos das regularidades discursivas, ou seja, dos pontos em comum dentro da fala das entrevistadas. O primeiro deles diz respeito ao “poder”.

### 4.2.1 O QUE É SER MULHER?: MULHER “NÃO PODE”

No primeiro tópico da nossa análise trazemos enunciados que surgiram do questionamento feito às entrevistadas: “Você gosta de ser mulher?”. As respostas a esse questionamento trouxeram enunciados em que o “ser mulher” foi predicado através do verbo “poder”, ou melhor, “não poder”. Em decorrência disso perguntamos o que, então, a mulher pode ou não fazer. Disso surgiu uma

discursividade que coloca em cena o “poder” *versus* “não poder” para designar respectivamente o masculino e o feminino.

A forma negativa “**não poder**” apareceu em maior número, o que marca a questão do **interdito** que surge na fala das entrevistadas. “*Mulher não pode fazer certas coisas*”<sup>26</sup>. Não conseguiram explicar os motivos, algumas diziam “*por que não*”, acentuando uma verdade absoluta, apesar de totalmente arbitrária, sinalização de um pré-construído no espaço interdiscursivo<sup>27</sup>. Outro fator digno de nota é que a questão do interdito aparece por duas vias: pela negação (o que a mulher não pode fazer) ou ainda pelo silenciamento demonstrado na impossibilidade de explicitar o que exatamente não se pode fazer. Isso se faz pela falta de predicação: “*mulher não pode...*”. “Não pode” o quê? Ou ainda pela indeterminação do objeto, quando aparece nas falas o vazio, o lugar do impossível de ser verbalizado: “*mulher não pode fazer certas coisas*”; “*algumas coisas*” “*muitas coisas*”, etc.

Os principais interditos do tipo 1 (negação) explicitados pelas mulheres giram em torno de sair sozinha (tanto para viajar, quanto sair à noite, ir a um bar, etc.); alguns interditos sexuais também, e outros de ordem financeira: meninas dependem mais dos pais financeiramente e têm dificuldade para encontrar um emprego.

Nesse último caso, em relação a emprego, surge um fator bastante interessante que nos remete à divisão do trabalho (manual e intelectual) vista de forma naturalizada: a via única apresentada é estudar para, depois, ter independência financeira. Entretanto o “ideal” é que isso ocorra através de profissões intelectuais, afinal “*mulher não pode trabalhar em qualquer coisa*” (M.M. 22 anos). Nesse enunciado a questão ideológica é muito marcada: a divisão do trabalho e o interdito são questões sociais arraigadas por uma ideologia capitalista e patriarcal, mas que se encontram legitimadas, já que discursivizadas sem o peso da história. Queremos dizer com isso que a memória histórica desses “fatos” discursivizados: a divisão do trabalho e o interdito em relação ao sexo feminino, parece ter sido “apagada”. Esse “apagamento” ocorre pelo esquecimento nº 1<sup>28</sup>, de ordem ideológica, que, via interpelação/assujeitamento, produz a ilusão da transparência da linguagem e da forma-sujeito, ou seja, a ilusão que permite a todo

<sup>26</sup> Colocaremos em itálico e entre aspas todas as citações retiradas das transcrições das entrevistas.

<sup>27</sup> O conceito de interdiscurso é equivalente ao de memória discursiva mencionado anteriormente e será discutido na seqüência.

<sup>28</sup> Sobre esse conceito ler *Semântica e Discurso* de Michel Pêcheux ou *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*, de Eni Orlandi.

indivíduo identificar-se como sujeito do discurso, ou melhor, como EGO, instância produzida pelo imaginário (no sentido lacaniano do termo).

Pela assimilação do discurso como “seu”, aparece aqui a mulher “efeito”, a que se constitui via discurso histórico-ideológico dominante. Essa mulher, ao produzir um enunciado como esse, assimila como seu um discurso de origem capitalista (divisão do trabalho intelectual e manual) e também um discurso de origem machista acerca dos tipos de trabalho que podem ser executados por mulheres.

Vejam algumas outras ocorrências do verbo “poder” em que a interpelação ideológica se materializa via discurso:

**Enunciado 1:** *Eu queria ser meu irmão, pra poder ter mais liberdade...viajar, poder fazer muitas coisas* (M.M., 22 anos)

**Enunciado 2:** *“mulher é proibida de fazer muitas coisas, tudo não pode, enquanto homem pode tudo”.* (V.C., 19 anos).

Nos dois enunciados acima, aparecem ocorrências do tipo 2: o interdito que é silenciado. Nesses casos, a mulher é interdita de dizer quem a interdita ou mesmo de que tipo de coisas ela está interdita. “Poder”, nesse momento, não é utilizado no sentido de “possibilidade”, mas como interdito social. O interessante é que, da forma como aparece nas falas, o efeito de sentido é de um interdito natural. Nessas falas sobre o que a mulher pode ou não fazer, está inscrito um discurso que é social, imemoriável, pertencente ao que podemos chamar de uma formação ideológica (FI) patriarcal originária na Idade Média. Esse discurso reproduz uma lógica assentada ideologicamente desde muito tempo e que acaba cerceando a ação da mulher na sociedade. Transparece no discurso que o que pertence ao “poder” está relacionado ao homem, enquanto o “não poder” diz respeito à mulher.

O enunciado 1 trata ainda da questão da divisão do espaço público e privado. À mulher cabe o espaço privado, “viajar” é coisa para homem. Para poder viajar é preciso ser homem e isso é naturalizado. O conceito de liberdade diz respeito à liberdade para ir e vir, o que vem explicitado no enunciado 1, quando a entrevistada

equivale os termos “ter mais liberdade” e “viajar”. Essa liberdade para ir e vir é um direito que a mulher não possui, pelo menos completamente: seu “ir e vir” está cerceado por fatores inúmeros que a impedem de exercer sua “liberdade”.

No enunciado 2 temos além da questão do interdito silenciado, a questão da “completude” advinda das expressões “tudo não pode” e “homem pode tudo”. O significante “tudo” remete à ilusão da completude imaginária do sujeito. O efeito de sentido desliza em “tudo não pode”, já que o “tudo” pode corresponder a tudo que o homem pode fazer e a mulher não, mas também pode designar a totalidade impossível a todo sujeito, a incompletude que nos constitui. O “tudo” é o impossível, o pertencente ao Real. Também podemos pensar na organização das ocorrências. Na primeira o “tudo” vem no início: “tudo não pode”, sendo sujeito da oração. Na segunda ocorrência o “tudo” vem no final, como elemento adverbial, enquanto o sujeito é o homem. Esse fator possibilita uma leitura diferente. O efeito de sentido decorrente dessa organização frasal é que o “tudo” da segunda ocorrência diz respeito ao conjunto de coisas que o homem pode fazer, enquanto na ocorrência anterior o “tudo” diz respeito à totalidade que o sujeito renuncia na passagem pelo Édipo, quando do abandono do narcisismo primário. Manifestação do inconsciente? Talvez. Acreditamos que esse equívoco (da ordem do discurso) interposto pela ambigüidade de sentido do significante “tudo” dá margem ao vislumbamento da condição heterogênea de constituição do sujeito.

Como podemos perceber já nessa pequena amostra das falas femininas, o discurso se compõe de discursos outros oriundos de muitas formações discursivas. Ao compor sua fala com um discurso “naturalizado” de que a mulher **não pode** fazer coisas que o homem pode, ecoam na fala da mulher vozes que remetem a um discurso outro que constitui o discurso feminino de forma contraditória, já que está ancorado num interdiscurso de base machista. O **interdiscurso** “designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” (MALDIDIER, 2003: 53); é ainda o que Orlandi (2002) chama de o “eixo do dizível”, ou seja, o que rege o dizer. Nesse caso, temos um discurso machista, não associado empiricamente a nenhum indivíduo, mas que ressoa, possibilitando o dizível e se materializando na fala das mulheres por conta de uma dominação ideológica que as assujeita. Na verdade não é propriamente o discurso machista que aparece na fala da mulher, ele retorna sob a

forma do simulacro, resignificado e, além disso, transformado numa voz imemorial, que reproduz uma ideologia já arraigada que nos interpela, mas ao mesmo tempo nos dá a ilusão de sermos sujeitos, donos do que dizemos.

Pêcheux, na terceira fase da AD, fala da consideração do *discurso-outro*, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ seqüência” (*In: GADET; HAK, 1993: 316-317*). O que ele chama de um “além” interdiscursivo, podemos entender como o Outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo que o desestabiliza “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Pêcheux, *In: GADET; HAK, 1993: 317*).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como prática discursiva e constituído pelo interdiscurso e também pelo inconsciente. “Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990: 28). É a partir desse prisma que a questão da identidade vai se colocando: sob a égide do descentramento, da divisão, do Um que é atravessado pelo outro e pelo Outro.

Também aparece nas falas das entrevistadas um discurso um pouco mais atualizado, mas não menos ilusório, de que a liberdade da mulher está muito ampliada hoje. Esse tipo de discurso traz de uma certa forma um consolo para as mulheres, o que acaba viabilizando um conformismo perante a situação atual. Vejamos as redes parafrásticas desse enunciado nas falas:

**Enunciado 3:** *Mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer* ( R.M.S, 51 anos);

**Enunciado 4:** *Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás* (T.V., 44 anos).

Nesses enunciados está clara a presença do interdiscurso que se atualiza nessas falas graças às condições específicas de produção, ou seja, somente pode ser dito e compreendido um discurso como esse porque o momento histórico e as questões ideológicas assim o permitem. Há um discurso extremamente machista que afirma que a mulher não possui igualdade de direitos em relação aos homens; há ainda um outro discurso que nega o primeiro e é esse discurso que aparece no momento atual. Interessante perceber que, como ele aparece para negar um discurso primeiro, ambos são interdependentes e só existem um em função do outro.

A atualização do discurso machista nos enunciados 3 e 4 produz um efeito de sentido de libertação da mulher: ela pode “quase” tudo, está “quase” em pé de igualdade com o homem; e ainda um outro efeito de conformidade, já que “hoje em dia ela tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás”, enunciado que traz no seu interdiscurso um outro que afirma: “vocês já evoluíram muito, vamos com calma, não está bom assim?”. A produção de enunciados como o 3 e o 4 apresentam um lugar de transição do discurso feminino, dadas as novas condições de produção. Vejamos:

Para uma FD machista originária da Idade Média o discurso possível seria: “mulher não pode tudo”;

Numa FD feminista: “mulher pode tudo”;

E no enunciado nº 1 temos um lugar de deslocamento: “mulher pode **quase** tudo”.

O deslocamento ocorrido é decorrente das condições de produção atuais que trazem práticas do comportamento feminino regulamentadas pelos discursos que a mulher faz circular sobre si mesma. O “quase” também dá espaço ao “resto”, que não é verbalizado, mais uma vez a questão da incompletude. Dupla indeterminação: uma decorrente do “quase” e outra decorrente do “tudo” que não é especificado.

Outro ponto relevante nas falas é a questão do **interdito sexual**, que é trazida sob a forma do mesmo verbo “poder”. Como sabemos, a sexualidade da mulher sempre foi alvo de preocupação: da igreja, dos pais, do marido. Os “desvios”

sexuais sempre foram punidos através de, no mínimo, discriminação social, conforme discutimos no primeiro capítulo. Com o advento do Feminismo e também o surgimento da pílula anticoncepcional, começa a circular um discurso a respeito da liberdade sexual da mulher. Contudo, ainda há o discurso da moral, que se soma a essa discursividade acerca da sexualidade feminina. O discurso moralista dialoga com o discurso machista originário da Idade Média e está presente há muito tempo na história da mulher. Dessa forma, ele ainda se apresenta fortemente na fala das mulheres, o que podemos observar nos enunciados a seguir:

**Enunciado 5:** *mulher não pode ficar com muitos parceiros, é feio* (P.P.B., 15 anos).

A expressão utilizada “é feio”, enunciado bastante comum para designar conduta reprovável pela sociedade, remete a uma formação discursiva (FD) que alia a questão estética ao padrão moral. Um outro trecho de uma outra entrevistada revela também a oposição limpeza versus sujeira:

**Enunciado 6:** *mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer, se não fica suja, mal falada* (R.M.S., 51 anos).

A divergência do enunciado 6 é que a questão sexual fica subentendida, mas não aparece literalmente. O que nos faz compreender que se trata dessa temática é justamente o final do enunciado: “fica suja, mal falada”. O termo “suja” aparece estranhamente nessa fala, por ser oriundo de uma formação discursiva da saúde, da higiene, que se desloca para o campo da sexualidade, o que até então não havia sido mencionado. O fato também de a entrevistada juntar os adjetivos “suja” e “mal falada” numa mesma formulação, faz com que o efeito de sentido deslize para uma equivalência dos termos: a sujeira é do corpo e/ou da palavra? Talvez a ambigüidade seja mesmo o efeito prevaiente. Por esse efeito, tudo que está fora dos padrões morais impostos socialmente é visto com maus olhos, aliado mais do

que ao reprovável, ao esteticamente não aceito. E quem deseja estar fora dos padrões de beleza? Instrumento bastante eficaz de controle, portanto.

Ainda há uma informação importante quanto à produção desses enunciados. As mulheres que os produzem têm, respectivamente, 15 e 51 anos, o que nos leva a crer que esse posicionamento não diz respeito a uma idade mais avançada, ao afetamento por FD's machistas mais divulgadas entre mulheres mais velhas. Esse discurso, portanto, ainda circula mesmo entre as mulheres mais jovens.

Outra entrevistada assim diz:

**Enunciado 7:** *A mulher é privada de muitas coisas. Ela não tem de jeito nenhum, apesar de toda a evolução, a mesma liberdade do homem. O homem desde cedo tem privilégios: pode sair de casa mais cedo, não há tanta vigilância por parte dos pais; pode se envolver com quantas mulheres quiser ou puder (risos). Para a mulher tudo já é mais cheio de regras, temos que manter um certo padrão moral (E.C.B, 34 anos).*

No enunciado 7 podemos separar nitidamente as predicções atribuídas aos homens e às mulheres:

Mulher: “é privada”; “tudo já é mais cheio de regras”; “manter um certo padrão moral”;

Homem: “tem privilégios”; pode sair”; “não há tanta vigilância”, “pode se envolver..”.

A oposição das predicções para homem e para mulher produz um efeito dicotômico de que há uma divisão nítida entre o comportamento de ambos. Há ainda a intercalação de um discurso bastante divulgado sobre a “evolução” da mulher. Contudo, essa fala é negada de forma veemente quando a entrevistada insiste: “ela não tem de jeito **nenhum** (..) a mesma liberdade do homem”. Esse fragmento junta-se àquele do enunciado 2: “tudo não pode”, o que denota a impossibilidade da completude, sobretudo no que diz respeito à mulher. Vejamos ainda mais um atributo dado ao homem: a liberdade, que é **dele**: “liberdade **do** homem”.

Uma outra entrevistada ainda afirma:

**Enunciado 8:** *A mulher na verdade pode fazer tudo o que quiser, o problema são as conseqüências, nosso meio ainda é muito conservador, a mulher é privada de muitas coisas* (C.S., 21 anos).

Nos enunciados acima (7 e 8), a palavra “privada” é recorrente e aparece sob outras formas como “*não é permitido*”. É interessante notar que a origem dessa privação não é mencionada, como se fosse dada *a priori*. Na verdade, é exatamente isso que ocorre: as condições para que esses discursos sejam veiculados, pertençam ao eixo do dizível, são mesmo dadas anteriormente a qualquer fala e, portanto, já estão arraigadas de tal forma na nossa memória discursiva que se colocam de forma naturalizada. No “nosso meio” a “privação” aparece como algo no âmbito social, mas esse social que priva é naturalizado e sedimentado no genérico: “a mulher é privada de **muitas** coisas”.

Ao afirmar que “o nosso meio ainda é muito conservador”, a entrevistada se filia a uma FD feminista, já que adjetiva essa posição a respeito do código de conduta feminina ditada por uma FD machista como “conservadora”. Diferentemente, no enunciado a seguir temos apenas uma fala oriunda de uma FD machista:

**Enunciado 9:** *Tudo tem um limite...tem muitas loucas que fazem, mas não é permitido e não é fácil.. Eu posso fazer o que eu quiser, mas as conseqüências são mais graves* (M.M., 22 anos).

A construção desse enunciado e as “escolhas” lingüísticas feitas pela entrevistada denotam um pertencimento a uma FD machista. Em primeiro lugar, a questão dos limites: “tudo tem um limite” é dada sem nenhum complemento, pautada, portanto, num pré-construído sobre os limites impostos para as mulheres. Depois há ainda a utilização da palavra “loucas” para designar as mulheres que

transgridem esses “limites” estabelecidos por uma lógica machista e assimilada como prática feminina. Essas mulheres são relegadas a um grupo em separado, que foge à normalidade, daí a designação. Ainda na seqüência aparece a falta de predição em “tem muitas loucas que fazem”: “fazem” o quê? Isso é silenciado. O que as denominadas “loucas” fazem não pode (ou não deve) ser nominado, pertence à ordem do que não deve ser dito, do não simbolizável, mas que é sabido por todos, inclusive pelas mulheres que, mesmo não verbalizando esses assuntos explicitamente nas suas falas, o utilizam, através das lacunas.

Sendo assim, o que a mulher **pode** ou **não pode** fazer (e falar, sobretudo, já que falar é uma prática que nos constitui identitariamente) diz respeito a toda uma construção social de conduta feminina legitimada pela história e pela ideologia e que se mantém graças aos discursos que a materializam e regulamentam. Dessa forma, podemos perceber a estreita relação entre história, ideologia e discurso como unidades que se intercalam e não podem, por isso, ser consideradas isoladamente. Atravessando todos esses aspectos, ainda há a presença quase fantasmagórica do inconsciente, instância estritamente ligada à ideologia e igualmente constitutiva do discurso e do próprio sujeito. Daí a heterogeneidade de ambos.

Através dos enunciados construídos pelo verbo “poder” a mulher fala de interditos ditados por uma formação ideológica machista. Por vezes ela reproduz esses discursos e produz um efeito de naturalidade; outras vezes ela se coloca em outra FI, dizendo-se submetida a essas regras de conduta feminina, mas não concordando com elas. Ainda há o lugar do equívoco nessas falas que se coloca sob a forma das indeterminações, ambigüidades, etc. A presença do “Outro” inconsciente parece se materializar nas falas, denotando um sujeito faltante, incompleto.

#### **4.2.2 “VOCÊ QUER SE CASAR?”**

Um ponto que consideramos importante destacar na nossa análise diz respeito ao casamento e à maternidade. Como pudemos observar no primeiro capítulo, essas questões são desde muito tempo imputadas como constitutivas e determinantes no papel da mulher na sociedade, segundo preceitos de uma ideologia patriarcal de base religiosa que se manteve viva, mesmo que deslocada, quando do surgimento de uma ideologia burguesa.

Paralelamente a isso, temos um discurso feminista que vem trazer à mulher a opção (pelo menos imaginariamente) entre querer casar e ter filhos ou não, já que neste momento ela pode trabalhar e, portanto, assumir outras identidades e/ou formas de sublimação, como diria a Psicanálise.

Entretanto, o que percebemos na fala das mulheres com as quais tivemos contato é que a mulher ainda está bastante afetada por esse discurso de origem patriarcal. É claro que agora as identidades possíveis para a mulher não são somente a de esposa e mãe. Houve a assimilação de novos papéis, contudo esse fato não fez com que a mulher abandonasse as identidades anteriores, mas sim acrescentasse outras. Observemos esse tipo de funcionamento na fala das entrevistadas diante da pergunta: “você quer se casar?”.

**Enunciado 10:** *Não me vejo cuidando de uma casa, mas tenho umas pira de me vestir de noiva. (...) Não quero casar, quero ter alguém, mas não quero depender de homem (...) Minha mãe sempre diz que não posso me casar porque sou muito bagunceira, não seria uma boa dona de casa (M.M., 22 anos)*

No enunciado 10, o conceito de casamento está definido como cerimônia (religiosa), ritual, e não a união estável de duas pessoas. Tem-se em vista um casamento nos moldes tradicionais, o que pode ser confirmado pelo elemento símbolo do vestido de noiva e ainda pela oposição trazida em “**mas** não quero depender de homem”. O verbo “depende” é completado pelo pré-construído oriundo de uma ideologia machista de origem burguesa, configurando-se como “depende financeiramente”, fato esse constitutivo do casamento tradicional, conforme significa a fala dessa mulher a respeito de casamento. Surge um lugar da falta instaurado pelo verbo “depende” que se completa por “financeiramente”, convocando uma memória do discurso machista nesse lugar vazio de significante.

Outro lugar considerado um vazio se dá na última seqüência do enunciado 10, quando aparece uma construção heterogênea pela forma do discurso relatado: “minha mãe sempre diz..”, predicado da seguinte forma:

“que não posso me casar”;  
 “porque sou muito bagunceira”;  
 “não seria boa dona de casa”

É um discurso indireto livre em que há a ambigüidade de vozes e tomada de posição. Não podemos determinar até onde vai a voz da mãe ou da entrevistada. A mistura das vozes demonstra a presença de um discurso “outro” que não pode ser controlado, já que a heterogeneidade do discurso é constitutiva.

A voz da mãe ou da entrevistada aponta para predicacões ideais para que uma mulher seja uma boa esposa: é preciso que ela não seja “bagunceira”, mas sim saiba dar conta dos deveres de uma boa dona de casa. Tudo isso remete a uma ideologia machista originária na Idade Média, conforme descrevemos no primeiro capítulo. Segundo essa ideologia à mulher está destinada a prática dos afazeres domésticos, as prendas do lar, o que se constitui como característica elementar na identidade feminina.

Se observarmos o enunciado 10 como um todo, verificamos a composição heterogênea explícita do mesmo: ao enumerar as atribuições de uma “boa dona de casa” (fala da mãe?) temos um discurso machista. Já em “não quero depender de homem”, temos um discurso feminista. Como vemos, ambos os discursos, mesmo que contraditórios, podem e constituem a fala da mulher: uma fala heterogênea.

O enunciado a seguir, traz a questão da educação formal como fator importante na vida da mulher:

**Enunciado 11:** *Quero, mas não agora. Quero estudar primeiro, me formar, para depois pensar em ter alguém (V.C, 19 anos).*

A justificativa é composta de um discurso sobre a educação como via de acesso a uma vida melhor e o casamento aqui é concebido como uma etapa posterior ao término dos estudos. A ideologia aqui já não é mais a da Idade Média, mas da modernidade, quando a mulher já tem direito aos bancos escolares mais avançados (como a universidade). Nessas novas condições de produção, contudo, ainda se mantém presente a importância e a necessidade do casamento na vida de uma mulher. A questão do casamento ainda é algo do nível do “evidente”/naturalizado pelo imaginário. Não necessariamente nesse momento se

coloca isso em questão, o que ocorre nessas novas condições de produção é um deslocamento que se dá em “quando” o casamento deve ocorrer. Surgem novas temporalidades, o que poderá ser observado no enunciado a seguir também:

**Enunciado 12:** *Quero casar, mas não tão cedo.* (P.P.B., 15 anos).

O enunciado 12 reflete essa mesma ideologia e ainda está presentificando um interdiscurso que afirma que até algum tempo atrás as mulheres deveriam se casar cedo, do contrário seriam vergonhosamente tachadas de “solteiras” ou “solteironas”.

Outro enunciado continua trabalhando com a questão da temporalidade:

**Enunciado 13:** *Quero, mas só quando encontrar o homem certo.* (M.S., 30 anos).

No funcionamento do enunciado 13, casar é algo importante, entretanto não é algo desrelacionado de algumas condições. Essas condições introduzem uma temporalidade. A mulher quer sim se casar, mas apenas “**quando** encontrar o homem certo”. O casamento já não basta por si mesmo, como numa ideologia machista originária da Idade Média, a mulher não quer mais casar com qualquer pessoa. A utilização de “homem certo” está ancorada na paráfrase “homem errado”, bastante difundida na fala feminina. Se há um “homem certo” para se casar, é porque há também “homem errado”. Isso denota também que a mulher tem direito à escolha, o que demonstra a interpelação por outra ideologia, intermediária entre o machismo e o feminismo. Contudo, a predicação ao homem “certo” não fica clara. Quem seria esse homem certo? O sentido de “certo” repousaria no pré-construído da sociedade cristã-ocidental-machista? Ainda há um discurso bastante difundido que faz frente a essa formulação: “homem é tudo igual”. Sendo assim, dialogam discursos oponentes, contraditórios, instaurando o lugar da heterogeneidade.

O próximo enunciado trabalha com esse mesmo efeito do “homem certo”. Entretanto, aparece um discurso contrário ao discurso romântico, pautado na prática e nos conselhos maternos:

**Enunciado 14:** *Sim, gostei muito de ser casada, mas tem que ser com alguém que você se dê bem, amor só não basta* (R.M.S., 51 anos).

A frase “amor só não basta”, enunciado do senso comum, atualiza uma voz imemorial que se reproduz na fala dessa mulher como se nela fosse originado. É o eco do senso comum, já legitimado. Surge ainda no interdiscurso uma fala que se ancora em uma formação discursiva capitalista, a qual afirma que, para se casar, é preciso também ter dinheiro, segurança financeira.

Outro ponto interessante aparece no enunciado 14. Um deslocamento ocorre quando se utiliza o significante “alguém”, ao invés de “homem”, como aparece em outros enunciados. Essa “escolha” lingüística parece dar lugar ao equívoco. Se observarmos os enunciados anteriores, quando se utiliza “homem”, esse significante funciona na relação de casamento e dependência financeira. Já quando aparece “alguém”, ele significa diferentemente. Abre espaço para outras pessoas estarem nesse lugar, que não apenas um companheiro do sexo masculino. O mesmo funcionamento de “alguém” também se manifesta no enunciado seguinte:

**Enunciado 15:** *Quero me casar e ter filhos. Essa não é exatamente uma necessidade, mas acho importante ter alguém para se dividir a vida, as coisas boas e ruins. E ser mãe é uma coisa maravilhosa, não quero me privar disso* (N.F.L., 27 anos).

As ocorrências de “alguém” nos enunciados 14 e 15 deslocam o discurso machista que coloca apenas o homem como provedor. Tudo isso porque, nas novas condições de produção da sociedade capitalista a mulher também trabalha, estuda e há outras possibilidades de constituições familiares.

“Casar”, no enunciado 15, vem relacionado a “ter filhos”. Na segunda frase, quando a entrevistada diz “essa não é exatamente uma necessidade”, refere-se ao casamento como ritual, legitimado pela ideologia cristã ocidental. O conceito de casamento, portanto, está atrelado aos moldes tradicionais, contudo há um deslocamento no que se refere ao desejo dessa mulher: ela quer “ter alguém pra

dividir a vida”, o que é algo necessário, mas não é propriamente “casamento”, conforme o conceito por ela mencionado.

Na fala seguinte aparece a desilusão com o casamento, aqui já conceituado de outra forma, já que o sujeito fala do lugar de alguém que já passou pela experiência e não foi bem sucedido.

**Enunciado 16:** *Sim, eu queria, mas se fosse hoje, não casaria novamente. É muito difícil, não é o sonho que a gente imagina quando é jovem e está apaixonada (T.V., 44 anos).*

Se observarmos, as adjetivações utilizadas para “casamento” são ruins: “é difícil”, “não é o sonho”. Nesses enunciados perpassam outros que vêm o casamento como algo bom, sonho de qualquer mulher, o que é negado nesse momento. A palavra “sonho” carrega uma ambigüidade de sentidos, que é dada pela filiação a duas redes discursivas: uma positiva, que vê o sonho como “algo que se deseja”; e outra negativa que vê o sonho como sinônimo de ilusão. No enunciado analisado, a palavra “sonho” se investe desses dois sentidos, significando no deslize entre um e outro.

Na próxima fala aparece um dado interessante a respeito do casamento: uma mulher que afirma estar afetada pela ideologia da época e, por isso, por questões contextuais, resolveu se casar.

**Enunciado 17:** *Na verdade eu não sei exatamente se era tanta vontade mesmo de casar. Acho que na época, no contexto em que eu vivia, zona rural, não tínhamos muitas opções, todas as moças se preparavam, eram educadas para casar, e comigo não foi diferente (E.C.B., 34 anos).*

A entrevistada que produziu o enunciado 17 vê o casamento como um caminho inevitável, dadas as circunstâncias históricas que determinavam a forma como as meninas deveriam ser educadas e o caminho que deveriam seguir.

Por fim, temos um exemplo diferente de concepção de casamento:

**Enunciado 18:** *Não sei, acho que quero, mas não agora. Casamento é estar atado, e para se atar com alguém precisa ser alguém que te compreenda, e que feche com o seu modo de levar a vida. O meu é bem complicado, então não sei se vou encontrar alguém. Mas não tenho medo de ficar sozinha* (C.S., 21 anos).

Aqui, o conceito de casamento muda, significa: “estar atado”, “atar com alguém”, uma privação da liberdade. Aparece ainda o contrário de casamento: “ficar sozinha”, o que produz o efeito de sentido de que não há outra possibilidade para a mulher. É importante ressaltar que aqui o conceito de casamento não é o mesmo de alguns excertos anteriores. Casar, para essa entrevistada é viver junto com alguém, não necessariamente um ritual, uma cerimônia religiosa ou civil.

O verbo que ela utiliza ainda para falar do relacionamento a dois é bastante interessante: “fechar”, alguém que “feche” com o seu modo de levar a vida. Parece surgir um equívoco aqui, que podemos perceber através da “escolha lingüística” da entrevistada. No enunciado 18 temos:

Casamento= estar atado

E, a condição para “atar-se” com alguém é:

“ser alguém que te compreenda” e

“que ‘feche’ com seu modo de levar a vida”.

As duas últimas frases mencionadas acima são complementares. São paráfrases “alguém que te compreenda” e “alguém que feche com seu modo de levar a vida”.

O final da fala da entrevistada a respeito de casamento -“mas não tenho medo de ficar sozinha”- está ancorado num enunciado anterior, que circula pelo interdiscurso, enunciado esse que afirma que as mulheres têm medo de ficar sozinha, daí a marca de negação, articulada com o operador argumentativo “mas”, que inverte a direção argumentativa no processo de produção de sentidos sobre o “ficar sozinha”. Vejamos como funciona o discurso e os enunciados que dialogam nessa produção de sentido:

E1: Não sei se vou encontrar alguém

E2: Isso é ruim, tenho que casar, tenho medo de ficar só

E3: (mas) não tenho medo

E2 decorre de E1 e é o interdiscurso que circula de uma posição ocidental cristã, originário de um discurso religioso. E3 é o enunciado trazido pela entrevistada, enunciado que nega os anteriores, o que é possível discursivamente pelas condições de produção e pela existência dos discursos anteriores (E1 e E2); e é possível lingüisticamente pela inversão argumentativa interposta pelo “mas”.

O “mas” é um operador bastante interessante do ponto de vista discursivo. Ele marca o lugar da heterogeneidade, é o indício do “outro” no texto, já que materializa a presença de mais de uma voz, mais de um discurso que dialoga na construção do enunciado. Na maioria das respostas à questão do casamento aparece o “mas” (enunciados 10,11, 12, 13, 14, 15, 16 e 18). Isso ocorre porque essas respostas situam-se entre uma posição tradicional (de origem machista) a respeito do casamento e novas possibilidades de concepção de casamento que surgem na contemporaneidade. Dialogam vozes machistas, feministas e ainda uma outra voz que situa-se entre os dois pólos, produzindo um discurso outro da mulher contemporânea, que vem trabalhando com as duas FD’s.

Como pudemos observar pelas falas das mulheres em relação ao casamento, temos muitos conceitos, dependendo do “lugar” de onde fala essa mulher. Ele aparece como instituição religiosa, social, união com um cônjuge do sexo oposto, “atamento”, algo “eterno” ou não, enfim, várias são as maneiras de se representar o casamento. Da mesma forma, as adjetivações variam entre algo bom, ruim, necessário, inevitável, obrigação, caminho para a felicidade, caminho para não ficar sozinha, etc.

Casamento parece ser algo do nível do “evidente”. Entretanto alguns deslocamentos são possíveis e aparecem na fala da mulher. Ela não reproduz somente um discurso machista-religioso- cristão. Apesar dele estar muito presente nas falas, surge ainda um discurso feminista e um discurso feminino da mulher contemporânea, o que possibilita outros efeitos de sentido dadas as novas configurações nos relacionamentos e dos papéis de homens e mulheres.

### 4.2.3 “VOCÊ QUER SER MÃE?”

O outro questionamento que fizemos foi a respeito da **maternidade**. Vejamos os enunciados que surgiram:

**Enunciado 19:** *Sim, quero ter filhos, mesmo que não case ( P.P.B., 15 anos);*

**Enunciado 20:** *Não vejo problema em ficar solteira, mas quero ter um filho, meu ou adotivo, não importa (M.M., 22 anos);*

**Enunciado 21:** *Quero ter um filho sim, mas gostaria que fosse tudo direitinho, depois que estivesse casada e bem estabelecida financeiramente (V.C., 19 anos);*

**Enunciado 22:** *Claro! Meus filhos são a melhor coisa que eu tenho, quando encontrar alguém legal, quero ter outro filho, os meus filhos são a única coisa boa que sobrou do meu casamento ( M.S., 30 anos);*

**Enunciado 23:** *Sim, ser mãe é muito bom, é por causa dos meus filhos que hoje eu não estou sozinha no mundo (R.M.S., 51 anos);*

**Enunciado 24:** *Sempre quis e não me arrependo. Adoro meus filhos (T.V., 44 anos);*

**Enunciado 25:** *Sim, ser mãe era algo que eu sempre quis. Mas agora já chega, já tenho dois filhos e é o suficiente (E.C.B., 34 anos);*

Todos os enunciados produzidos pelas mulheres entrevistadas revelam o desejo de ser mãe. Uma coisa interessante é que em nenhum deles apareceu o discurso religioso. Apenas na fala de uma senhora, que analisaremos separadamente no item 4.2.5. Materializa-se nas falas um desejo de ser mãe não justificado. Todas querem ter filhos, não explicam os motivos, como se fosse algo da “essência” feminina.

Os enunciados 19 e 20 apresentam um discurso diferente do 21. Neles, a maternidade não está necessariamente ligada ao casamento, aliás é um desejo que se sobrepõe a esse último. No enunciado 20, o conceito de ser mãe não está restrito a “gerar um filho”, já que a entrevistada afirma querer ter um filho, seja ele seu ou adotivo. Já o enunciado 21 revela que algumas mulheres ainda esperam casar para depois terem filhos, discurso originário de uma FD machista:

A maternidade em 21 depende de um casamento e também de independência financeira. Essas seriam as condições “ideais” para se ter um filho, sentido produzido por uma FD cristã e também uma FD capitalista. Essas “condições”, que na verdade são externas, passam a compor o “desejo” feminino, o que se denota da utilização do verbo “gostaria”. O fato de o verbo estar no futuro do pretérito pode configurar um equívoco. Será esse um desejo que não vem mais se realizando na contemporaneidade?

Contraditoriamente a esse discurso originário de uma FD machista, o discurso da mulher liberal, que quer ter uma profissão, bem aos moldes do discurso feminista aparece no próximo enunciado sobre a maternidade que, entretanto, não se compõe apenas de um discurso feminista, considerando que o discurso **feminino** de querer ser mãe ainda é preponderante.

**Enunciado 26:** *Quero, mas esse é um plano para um futuro ainda distante, penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos, quando eu tiver uma profissão definida e possa cuidar bem dele (C.S., 21 anos).*

Vemos aqui a maternidade totalmente desvinculada de casamento, entretanto a utilização de “talvez” em: “penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos” deixa a dúvida sobre ter um filho sozinha: o “talvez” refere-se a ter um filho

sozinha ou a “daqui alguns anos”? Parece que as duas coisas. O que dá margem, mais uma vez, a um equívoco na fala dessa mulher.

Considerando os pressupostos da AD em relação à heterogeneidade do sujeito e sua constituição pela falta, o que esses equívocos nos dizem acerca do “ser mulher” na contemporaneidade? A dúvida, a ambigüidade, a transição entre discursos contraditórios parecem constituir essa (nova?) mulher. A fixidez das identificações possíveis para uma mulher parece se deslocar, o que se evidencia pelos equívocos e faltas que configuram o discurso feminino.

Bem, depois da análise desses enunciados sobre a maternidade e o casamento, podemos dizer que as formas são diversas, mas a maioria das mulheres afirma querer se casar e foi unânime a opção por ter filhos.

A Psicanálise fala da maternidade como a forma mais clara de reaver o falo que se descobriu perdido durante a passagem pelo Complexo de Édipo. É na maternidade que a mulher, enfim, tem acesso ao falo, presentificado na figura do filho, daí sua importância na vida de uma mulher. “Do Édipo a mulher herdará, na melhor das hipóteses, a feminilidade e a promessa de receber (de volta?) o falo paterno na forma da maternidade” (KEHL, 1996: 45). O casamento é, também, uma forma de possuir o falo (através de um homem) do qual se abriu mão ao saber impossível a relação com o pai.

Apesar de heterogêneos os discursos aqui apresentados, tendo em vista a presença de discursos “outros” que os constituem, acreditamos que essas falas materializam o que chamamos anteriormente de “efeito-mulher”. Dizemos isso porque nesses enunciados falam vozes oriundas de FD’s bastantes arraigadas sobre o que é ser mulher. Temos nos excertos apresentados materializações do discurso machista, do discurso feminista, dos dois intercalados, entretanto todos dizem respeito a uma imagem já bastante delineada sobre o que é ser mulher que se refaz na fala dessas mulheres. Entretanto, percebemos que dentro mesmo desses enunciados e em outros que apresentaremos na seqüência habita uma fala que falha em muitos momentos, uma fala que denuncia que o “efeito” não ocorre perfeitamente, ou seja, o assujeitamento não se dá completamente sem falhas. É o ponto que retornaremos na seqüência:

#### 4.2.4 O QUE FALHA NESSE TAL DISCURSO FEMININO

Como vimos nos dois itens anteriores, mesmo em temas como a maternidade e o casamento, bastante sedimentados como pertencentes ao universo feminino, algo falha na reprodução das ideologias que regem os discursos sobre tais temáticas. Neste tópico pretendemos discutir especificamente o que falha nesse discurso produzindo o equívoco que denuncia a falta constitutiva do sujeito. Eles são a marca de um desejo e a presença do inconsciente, que não deixa de comparecer, a despeito da vontade do sujeito.

É na demanda endereçada ao Outro que circula o desejo, escamoteado, escondido, disfarçado na enunciação e nos intervalos do enunciado, nas pausas, nas exclamações e reticências; em suma, é na modalização da fala do sujeito que cabe avaliar a presença do desejo e a verdade que ele oculta (DIAS, 2006: 5).

A afirmação de Dias nos permite refletir sobre o que mencionamos no início deste capítulo (item 4.1) acerca das formas de investida no discurso feminino. É no decorrer da fala de um sujeito interpelado ideologicamente que percebemos algumas falhas, marcas lingüísticas que nos permitem visualizar uma falta, oriunda de um sujeito desejante que tem como dispositivo apenas uma língua que não dá conta de um Real que está latente.

Já diz a Psicanálise sobre a constituição do significante que ele nada mais é do que algo que remete a outro significante, portanto, algo se perde no entremeio desses dois significantes: “entre dois significantes há um furo” (MELMAN, 2005: 21), que revela a presença do “Outro”. São esses furos, esses momentos de lapsos que pretendemos observar como segundo ponto da nossa análise, entretanto observaremos esses acontecimentos segundo a noção discursiva de equívoco e de silêncio. Como já vimos anteriormente, “equívoco” é aquilo que falha no âmbito discursivo e o “silêncio” é visto por Orlandi (2002) como uma forma de significar: não dizer também é produzir sentido.

Começamos com um enunciado que se repetiu por duas vezes, o qual traz em sua formulação um furo visível da ordem do não dito:

**Enunciado 27:** *Eu gosto! Ser mulher tem muitas vantagens (não enumerou quais). Mas se eu pudesse nascer de novo, acho que preferia ser homem (M.S., 30 anos);*

**Enunciado 28:** *Gosto. Ser mulher é muito bom... (não soube dizer por quê). Há..sei lá..(T.V., 44 anos).*

**Enunciado 29:** *Eu gosto. Não sei porque, mas é bom ser mulher. (R.M.S., 51 anos).*

A primeira entrevistada (enunciado 27) responde (pelo que nos lembramos da entrevista) enfaticamente que gosta de ser mulher. A falta instaura-se quando ela é incitada a falar sobre as tais vantagens decorrentes do fato de ser mulher. E o encaminhamento do enunciado 27 soa estranhamente quando a entrevistada afirma que se pudesse nascer outra vez preferiria ser homem. No enunciado 28 ocorre a mesma coisa. A afirmação sobre gostar de ser mulher é seguida também por um silêncio a respeito dos motivos (“é muito bom” por quê? Quais as vantagens? Isso não é formulado). No enunciado 29 o “não saber” o(s) motivo(s) está formulado: “não sei porque”, mesmo assim a falta está presente constituindo o dizer e o sujeito e funcionando contraditoriamente à afirmação “é bom ser mulher”.

O silêncio é constitutivo do dizer, conforme nos ensinou Orlandi (2002). A partir da pista deixada por ele, podemos nos remeter à estrutura da mulher segundo a teoria psicanalítica: ela passa pelo Complexo de Édipo, abandona seu amor edípico sem ter um motivo palpável, a não ser o fato de obter sua feminilidade e o amor de um homem. “Seu falo é a feminilidade mesma, e podemos dizer que na rivalidade edípica ela não tem nada a perder a não ser...a feminilidade. Nada a perder a não ser tudo o que faz dela uma mulher” (KEHL, 1996: 45). Então se ela “escolheu” esse caminho, é porque crê de alguma forma que é bom ser mulher, entretanto falta a ela uma forma de simbolizar essas características que tornariam o fato de “ser mulher” agradável. Isso ocorre por estarmos sobre a égide de uma ordem fálica, onde o que é valorizado é justamente o que pertence ao masculino, pela identificação do falo, símbolo do poder, com o pênis.

Assim, não está na ordem do dizível a continuação do enunciado que foi dito. Contudo, a afirmação de que é bom ser mulher revela uma preferência pela feminilidade. A mulher não mente quando diz que gosta de ser mulher. O prazer está presente, mas denuncia uma falta, uma impossibilidade de simbolização pela linguagem, já que essa é decorrente da inscrição da mulher numa lógica fálica.

A maioria das respostas para o questionamento “você gosta de ser mulher?” foi afirmativa, como é o caso das suas respostas apresentadas acima. Entretanto, apesar de afirmativas, essas respostas são produzidas por enunciados ou faltantes, ou ambíguos, como é o caso do seguinte:

**Enunciado 30:** *Não gosto, quer dizer, às vezes sim às vezes não* (V.C., 19 anos).

A primeira resposta do enunciado 30 é a negação à pergunta sobre gostar de ser mulher, que vem seguida de uma retificação: “quer dizer”, e de um enunciado ambíguo: “às vezes sim às vezes não”. A incerteza da resposta parte de uma incerteza da mulher em relação mesmo a sua condição. Se a feminilidade às vezes parece algo positivo, em muitos momentos também parece um destino difícil pela determinação de uma formação ideológica patriarcal.

Alguns enunciados trazem uma característica bastante atribuída à mulher: o fato dela ser sentimental, mais ligada ao aspecto emocional, o que é uma construção balizada no discurso da essência feminina.

**Enunciado 31:** *Gosto, mulher é mais sentimental e também mais respeitada* (P.P.B., 15 anos).

Algo se estilhaça no enunciado acima. As características atribuídas à mulher parecem estar numa disposição de complementariedade, mas não há nenhuma explicação razoável para isso: “mulher é mais sentimental e também mais respeitada”. Ela é respeitada porque é sentimental? Ou são duas características distintas? Que mulher é respeitada? Apenas aquela que é sentimental? Essas questões parecem circular, mas ficam no ar, em decorrência da fala dessa mulher, abrindo espaço para um equívoco que é constitutivo da mulher e da sua fala que se apresenta como lacunar. Também podemos pensar que as características

“sentimental” e “respeitada”, unidas pelo operador “e também”, estão colocadas cumulativamente. Há uma relação lógica que aparece como efeito de sentido: O signifiante “mulher” é predicado através de um modo de subjetivação do discurso universal: toda mulher é “sentimental” e “mais respeitada”, portanto, se você é mulher será “sentimental e também mais respeitada”.

Apenas uma das entrevistadas disse não gostar de ser mulher. Entretanto, não deu prosseguimento ao assunto, apenas afirmou que preferiria ser homem.

**Enunciado 32:** *Não, preferia ser homem* (C.S., 21 anos).

No enunciado 32 parece assentar-se um interdiscurso bastante divulgado após o advento do feminismo, que revela as vantagens de ser homem e, sobretudo, as desvantagens da mulher em relação ao homem. É pela presença desse interdiscurso que um enunciado como esse faz sentido e basta a si mesmo, dispensando maiores explicações, já que há um pré-construído sobre as vantagens masculinas na configuração da sociedade desde muito tempo.

Esse discurso da superioridade feminina vem ancorado ainda na produção de uma formação discursiva machista e patriarcal, segundo a qual tudo o que pertence ao masculino é considerado melhor. Para a mulher a assimilação de qualquer atributo masculino é tida como um ganho, já que sua feminilidade é um destino assegurado, e a bissexualidade é um traço mais marcante na mulher. Em contrapartida, para um homem a assimilação de qualquer atributo feminino é tido como uma perda, uma perda da sua masculinidade. Sobre isso afirma Kehl (1996):

Sabemos que a mulher sente a conquista de atributos “masculinos” como um direito seu, reapropriação de algo que de fato lhe pertence e há muito lhe foi tomado. Por outro lado, a uma mulher é impossível se roubar a feminilidade: se a feminilidade é máscara sobre um vazio, todo atributo fálico virá sempre incrementar essa função. Já para o homem toda feminização é sentida como perda- ou como antiga ameaça que afinal se cumpre (KEHL, 1996: 26).

Um discurso interessante para se pensar os equívocos decorrentes de uma interpelação da mulher pela ideologia dominante se dá através da duplicidade dos discursos presentes nos enunciados sobre a suposta emancipação da mulher nos dias atuais que analisamos em 4.2.1. Isso pode ser percebido no nível mesmo da

formulação: ao dizer que a “*mulher pode fazer quase tudo*” (enunciado 3), uma falta é instaurada, afinal ela pode fazer “quase”, mas não tudo, sem falar no silenciamento sobre o que efetivamente ela não pode fazer.

No enunciado 4- “*Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás*”- podemos observar a materialidade desses discursos contraditórios através das “escolhas” lingüísticas feitas, como na oposição: “*é claro*” e “*mas*”. “É claro” insere algo dado como verdade inquestionável: o fato da mulher não poder ter a mesma liberdade que o homem; contraditoriamente, o “mas”, em seu papel adversativo, faz uma ressalva, afirmando a “liberdade” atual conquistada pelas mulheres.

Parece um paradoxo, mas o nosso dizer se constitui pela falta. É a não completude característica da linguagem e característica também do sujeito, que, por sua vez, ao utilizar a linguagem e “falhar” constantemente, demonstra essa falta constitutiva. A interpelação do sujeito pela ideologia e o atravessamento pelo inconsciente o tornam dividido, o que se materializa na sua fala. É isso que podemos observar nos exemplos que analisamos neste tópico. Entretanto, é importante ressaltar, que a fala da mulher como um todo é composta através dessa constituição faltante, ou seja, o discurso feminino é, constitutivamente, composto de muitos “outros” discursos.

#### 4.2.5 “UM CASO EXEMPLAR”:

No corpus que fomos constituindo para este trabalho, surge uma entrevista que consideramos merecer uma análise pormenorizada.

Trata-se de uma entrevista realizada com uma senhora de 83 anos<sup>29</sup>, que materializa em sua fala uma contradição bastante visível, já que apresenta discursos oriundos de FD’s divergentes. A senhora entrevistada viveu efetivamente dois períodos bastante distintos no que diz respeito ao trato com a mulher em nossa sociedade, fato esse extremamente relevante na constituição do seu discurso que, sendo veiculado num momento de transição, em que as práticas discursivas femininas apontam para uma “libertação” da mulher, atualiza-se, mas ainda mantém

---

<sup>29</sup> Entrevista gravada e transcrita (transcrição em anexo).

muito firme um discurso de tradição patriarcal que entra em conflito com o outro discurso (de base feminista).

Sendo assim, acreditamos que os enunciados analisados servem como exemplo extremo da contradição das práticas discursivas que compõem a fala da mulher atual e que a constituem de forma heterogênea e “faltosa”. Procuraremos demonstrar na análise que se segue de alguns fragmentos da entrevista as práticas discursivas opostas que constituem a fala dessa mulher. Consideramos que essa fala não é apenas um acontecimento individual, mas exemplo das práticas discursivas que circulam a respeito da mulher e que, por isso, pode ser estendida ao discurso feminino da contemporaneidade como um todo.

Sabemos que a nossa memória discursiva é composta por discursos que circulam desde muito tempo e nos vêm como herança, como um saber discursivo herdado: “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2003: 31). Ocorre que essa memória compõe-se de muitos discursos que se contrapõem e se colocam de forma contraditória, já que as formações discursivas (FD’s) perpassam uma a outra. Há “relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente” (FOUCAULT, 2004: 32), portanto os enunciados que podem ser reunidos em uma mesma FD estão sempre “dialogando” com outros, pois não podemos pensar as FD’s como “blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ORLANDI, 2003: 44).

Dessa maneira, o discurso feminino se constitui de maneira heterogênea e, podemos dizer, muitas vezes de maneira contraditória, dada a sua constituição histórica, em que se digladiam discursos como o patriarcal e o feminista. Isso se dá em razão das tantas reconfigurações pela qual a mulher vem passando, “das contradições que sentimos entre as diferentes maneiras em que fomos representadas até para nós mesmas, das injustiças que temos há tanto tempo suportado em nossas situações” (Newton, J. *apud* SCOTT, 1992: 91-92).

Outro aspecto interessante é a questão da “falta”, do “equivoco” que percorre todo o discurso e a constituição do próprio sujeito. Quando pensamos no discurso de uma senhora de 83 anos, provavelmente acreditamos que se trata de um discurso

constituído de práticas discursivas oriundas de uma ideologia de base patriarcal, tendo em vista pressupor seu assujeitamento a essa FD nas condições sócio-históricas dadas. Entretanto, ao observarmos sua fala, percebemos que esse assujeitamento não se dá sem falhas. Em sua fala perpassam enunciados divergentes em relação a um discurso de base patriarcal ou machista.

Por outro lado, poderíamos pensar que o discurso de uma mulher que vive no século XXI (caso da entrevistada), ano de 2006, se constitua a partir de falas recortadas da memória de um discurso feminino, com base num discurso feminista talvez, o que também não ocorre totalmente. Assim, o que nos parece é que a fala dessa mulher não está presa a nenhuma única constituição, mas é heterogênea, faltosa, assim como o próprio sujeito, que é interpelado, mas sempre resiste de alguma forma.

A teoria psicanalítica nos dá substrato, sobretudo, ao tratar da constituição do sujeito “para discutir a complexidade e a instabilidade de quaisquer identificações de sujeito. A masculinidade e a feminilidade são encaradas como posições de sujeito, não necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos” (SCOTT, 1992: 89). Entretanto não discutiremos esse aspecto, como já afirmamos em outro momento, mas tão somente nos remontaremos à psicanálise para pensar o “assujeitamento” e ainda considerar a influência de um “outro”, que pode a nossa memória discursiva, ou ainda um “Outro” inconsciente, condição necessária para toda simbolização e, portanto, para toda a utilização da linguagem.

A entrevistada passou efetivamente por duas fases distintas no que se refere ao trato com a mulher na sociedade, o que vem marcado em sua fala:

**Enunciado 33:** *Você sabe, homem pra mim, eu acho que agora eles já são bem mais diferentes do que no tempo que eu casei assim, né?*<sup>30</sup>

A diferença de que a senhora trata é dividida, conforme sua fala, entre o tempo em que ela se casou e o tempo atual, e toma como ponto de referência o homem: o efeito de sentido que se constrói é de que foi o homem que mudou e, por isso, as condições para a mulher também. Há dois tempos a partir dos quais ela

---

<sup>30</sup> Todo o texto apresentado em itálico são recortes da entrevista analisada. A transcrição da entrevista completa encontra-se anexada no final do texto.

pauta sua fala: o “agora” e o tempo em que se casou. De qualquer forma, materializa-se nessa fala o fato de que a entrevistada passou efetivamente em sua vida por períodos bastante diferenciados no que diz respeito à posição da mulher e do homem na sociedade.

Separamos em seguida enunciados recortados da entrevista em três sessões: o discurso em que aparece predominantemente uma FD feminista, depois a machista e, por último, enunciados em que ambas as FD’s estão em pé de igualdade, configurando (talvez?) uma NOVA FD. Esses discursos (machista e feminista) não aparecem reproduzidos exatamente da mesma forma na fala dessa mulher, mas retornam como simulacro, uma vez que representam outros acontecimentos discursivos.

Faz-se necessário esclarecer a diferença que estabelecemos nesta análise entre *discurso feminino* e *discurso feminista*: tomamos por discurso feminino todo discurso que se origina de uma posição discursiva feminina, os discursos logicamente estabilizados no imaginário social ocidental como produzidos por mulheres. Esses discursos, não necessariamente veiculados por mulheres empíricas, do sexo feminino, mas produzidos numa posição discursiva feminina, funcionam de tal forma que conduzem à formação de uma prática discursiva reconhecida como feminina, portando conteúdos como: maternidade, casamento, beleza, relacionamentos etc., discursos considerados como típicos femininos. Já quando falamos em discurso feminista, estamos nos remontando a discursos que se originam ou reproduzem o discurso feminista clássico, do movimento feminista, tomado numa acepção mais radical.

#### **4.2.5.1 UM DISCURSO FEMINISTA?**

O movimento feminista é um marco na mudança de paradigmas da representação feminina. Com a máxima da igualdade, “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (SCOTT, 1992: 67-68). Depois de algum tempo, as denominadas como “feministas radicais” foram aquelas que passaram a divulgar um discurso de superioridade feminina e tomada de lugar do homem, em resposta aos anos de subordinação. É claro que hoje em dia, sobretudo na fala de uma mulher que não está e nem esteve engajada no movimento feminista, esse discurso chamado feminista retorna de formas

diferentes. Todavia, o movimento feminista “não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado” (idem, ibidem: 65).

Resquícios de um discurso “feminista”, portanto, podem ser verificados na fala da nossa entrevistada em momentos como o seguinte, em que se reproduz (apesar de haver um deslocamento que explicitaremos na seqüência) um discurso de sobreposição da mulher em relação ao homem:

**Enunciado 34:** - *Negativo? Pois... na minha opinião acho que não, acho que não tem nada negativo porque a gente que faz tudo né, a gente pensa bem, faz bem, não pode deixar pra trás né essa missão. Ser mulher é coisa louca de boa!*

No enunciado seguinte ainda aparece uma demonstração de orgulho de ser mulher, inconcebível em qualquer discurso de base patriarcal, em que a mulher fica sempre em segundo plano, relegada à invisibilidade:

**Enunciado 35:** *Gosto bastante, ser mulher é tudo na vida, sabe? Na minha opinião é o esteio da casa, assim, é mulher.*

A questão que aparece nos enunciados 34 e 35 é que há um deslocamento em relação a uma FD machista no que diz respeito ao modo de predicar a mulher: “faz tudo”, “missão”, “esteio da casa”. Tudo isso é predicado positivamente: “Ser mulher e coisa louca de **boa**”, “ser mulher é **tudo na vida**”, No discurso machista a mulher deveria fazer tudo: educar filhos, cuidar da casa, etc., fazer tudo em relação ao espaço familiar/doméstico/da intimidade, de modo submisso, sem reivindicar direitos iguais. Dessa forma, pelo efeito ideológico, isso parecia “natural”, o “tudo” assim significado era o universo feminino.

Ao mesmo tempo que esse discurso apresentado pela entrevistada se constitui pelo discurso machista, portanto, ele faz frente, “rearranja-se”, atualiza-se em relação ao discurso feminista (que predica negativamente as atividades do ambiente doméstico). Assim teríamos:

- Discurso feminino constituído na relação com discurso machista: sem predicação (algo natural, da ordem do dever)

“é tudo na vida”

“a gente faz tudo”

“essa missão “

Esses enunciados, dentro de uma ideologia machista apontariam para um efeito de normalidade: o lugar da mulher é esse mesmo. “Tudo” é igual: missão/casa, que é igual: atividade doméstica, que é igual: espaço privado.

Já o discurso feminino constituído na relação com o discurso feminista “radical” traria uma predicação negativa: isso é ruim, “tudo” = esteio da casa = lugar doméstico é visto como algo menor, desvalorizado, que deve ser suprimido.

Entretanto, tal como se apresenta o discurso feminino, temos uma formulação em relação a um discurso feminista que possibilita uma predicação positiva:

- “gosto **bastante**”

- “coisa louca de **boa**”

O lugar doméstico é considerado algo importante, bom, a ser preservado. Percebe-se, então, nesse enunciado, um deslocamento em relação ao discurso machista, e também um deslocamento em relação ao discurso feminista clássico.

Ainda é relevante descrever que esse funcionamento se realiza sob o duplo efeito: o do pré-construído e o de sustentação, condição da presença do interdiscurso e, portanto, de sua constituição heterogênea. O “tudo” trabalha, na primeira seqüência, sob o efeito do pré-construído machista- faz tudo o quê? Faz bem o quê?- considerando como algo já dado e do conhecimento de todas as atribuições designadas à mulher. Em “tudo na vida”, dessa mesma perspectiva, a falta do significante completa-se no pré-construído como aquilo relativo ao campo doméstico, mas também pode ser o lugar de possibilidade do deslocamento. No segundo enunciado, essa interpretação é preenchida/saturada: “esteio da casa”, reescrevendo esse pré-construído no nível da formulação.

Se partimos de uma FD feminista, entretanto, no enunciado 35 alguma coisa falha, pois se observarmos a segunda parte destacada do enunciado, a mulher é o “esteio”, entretanto é o “esteio **da casa**”, espaço reservado à mulher dentro de uma ideologia patriarcal e não feminista!

Creemos que esses enunciados estejam, portanto, na tensão entre os discursos feminista e machista, constituindo-se como um discurso feminino afetado

por um discurso feminista, mas que se constitui por um deslocamento, pelo menos no que diz respeito ao discurso feminista clássico.

Numa outra questão, quando perguntamos se a mulher tem mais liberdade, a entrevistada afirma que a mulher tem mais “apoio”, ou seja, não necessariamente liberdade. Reconhece que o tratamento entre homens e mulheres mudou, afinal agora “cada qual cuida de si e pronto”, o que reflete uma postura feminista de não depender e nem dar satisfação ao homem.

**Enunciado 36: Pesquisadora:** *A senhora acha que a mulher tem mais liberdade com isso?*

*- Sabe ,eu acho que a mulher tem mais apoio né, porque assim antigamente eles eram muito como é que se diz, muito rigidamente, a vida entre um e outro né. Eles eram assim, um observava o outro, agora não, eles tem uma vida, cada qual cuida de si e pronto né e também, é bem bom isso.*

Há nessa fala um deslocamento visível em relação ao papel do homem também. Ela dá um lugar positivo para ele nessa nova conjuntura temporal. Vejamos:

- “Antigamente”:
- “muito rigidamente”
- “um observava o outro”

Temos aqui nesse tempo “antigamente” um efeito de que isso não era bom para o homem também, afinal a liberdade de ambos estava cerceada. No segundo momento “agora”, uma mudança ocorre:

- “eles têm uma vida”

Entende-se o complemento dessa “vida” como vida íntima, espaço privado em relação ao espaço público, e relação ao espaço do trabalho, uma vida em que “cada um cuida de si”, o que é predicado positivamente: “bem bom”, o que significa que a mudança é positiva tanto para a mulher quanto para o homem.

Também é interessante que ela não fala “casal”: utiliza o pronome “eles”, tanto para o passado (eles-“vida entre **um** e **outro**”), quanto para o presente (eles-

**cada** qual cuida de **si**), o que produz um efeito, da perspectiva da fala dessa mulher, de que em nenhum dos tempos, eles se constituem como “casal”.

Entendemos que esses enunciados (34 a 36) trazem algo do discurso de base feminista, mesmo não tendo a força do movimento feminista em si, sobretudo por considerarmos quem é o sujeito locutor, uma senhora de 83 anos, da qual se poderia esperar apenas um discurso de base machista.

#### **4.2.5.2 UM LUGAR PARA UM DISCURSO MACHISTA NA FALA DE UMA MULHER DO SÉCULO XXI**

O discurso machista perpassa toda a fala da entrevistada, em muitos momentos de forma velada, em outros de forma explícita. Entendemos que isso ocorre em função de uma dominação muito forte e ainda presente na vida da mulher. Mesmo que não tenhamos vivido uma situação real de submissão em relação ao homem, os discursos sobre essas práticas ainda nos constituem e determinam o que chamamos de discurso feminino. A própria mulher, mesmo sem ter consciência disso, reproduz enunciados machistas, oriundos de uma ideologia patriarcal que por muito tempo dominou as práticas sociais e determinou as diferenças entre os gêneros.

Um primeiro ponto que aparece na entrevista é o fato de que a mulher deve estar sempre satisfeita, “feliz”, trabalhando. Não há nenhuma justificativa para tal satisfação e felicidade, parece ser simplesmente seu dever. O homem deve encontrar a mulher sorridente em casa, afinal ela não tem do que reclamar:

**Enunciado 37:** *E pra isso né a gente está sempre feliz, satisfeita, trabalhando né? Querendo trabalhar, e quem trabalha melhor ainda né, porque aí dá bastante valor, cuida dos afazeres, cuida dos filhos, cuida do trabalho, a vida assim, será mais interessante.*

Há, contudo, um deslocamento em relação a uma ideologia patriarcal, quando a entrevistada fala da questão do trabalho: “e quem trabalha melhor ainda né?”. Nesse discurso materializa-se a possibilidade da mulher trabalhar fora de casa, o que se torna visível (mesmo que não explícito na sua fala) a partir de um interdiscurso da atualidade baseado na prática da mulher atual trabalhar fora de

casa. Esse discurso abre uma outra possibilidade de interpretação em que o trabalho pode significar duplamente: como trabalho fora de casa ou a consideração das atividades domésticas como “trabalho”. Constrói-se um espaço de ambigüidade para o significante “trabalho”, que pode ser completado tanto pela FD patriarcal, machista, no sentido de “trabalhar fora de casa”, quanto pode incorporar “atividades domésticas” (cuida dos afazeres, filhos) como trabalho com remuneração, lugar do homem, portanto. A repetição da forma lingüística “trabalho”: “trabalhando” “trabalhar”, “trabalha” “trabalho”, respectivamente enfatizam as múltiplas utilizações e efeitos de sentido. Essa hipótese dos afazeres domésticos do campo privado serem vistos como trabalho, se for correta, configuraria um deslocamento em relação a um discurso machista de ideologia patriarcal. É interessante, ainda, que quando ela afirma “dá bastante valor” há um lugar vazio de interpretação a ser preenchido no interdiscurso – o sujeito- quem dá bastante valor? O homem? E então só as expressões “valor”, “interessante”, “trabalha” designariam a posição da mulher que já reconhece a importância daquilo que faz.

Ainda é importante salientar, em relação a esses enunciados, a recorrência de expressões de intensidade, que significam o trabalho fora de casa como hierarquicamente superior (o que revelaria uma posição machista), o que é materializado lingüisticamente através das expressões: “melhor”, “bastante”, “mais”. O que observamos, é que há a tentativa na fala da mulher de escapar do discurso machista, mas ao mesmo tempo ela se constitui determinada por ele. Assim, mesmo havendo o equívoco ele não recobre toda a constituição da mulher enquanto sujeito. Aqui parece prevalecer ainda a “mulher-efeito”.

Na seqüência dos discursos que reproduzem um assujeitamento da mulher ao discurso machista, aparece nos enunciados produzidos por essa senhora, as “obrigações” da mulher:

**Enunciado 38:** *O meu dia a dia agora que estou sozinha continua assim: levantar bem cedo, fazer minhas obrigações, fazer comidinha pra meu filho.*

Ela poderia usar qualquer outra palavra, mas a “escolha” não é aleatória, porque ela realmente toma como “obrigação” os afazeres domésticos, o que vem dado por uma prática discursiva consolidada pela ideologia patriarcal, repetida por

vozes masculinas desde muito tempo e incorporada à fala da mulher por reproduzir a ideologia dominante. Segundo Emanuel Araújo, no Brasil do período colonial, a educação feminina era “dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos” (ARAÚJO, 2000: 50). Assim, muitas vezes a “conquista” do mercado de trabalho pela mulher parece na verdade ter surgido como a incorporação de uma dupla jornada de trabalho, já que o serviço doméstico ainda continua destinado a ela e tomado como sua “obrigação”.

Há ainda a expressão “continua assim”, vestígio de um discurso machista, que revela interpelação à ideologia machista, tendo em vista a falta de outra forma de se subjetivar. Quando o marido estava presente, ela precisava cumprir suas “obrigações”, agora que ele já não está mais com ela, ela não vê outra forma de levar sua vida, então ela “continua assim”, como se esse fosse o único modo possível de se subjetivar como mulher.

Alia-se ao discurso machista, em muitos momentos, um discurso religioso. Sabemos que, historicamente, eles sempre estiveram ligados. O discurso cristão, mais especificamente, reproduz um discurso machista bastante latente: o casamento está ligado à procriação e ambos são “obrigações” femininas. Conforme Emanuel Araújo, “Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (idem, *ibidem*: 52).

Ainda compõe o discurso machista de que a mulher deve ser submissa, mãe, frágil, um discurso médico-biológico:

Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina deveria obedecer, os médicos reforçavam tão-somente a idéia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico; ser mãe, frágil e submissa, ter bons sentimentos, etc.”(DEL PRIORE, 2000: 83).

Um enunciado como o seguinte, por exemplo, é composto de todos esses discursos que mencionamos e que se ressignificam na fala da mulher:

**Enunciado 39:** *De ser mãe, também, sabe, porque ser mãe é bem importante porque a gente luta bastante né pra cumprir as obrigações e é uma coisa divina né? Então temos que jamais deixar de ter a sua prole.*

Essa posição da mulher como mãe aparece como lugar “eterno”, o que podemos verificar a partir das pistas lingüísticas que se repetem e formam essa discursividade: “luta” (significando que sempre lutou, é uma prática contínua); “jamais deixar”, “coisa divina”. Todas essas expressões produzem o sentido da maternidade como algo eterno, que não se tira, algo da essência da mulher.

Se observarmos, no enunciado 38 também aparecem expressões do mesmo campo semântico: “continua” e “sempre”, o que vai delineando o papel da mulher sob um efeito de estabilização, continuidade, ligado à essência feminina. Esse discurso está arraigado desde muito tempo, conforme mencionamos no primeiro capítulo sobre a história da mulher.

No excerto seguinte, a senhora fala da mudança do homem e aparece um enunciado estereotipado como machista que soa estranhamente numa fala feminina, considerando que a senhora que fala não o faz em tom irônico:

**Enunciado 40: Pesquisadora:** *A senhora acha que mudou bastante coisa?*

*- Mudou, mudou, bastante eu acho que agora o homem está num caminho muito importante. Ele faz de tudo, cuida da casa, cuida dos filhos, cuida do serviço e o homem que, afinal de contas é o chefe né? É o chefe que tem que se impor bastante, não deixar a mulher passar muito na frente dele né? Tem que partilhar de tudo né?*

Mais uma vez, a sombra do discurso machista constitui a fala dessa mulher que reconhece a mudança pela qual o homem vem passando, entretanto ainda o vê numa posição de superioridade, resquício de uma ideologia patriarcal. Veja-se que há marcas lingüísticas que materializam a superioridade do homem em relação à mulher: “muito importante”, “de tudo”, “bastante”. A memória desse discurso machista é permeada mais uma vez por um discurso religioso, originário do período medieval: “o fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade” (ARAÚJO, 2000: 46).

Ocorre, entretanto, um equívoco na última linha do excerto. Na frase “não deixar a mulher passar **muito** na frente dele né?”, o advérbio “muito” denota um

saber compartilhado (o que se materializa pela presença do “né” no final da frase”) de que a mulher vem passando na frente do homem. Vejamos: o homem é o chefe, assim afirma a entrevistada, entretanto, ao dizer que ele não pode deixar a mulher passar “muito” na frente dele, escapa uma fala que afirma esse acontecimento, mesmo que ainda se silencie de que forma ou em que aspectos a mulher vem tomando frente em relação ao homem.

O mesmo ocorre no próximo enunciado:

**Enunciado 41: Pesquisadora:** *A senhora acha que a mulher tem passado às vezes na frente do homem?*

*- Muitos tem a mulher já é tudo, tem mulher até assim já, que dirige carro, dirige ônibus, dirige caminhão, então o homem tem que se impor, que isso era serviço deles só, né? Agora as mulheres já estão se equiparando, estão indo carreira junto né?*

Temos aqui a paráfrase discursiva: “e o **chefe** que tem que se impor”, e “o **homem** tem que se impor”, em que são tomados como sinônimos “chefe” e “homem”, o que garante sentido de superioridade, de autoridade para o homem. Isso é complementado pelo espanto da entrevistada em relação às atividades realizadas pelas mulheres hoje em dia, o que reflete uma ideologia pautada num discurso machista, principalmente quando ela afirma que o homem precisa se impor.

A questão do trabalho, que aparece no enunciado analisado, é algo que sempre causou tumulto nas relações entre homens e mulheres e causa da grande divergência do movimento feminista que, por muito tempo, defendeu a igualdade nas condições de trabalho e a capacidade da mulher de realizar com a mesma ou até maior eficácia os trabalhos considerados “masculinos”. Contraditoriamente a essa postura feminista, o machismo, balizado numa ideologia patriarcal e também religiosa, vê a mulher como ser frágil e incapaz, e, por isso, destinado apenas aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Nessa fala materializa-se a questão de que há “serviço” de homem e serviço de mulher; e um efeito do sentido da essência e do eterno em relação aos gêneros.

#### 4.2.5.3 DISCURSOS FEMINISTA E MACHISTA INTERCALADOS: HETEROGENEIDADE

A análise dos enunciados anteriores deixa claro que ambos os discursos- machista e feminista- constituem a fala da mulher. Em alguns momentos um se sobrepõe ao outro, mas algo sempre “escapa” e fura a interpelação ideológica. Em outros momentos, porém, percebemos que os discursos machista e feminista aparecem num mesmo enunciado de forma explícita, o que nos leva a supor que eles realmente compõem a fala da mulher de maneira contraditória. O enunciado seguinte materializa bem esse acontecimento:

**Enunciado 42:** *Porque agora eles partilham da afinidade da casa, eles ajudam criar os filhos diferente. Tem homens aí, que eu vejo por aí que fazem de tudo, até tinha, até pra uma mulher era difícil botar uma fralda, já tenho visto homem em atividade bem assim, sabe? Então é importante que o homem agora já está bem no caminho de entender aquilo que está imposto pra ele, não é de correr, não quero ser isso, não quero ser aquilo porque é feio, não senhor, ele partilha de tudo, e é muito bom.*

Ao mesmo tempo em que a entrevistada apresenta surpresa ao falar dos homens que “até” já trocam fralda, ela deixa claro que o homem deve ter as mesmas “obrigações” da mulher, “partilhar” do cuidado da casa e dos filhos. Esse “até” é atribuído também à mulher na fala “até pra uma mulher era difícil botar fralda”, e, nesse caso, a interpretação é diferente: se nem a mulher, que seria a responsável por fazê-lo (conforme os pressupostos de uma ideologia de base patriarcal/machista), não conseguia muito bem, o homem tem feito isso: “já tenho visto homem em atividade bem assim”. Afinal o homem é superior, não era nem a função dele e ele faz. Aqui temos um discurso feminino, podemos dizer.

A palavra “obrigações” (baseada numa FD machista com origem na Idade Média) no jogo parafrástico aparece em relação com “imposto”, constituindo uma ligação que pontua a possibilidade de se escapar do eterno/daquilo que é destinado (o destino) para o homem e para a mulher. Aqui o sentido de “obrigação” se mobiliza

em relação à enunciação “o homem está no caminho de entender o que esta **imposto** pra ele”; suas “funções” se modificam e as obrigações domésticas e em relação aos filhos também passam a fazer parte do universo masculino. Aparece uma FD machista advinda da expressão “obrigações” e uma feminista, quando a mulher utiliza o significante “imposto”, para designar as atividades que o homem deve realizar neste momento.

Surge ainda a negação de uma fala masculina machista, colocada em forma de discurso relatado direto: “não quero ser isso, não quero ser aquilo por que é feio”, ao qual a mulher responde, como num diálogo: “não senhor!”. Ou seja, aqui a contradição que perpassa a formação identitária da mulher da nossa época, coloca-se em forma de diálogo, coexistindo no mesmo espaço e constituindo contraditoriamente esse sujeito mulher que fala nesse momento. A mulher ao mesmo tempo fala COMO o homem e fala COM o homem.

Esse ponto é extremamente relevante para nossa reflexão sobre a mulher atual porque marca explicitamente, via heterogeneidade mostrada, a heterogeneidade constitutiva da mulher. É ainda o lugar que materializa um NOVO discurso, decorrente de uma nova posição possível para a mulher na contemporaneidade. Antes ela não podia falar COM o homem, tinha apenas que ouvi-lo e obedecê-lo; também não podia falar COMO ele, pois seu lugar de mulher não permitia, porque sua “essência” era outra (dada pela “verdade” da época). Agora os papéis se deslocam e a relação homem e mulher também, o que permite deslocamentos na fala da mulher que produz um discurso “outro”, diferente da FD machista e da feminista.

A análise, ainda que sumária, que fizemos da fala dessa senhora de 83 anos permite que reflitamos acerca da identidade feminina. Pensamos que a identidade não pode mais ser vista sob o signo da homogeneidade, mas justamente pela heterogeneidade, pela presença inquietante de um “Outro” no Um, e ainda pela quebra de paradigmas trazida pela contemporaneidade.

A sombra de um discurso machista, de base patriarcal, ainda fala em nós, assim como o discurso feminista clássico retorna ressignificado em nossa fala. Ambas as práticas discursivas, embora contraditórias, compõem o que unitariamente chamamos de discurso feminino, discurso esse que não é fechado, homogêneo, mas conjuga várias fontes, por vezes oponentes, em sua composição.

Dessa forma, a identidade feminina não pode ser tomada como um conceito fechado, dadas as condições do sujeito na contemporaneidade. Podemos dizer que ela vem sendo (des) construída, já que constituída de forma heterogênea, com base num sujeito atravessado pela memória discursiva (ou interdiscurso) e pelo inconsciente. Se a mulher se constitui justamente pela “falta”, pela contradição, é a partir daí que precisa ser vista, justamente pelo que “falha” na sua pretensa homogeneidade identitária.

#### **4.3 JUNTANDO OS PEDAÇOS: FECHAMENTO DE UMA ANÁLISE INCOMPLETA**

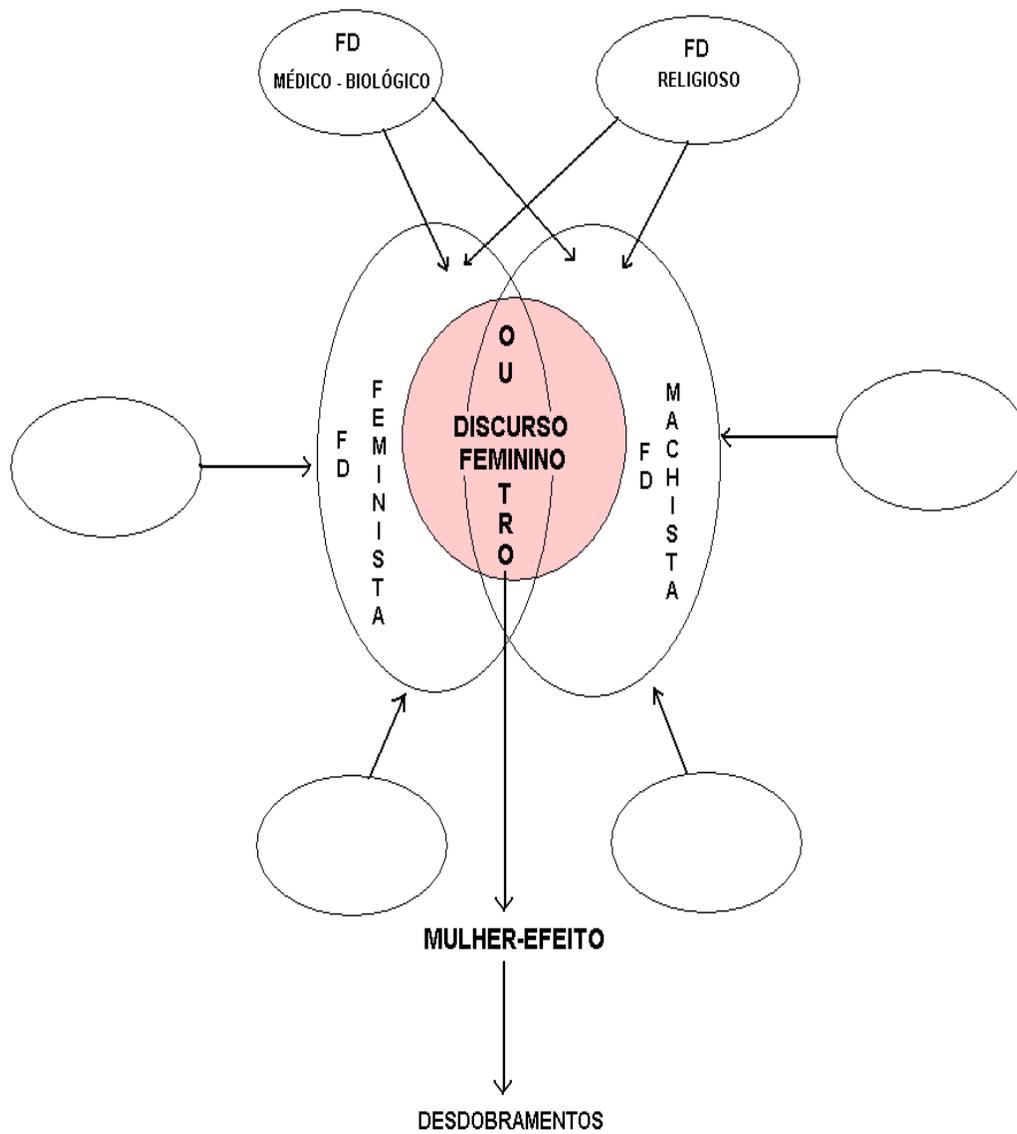
As palavras por vezes nos faltam, aprendemos isso na própria análise realizada e no contato com a AD e a Psicanálise. Pêcheux sabia disso, ao falar da heterogeneidade e Lacan também o sabia, ao construir uma teoria a partir de matemas para tentar dizer o indizível.

A linguagem, lacunar que é, não foi diferente conosco. Os efeitos de sentido deslizam e às vezes parece que um fechamento nos é impossível. Temos uma análise fragmentada. Um sentimento de angústia decorre disso, entretanto não há como fugir dele sendo nós seres incompletos, desejanter. Considerando isso, e sabendo da impossibilidade da completude, resolvemos fechar esta análise através de uma outra forma de simbolização. Pensamos com isso possibilitar uma visualização (no sentido concreto do termo) do discurso feminino, juntando-o em sua constituição heterogênea através de um fluxograma.

Quando falamos do discurso feminino na contemporaneidade e sua constituição heterogênea, o vislumbramos a partir dos discursos que o compõem e podem ser nomeados: como a FD machista e a FD feminista. Essas duas FD's coexistem no discurso feminino numa relação de dominância em relação a outros discursos. Também consideramos o afetamento do discurso feminista e machista pelas FD's médico-biológica e religiosa, sendo que essas FD's aparecem com bastante frequência (por isso as ressaltamos no fluxograma), significando diferentemente conforme o lugar em que comparecem. Junto com essas FD's há ainda várias outras possíveis que compõem o discurso feminista, machista e, portanto, o discurso feminino, daí os balões em branco, que representam essas possibilidades.

Aliado a toda essa formação heterogênea ainda há o Outro, que atravessa toda formulação por ser intrínseco à constituição do sujeito falante. Dessa determinação pelo “Outro” decorrem os equívocos, que corporificam a presença do desejo, dada a interposição de um sujeito faltante. O equívoco se coloca na tensão que se constrói pela própria constituição do sujeito mulher: a **mulher-efeito** produz uma dicotomia dada pelo assujeitamento e pela falha que ele mesmo produz. Daí resulta um sujeito feminino que corporifica ao extremo a heterogeneidade.

Se não é possível fechar sem falhas, vamos tentar unir os fragmentos que conseguimos juntar. Sem mais delongas, que o fluxograma explique-se por si mesmo. A falta? As lacunas? São necessárias!



## **FALTA AINDA ALGUMA COISA... CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mulher, mulheres, discurso feminino, identidade, mulher-efeito, sintoma. Significantes que latejaram durante toda a realização desse trabalho. Concluir? Não sabemos se é possível concluir alguma coisa, entretanto alguns pontos foram lançados para se pensar a identidade da mulher nesse período contemporâneo, por isso preferimos falar em “considerações finais”.

Nosso objetivo neste estudo era refletir sobre a identidade da mulher no cenário contemporâneo. Para isso, resolvemos trabalhar com o discurso oral feminino, considerando que essa modalidade do discurso, sendo mais desprovida de planejamento, era o lugar de onde poderia emergir um material lingüístico que pudesse ser representativo da fala feminina. Escolhemos mulheres de perfis diversificados, ao todo 10 (dez) entrevistadas, para as quais colocamos a seguinte questão: “Você gosta de ser mulher? Por quê?”. Com esse questionamento pensamos dar vazão à fala da mulher, seguindo o princípio psicanalítico da associação livre, já que gostaríamos de observar o discurso produzido por posições discursivas femininas.

Dessa forma, acreditamos contribuir para os estudos sobre a identidade feminina, tendo em vista que a maioria dos estudos existentes enfocam a questão da construção da identidade feminina por outros meios, via mídia ou discurso masculino, por exemplo. Se o indivíduo se constitui em sujeito ao tornar-se um sujeito falante e, então, ser interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, é justamente pela SUA fala que poderemos observar sua constituição como sujeito e, em decorrência disso, as possibilidades de identificação.

A hipótese inicial do projeto era de que a mulher reproduziria em suas falas discursos de origem machista. Isso não se revelou totalmente falso. Entretanto, percebemos que aparecem outros discursos que também constituem a fala feminina, como o discurso feminista, contraditório ao discurso machista. Pensado desse modo, a interpelação da mulher como sujeito se dá não através de uma FD fechada, balizada numa FI única, mas justamente na tensão entre várias FD's, por vezes oponentes, como é o caso da FD machista e feminista. As mulheres do nosso tempo

são constituídas em sujeitos falantes, o que chamamos de **efeito-mulher**, através da interpelação de FI distintas, que as perpassam concomitantemente.

Outro ponto importante das nossas considerações acerca da formação subjetiva da mulher é o atravessamento pelo inconsciente. A insistência de uma instância “Outra”, que não deixa nunca de se inscrever, perpassa toda essa formação do sujeito, deixando uma falta que se materializa na linguagem, o que verificamos nos equívocos.

A partir dessas “falhas”, faltas do discurso feminino, consideramos importante uma reflexão psicanalítica acerca da constituição da mulher. Daí a noção de sintoma, discutida no segundo capítulo, que nos permite pensar a estrutura da mulher, o que se verifica no seu discurso.

Trabalhamos com a constituição da mulher a partir do mesmo “efeito” ilusório de constituição do sujeito, pelo qual ele se pensa completo e dono do que diz- efeito-sujeito-. Tornar-se mulher é assimilar um conceito que vem junto com o significante “mulher”, conceito esse imaginário e produzido historicamente pelas práticas discursivas. Esse significante só produz o efeito de interpelação do indivíduo pela noção de gênero à medida que está investido de sentido pela determinação das posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico de (re) produção das palavras e dos discursos sobre o que é ser mulher. A esse fenômeno chamamos “efeito-mulher”.

Considerando o efeito-sujeito, ou “efeito-mulher”, podemos afirmar que, ao nomear um indivíduo “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário. Mesmo que, como afirmou Lacan, “*A Mulher não exista*”, ou melhor, não exista como conjunto, existe um efeito homogeneizante do que é ser mulher, o que é construído via palavra do homem.

Contudo, ao observarmos o funcionamento do discurso feminino, percebemos que esse efeito nem sempre funciona, porque sempre há um espaço para a falta. Aí entram os pressupostos psicanalíticos de constituição do sujeito. A materialização da falta no discurso feminino revela-se nos equívocos produzidos, o que denuncia uma falta que é constitutiva de todo sujeito e ainda mais evidente no caso da mulher.

Assim, ao mesmo tempo em que a mulher é interpelada pela ideologia e pelo discurso dominante (masculino) -efeito-sujeito-, ela também carrega o fado de ser

sintoma, ou seja, portar uma verdade negada, uma falta que nos é impossível de ser simbolizada. A impossibilidade do ser unificado, revelado pela falta constitutiva, afirma um sujeito heterogêneo, em que falam vozes “outras” (interdiscurso) e ainda há o afetamento pelo grande “Outro”, negligenciado ao entrarmos no nível simbólico, mas constitutivo e, portanto, sempre existente e resistente, interpondo-se onde a linguagem falha.

Como pensar, então, essa noção de heterogeneidade do sujeito em relação à mulher? Acreditamos que, ao situarmos a mulher como “efeito”, mas um efeito que falha, a colocamos na tensão entre dois pólos: um regido pela determinação histórico-ideológica e outro que se coloca a partir do desejo, da falta que constitui todo sujeito. Pensando nessa bipolaridade, situamos o sujeito sob o signo da heterogeneidade. Se considerarmos ainda a questão da constituição feminina, podemos afirmar que a mulher apresenta de forma mais clara, em função da sua estrutura, essa manifestação heterogênea.

As identidades são efeitos construídos a partir dos discursos. Dessa maneira, observamos que as mulheres, como não poderia deixar de ser, estão sob esse “efeito identitário” que é dado pelas práticas discursivas sobre o que é ser mulher e que elas (re) produzem em suas falas, mas também “escapam” a essa determinação, caminhando para outras possibilidades de identificação, o que configura os desdobramentos em relação ao “efeito-mulher”.

Dessa forma, as mulheres que entrevistamos ainda estão determinadas pelo “efeito-mulher”. Suas falas (re) produzem discursos de uma interpelação com base no que circula sobre o que é ser mulher. Ainda dão extrema importância ao casamento, à maternidade, querem trabalhar, estudar, ter “mais” liberdade, ainda são conservadoras em relação à liberdade sexual, ainda vivem a partir de uma FI patriarcal, ou seja, valorizam muito tudo que diz respeito ao mundo masculino. Entretanto, há o discurso feminista que já produz deslocamentos, entre muitos outros discursos que constituem a fala da mulher. Mais que isso, há algo que “desestabiliza” dentro do discurso da mulher, que é a presença do discurso do “Outro”, que se faz via atos falhos, conteúdos reticentes, pausas, escolhas lingüísticas que soam estranhamente, dentre outros equívocos.

A mulher de hoje se constitui, pelo que podemos perceber através das nossas análises, pela mascarada da heterogeneidade. Explicamos: leva ao máximo o princípio da constituição do sujeito como heterogênea. Assim, a mulher parece

corporificar a heterogeneidade, já que faz surgir com mais frequência a presença de um discurso repleto de equívocos, discurso que não é somente seu, mas reflete o posicionamento de uma sociedade em vias de mudança e em fase de desestabilização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, B. M; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 45-77.

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Trad. Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990.

\_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BARDWICK, J. M. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas*. Trad. Wanda de Oliveira Roseli. São Paulo: DIFEL, 1981.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 607-639.

BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRAIT, B. (org). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: Fapesp, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 223-240.

DIAS, M.G.L.V *O sintoma: de Freud a Lacan*. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 2, maio/ago/2006, p.p. 399-405.

ENGEL. M. *Psiquiatria e Feminilidade*; In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.p. 322-361.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I- Vontade de saber*. (1976) 14 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal: 2001.

FREUD, S. *Feminilidade*. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol XXII (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.p. 139-165.

GADET, F.; TAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

GREGOLIN, M; R, V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. P.p. 23-44.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

KEHL, M. R. *A mínima diferença: feminino e masculino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. Joyce, o Sintoma. In: *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.p. 560-566.

\_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.p. 653-691.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. Trad Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário XX. Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAURENT, D. *O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma*. Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, ano 1, nr. 02, maio a outubro de 2006. Disponível em [www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_02/traducao.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/traducao.htm). Acesso em 07/07/2007.

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Trad, Ricardo C. Barbosa; posfácio: Silvano Santiago. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MELMAN, C. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Revista Tempo Freudiano, nº 6, Rio de Janeiro, agosto de 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NAGERA, H. *Teoria da Libido*. São Paulo: Cultrix, 1981.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed, 2003.

\_\_\_\_\_. Do sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, Sp: Pontes, 2001. p. 99-108.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio*. Campinas, UNICAMP Editora, 1992.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (1975) Trad. De Eni P. Orlandi et al. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PRIORE, M. D (Org). *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino*. In: *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 78-114.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M. e GROSSI, M. P. *Masculino, feminino, plural gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p.p. 21-41.

\_\_\_\_\_. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 578-606.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997/1998.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Soares São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.p.p. 63-96.

SOIBET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 362-400.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

STREY, M.G. *Psicologia Social Contemporânea- livro-texto*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VENÂNCIO, R.P. Maternidade negada. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 189-222.

# **ANEXOS**

## ANEXO 01<sup>31</sup>

### 1. Entrevista: M.M. , estudante universitária , 22 anos, solteira, Irati-PR

#### Você gosta de ser mulher? Por quê?

“Não sei, pergunta difícil.. (...) Eu queria ser meu irmão, pra poder ter mais liberdade...viajar, pode fazer muitas coisas. Meu irmão desde cedo saiu de casa pra trabalhar, mas pra mulher já é mais complicado, mulher não pode trabalhar em qualquer coisa, então eu fui ficando”.

#### O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?

“Tudo tem um limite...tem muitas loucas que fazem.mas.não é permitido e não é fácil. (...) eu posso fazer o que eu quiser, mas as conseqüências são mais graves”

#### Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?

“Ficaria. Eles pensam que usam a gente, vamos usar eles também...” Mas não transaria com dois...”

#### Você quer se casar?

“Não me vejo cuidando de uma casa, mas tenho umas pira de me vestir de noiva...” Não quero casar, quero ter alguém..., mas não quero depender de homem..” “Minha mãe sempre diz que não posso me casar porque sou muito bagunceira, não seria uma boa dona de casa”

#### Você quer ser mãe?

Não vejo problema em ficar solteira, mas quero ter um filho, meu ou adotivo, não importa..”

### 2. Entrevista: V. C., estudante universitária , 19 anos, solteira, Irati-PR.

---

<sup>31</sup> As entrevistas que apresentamos a seguir são fragmentos, porque não fizemos anotações enquanto conversamos com as entrevistadas. Fizemos este relato *a posteriori*, priorizando apenas as questões principais dentro da entrevista, entretanto procuramos manter o máximo de fidedignidade ao conteúdo e forma da fala das entrevistadas.

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não gosto, quer dizer, às vezes sim às vezes não”, “mulher é proibida de fazer muitas coisas, tudo não pode, enquanto homem pode tudo”, “o único lado bom é que, por isso o homem tem mais responsabilidades”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher hoje já pode trabalhar, escolher se quer ficar com alguém ou não, mas não pode fazer muitas coisas...”

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“ Não, acho complicado, falaria muito, só se fosse bem escondido...”

**Você quer se casar?**

“Quero, mas não agora. Quero estudar primeiro, me formar, para depois pensar em ter alguém”

**Você quer ser mãe?**

“Quero ter um filho sim, mas gostaria que fosse tudo direitinho, depois que estivesse casada e bem estabelecida financeiramente”.

**3. Entrevista: P. P. B., estudante, ensino médio incompleto, 15 anos, solteira, Guarapuava-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Gosto, mulher é mais sentimental e também mais respeitada”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher não pode ficar com muitos parceiros, é feio. Pra homem não é tão feio, mas pra mulher é”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Ficaria, se fosse escondido e tivesse chance.”

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico nervosa, choro, descontro nos outros, principalmente na minha mãe.”

**Você quer se casar?**

“Quero casar, mas não tão cedo”.

**Você quer ser mãe?**

“Sim, quero ter filhos, mesmo que não case”.

**4. Entrevista: M. S., empregada doméstica, 30 anos, separada, 2 filhos, ensino fundamental incompleto, Guarapuava-PR<sup>32</sup>.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Eu gosto!” (enfaticamente). Ser mulher tem muitas vantagens (não enumerou quais). Mas se eu pudesse nascer de novo, acho que preferiria ser homem”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher não pode sair fazer o que quiser”.

**Você ficaria com dois homens numa noite só e/ou trairia durante uma relação?**

“Não traio nunca, durante o meu casamento nunca trai o meu marido. Ficar com dois na mesma noite eu até ficaria, mas não transaria com dois, aí já é demais”

**O que você faz quando leva um fora?**

“Há...depende, quando terminou meu casamento, por exemplo, eu fiquei triste, mas ao mesmo tempo foi um alívio, porque meu marido era ruim pra mim. Agora quando levo um fora de algum namorado, fico meio pra baixo por algum tempo”.

**Você quer se casar novamente?**

“Quero, mas só quando encontrar o homem certo”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Claro! Meus filhos são a melhor coisa que eu tenho, quando encontrar alguém legal, quero ter outro filho, sos meus filhos são a única coisa boa que sobrou do meu casamento”.

**5. Entrevista: R.M.S., 51 anos, aposentada, viúva, 3 filhos, ensino fundamental incompleto, Guarapuava-PR<sup>33</sup>.**

---

<sup>32</sup> “M” tem uma história muito interessante que me contou. Ela “fugiu” aos 14 anos com um homem bem mais velho, que só conhecia por carta. Essas cartas eram escritas e lidas por uma parente sua que a encorajou a “fugir” com o “namorado”, já que seu pai era muito rígido. Com esse homem conheceu o sexo e a rotina de um relacionamento a dois bastante tradicional, em que a mulher deve ser totalmente submissa ao homem. “Você não imagina as coisas que eu tinha que fazer”, diz “M”, referindo-se à prática sexual, que afirma ter sido uma experiência horrível no início. Depois, fala que “aprendeu” a gostar do marido, mas ele batia nela, tentou por várias vezes matá-la, tudo isso porque tinha ciúmes e imaginava que ela pudesse ter outro homem, sobretudo quando ela não queria manter relações sexuais com ele.

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Eu gosto. Não sei porque, mas é bom ser mulher”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer, se não fica suja, mal falada”(referindo-se a questões sexuais).

**Você ficaria com dois homens numa noite só ou teria um amante se fosse casada?**

“Não, de jeito nenhum. Não teria um amante (nunca tive) e também não ficaria com dois homens na mesma noite. Eu até fico com vários, mas um de cada vez”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico chateada, bebo, mas não choro”.

**Você sempre quis se casar, se casaria novamente?**

“Sim, gostei muito de ser casada, mas tem que ser com alguém que você se dê bem, amor só não basta”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Sim, ser mãe é muito bom, é por causa dos meus filhos que hoje eu não estou sozinha no mundo”.

**6. Entrevista: T.V, funcionária pública, 44 anos, casada, 2 filhos, ensino médio completo, Guarapuava-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Gosto. Ser mulher é muito bom...” (não soube dizer por quê) “Há..sei lá...”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás”.

---

<sup>33</sup> “R” é uma senhora um pouco divergente dos padrões, apesar do seu discurso não denunciar isso. Ela sai com muita frequência, tem romances ocasionais, “aproveita a vida”, conforme ela mesmo disse. Outro detalhe é que ela bebe bastante, já foi alcoólatra. Hoje, toma uns “pileques” de vez em quando. O fato de beber e sair com frequência faz com que não seja muito bem vista na sociedade, conforme pude averiguar com outras pessoas que a conhecem. Apesar disso, sua postura não é promíscua ou desequilibrada, pelo menos foi o que percebi durante a conversa que tivemos.

**Você trairia o seu marido, teria um amante?**

“Não, não faria isso. Apesar de eu ser “viúva de marido vivo”, já que ele trabalha fora e nos vemos só de vez em quando. Mesmo assim não teria um amante não”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Não sei, não me lembro de ter acontecido. Também já faz tempo que eu sou casada, que já não penso nessas coisas. Quando me decepciono ou brigo com meu marido fico triste, às vezes choro, mas tem os filhos e é preciso não demonstrar instabilidade para eles”.

**Você sempre quis se casar?]**

“Sim, eu queria, mas se fosse hoje, não casaria novamente. É muito difícil, não é o sonho que a gente imagina quando é jovem e está apaixonada”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Sempre quis e não me arrependo. Adoro meus filhos”.

**7. Entrevista: N.F.L, professora, 27 anos, solteira, ensino superior completo, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Nunca pensei sobre isso, mas acho que gosto sim. Ser mulher é bom nós somos mais sensíveis, temos nossas dores, mas é bom...”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher é privada de muitas coisas, é claro que isso vem diminuindo muito, mas mesmo assim ainda estamos em desvantagem em relação aos homens, principalmente no que diz respeito ao aspecto sexual”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Não sei porque teria motivos para ficar com dois garotos, acho que não. Prefiro qualidade e não quantidade”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico deprimida, se for de namorado. Fora de alguém em uma noite acho que nunca levei, não lembro, a gente sempre espera que o homem chegue, por isso não corremos muito esse risco”.

**Você quer se casar? Você quer ser mãe?**

“Quero me casar e ter filhos. Essa não é exatamente uma necessidade, mas acho importante ter alguém para se dividir a vida, as coisas boas e ruins. E ser mãe é uma coisa maravilhosa, não quero me privar disso”.

**8. Entrevista: E.C.B., 34 anos, professora universitária, casada, 2 filhos, ensino superior completo, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não sei. Na verdade não sei como é ser homem, mas imagino que talvez seja melhor, sei lá”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Ah, a mulher é privada de muitas coisas. Ela não tem de jeito nenhum, apesar de toda a evolução, a mesma liberdade do homem. O homem desde cedo tem privilégios, pode sair de casa mais cedo, não há tanta vigilância por parte dos pais; pode se envolver com quantas mulheres quiser ou puder” (risos). “Para a mulher tudo já é mais cheio de regras, temos que manter um certo padrão moral”.

**Você ficaria trairia o seu marido, teria um amante?**

“Não, Não vejo necessidade. Amo meu marido e o dia que sentir que quero traí-lo, acho que está na hora da separação. Gosto das coisas muito bem claras, sem mentira. Traição é sacanagem”.

**O que você faz quando tem uma decepção amorosa?**

“Não sei, faz tempo que não tenho, já que sou casada há 15 anos. Mas acho que todo mundo fica chateado, depressivo, depois passa, tudo passa”.

**Você sempre quis se casar?**

“Na verdade eu não sei exatamente se era tanta “vontade” mesmo de casar. Acho que na época, no contexto em que eu vivia, zona rural, não tínhamos muitas opções, todas as moças se preparavam, eram educadas para casar, e comigo não foi diferente”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“ Sim, ser mãe era algo que eu sempre quis. Mas agora já chega, já tenho dois filhos e é o suficiente”.

**9. Entrevista: C.S. , estudante, 21 anos, solteira, ensino superior incompleto, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não, preferia ser homem”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher na verdade pode fazer tudo o que quiser, o problema são as conseqüências, nosso meio ainda é muito conservador, a mulher é privada de muitas coisas”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Sim, sem problema, se estivesse com vontade e surgisse oportunidade, acho que temos que aproveitar a vida, Há momentos em que não se pode se deixar de fazer algo por se preocupar com o que os outros pensam”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico um pouco triste, mas logo parto pra outra, se tem uma coisa que não fico é curtindo fundo-de-poço, prefiro sair numa balada e esquecer”.

**Você quer se casar?**

“Não sei, acho que quero, mas não agora. Casamento é estar atado, e para se atar com alguém precisa ser alguém que te compreenda, e que feche com o seu modo de levar a vida. O meu é bem complicado, então não sei se vou encontrar alguém. Mas não tenho medo de ficar sozinha”.

**Você quer ser mãe?**

“Quero, mas esse é um plano para um futuro ainda distante, penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos, quando eu tiver uma profissão definida e possa cuidar bem dele”.

**ANEXO 2****Transcrição de entrevista:**

**“Iracema” 83 anos, dona de casa, viúva, 2 filhos.**

**Pesquisadora:** É, então, o que a senhora pensa sobre ser mulher, a senhora gosta de ser mulher?

- Gosto bastante, ser mulher é tudo na vida, sabe? Na minha opinião é o esteio da casa, assim, é mulher. E pra isso né a gente está sempre feliz, satisfeita, trabalhando né? Querendo trabalhar, e quem trabalha melhor ainda né, porque aí dá bastante valor, cuida dos afazeres, cuida dos filhos, cuida do trabalho, a vida assim, será mais interessante.

**Pesquisadora:** É...A senhora foi casada?

- Sim, sim, casada 36 anos.

**Pesquisadora:** E depois a senhora não casou mais?

- Não, não, não casei mais .Eu não acho que não ...dizem assim que ninguém é insubstituível, mas eu acho assim que meu marido foi, é insubstituível, foi, será. Eu tenho impressão assim que ele não morreu, sabe como é? Que eu ainda estou casada, que ele está viajando, está me esperando, espere lá que qualquer dia eu chego. Se Deus quiser, porque a minha vida aqui foi depois dele, além da tristeza né, foi bastante batalhada. Sozinha, eu tinha só dois filhos, casados já, eu tive que me virar e estou me virando até hoje.

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tem?

- 83 .

**Pesquisadora:**83? E como é o seu dia a dia assim, o que que a sra faz?

- O meu dia a dia agora que estou sozinha continua assim: levantar bem cedo, fazer minhas obrigações, fazer comidinha pra meu filho, sair dar umas voltinhas por aí, plantar meu jardimzinho, assim por diante.

**Pesquisadora:** A senhora tem quantos filhos?

- Dois, casados.

**Pesquisadora:** E, a senhora acha que existe algum ponto negativo no fato de ser mulher? Alguma coisa que seja ruim em ser mulher.

- Negativo? Pois... na minha opinião acho que não, acho que não tem nada negativo porque a gente que faz tudo né, a gente pensa bem, faz bem, não pode deixar pra trás né essa missão. Ser mulher é coisa louca de boa!

**Pesquisadora:** E qual é essa missão, o que a senhora entende como missão?

- Como missão é assim, né: viver, trabalhar, respeitar e ser respeitada, sabe? Tudo isso eu acho importante pra uma mulher.

**Pesquisadora:** E o fato de ser mãe?

- De ser mãe ,também, sabe, porque ser mãe é bem é bem importante porque a gente luta bastante né pra cumprir as obrigações e é uma coisa divina né? Então temos que jamais deixar de ter a sua prole.

**Pesquisadora:** A senhora sempre quis ser mãe?

- Sempre quis, não de prole grande, eu pensava sempre mais ou menos assim e fui, assim como se diz é, atendida, porque eu queria uns dois, três assim, tive dois, bem criados, bem educados e assim por diante.

**Pesquisadora:** E como a senhora vê o homem, que que a sra acha, qual que é o papel do homem na sociedade, como é que ele está hoje, qual que é a diferença com a mulher...

- Você sabe, homem pra mim, eu acho que agora eles já são bem mais diferentes do que no tempo que eu casei assim, né? Porque agora eles partilham da afinidade da casa, eles ajudam criar os filhos diferente. Tem homens aí, que eu vejo por aí que fazem de tudo, até tinha, até pra uma mulher era difícil botar uma fralda, já tenho visto homem em atividade bem assim, sabe? Então é importante que o homem agora já está bem no caminho de entender aquilo que está imposto pra ele, não é de correr, não quero ser isso, não quero ser aquilo porque é feio, não senhor, ele partilha de tudo, e é muito bom.

**Pesquisadora:** A senhora acha que a mulher tem mais liberdade com isso?

- Sabe ,eu acho que a mulher tem mais apoio né, porque assim antigamente eles eram muito como é que se diz, muito rigidamente a vida entre um e outro né. Eles eram assim, um observava o outro, agora não, eles tem uma vida, cada qual cuida de si e pronto né e também, é bem bom isso.

**Pesquisadora:**A senhora acha que mudou bastante coisa?

- Mudou, mudou, bastante eu acho que agora o homem está num caminho muito importante. Ele faz de tudo, cuida da casa, cuida dos filhos, cuida do serviço e o homem que, afinal de contas é o chefe né? É o chefe que tem que se impor bastante, não deixar a mulher passar muito na frente dele né? Tem que partilhar de tudo né?

**Pesquisadora:** A senhora acha que a mulher tem passado às vezes na frente do homem?

- Muitos tem a mulher já é tudo, tem mulher até assim já, que dirige carro, dirige ônibus, dirige caminhão, então o homem tem que se impor, que isso era serviço deles só, né? Agora as mulheres já estão se equiparando, estão indo carreira junto né?

**Pesquisadora:** E isso é bom ou é ruim será?

- Eu acho que é bom, eu acho que é bom.

**Pesquisadora:**Ta bom, a senhora quer falar mais alguma coisa?

- Pois eu acho que não, nós já falamos tudo né? Eu achei tão bom, a gente nunca conversou assim , a não ser...ainda mais assim você bonitinha, vizinha da gente né, é prazer estar conversando né? Conversando a verdade...

**Pesquisadora:** Claro. É...A sra autoriza a usar o que a senhora falou pra minha pesquisa, posso utilizar o que a senhora falou, sem divulgar a sua identidade claro.

- Pode, pode, não tem problema. É tudo verdade né?

**Pesquisadora:**Muito obrigada, então.

- Não tem de que.















## UMA MULHER VAI FALAR: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mais um trabalho a versar sobre a identidade feminina, questão bastante debatida na academia neste período contemporâneo em que vêm sendo colocadas em pauta as identidades possíveis para o homem desse tempo. Uma ressalva faz-se necessária, entretanto. Não queremos aqui “construir” nada, considerando que já tomamos como pressuposto a existência de identidades plurais para a mulher atual. Talvez a palavra seja “desconstruir”. Não no sentido de jogar tudo fora, mas de repensar, decompor ou entender como se compôs o que chamamos atualmente de identidade feminina.

Como se trata de um trabalho em Análise do Discurso (doravante AD), pretendemos observar como as práticas discursivas foram construindo os discursos que norteiam o processo identitário da mulher. A fundamentação teórica parte da 3ª fase da Análise do Discurso, alguns textos de Michel Foucault e De Certeau, e a Psicanálise, que nos auxilia a pensar um sujeito descentrado e individualizado. Buscamos compreender de que maneira foi se constituindo um imaginário social que cristaliza uma idéia de mulher homogênea, criando um efeito de naturalização do que é ser mulher, o que é um efeito ideológico que se faz via simbólico (linguagem). A concepção de discurso que tomamos como ponto de ancoragem é o de discurso como prática discursiva, como heterogêneo, perpassado pelo interdiscurso e pelo inconsciente. Bem, isso já é discussão para a metade do trabalho. Vamos partir do começo, de onde tudo começou:

O interesse pela temática da mulher encontra-se no simples fato da pesquisadora SER mulher. Parece bastante razoável, não? Talvez não. Nem todas as mulheres interessam-se pelo fato de como ou por que se tornaram mulheres ou mesmo pelo que é ser mulher. Vejamos, então, outra alternativa possível. Toda pesquisa parte de um incômodo. E sempre me incomodou muito ser mulher<sup>34</sup>. Sempre quis compreender as imposições aplicadas às mulheres, as características tão peculiares, as condutas padrão, enfim, o infortúnio e a delícia de SER mulher.

Situando-se num programa de Mestrado em Letras, concentração em Estudos Lingüísticos e linha de pesquisa Estudos do Texto e do Discurso, cremos que o

---

<sup>34</sup> Tomo aqui a liberdade, a despeito das regras acadêmicas, de mesclar, na escritura dessa introdução, as primeiras pessoas do plural e do singular. Utilizo esse recurso por considerar que, em alguns momentos, a escritura torna-se muito pessoal, o que requer a utilização de um “eu”, bem aos moldes da ilusão narcísica que nos constitui.

presente trabalho configura-se em mais uma contribuição no âmbito da linguagem, já que trabalha com um registro específico de linguagem (oral), um público específico (feminino) e busca investigar o processo identitário que se dá via linguagem na sua relação com a ideologia, história e inconsciente. Dessa forma, a pesquisa é pertinente e coerente com a linha de pesquisa, bem como se presta ao diálogo tão necessário entre os trabalhos produzidos na academia e, mais precisamente, neste programa de mestrado, na esteira de outros trabalhos também produzidos na perspectiva na Análise do Discurso, área que vem sendo reforçada nesse contexto.

Primeiramente a idéia do projeto era comprovar a presença recorrente do discurso machista na fala da mulher. Essa era a questão que me instigava: como pode a própria mulher carregar em seu discurso uma fala essencialmente machista? Essa hipótese surgiu da observação das falas das mulheres que me cercavam e, sobretudo, num hábito bastante peculiar a nós que é o de criticar umas às outras.

Diante da inquietação e das leituras que realizamos, o percurso da pesquisa começou a ser alterado. Durante o encaminhamento do trabalho, o próprio *corpus* acabou nos levando por outros caminhos: percebemos que a hipótese inicial era falha. O discurso de origem machista até aparecia na fala das mulheres, mas não era essencialmente o que o constituía. A assimilação desse discurso dominante não se fazia do modo perfeito como imaginávamos. A hipótese foi sendo redefinida em relação às primeiras impressões e em função dos recortes do *corpus*. Muitos outros discursos compunham a fala da mulher, inclusive o feminista. O ponto central, todavia, foi a descoberta da constituição por um discurso “outro”, algo do nível do inominável, os equívocos de linguagem, o que observamos a partir dos apontamentos da AD da terceira fase que se embasa nos princípios da Psicanálise.

O contato com a **Análise do Discurso** de linha francesa, área da qual nos valem para fundamentar teoricamente este trabalho, deu-se ainda na graduação em Letras. Fascinação imediata. Pensar os processos de significação para além da língua por ela mesma, considerar o papel da ideologia, da história, parecia-nos um caminho interessante. A descoberta de um sujeito descentrado, não-dono do seu dizer desestabilizava a nossa ilusão de sujeitos completos. Mas era exatamente essa desestabilização que explicava muitos fatos, fazia surgir novos questionamentos e desobrigava a relação com uma lingüística imanente, e uma lingüística das intenções.

Transitar por outras áreas também se fazia necessário. Pensar a constituição da mulher enquanto sujeito exigia uma leitura para além da lingüística. O que torna uma mulher uma mulher: seria a anatomia, a história, a cultura? Dentro da graduação em Psicologia encontramos um caminho na Psicanálise: ser mulher era também conter uma ESTRUTURA de mulher, o que se dá via linguagem. Na nova história também vimos um caminho necessário e determinante para entender a constituição da mulher atual.

Intercâmbio teórico concluído, começa a dura trilhagem por três áreas do conhecimento. O ponto comum: a linguagem, ou neste caso: o discurso, apesar de sabermos que cada uma das áreas tem uma concepção de discurso diferente. Tomamos esse ponto de ancoragem como material fértil para pensar a identidade feminina.

Com esse projeto em mãos, pretendemos tomar o discurso feminino, analisando-o segundo os pressupostos da AD. Para isso acreditávamos que a maneira mais adequada seria tratar da identidade feminina via discurso produzido por posições discursivas femininas<sup>35</sup>, considerando que nos tornamos sujeito via linguagem. Tendo isso em vista, passamos a coletar entrevistas com várias mulheres. Perguntávamos sobre a questão: “você gosta de ser mulher?” “por quê”. Escolhemos esse questionamento porque acreditávamos que ele daria margem à discussão do que era ser mulher e as implicações desse fato, como a relação da mulher com o homem, o que seria pertinente, portanto, para discutir a nossa questão central de análise que, no início, era a presença do discurso machista na fala da mulher.

A constituição do *corpus* foi feita em função das recorrências e também das dissonâncias que apareceram nas falas das mulheres. Dessa forma produzimos recortes que se transformaram em registros discursivos e objetos de análise, produto, portanto, do nosso gesto de interpretação. Todo esse percurso de leituras e composição do *corpus* nos permitiu organizar nosso texto da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “O efeito-mulher: construção histórica do sujeito mulher”, fazemos uma retrospectiva da história da mulher no Ocidente desde a Idade Média até a atualidade e lançamos ainda o conceito da mulher como “efeito”, com base na

---

<sup>35</sup> Falamos em “posições discursivas femininas” ou posição discursiva de mulher para designar o lugar discursivo que produz um discurso feminino. Evitamos o termo “discurso de mulheres” ou “produzido por mulheres” por entendermos que essa posição discursiva não diz respeito necessariamente à produção discursiva de um sujeito empírico do sexo feminino.

proposta pêcheuxtiana de interpelação do indivíduo em sujeito: “forma-sujeito”. No segundo capítulo, “A Mulher na Psicanálise: uma questão de estrutura”, procuramos situar alguns pontos da teoria psicanalítica que possam auxiliar na compreensão da constituição da mulher da contemporaneidade. Partimos do conceito lacaniano da mulher como sintoma do homem, o que nos permitiu compreender a mulher-efeito como um conceito que não recobre a mulher como um todo, mas dá vazão a uma falta que nos é constitutiva. Feito isso pudemos passar ao conceito de heterogeneidade, cunhado na terceira fase da análise do discurso. É o que discutimos no terceiro capítulo. No quarto capítulo justificamos nossa coleta de dados: as entrevistas que tomamos como corpus representativo do discurso feminino. Por último, analisamos os recortes das entrevistas coletadas segundo os pressupostos da AD, considerando, sobretudo, a constituição da mulher pela falta, segundo o princípio da heterogeneidade. A conclusão... deixamos para a conclusão, se é que há alguma possível dentro da incompletude da linguagem e do sujeito, sobretudo quando esse sujeito é uma mulher.

Enfim, o trabalho está apresentado. Com ele pretendemos discutir a identidade feminina via discurso; fazer um levantamento das práticas discursivas que compõem o discurso da mulher a partir do nosso recorte das falas das entrevistadas; buscar na historicidade que foi constituindo um efeito homogeneizador da mulher um referencial para se pensar o efeito-mulher. Por fim, discutir as falhas, equívocos e sua relação com o ponto central do trabalho que é a heterogeneidade.

Dessa maneira pensamos contribuir aos estudos que discutem a identidade feminina. Acreditamos fazê-lo com o diferencial de partir do discurso, e do discurso produzido por posições discursivas de mulher, e ainda de não querer ver essa identidade como homogênea, mas como um efeito, que pode ser desconstruído e descrito justamente pela heterogeneidade.

## **CAPÍTULO 1:**

### **O EFEITO-MULHER: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO SUJEITO MULHER**

A chamada história das mulheres, ou seja, a história que não foi dita pela história oficial (e patriarcal), vem se colocando de maneira bastante visível nas duas últimas décadas (SCOTT, 1992: 63), sobretudo depois do advento do movimento feminista, na década de 60. Essa história se faz a partir de práticas discursivas<sup>36</sup> que a constituem, ou seja, dos discursos que circulam sobre a mulher, dos quais deriva um “efeito” de identidade para ela, bem como um lugar dentro da disciplina “história” e na memória dos falantes. Esse olhar sobre a história das mulheres, negligenciado por muito tempo pela história oficial, vem se mostrando de grande importância dentro do movimento da história geral, tendo em vista a crítica destinada à validade da disciplina, dos seus dados, por “excluir” dos feitos históricos a participação feminina e de outras minorias também sem direito a voz.

A negligência em relação à história da mulher ocorreu em grande parte em função de o ponto de vista dominante ter sido predominantemente o masculino. O fato é que a história da mulher como prática discursiva que é, tanto na academia como no senso comum, emerge em meio à história geral (e não separadamente) e carrega a memória de outros discursos que o circundam e que com ele se relacionam, possuindo, portanto, uma historicidade. Afinal, “A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos” (DEL PRIORE, 2000: 7).

Considerando a intrínseca relação entre discurso e história, para trabalhar com o discurso feminino, é preciso levar em conta as suas condições de produção,

---

<sup>36</sup> Compreendemos “prática discursiva” no sentido dado pela AD. Conforme o Dicionário de Análise do Discurso (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU): “Noção freqüentemente empregada na AD francófona desde o final dos anos 60, fazendo convergir o vocabulário marxista da ‘práxis’ e o de Foucault. Ela funciona seja com um sentido pouco específico, seja no interior de redes conceituais” (2004: 396). Utilizamos a noção de prática discursiva conforme a noção geral que, conforme o mesmo dicionário, “tem aproximadamente as mesmas zonas de emprego que ‘discurso’ (...) Na verdade, quando se diz ‘prática discursiva’ em vez de ‘discurso’, efetua-se um ato de posicionamento teórico: sublinha-se obrigatoriamente que se considera o discurso como uma forma de ação sobre o mundo produzida fundamentalmente nas relações de forças sociais (idem).

especialmente o contexto sócio-histórico e a memória que esse discurso hoje retoma e atualiza.

Tendo como foco a questão identitária vista a partir do discurso, precisamos considerar o momento de realização deste trabalho, as condições que circunscrevem a produção do discurso feminino e da própria produção deste trabalho acadêmico. Pensado desse modo, acreditamos que se faz pertinente, então, refletir sobre a contemporaneidade para, logo em seguida, buscar dentro do discurso histórico a memória<sup>37</sup> que se tem sobre a história da mulher.

Pensar nas questões identitárias num período que ainda busca uma designação precisa, e que chamaremos de “contemporaneidade”, é tocar num ponto bastante nebuloso e móvel, dadas as novas configurações dos conceitos, o modo de pensar a constituição do sujeito como heterogênea e as mudanças e crises dos gêneros. No presente contexto começam a emergir novas configurações identitárias, renunciando a alguns paradigmas, inaugurando outros. Nesse sentido é que também a questão dos gêneros começa a se colocar, e os papéis de homem e mulher começam a passar por profundas modificações.

No auge da ideologia patriarcal era muito simples identificar o que era ser homem e o que era ser mulher: as práticas discursivas produziam somente essas duas possibilidades de identificação. Paulatinamente essa estabilidade foi sendo quebrada e observamos que homens e mulheres vivem um momento de desestabilização em relação aos modos de subjetivação anteriores, o que modifica sobremaneira o processo de constituição das identidades.

Sendo assim, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno...” (HALL, 2000: 07). As mudanças produzidas a partir do final do século XX, com o advento da Psicanálise, do feminismo e outros movimentos que modificaram a forma de viver e de se subjetivar, vêm causando a fragmentação dos sujeitos, visto que a noção unitária de sujeito tem perdido espaço face ao paradoxo das múltiplas formas de identificação e, ao mesmo tempo, à perda de identificação, o que instaura o colapso pelo qual passam os indivíduos da contemporaneidade.

---

<sup>37</sup> O conceito de memória pode ser tomado em muitas acepções. Eni Orlandi (2003) separa dois tipos de memória: a institucionalizada, que corresponde ao arquivo; e a memória discursiva, que corresponde ao conceito de interdiscurso, sendo “o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo) (2003: 48). Neste momento estamos tratando de memória enquanto arquivo, arquivo histórico sobre a mulher.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. (HALL, 2000: 09).

Hall (2000) ainda afirma que há três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, no qual temos uma identidade fixa, imutável e individual; a do sujeito sociológico, que vê a identidade do sujeito na sua relação com a sociedade, ou seja, na interação com o outro; e, por fim, a identidade do sujeito pós-moderno, que migra da identidade unificada e estável para tornar-se fragmentado<sup>38</sup>.

Assim, o sujeito atual, ou pós-moderno, como designa Hall, fragmenta-se, isto é, assume várias identidades em diversos momentos, identidades por vezes contraditórias, já que não possui “uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2000: 12).

À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente. (HALL, 2000: 13)

Há que se mencionar ainda que essa (s) nova (s) identidade (s) do homem pós-moderno ainda dialoga com as identidades anteriores, sejam eles os sujeitos do Iluminismo e/ou sociológico. Ainda podemos dizer, levando em conta os postulados da AD, que o sujeito não “deixou” de ser sociológico para ser “pós-moderno”, tendo em vista que ele ainda se constitui na relação com o “outro”.

Considerando esses postulados sobre a(s) identidade(s) no cenário contemporâneo, pretendemos, neste capítulo, pensar a identidade feminina, ou as possibilidades de identificação com os discursos que produzem o que rotulamos como “feminino”. Para isso faremos uma rápida apresentação da condição da mulher na Idade Média, as mudanças que vêm ocorrendo desde então, o rompimento ocorrido com o movimento feminista na década de sessenta e, por fim, o “efeito” que

---

<sup>38</sup> Apesar de não estarmos trabalhando com a categoria “pós-moderno”, tomamos o texto de Hall por considerarmos pertinentes suas afirmações sobre a mudança que se processa na sociedade atual, que, como já mencionamos, chamaremos “contemporaneidade”.

se constrói historicamente do que é “ser mulher”. Com isso pensamos poder dar sustentação a uma investida na questão da identidade feminina atual, via discurso.

Um aspecto que é importante deixar claro é que não pretendemos fazer um estudo de gênero, tal como tem sido entendido, ou seja, como estudos em defesa do gênero feminino, pois acreditamos, juntamente com Magali Engel, que

se queremos mesmo dar uma guinada na história das mulheres, deslocando-as para um campo mais fértil e instigante da história dos gêneros, é preciso que, entre outras coisas, abandonemos definitivamente essa obsessão em buscar comprovar que a mulher é mais discriminada, é mais explorada, é mais sofredora, é mais revoltada, etc, etc. Nem mais, nem menos, mas sim diferentemente. Diferenças cujos significados não se esgotam nas distinções sexuais, devendo, portanto, ser buscados no emaranhado múltiplo, complexo e, muitas vezes, contraditório, das diversidades sociais, étnicas, religiosas, regionais, enfim, culturais (ENGEL, 2000: 334).

Feitas essas considerações, vamos dar um passeio pela conhecida (e esquecida) história da mulher.

## **1.1 UMA HISTÓRIA PARA A MULHER**

Impossível pensar numa história da (ou para) a mulher sem retomar Foucault. Apesar de trabalharmos numa linha da Análise do Discurso que não parte do método foucaultiano, o filósofo francês é indispensável quando se trabalha com discurso, subjetividade e, como é o nosso caso, construção de identidade, identidade feminina.

Faz-se necessário explicitar, entretanto, que a noção de subjetividade trazida por Foucault e as formas de subjetivação (Foucault, 2001) não serão operatórios na análise que se fará neste trabalho. Acreditamos numa possibilidade de articular essa perspectiva teórica à de forma-sujeito de Pêcheux, com a qual trabalharemos, contudo isso é atividade para outro trabalho. Ficamos com a noção de subjetividade trazida por Eni Orlandi (2001) que afirma ser o processo pelo qual o indivíduo torna-se sujeito. A subjetividade estrutura-se no acontecimento do discurso (ORLANDI, 2001: 99), sendo, pois, o fenômeno que desloca o lugar/situação empírica para a posição no discurso. Subjetivar-se, portanto, é submeter-se à língua, ao simbólico e, por isso, estar submetido também à história e à ideologia. A subjetividade é a

condição primeira, portanto, que conduz ao efeito de identidade, o que trataremos no final desse capítulo.

Explicitada essa questão, voltemos a Foucault:

Foucault (2001) em sua “História da Sexualidade” nos dá pressupostos históricos que funcionam como pano de fundo na construção da sexualidade em nossa sociedade, desde a Grécia antiga, passando pelo advento do Cristianismo, construindo no seu primeiro volume, publicado em 1976, a genealogia da sexualidade na modernidade. Além disso, trata das contribuições da medicina, pedagogia e outras áreas do saber que intervêm nessa construção de sentido da sexualidade. O autor apresenta a sexualidade como uma das formas mais recônditas de constituição do indivíduo em sujeito. “Foucault volta-se para a experiência da sexualidade, região em que certos saberes, normas e formas de subjetividade permitem que os indivíduos se reconheçam como sujeitos” (ARAÚJO, 2000: 123), além disso, afirma que essa noção que temos de nós mesmos enquanto seres sexuados é, na verdade, uma construção histórica.

A reflexão acima é bastante importante para nosso estudo, pois se considerarmos que a história é feita de práticas discursivas, conforme afirma o mesmo autor, é pelo discurso que se constituem as identidades. Quanto à noção de gênero, tão diretamente relacionada à biologia, nessa perspectiva, passa a ser vista também como uma construção histórica. É um passo bastante significativo na compreensão da formação da identidade da mulher. Mais do que isso, a contribuição de Foucault estende-se ainda à concepção da sexualidade enquanto mecanismo de poder. Ele propõe “analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder” (FOUCAULT, 2001: 88), entendendo “poder” como a “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (idem, *ibidem*)<sup>39</sup>.

Historiadores que trabalham ou não com a temática dos gêneros, notavelmente Michelle Perrot (conforme RAGO, 1998: 21), colocam a necessidade de haver uma produção acadêmica que problematize as relações entre os sexos, sem que se privilegie um dos sujeitos sexuados (homens ou mulheres). A mesma autora questiona se existiria uma maneira feminina de fazer história ou mesmo uma memória histórica feminina. A questão se complica quando pensamos nas fontes

---

<sup>39</sup> Essa concepção foucaultiana da construção histórica da sexualidade é pertinente para o que, ao final do capítulo, designaremos como “efeito-mulher”.

que temos: há poucos registros do que as mulheres falavam. Registros escritos por mulheres, há menos ainda. Os documentos e fontes oficiais costumam ser extremamente ligados ao mundo masculino. Sendo assim, o que resta? Os discursos sobre as mulheres que permaneceram na memória das pessoas, que foram passando de geração a geração, atualizando-se e constituindo o que hoje sabemos sobre as mulheres e sua história.

Dentro da memória histórica que nos perpassa, o período mais marcante na história das mulheres é, sem dúvida o movimento feminista. Margareth Rago (1998) coloca o movimento feminista como marco de uma mudança de pensamento na história da mulher, nos rumos da própria história e ainda na concepção de cientificidade. Segundo ela, o movimento feminista traz, juntamente com a Psicanálise, o Marxismo, o Desconstrutivismo e o Pós-Modernismo, uma crítica às categorias dominantes que se impõem como universais: padrão burguês-masculino-ocidental (RAGO, 1998: 24). Essa crítica propõe pensar a diferença, considerar a crise do sujeito, aliando-se ao pensamento do pós-modernismo e indo ao encontro de pensadores como Derrida, Foucault, Lyotard, entre outros. Uma das vertentes desse deslocamento da história oficial é chamada de “História Cultural”, movimento ao qual se filia a autora mencionada que trabalha com a história das mulheres. Entre as críticas que se colocam a partir disso, uma das mais importantes é a oposição de origem sexista entre o público e o privado, objetivo e subjetivo, entre outras dicotomias que foram sendo construídas no decorrer da história e que, por isso, desde muito tempo tomamos como naturais.

Assim, pensar uma história para a mulher é desconstruir os valores sedimentados a partir da ótica masculina. A crítica feminina sugere que não se parta do sujeito, mas que ele passe a ser visto como efeito das determinações histórico-culturais. Dessa forma, a mulher também “não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes” (RAGO, 1998: 27). É importante mencionar ainda que, nesse momento, com o advento da História

Cultural, o **discurso**, passa a ser visto como principal matéria-prima do historiador, ponto de partida para se perceber as relações sócio-histórico-culturais<sup>40</sup>.

A História Cultural, a Psicanálise, o Marxismo, o Pós-modernismo e o Feminismo foram movimentos que permitiram repensar a constituição da história geral e ainda pensar uma nova forma de se fazer ciência. Rago (1998: 32) acredita que o feminismo “trouxe a subjetividade como forma de conhecimento”, permitindo uma “epistemologia feminista” e, portanto, a possibilidade de uma história da mulher ou, pelo menos, uma história que contemple a presença da mulher na sociedade.

### **1.1.1 IDADE MÉDIA: TOMA CORPO UM DISCURSO PATRIARCAL**

Considerando a possibilidade mencionada acima da inserção da mulher na história, procuraremos, através de alguns achados teóricos que trabalham com a história da mulher, falar da sua história na Idade Média e nos períodos subseqüentes anteriores ao advento do movimento feminista. A tomada do período em questão como ponto central da nossa exposição sobre a história da mulher (a Idade Média) se justifica por ser justamente um momento contraditório ao Feminismo, por ser o período em que se materializou com bastante força um discurso patriarcal que se manteve vivo até os dias de hoje, sendo ressignificado através do que chamaremos de “discurso machista”.

Conforme José Rivair Macedo (1992: 10), a mulher dispôs de liberdade relativa<sup>41</sup> em algumas civilizações antigas, como entre os celtas e os eslavos, mas, com a entrada do Cristianismo, ela perdeu muito dos seus direitos jurídicos. Durante a Idade Média, as relações familiares (instituição a partir da qual poderemos observar o papel da mulher) eram meros “negócios”. A relação feudal, sistema que sustentava as relações econômicas da sociedade nesse período, era transposta para a relação matrimonial. Assim, as mulheres donas de posses tinham mais direitos do que as que não detinham, mas, de qualquer forma, o papel da mulher era de mercadoria: “O casamento era, antes de tudo, um pacto entre duas famílias.

---

<sup>40</sup> O conceito de discurso nessa perspectiva teórica é diferente do discurso da Análise do Discurso, portanto não trabalharemos com ele. A utilização da história cultural para nosso estudo centraliza-se na visão que ela apresenta acerca da história da mulher.

<sup>41</sup> Não se trata de discutir aqui o conceito de liberdade, o utilizamos dentro da acepção do senso comum. Dizemos “liberdade relativa” por considerar que os direitos da mulher em relação aos homens eram maiores do que na Idade Média, mas também não podem ser considerados direitos iguais aos dos homens.

Nesse ato, a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida, como um ser passivo. Sua principal virtude, dentro e fora do casamento, deveria ser a obediência, a submissão” (MACEDO, 1992: 15).

A mulher era considerada “naturalmente” menor do que o homem, ser frágil, incapaz de responder por si mesma. Não era sequer nomeada. Na sociedade era sempre filha de alguém, esposa ou irmã, nomeada sempre em referência ao homem a que estava sujeita. Podemos observar que o modo de produção da sociedade fomenta os discursos que circulam e, por sua vez, produz as identidades dos sujeitos (homens e mulheres), resultado de uma ideologia<sup>42</sup> que era basicamente Cristã e feudal.

Essa representação da mulher foi muito divulgada pela Igreja Católica, que sacramentalizou o casamento (antes apenas “negócio” entre famílias) a fim de controlar a sexualidade. Vejamos o que afirma Macedo, ao reproduzir o discurso da Igreja sobre a mulher nessa época:

A mulher era vista pelos religiosos como “naturalmente” inferior ao “sexo viril”. Deus havia criado primeiro o homem. Ele foi criado à imagem e semelhança do Todo-Poderoso. Ela era meramente um reflexo da imagem masculina, uma imagem secundária. Sexos diferentes, ambos uniam-se pelo casamento. Contudo, não se tornavam iguais. Considerada a responsável pela queda da humanidade no pecado, a dominação do esposo sobre ela e as dores do parto eram vistos como o seu castigo (MACEDO, 1992: 19).

Com esses argumentos a Igreja Católica atestava a inferioridade da mulher e sua subordinação na relação com o homem. Aspectos biológicos como as dores do parto e a menstruação eram tomados como castigos divinos por ser a mulher um ser originalmente pecador. Além disso, “a inferioridade feminina provinha da fragilidade do sexo, da sua fraqueza ante os perigos da carne” (MACEDO, idem, ibidem: 19). Note-se que aqui se mesclam os discursos religioso e médico-biológico, ambos coadunados funcionam como forte argumento para a afirmação da natureza (seja ela divina ou biológica) inferior atribuída ao sexo feminino. O texto bíblico usufrui do

---

<sup>42</sup> O conceito de ideologia é central para a AD, contudo ele não é entendido conforme os sentidos que se divulgam de inversão ou ocultação da realidade. A ideologia é ressignificada pela Análise do Discurso, ela é vista em relação à linguagem, numa definição discursiva. (Orlandi, 2003: 43). É considerada o que interpela os indivíduos em sujeitos, o que produz as evidências e naturaliza o que é construído na relação do histórico com o simbólico (linguagem). Sendo assim, a ideologia para a AD, “não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (idem, ibidem: 47).

discurso médico-biológico para demonstrar a “natureza” sórdida da mulher. Neste sentido, os textos bíblicos materializam os discursos cristão e biológico, e, ao circular na sociedade, produziam os efeitos de identidade da mulher como ser castigado e inferior.

A Igreja ainda incutiu a maternidade como missão primordial da mulher. Assim, ela só podia transitar entre três posições dentro da família: esposa, mãe e viúva, sendo que era imprescindível ser mãe em qualquer uma das outras situações. A mulher que não podia ter filhos sofria discriminação do marido (que podia abandoná-la), da Igreja, que a via como pecadora e castigada por Deus, e da sociedade como um todo por não poder desempenhar o que era considerado o principal papel da mulher: o da procriação.

Isso não quer dizer, porém, que as mulheres ocidentais e cristãs (das quais estamos tratando) não tinham nenhum outro papel na sociedade. Com relação ao trabalho, elas, além de desempenhar o trabalho doméstico e cuidar dos filhos, exerciam funções na agricultura (ao lado dos maridos ou sozinhas, quando viúvas), trabalhavam como servas na casa dos senhores feudais, também se destacaram no artesanato e na confecção de tecidos no período da alta Idade Média e há registros de algumas mulheres mercadoras (MACEDO, 1992: 28). Mesmo as que não se dedicavam a nenhum desses trabalhos, e vinham das classes mais abastadas (e, portanto, não eram nem escravas nem servas), tinham que administrar a família, e administrar um núcleo familiar na Idade Média não era coisa muito simples, conforme atesta o mesmo autor. Como esses núcleos eram compostos por várias pessoas (parentes e agregados), as donas-de-casa tinham que ter um alto senso de organização para dar conta da alimentação, vestimenta e sobrevivência em geral da família.

Durante a Idade Média, conforme Alves e Pitanguy (1985), na obra *O que é Feminismo?*, destaca-se na literatura a mulher “castelã”, aquela a quem se dedicavam as cantigas de amor dos trovadores. O estereótipo era de uma mulher bela e cheia de ornamentos, mulher idealizada, frágil, delicada, romântica, mas sem papel ativo na sociedade. Contudo, os autores também mencionam que as mulheres das classes mais baixas trabalhavam, por exemplo, com tapeçaria, e participavam das chamadas “Corporações de Ofício”, comunidades compostas por pequenos artesãos. Ainda desempenham atividades de parteiras e curandeiras. Essas últimas pareciam ser as mais perigosas, pois desafiavam a Igreja e a ciência. Surge, então,

a “mulher-bruxa”, queimada em grandes fogueiras pela inquisição, por conta de seus “poderes”. É interessante observar que as instituições é que legitimavam essas práticas de exclusão à mulher: o Estado, a Igreja, a Medicina e o Direito.

Em relação a isso, Macedo nos apresenta a etimologia da palavra “mulher”, a qual corrobora para a identificação negativa do sexo:

A atitude de desprezo dos homens pelas mulheres, consideradas ao mesmo tempo perigosas e frágeis, era justificada por todos os meios, até pela etimologia da palavra que as designava. Para os pensadores da época, a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier*, o termo que designava o sexo feminino lembrava *Molitia*, relacionada à fraqueza, à flexibilidade, à simulação (MACEDO, 1992: 21).

Apesar de tudo isso, é importante observar, conforme o faz Macedo (1992: 26) que as mulheres não eram um grupo homogêneo oprimido pelos homens. A diferença sexual era tão forte quanto a diferença social. “Não é possível alinhar, num mesmo plano, condessas e castelãs com servas e camponesas livres, ricas burguesas com artesãs, domésticas ou escravas” (idem, ibidem: 26). Eis aqui o primeiro ponto, já levantado pelo discurso da história para pensarmos a mulher a partir de um “efeito” homogeneizador, a fim de chegarmos a uma constituição que é, essencialmente, heterogênea. Constituição do sujeito, conforme a AD da terceira fase, e constituição da “mulher” como significante generalizador.

Quando falamos em “efeito”, estamos tomando esse termo dentro da perspectiva da AD, entendendo-o como “efeito de sentido”, ou seja, construção que se dá a partir do discurso e sua relação com a ideologia de uma naturalização de fatos que são produzidos pela história e que são discursivizados. “As relações da linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre interlocutores” (ORLANDI, 2003: 26). Sendo a linguagem opaca, não temos, portanto, uma relação direta língua/sentido, mas sim um “efeito” que se processa na relação da linguagem (simbólico) com o ideológico.

Assim, por esse “efeito”, a ambigüidade da mulher: doce, submissa, frágil, mas ao mesmo tempo, sedutora, má, era considerada algo “natural”. A natureza a havia feito portadora do bem e do mal. A mulher era identificada com a natureza, portanto, enquanto o homem identificava-se com a cultura. A Psicanálise traz

importantes considerações a respeito dessa dicotomia. Discutiremos um pouco sobre isso no segundo capítulo. A formação discursiva<sup>43</sup> (FD) religiosa cristã, sob esse aspecto, faz circular um discurso que naturaliza o ambiente da mulher como o doméstico, privado. Auxilia na produção de uma prática do papel da mulher na sociedade como a responsável por cuidar da casa e dos filhos, enquanto ao homem cabe estar em contato com a civilização, habitar o espaço público.

“A valorização do pensamento burguês teve influência decisiva na deteriorização da imagem feminina. A misoginia, antes subjacente, tornou-se explícita. (MACEDO, 1992: 55). Conforme o mesmo autor (1992), várias obras literárias atestam o fato de que a imagem da mulher passa a ser denegrada nesse período, sendo que passam a ser vistas pelo seu caráter pecador, como traidoras, fúteis e más, sobretudo dentro da instituição do casamento, que também aparece de forma negativa. Macedo (1992) acredita que esse fato possa ter se originado por alguma forma de insubordinação das mulheres perante as condições do casamento.

Apesar disso

É difícil sustentar a hipótese de uma marginalização generalizada da mulher na Idade Média. O casamento, tornando-a responsável pela reprodução biológica da família, garantia-lhe papel de relevo na estabilidade da ordem social. Esta integração tinha, contudo os seus limites. Juridicamente despersonalizada, esteve reduzida ao meio familiar e doméstico. Reproduzia, biologicamente os homens que iriam continuar a dirigir a sociedade. (MACEDO, 1992: 59).

As mulheres que não se enquadraram no estereótipo da época foram marginalizadas. As principais reações marginalizantes eram contra hereges, bruxas e prostitutas (idem, *ibidem*: 59).

O fenômeno da “caça às bruxas” ocorreu principalmente entre os séculos XV e XVII (conforme MACEDO, 1992: 64), período cronologicamente posterior à Idade Média, contudo, é um fenômeno que já vinha se desencadeando anteriormente e que representa todo o espírito de uma época em relação à “intransigência na

---

<sup>43</sup> A formação discursiva (FD) é entendida como “aquilo que numa formação ideológica dada- ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada- determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2003: 43). Contudo, trabalhamos com esse conceito vendo-o não de forma fechada, como se as FD’s dessem conta de discursos específicos fechados entre si. Compreendemos esse conceito através do princípio da dispersão, entendendo que as FD’s perpassam umas às outras e podem ser vistas, conforme bem definiu Orlandi, como “regionalizações do interdiscurso” (idem, *ibidem*). É esse conceito que permite ao analista “estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (idem, *ibidem*).

eliminação de um grupo arbitrariamente considerado indesejável e pernicioso” (idem, ibidem: 59), grupo esse formado por magas, curandeiras, adivinhas, etc. Na verdade, o combate feroz, iniciado pela Inquisição contra as ‘maléficas’, reprimia a sexualidade feminina” (idem, ibidem: 66).

Passamos nessa nossa aventura teórica pela história da mulher por dois períodos distintos: a Idade Média e o período burguês. Podemos observar alguns deslocamentos nos discursos sobre a mulher em ambos os períodos. Primeiro tínhamos uma mulher discursivizada pela Igreja que surge sob o efeito dicotômico da santa (mãe) ou da bruxa. O Cristianismo “identificou afigurada mulher com a experiência do pecado, baseando-se para isso no mito da sedução de Adão por Eva” (BIRMAN, 1999: 62). O papel da mulher valorizado era o da maternidade, que a redimia dos seus pecados “naturais”. Com a burguesia esse discurso se desloca, atualizando o papel da mulher na relação com a família e, portanto, com as transações comerciais também. As de baixa renda podiam (e deveriam) atuar vendendo sua força de trabalho, já as mulheres das classes mais altas deveriam zelar pela imagem da família, empreendimento que era essa instituição. Daremos continuidade à discussão sobre a mulher no período burguês quando tratarmos da mulher no Brasil, no próximo tópico.

Outro importante deslocamento na rede de discursos sobre a mulher ocorre com o advento do Iluminismo, entretanto passaremos rapidamente por ele. Com o **Iluminismo** surge a proposta da “igualdade para todos”, contudo a categoria “todos” não incluía a mulher, considerada como possuidora de uma razão inferior. Podemos observar que aqui a inferioridade da mulher, atestada pelo discurso religioso, desloca-se para o discurso científico, que a toma como possuidora de uma razão inferior à masculina<sup>44</sup>. Durante a **Revolução Francesa** muitas mulheres se destacam e participam ativamente, entretanto esse fato é silenciado pela história que é construída ainda por e para os homens. Na **II Guerra Mundial**, a mulher acaba sendo obrigada a assumir o lugar dos homens, enquanto esses estão em batalha, mas com o término da guerra acabam sendo depostas do lugar que conquistaram e devolvidas à posição subalterna de “rainha do lar”.

---

<sup>44</sup> Sobre isso ver Rosseau: “Emílio ou Da Educação” e “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, textos em que percebemos que o pensamento filosófico iluminista fundamenta os ideários que sustentam uma educação e uma moral diferentes para homens e mulheres.

Um aspecto importante em meio a essa história da mulher é a sedimentação de duas identidades possíveis para ela: sua periculosidade e ligação ao mal, característica divulgada pelo discurso cristão acerca do erotismo da mulher; e sua santidade pela via da maternidade. Esse aspecto diferencia essencialmente a mulher do homem. Entretanto, conforme Birman (1999)

desde o século XVIII, pelo menos, se forjou um conjunto de discursos- médico, filosófico e moral- que pretendiam delinear uma diferença de *essência* entre o masculino e o feminino. Antes disso não havia absolutamente uma fronteira essencial entre as figuras do homem e da mulher, pois desde Galeno, no início da era cristã, a mulher era considerada como um homem *imperfeito*, a quem faltava calor suficiente para ser um homem” (BIRMAN, 1999: 85-86).

Conforme a afirmação acima, o discurso da diferença essencial entre homem e mulher foi sendo construído a partir do século XVIII, dialogando com um outro discurso, aparentemente contraditório, de que a mulher seria uma espécie de homem diminuído. Dessa prática discursiva anterior ao século XVIII mantém-se o discurso que afirma a inferioridade da mulher em relação ao homem.

Com o discurso da diferença entre os sexos, regulamenta-se e justifica-se a alocação da mulher com o espaço privado e do homem com o espaço público, dadas as diferenças “essenciais” existentes.

Vamos dar prosseguimento a nossa história, afinando um pouco os seus rumos para o nosso país.

### **1.1.2 O DISCURSO PATRIARCAL NO BRASIL**

Durante o Brasil-Colônia, a conduta feminina parece seguir os mesmos padrões da Europa na Idade Média. Entretanto, a literatura existente sobre a mulher desse período atesta que nem sempre o estereótipo da mulher boa esposa e mãe, submissa e fiel era o retrato da mulher brasileira. Muitos registros existem de modelos que desvirtuam esse tipo de conduta: mulheres adúlteras, prostitutas, lésbicas, mães solteiras, enfim, todo tipo de “desregramento” em relação à sexualidade feminina ocorria já nesse período segundo observamos nos relatos da obra *História das mulheres no Brasil* (2000), organizada por Mary Del Priore. Os capítulos utilizados da obra em questão são os seguintes: “Maternidade Negada”, R.P. Venâncio; “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, R. Soibet; “Trabalho

feminino e sexualidade”, Margareth Rago; “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”, Mary Del Priore; “Psiquiatria e feminilidade”, Magali Engel; “A mulher e a família burguesa”, M. D’Incão; “Mulheres dos anos dourados”, C. Bassanezi; “A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia”, Emanuel Araújo. Esses capítulos dessa obra, que tomaremos por base, carregam em seu discurso uma preocupação em trazer a história de mulheres reais, que foram pouco contempladas pela história oficial. Dessa maneira a obra põe em evidência um discurso divergente em relação à história oficial a respeito da mulher do Brasil-Colônia até a década de 80, relatando a existência e a atuação de mulheres reais desse período, mulheres essas que desvirtuavam o padrão feminino que compõe a nossa memória.

No Brasil, assim como na Europa, a mulher era “domesticada” e sempre em relação a algum homem: “o adestramento da sexualidade (...) pressupunha o desvio dos sentidos pelo respeito ao pai, depois ao marido, além de uma educação dirigida para os afazeres domésticos” (ARAÚJO, 2000: 49-50).

O matrimônio também era uma forma de reprimir os impulsos femininos próprios da adolescência, por isso os pais arranjavam bem cedo casamentos para suas filhas, “assim, desde muito cedo a mulher devia ter seus sentimentos devidamente domesticados e abafados” (idem, ibidem: 51). A menina, então, casava-se, normalmente com alguém bem mais velho e tornava-se mãe, pois “na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo (idem, ibidem: 52).

Mesmo com a maternidade, a mulher não se livrava da dominação masculina, porque aí surgia o médico, para desmentir a beleza e a naturalidade da maternidade, prescrevendo fórmulas, inventando explicações para coisas que as mulheres já sabiam e praticavam e ainda interpretações para os “males” que afligiam o corpo feminino. A maternidade, todavia, não foi vista por todas as mulheres como “missão”, algo divino, etc. Como atesta o texto de Renato Pinto Venâncio, *Maternidade Negada* (2000: 189-222), muitas mulheres durante o período colonial abandonavam seus filhos ou praticavam aborto por diversos motivos. Uma afirmação como essa, sendo veiculada num texto científico, vem negar um discurso consagrado e arraigado em nossa memória discursiva<sup>45</sup>: a maternidade, tida como

---

<sup>45</sup> Conceito discutido em nota anterior, diz respeito ao que também é chamado de interdiscurso: o eixo do dizível, o saber discursivo.

missão e/ou desejo de toda mulher. Mais um ponto de divergência em relação à construção identitária da mulher veiculada pelo discurso histórico.

Durante o advento da burguesia no Brasil, no século XIX, há um deslocamento nos discursos sobre a mulher:

O nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D'INCÃO, 2000: 223).

Além disso, uma mudança muito importante ocorreu com a instalação da mentalidade burguesa: o espaço urbano consolidou-se e fez-se a distinção entre espaço público (a rua) e espaço privado (a casa), quando antes as pessoas tinham total liberdade para transitar em ambos os espaços nas mais diversas situações. Inclusive a disposição estrutural das cidades atesta esse fato: antes da “civilização” do Rio de Janeiro, as casas eram construídas junto com as ruas, não havia separação, somente nesse momento as casas começam a ganhar afastamento da rua e dos vizinhos laterais (idem, ibidem: 228). Assim, “o crescimento da população e as mudanças de atitude quanto ao uso dos espaços de fora da casa devem ter-se combinado para desencadear a desconfiança em relação aos ‘outros’, aos desconhecidos” (idem, ibidem: 227).

Com a existência do espaço público (onde havia a presença das outras pessoas), a mulher burguesa teve que aprender a se portar em sociedade, pois agora, além da vigilância do pai e do esposo, estava submetida à vigilância de toda a comunidade.

A emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visava “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família- a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (idem, ibidem: 230).

Todas essas mudanças no comportamento da mulher burguesa trazem-lhe uma nova função: dela dependia a “imagem” da família perante a sociedade, o que influenciava decisivamente nos negócios da família. Os valores burgueses assumiram tal importância na vida das mulheres que sua conduta passou do domínio alheio (sociedade, pais, marido) para ela mesma. Houve um movimento de auto-vigilância no decorrer do século XIX: as mulheres “aprenderam a se comportar” (idem, *ibidem*: 236), ou seja, incorporaram os valores impostos como seus. Acreditamos que nesse momento os discursos de crítica em relação ao comportamento feminino passaram a fazer parte do repertório da própria mulher. Além de se auto-vigiar, ela vigia e fala sobre o comportamento das outras mulheres.

O “código” de conduta feminina foi discursivizado excessivamente em textos escritos: os jornais, que ocupavam suas páginas com mandamentos de conduta feminina, bons costumes, etc.; a literatura, que também se ocupava de extensas descrições dos comportamentos femininos. Através desses e outros textos, além dos textos divulgados na oralidade, o ideal burguês foi naturalizando o trabalho doméstico como afazer propriamente feminino, um dos principais pontos do “bom comportamento” da mulher burguesa.

É importante mencionar que também aqui em terras brasileiras, principalmente durante o projeto de higienização das cidades, “a medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o pecado, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal” (SOIBET, 2000: 363).

No século XIX, a medicina e, sobretudo, a psiquiatria fizeram divulgar uma concepção de sexualidade feminina como diretamente ligada à sanidade mental, o que passa para o campo da moral e aparece nos discursos sobre a sexualidade feminina até hoje. “Assim, a sexualidade só não ameaçaria a integridade física, mental e moral da mulher, caso se mantivesse aprisionada nos estreitos limites entre o *excesso* e a *falta* e circunscrita ao leito conjugal (ENGEL, 2000: 342). Dessa produção de sentido, resulta uma prática da sexualidade feminina tida como ideal: a mulher tinha de cumprir suas “obrigações” conjugais no que diz respeito ao sexo, entretanto não poderia demonstrar disposição excessiva, até as posições do coito eram determinadas. Práticas sexuais mais ousadas eram direito exclusivo das prostitutas.

Dos relatos sobre a vida da mulher em terras brasileiras, pudemos perceber que nem sempre a dominação masculina, normalmente feita através da família, da Igreja e da medicina, conseguiu adestrar completamente as mulheres, contudo “parece que o normal era a introjeção, por parte das próprias mulheres, dos valores misóginos predominantes no meio social” (ARAÚJO, 2000: 53).

É preciso pensar de outra forma ainda a conduta das mulheres das classes menos abastadas. “Apesar da existência de muitas semelhanças entre mulheres de classes sociais diferentes, aquelas das camadas populares possuíam características próprias, padrões específicos, ligados às suas condições concretas de existência” (SOIBET, 2000: 367). A mulher das classes populares, ao que parece, gozavam de maior liberdade sexual, não necessariamente tendo que casar formalmente, podendo separar-se, portanto, com mais facilidade. Por outro lado, a responsabilidade pelos filhos muitas vezes recaía exclusivamente sobre ela, a qual tinha que trabalhar duramente para sustentá-los. O homem, nessas condições, nem sempre desempenhava o papel de mantenedor da casa e, conseqüentemente, não poderia também ser dominador, conforme rezava a ideologia dominante (burguesa).

Assim, a questão do trabalho feminino vai se colocando como uma necessidade para as classes mais pobres e, mais tarde, com a industrialização do país, no início do século XX, a mulher passa a atuar também nas fábricas, apesar de ser tratada diferentemente e conviver com o risco de ser considerada uma mulher imoral por estar fora do lar. Aos poucos surgem outras áreas para o trabalho legitimado feminino: as fábricas têxteis, o ambiente escolar, entre outros. (RAGO, 2000: 603). Nos anos 20 surgem muitas mulheres militantes, adeptas do anarquismo ou feministas liberais, que defendem a participação da mulher no espaço público.

Conforme Carla Bassanezi (2000: 607-639), no Brasil dos anos 50 houve uma ascensão da classe média, um grande crescimento urbano e industrialização pós Segunda Guerra Mundial, entretanto, os papéis feminino e masculino continuavam distintos, a moral sexual ainda apontava com maior rigor para a mulher e o trabalho feminino ainda era visto como inferior e subsidiário do masculino. “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação” (idem, ibidem: 609).

Todavia, nesse momento, já não estava mais em voga o casamento arranjado: os pais deveriam ser menos rígidos com as filhas. Por isso mesmo a vigilância sobre as moças deveria ser garantida, afinal elas deveriam auto-controlar-se para serem consideradas “moças de família” (designação comum da época- anos 50) e, portanto, dignas de um bom casamento. O código de conduta moral feminino era bastante divulgado e conhecido, enquanto às mulheres era proibido qualquer envolvimento sexual antes do casamento, sob pena de não casar mais, aos homens a sexualidade era incentivada como prova de sua virilidade.

Apesar da popularização do trabalho feminino (no comércio, hospitais, escolas, escritórios, etc.), a mulher que trabalhava ainda era estigmatizada na década de 50, pois não poderia ser boa mãe e dona de casa se trabalhasse fora. De qualquer forma, os afazeres domésticos continuam a ser exclusividade feminina: “tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram consideradas deveres exclusivamente femininos. Dentro de casa, os homens deveriam ser solicitados apenas a fazer pequenos reparos” (BASSANEZI, 2000: 626). Era a “divisão tradicional dos papéis”, que não poderia ser questionada, à mulher cabia sempre “agradar” ao homem, sendo boa esposa, “rainha do lar”, estando sempre contente, disposta a manter a paz e a felicidade da família (sem pensar em interesses próprios).

A partir do relato sobre os discursos que circulavam sobre a mulher no Brasil nos períodos que comentamos podemos observar (o que faremos posteriormente) nas análises das falas femininas atuais a presença de discursos que reproduzem essas práticas em relação à maternidade, casamento, moral feminina, etc.

Estendemo-nos no período da Idade Média, da burguesia e até os anos 50 para podermos deixar bem sedimentada a origem de um discurso que ainda produz efeitos na fala de mulheres e homens e que chamaremos de “discurso machista originário da Idade Média”. Nossa hipótese é de que essas práticas discursivas sobrevivem reatualizando-se e compondo contraditoriamente a fala da mulher atual. Juntamente com essa prática discursiva, aparece ainda o discurso originário do discurso feminista clássico. Por isso julgamos pertinente trabalhar esse outro ponto dentro da história da mulher.

### 1.1.3 MOVIMENTO FEMINISTA E FEMINISMO

O segundo ponto que consideramos importante dentro da história das mulheres, por constituir de maneira bastante marcada o discurso feminino contemporâneo, é o movimento feminista.

Segundo Louro (2000), o feminismo põe em evidência o conceito de gênero, ele está “ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” (LOURO, 2000: 14). Conforme a autora, o Sufragismo (movimento que reivindicava o direito de voto à mulher) foi a “primeira onda” dentro do que se chamou movimento feminista. Nesse contexto, começam a surgir estudos sobre o papel da mulher que denunciavam amplamente a invisibilidade a que a mulher se encontrava submetida. “A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como conseqüência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (idem, ibidem: 17). As atitudes do movimento foram marcadas por seu caráter essencialmente político: enquanto algumas militantes reivindicavam igualdade entre homens e mulheres, outras propunham a subversão, a ocupação do espaço que até então pertencia ao público masculino.

Pouco a pouco, as discussões chamadas “de gênero”, primeiramente somente relacionadas às mulheres, estendem-se aos homens. “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos” (idem, ibidem 24). Essa afirmação nos remete aos pressupostos foucaultianos já enunciados que tomam a sexualidade como fator identitário construído historicamente:

Em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo”(idem, ibidem: 28).

Na **década de sessenta** há uma forte corrente no sentido dos fatores genéticos como determinantes dos gêneros: o homem é pré-determinado ao exterior e a mulher ao interior. Esse fator dá ainda mais força ao argumento de superioridade masculina e de aprisionamento da mulher ao espaço doméstico. As mudanças só parecem começar a ocorrer na **década de setenta** com o marco instituído da liberdade sexual, através da pílula anticoncepcional e o levante do movimento feminista. A partir daí, a mulher começa a requerer seus direitos nos espaços

públicos, começa a se colocar enquanto sujeito dentro de uma sociedade essencialmente patriarcal, sua voz começa a ecoar, apesar dos muitos rumores e opiniões contrárias.

O movimento feminista, conforme Hall (2000: 49-50) é um dos marcos responsáveis pelo descentramento do pensamento do século XX, descentramento da própria identidade do sujeito moderno. Esse movimento questiona a distinção dentro versus fora, privado versus público; coloca em pauta ainda questões até então negligenciadas como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc. Com isso, o movimento questiona a forma generalizante como somos formados enquanto sujeitos: mães, pais, homens e mulheres, abrindo espaço para a discussão da *diferença sexual*.

Um outro aspecto bastante importante regulamentado pelo movimento feminista é a negação da maternidade como fator determinante para a identidade feminina. Um deslocamento bastante significativo ocorre no discurso sobre a maternidade: de missão (concepção ancorada no discurso religioso cristão), a maternidade passa a ser uma opção. “Dessa maneira, o ser femininamente mulher não passa mais agora pelo ranço obscuro da obrigatoriedade e da impossibilidade de ser mulher, sem que esta sofra as penas, dores e delícias da maternidade” (BIRMAN, 1999: 94). Entretanto, não podemos esquecer que até hoje a presença do discurso religioso sobre a maternidade ainda é evidente, contudo ele é transpassado por um outro discurso de base feminista que se impôs desde a década de oitenta (80).

“O feminismo é uma rejeição explícita ao estilo de vida criado por normas estritamente coercitivas que restringem e definem o que a mulher é e o que ela pode fazer” (BARDWICK, 1981: 9). Com a máxima da igualdade, “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (SCOTT, 1992: 67-68). Depois de algum tempo, as designadas como “feministas radicais” foram aquelas que passaram a divulgar um discurso de superioridade feminina e tomada de lugar do homem, em resposta aos anos de subordinação. Hoje em dia, contudo, esse discurso chamado feminista retorna de formas diferentes, sobretudo na fala de uma mulher que não está e nem esteve engajada no movimento feminista. Mesmo assim, consideramos que o movimento feminista “não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral,

ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado” (SCOTT, 1992: 65).

Bardwick (1981) afirma que o início do movimento feminista nos Estados Unidos foi marcado por uma assimilação do “discurso do macho”. Dessa forma, as feministas sem o saber assimilavam um discurso sexista, ou seja, de que só as coisas referentes ao “masculino” na cultura é que são boas e desejáveis. Dessa forma, “minimizavam suas próprias realizações e desvalorizavam suas próprias características, imitando o desdém da sociedade machista pelo ‘feminino’” (BARDWICK, 1981: 2-3). A autora ainda fala em três correntes dentro do movimento denominado “Feminismo”: as feministas conservadoras, que apenas requisitavam algumas poucas mudanças no sistema como a divisão dos trabalhos domésticos e pagamento de salários iguais entre os sexos; as feministas moderadas, que lutavam por mudanças de leis, reformas em geral que visavam a justiça para com as mulheres, mas não a destituição das instituições; e as feministas radicais, que queriam destruir algumas instituições americanas, mudar as estruturas básicas e não apenas “reformular” a sociedade, essas são as que parecem ter uma visão sexista, conforme já mencionamos.

Entretanto, apesar da ampla divulgação das feministas radicais, que pregavam o fim do capitalismo, do casamento, defendiam o homossexualismo, entre outros aspectos que chocavam o público em geral, havia as feministas moderadas que reivindicavam medidas mais viáveis a curto prazo, como a assistência à mulher no trabalho, condições de igualdade salarial, oportunidades igualitárias de estudo, etc. Todavia, parece que o “discurso feminista” que prevaleceu, e hoje conhecemos por esse rótulo é o das radicais, um discurso da mulher que quer inverter valores e chocar.

De qualquer forma, “o feminismo tornou-se um grande movimento porque as feministas, radicais ou moderadas, expressaram a frustração e o desejo latente de mudanças já existentes numa porcentagem significativa de mulheres” (BARDWICK, 1981: 17). E essa mudança, que ainda hoje é lenta e gradual, perpassa o discurso da mulher (e não só dela, mas também do homem) da contemporaneidade, já que esse movimento da história (do patriarcalismo introjetado ao feminismo) nos constitui e constitui nossa prática discursiva.

Para fechar esse passeio teórico pela história da mulher, trazemos a reflexão de Joel Birman (1999: 183-184), que fala das mudanças produzidas na subjetivação da mulher ao longo do tempo no Ocidente. O autor afirma (e concordamos com ele) que há duas mudanças significativas na história da mulher ocidental: “a primeira se processou entre a denominada Idade Clássica e a modernidade, enquanto a segunda indica uma descontinuidade entre esta e a pós-modernidade (idem, ibidem: 184). Dizer que houve uma “evolução” em relação à Idade Clássica e a contemporaneidade talvez não seja a melhor opção. O que houve foram mudanças, rupturas. Os papéis e discursos sobre as mulheres deslocaram-se, foram perpassados por outros discursos oriundos de novas ideologias e mudanças históricas. Assim, observamos o papel da ideologia e da história<sup>46</sup> produzida pelos historiadores na construção da identidade feminina, o que se materializa nos discursos SOBRE a mulher e produzidos PELA mulher também. Façamos agora, a partir do lugar teórico que nos colocamos- a AD- na constituição da mulher como sujeito.

## 1.2 O EFEITO-MULHER

A partir dessa revisão teórica podemos pensar como a mulher vem se constituindo historicamente. É pelas práticas discursivas, ou seja, pelos discursos que circulam sobre a mulher e que a mulher faz circular sobre si mesma desde muito tempo que podemos construir o que entendemos por “mulher” hoje. Que significante é esse “A mulher”? Será que ele é mesmo constituído a partir da palavra do homem, já que o discurso masculino se configurou (e configura ainda?) como dominante?

Propomos pensar essa construção do efeito (que entendemos como imaginário) “mulher” a partir do conceito pêcheuxtiano de forma–sujeito.

Embasado na tese central de Althusser de interpelação dos sujeitos pela ideologia, Pêcheux (1997) postula a relação entre ideologia e inconsciente na construção do sentido e do sujeito. Segundo ele, é no “complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997: 160) que a evidência do sentido e do sujeito se dá. No caso que analisamos, a evidência do que é “ser mulher” se dá justamente nesse complexo das formações ideológicas.

---

<sup>46</sup> A história que tratamos nesse momento é a história como “historicidade”, ou seja, não o fato em si, mas a produção de uma verdade histórica construída pelos historiadores.

Conforme Orlandi, o papel da ideologia é “produzir evidências” (2002: 46). Dessa maneira, a evidência da existência do sujeito é produzida ideologicamente, através da filiação do indivíduo a uma dada formação ideológica que, por sua vez, materializa-se numa formação discursiva. “A ideologia faz parte. Ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (idem, *ibidem*: 46.).

Pêcheux passa a construir seu conceito de **forma-sujeito**, explicitado em *Semântica e Discurso*<sup>47</sup> (1975), para isso recorre a outros campos fora da Lingüística, a saber à releitura de Marx por Althusser e de Freud por Lacan, para dar conta de uma teoria não subjetiva do sujeito, tal como algumas noções filosóficas da época acentuavam. Assim sendo, a forma-sujeito é justamente a interpelação dos indivíduos em sujeitos falantes a qual se faz via ideologia e inconsciente, um passo já dado para se chegar ao conceito de heterogeneidade. A esse efeito ilusório, pelo qual todo sujeito é um já-sujeito, e não fruto de um processo de interpelação, o autor denomina “*Efeito Münchhausen*”, ilusão necessária para que os indivíduos tomem-se como “causa de si”. “É exatamente para superar essa visão do sujeito como *ser transparente a si mesmo* que ele empreende o esforço de conferir à subjetividade uma dimensão ao mesmo tempo ideológica e psicanalítica, através do conceito de forma-sujeito” (TEIXEIRA, 2005: 45)

Forma-sujeito é, portanto, o conceito utilizado para tratar da constituição do sujeito do discurso, através das propriedades discursivas que o posicionam histórico e socialmente. Pêcheux trabalha nesse conceito baseado nas noções de constituição do sujeito em Lacan e Althusser:

Ao dizer que o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade) não se pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *sujeito*, já que esta subordinação- assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia*, não estamos pois fazendo apelo a nenhuma “transcendência” (um Outro ou um Sujeito reais), estamos simplesmente retomando a designação que Lacan e Althusser- cada um a seu modo- deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e “fantasmagóricas” inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio histórico pelo qual se constitui- reproduz o efeito-sujeito como interior sem exterior, e isso pela determinação do real (exterior) e especificamente- acrescentaremos – do interdiscurso como real (exterior) (PÉCHEUX, 1997: 163).

<sup>47</sup> Título original *Les vérités de la Palice*.

Esse “efeito-sujeito”, resultado de uma ilusão imaginária que se origina na forma-sujeito, é justamente o sujeito “sempre-já-lá” Um efeito que se cria através dos processos ideológicos que tornam evidentes a (s) identidade(s) com as quais o sujeito se afirma.

Posteriormente, contudo, Pêcheux percebe que, ao cercar um sujeito plenamente interpelado, algo parece furar essa estabilidade. Assim corrige-se em auto-crítica impressa em fevereiro de 1978, quando apresenta seu artigo *Só há causa do que falha*: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um eu-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de La Palice*” (PÊCHEUX, 1997: 300).

Pensamos que ocorre com a mulher o mesmo “efeito” ilusório do sujeito. Assimilar o que é “ser mulher” é pautar-se num conceito imaginário produzido historicamente pelas práticas discursivas: o que chamamos de “efeito-mulher”. O significante “mulher” em si mesmo não carrega sentido algum, mas se investe de sentido pela determinação das posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico de (re) produção das palavras e dos discursos sobre a mulher. Isso ficará mais claro quando procurarmos estabelecer, no próximo capítulo, a relação com a psicanálise, considerando que, ao nomear um indivíduo de “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário.

Se nos voltarmos para o questionamento que colocamos no início desse tópico: será que a construção do efeito-mulher se deu por práticas discursivas masculinas (e, na maioria das vezes, machistas)? E se considerarmos (pelo menos provisoriamente) como verdade essa pergunta teremos de nos fazer outros questionamentos neste trabalho: como pensar a identidade feminina, via discurso (como estamos nos propondo) na contemporaneidade? Vejamos: a construção do próprio período que estamos vivendo é um passo na caminhada histórica. Acreditamos que não há como estar isento das práticas discursivas que constituíram e constituem a mulher de hoje. Considerando esse fato, achamos melhor não problematizar nossa suposta constituição através da palavra do homem, mas simplesmente ver a mulher contemporânea pela sua palavra, pelo seu discurso. Se os discursos que a compuseram são ou não masculinos e/ou machistas, o fato é que eles a compõem e é isso que ora nos interessa. Não havendo como voltar na história

(e assim descobrir qual era o discurso da mulher nas épocas em que a literatura contempla apenas a história masculina), vamos partir do que temos HOJE como materialidade, ou seja, a fala da mulher, procurando compreender que práticas discursivas constituem sua fala na atualidade.

Dessa forma não ignoramos o passado, a história, mas procuramos vê-los sem os ranços das brigas de gênero, para podermos tomá-los como parte do que hoje é a mulher e o seu discurso. Assim tentaremos compreender como a mulher de hoje se identifica e reproduz esses discursos que compõem a memória histórica sobre o que é ser mulher.

Ainda é importante posicionar-nos acerca da nossa noção de discurso. Tomamos discurso a partir da ótica da AD, na sua formulação clássica “efeito de sentido entre interlocutores” (Pêcheux:: como materialidade lingüística, na sua relação com a história, com a ideologia e perpassado pelo inconsciente. Sendo permeado pela história e pela ideologia, o discurso (re) produz práticas discursivas assentadas, mas também é o lugar do equívoco, já que tem como material a língua, que está sujeita a falhas. Ainda o consideramos como produzido numa posição discursiva que fabrica sujeitos falantes, sujeitos esses interpelados pela ideologia, marcados pela história e faltantes/desejantes, pela interposição do inconsciente.

## **CAPÍTULO 2:**

### **A MULHER NA PSICANÁLISE: UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA**

Depois de trabalharmos com a noção de efeito-sujeito, estendido para “efeito-mulher”, pensamos que a designação “mulher” implica, para qualquer sujeito, além da questão histórico/ideológica, algo que é de estrutura e que se dá via linguagem. Daí a necessidade de trabalharmos com alguns pressupostos psicanalíticos, mesmo que não os tomemos posteriormente como dispositivo analítico.

Abordamos a questão da identidade feminina a partir da ótica da Análise do discurso de linha francesa (AD), acrescentando alguns textos da Psicanálise, já que na terceira fase da AD ela tem papel fundamental. Ambas as teorias partem da linguagem como elemento fundamental na constituição do sujeito. O sujeito é para a Psicanálise um sujeito desejante, constituído pela falta e, para a AD, um sujeito heterogêneo e interpelado pela ideologia. Considerando, então, que o sujeito se constitui pela palavra, partimos do pressuposto de que “As formações da linguagem precedem os indivíduos e os inscrevem em determinadas posições na ordem simbólica; assim, ‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam” (KEHL, 1998: 11). Conforme essa designação, é a palavra do “outro” que dá palavra ao sujeito que, então, constitui-se. É, portanto, o discurso alheio que nos permite o acesso ao simbólico e, a partir daí, as possibilidades de identificação.

Freud afirma em seu artigo sobre a feminilidade (1976: 153), que “anatomia é destino”, ou seja, nascer anatomicamente homem ou mulher implica necessariamente a transposição de UM dos caminhos do Édipo. Já para Lacan “linguagem é destino” (*apud* KEHL, 1996: 13), portanto, o “tornar-se” sujeito e, mais precisamente, tornar-se um sujeito mulher, depende necessariamente da linguagem, da simbolização. Considerando esse aspecto, “é a cultura que nos designa destinos diferenciados como homens ou mulheres” (*idem, ibidem*: 13), além disso, “Do ponto de vista do inconsciente, a diferença -embora fundamental- também é mínima: depende do modo de inscrição dos sujeitos, homens ou mulheres, sob a ordem fálica que organiza o desejo, mas que não fixa necessariamente o gênero à sexualidade” (*idem, ibidem*: 13). Assim, o percurso pelo Édipo e a inscrição na ordem fálica é que irão determinar a questão da feminilidade ou masculinidade no indivíduo, seja qual for sua constituição biológica.

Para a Psicanálise, a constituição do indivíduo em sujeito se dá no momento da passagem do estado polimorfo infantil<sup>48</sup>, quando a criança ainda identifica-se com o falo e, por isso, vê-se onipotente, ainda não discriminada da mãe, para a organização genital sexuada. Esse processo ocorre pela recusa do amor edípico e pela identificação ao objeto parental dado pela cultura.

Assim sendo, o sujeito origina-se, primeiramente, do desejo dos pais, depois a criança torna-se o falo, no registro imaginário, inscrevendo-se, pois, no narcisismo primário. É preciso, então, que ocorra a castração para que o sujeito se desloque para o narcisismo secundário, quando assimila a figura do “outro”, deslocando, então, o amor de si mesmo para outros objetos (BIRMAN, 1999: 44). A partir dessa passagem pelo Complexo de Édipo é que o sujeito sai da sua arrogância primária de completude para a noção de si enquanto incompleto, faltante, desejante e sexuada.

## 2.1 SUJEITO PSICANALÍTICO

Há várias concepções que recobrem o conceito de sujeito. Trabalharemos com a noção de sujeito mobilizada na terceira fase da AD, baseados na leitura de Authier (1990), o que será desenvolvido no próximo capítulo. No entanto, como a autora parte de uma noção da teoria psicanalítica do sujeito, consideramos importante discutir as bases teóricas da constituição do sujeito psicanalítico, mesmo porque depois ela será ressignificada pela AD.

O Sujeito da Psicanálise é um sujeito desejante, interpelado pelo inconsciente e, portanto, um sujeito cindido, descentrado (contrário ao sujeito cartesiano), através do qual fala o Outro, sujeito do inconsciente. O Outro pode ser considerado a dimensão de alteridade que preexiste a todo sujeito. Lacan (1998) distingue no seu Seminário II uma dupla dimensão de alteridade: o outro e o Outro.

O Outro, é dele que se trata na função da fala. O Outro é, em primeiro lugar, a mãe, objeto perdido devido à proibição do incesto, mas constitui sobretudo o lugar onde os significantes já estão, antes

---

<sup>48</sup> Segundo Birman (1999: 31), “afirmar que a sexualidade é polimorfa implica enunciar que ela tem *diversas* formas de existência e de apresentação, se materializando pois em *diferentes* modalidades do ser”. Desse modo, o estado polimorfo é aquele em que ainda não se tem uma definição do objeto de desejo sexual, que primordialmente pode ser múltiplo.

de todo o sujeito, sendo daí que ele recebe sua determinação maior. (TEIXEIRA, 2005: 80).

O Sujeito lacaniano é constituído pelo nó **real, simbólico e imaginário**. Essas são as instâncias determinantes na formação do sujeito. “O *imaginário* está ligado ao nascimento do eu, o *simbólico*, ao registro da castração e o *real*, à impossibilidade de formalização pela linguagem” (TEIXEIRA, 2005: 87). São três anéis indissolutos que nos constituem psiquicamente como sujeitos. Pela instância do imaginário temos a criação de um “eu” unificado, ou seja, é a instância que nos permite a ilusão de que somos completos, ilusão narcísica de domínio sobre nossos corpos e mentes. O simbólico, que é a instância que nos interpela via contato com a linguagem, quebra essa completude imaginária, permitindo-nos o acesso ao Real por meio de um “filtro”, que é a linguagem. Quanto ao Real é “*o que não cessa de não se escrever*” (idem, *ibidem*: 89), ou seja, justamente a dimensão que não pode ser simbolizada, e que, por isso mesmo, escapa ao sujeito. O Real é o todo e, ao mesmo tempo, o resto: é o registro que compreende o “todo” psíquico, inclusive aquilo que não é simbolizado; e é também o restante, aquilo que denota a existência de um vazio, o buraco instaurado pelo simbólico.

Como o sujeito lacaniano se constitui pela linguagem, a ordem simbólica é que irá mediatizar sua relação com o real, entrelaçando este e o imaginário. O sujeito entra na ordem do simbólico através do *estágio do espelho* (quando reconhece seu corpo no espelho como símbolo de si mesmo) e da *metáfora paterna* (significante *Nome do pai*, instância da lei, ordem simbólica, a própria linguagem) que leva à divisão do sujeito que precisa recalcar o desejo materno à ordem do inconsciente. O eu (*moi*, na terminologia lacaniana) se constitui no imaginário como uma identidade unificada, entretanto, o sujeito como um todo é o efeito clivado, faltoso e desejante do inconsciente que, para Lacan, pertence ao simbólico e também à ordem imaginária.

Assim, a concepção de sujeito de Lacan trata de um sujeito concebido como efeito do discurso, já que “um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1998). Dessa forma, o sujeito está na esfera de dois significantes e se coloca, portanto, no espaço de deslizamento da enunciação. Mas, diferentemente das concepções subjetivistas, o sujeito psicanalítico na enunciação é o sujeito da instância do imaginário e, portanto, um efeito.

Tendo observado alguns pontos da teoria psicanalítica lacaniana de constituição do sujeito, consideramos pertinente explicitar melhor a questão do Complexo de Édipo, para que possamos entender como se dá a diferenciação entre o feminino e o masculino (agora conforme a teoria freudiana):

Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre as idades de dois a cinco anos) ocorre uma convergência dos impulsos sexuais, da qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe. Essa escolha de um objeto, em conjunção com uma atitude correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o *complexo de Édipo*, que em todo o ser humano é de maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica. (NAGERA, 1981: 63)

Sabemos que as crianças nascem biologicamente com um sexo, entretanto até a passagem pelo Édipo se configuram como seres bissexuais (Freud, 1976: 141), característica que permanece em nós, contudo um dos lados (feminino ou masculino) torna-se preponderante:

Freud sublinhou a contribuição da bissexualidade para o duplo e mais completo complexo de Édipo, ou seja, um que é positivo e negativo. Ainda mais importante é o fato de Freud ter considerado o vigor das disposições masculina e feminina como principais determinantes para a solução da situação de Édipo: “Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subseqüentes do complexo de Édipo” E mais: “A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais”.(NAGERA, 1981: 63)

O primeiro objeto de desejo para ambos, meninos e meninas, é a mãe, contudo a menina precisará deslocar esse objeto sexual para o outro pólo, situando-o, portanto, na figura paterna. Sendo assim, o caminho a ser percorrido pela menina parece ser bem mais complexo, considerando o deslocamento de interesse sexual (do feminino para o masculino), bem como a zona erógena que passa do clitóris (órgão que a menina acredita ser um “pênis pequeno”) para a vagina. No que diz respeito ao menino, “a zona genital principal do rapaz continua sendo o falo e o objeto sexual uma mulher” (idem, ibidem: 65).

Considerando esses aspectos, percebemos que a maturação sexual feminina se dá de forma diferente da masculina, constituindo-se num processo mais complexo. Se relacionarmos a isso as imposições de natureza social, que complicam ainda mais o papel da mulher, veremos que na conjuntura atual o “tornar-se mulher” parece passar por um processo de antítese: ao mesmo tempo que algumas tendências a empurram para o “desejo masculino”, em que a mulher precisa ser dócil, submissa, etc , ela parece precisar fugir desse padrão para sublimar-se. Ocorre que a mulher atual defronta-se com um paradoxo: algo do nível da estrutura- a feminilidade- determina para ela algumas características regidas pelo desejo; entretanto, ela se constitui imersa numa ordem fálica, que requisita características divergentes para que ela possa saciar, então, o desejo masculino. As características que dizem respeito à feminilidade propriamente dita, são características outras (diferentes das exigidas pelo desejo masculino do que é ser mulher, numa ordem fálica) que de alguma forma foram renegadas pela cultura. É o que discutiremos no próximo tópico através da noção de sintoma, cunhada por Lacan.

## 2.2 A MULHER ESTRUTURADA COMO SINTOMA

Depois de termos dado uma noção geral da constituição do sujeito mulher pela psicanálise, para discutirmos a questão da estrutura da mulher partiremos de um conceito nuclear nesse sentido: a noção de “sintoma”, oriunda do axioma lacaniano: “*a mulher é sintoma do homem*”<sup>49</sup>

Segundo Laurent (2006: 1), Lacan formula, primeiramente, nos anos sessenta, a proposição da mulher vista como fantasma<sup>50</sup> do homem, numa relação imaginária. Nos anos setenta, desloca essa proposição para a noção de sintoma, e a mulher passa a ser em relação ao homem o seu “sintoma”. Ele explica, em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1998), que não há identificação possível ideal com o papel masculino, porque existe a castração. Em decorrência disso, os homens estariam sempre à procura da parte perdida, que supostamente os completaria, e encontram essa parte no parceiro sexual, no “outro”. Assim “a fórmula

<sup>49</sup> Esta formulação aparece em : LACAN, J. “RSI”. Séminaire du janvier 1975. **Ornicar?** N.3. Paris: Lyse, 1975, p. 108.

<sup>50</sup> A noção de “fantasma” diz respeito à fantasia. O fantasma é a produção no imaginário no sentido de dar corpo ao desejo, um caminho possível em direção ao gozo. Nas palavras de Lacan, “a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo” (LACAN, 1998, p. 785).

do desejo do macho designa o lugar da mulher como sendo o do objeto *a*<sup>51</sup> do fantasma” (LAURENT, 2006: 2).

Já a inscrição do desejo da mulher não estaria necessariamente no “outro”. Ela está à procura do falo, que verdadeiramente nunca recusou, mesmo na passagem pelo Édipo, mesmo sendo ela própria o objeto que está à procura. Em *Mais Ainda* (1996), Lacan postula a fórmula “A Mulher não existe”, afirmando que não há um significante que designe esse conjunto geral que seria “A mulher”. Elas existem apenas na singularidade, já que “as mulheres se organizam como não-todas na função fálica” (idem, ibidem: 2). O “A” barrado da fórmula “A mulher” indica que não há inscrição possível para ela, esse significante é algo do nível do não-simbolizável.

Lacan reformula a diferença entre os sexos postulando a oposição de duas lógicas: a do “todo fálico” para o homem e “não-todo fálico” para as mulheres; ainda fala em dois tipos de gozo: gozo fálico para os homens e um gozo suplementar para as mulheres (SOLER, 2005: 17).

Voltando à noção de “sintoma”, para compreendermos como a mulher pode ser inscrita como sintoma do homem, é necessário que precisemos essa noção. “O sintoma é apreendido como fenômeno de verdade, quer dizer, pensado no significante, e concebido daqui por diante a partir do aparelho do gozo. O sintoma designa o efeito do gozo do significante no corpo” (idem, ibidem: 4). Relaciona-se mais ou menos ao que Freud designa como *pulsão*, algo entre o psíquico e o somático, mas Lacan coloca o sintoma “enquanto conexão real do significante e do corpo” (idem, ibidem: 4). Em “Função e campo da fala em linguagem e psicanálise”<sup>52</sup>, Lacan afirma que o sintoma é “o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito” (1998: 282). Em suma, o sintoma é a manifestação, seja no corpo, como o foi no caso das histéricas analisadas por Freud, ou mesmo na fala, do desejo do sujeito, que foi recalcado pela consciência. É “um sem sentido, uma opacidade no discurso do sujeito, por representar alguma irrupção da verdade” (DIAS, 2006: 4).

O sintoma é aquilo que retorna a despeito da vontade consciente do sujeito. Uma palavra, um gesto dissonante que traz à tona alguma verdade que parece, em

---

<sup>51</sup> Objeto *a* é a zona de interstício entre os registros que constituem o sujeito: real, simbólico e imaginário, sendo o local ocupado pelo *desejo*, conceito central na obra de Lacan, base da constituição do sujeito da psicanálise: sujeito desejante, incompleto, portanto.

<sup>52</sup> In: Escritos, 1998, (original publicado em 1953).

princípio, absurda. É a irrupção do conteúdo recalcado e do nível do desejo do sujeito.

Essa apresentação da noção de sintoma, mesmo que sumária, permite-nos pensar a mulher enquanto sintoma. Temos consciência de que a máxima lacaniana da mulher como sintoma está relacionada ao corpo do homem, já que o homem coloca a mulher como causa do seu desejo, conteúdo esse que, não podendo ser verbalizado, só pode ser recuperado na terapia. Dessa forma o gozo feminino não passa pela linguagem, tendo caráter místico- o gozo suplementar-. O que seria, então, esse conceito “mulher-sintoma”? Mulher sintoma do homem? O enunciado literal da máxima lacaniana parece ressoar alguma submissão (efeito de sentido dado pelo interdiscurso), contudo, ao tomarmos a noção de sintoma, percebemos que é exatamente o contrário. A mulher sintoma (do homem e da sociedade, que por sua vez é predominantemente masculina, tendo em vista ser a voz masculina a dominante) é o reflexo de tudo que o homem recalca, tudo que o homem deseja e não pode simbolizar, ou seja, não pode discursivizar.

É importante mencionar ainda que esse conceito de sintoma não pode ser operatório<sup>53</sup> no que diz respeito ao dispositivo analítico, já que estamos trabalhando nos domínios da Análise do Discurso e os objetos são diferentes. A área na qual nos situamos recobre o que diz respeito apenas ao **discurso**, à materialidade lingüística. Contudo, entendemos que essa noção da estrutura feminina pode nos levar a compreender a constituição do discurso feminino, o efeito-mulher que nos recobre e produz nossa identidade e ainda seus desdobramentos. É o que procuraremos fazer na análise dos enunciados femininos.

A questão da mulher atual poder ou não ser considerada como sintoma do homem já foi discutida por Charles Melman (2005), numa conferência ocorrida no Brasil intitulada “*Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?*”. Nesse texto, o autor diz que a questão da diferença (e até da impossibilidade da relação entre um homem e uma mulher) é algo do nível da estrutura<sup>54</sup> (p. 16). Afirma ainda que é a mulher quem decide sobre a validade da

---

<sup>53</sup> Essa observação foi sugerida pela professora Dra Glacy Roure na qualificação que, da posição de psicanalista e analista do discurso, compreende que são objetos diferentes de análise de cada área, o que nos obriga a enveredar por UM dos caminhos, pelo menos neste momento, já que o trabalho é em Análise do Discurso.

<sup>54</sup> Entenda-se estrutura aqui dentro de uma concepção psicanalista: como estrutura de configuração do sujeito: a forma como ele passa pelo complexo de Édipo, segundo a leitura freudiana, e a forma

figura paterna (ou melhor, do Nome-do pai, instância da lei)<sup>55</sup>, pelo fato dela não ser toda-fálica como o homem e ter em sua estrutura, portanto, características que permitem a ela recusar algo da lei paterna, do poder masculino. Ela instaura dessa maneira o lugar do “Outro”, que é justamente a instância do desejo, o que escapa ao poder do pai.

Melman faz ainda uma ressalva importante sobre a máxima lacaniana:

Ele não disse “uma mulher é o sintoma do homem”. É *A Mulher* que não existe e que, como somos todos aprendizes-mestres, nós queremos todos fazê-la existir, porque se nós conseguirmos fazê-la existir, aí então, nós podemos capturá-la completamente, perfeitamente e, assim, seremos todos iguais. (MELMAN, 2005: 22).

A partir da fala de Melman, podemos compreender que Lacan está tratando não de uma mulher específica, que seria o sintoma do homem, mas exatamente do conjunto *A Mulher*, significante que não existe, que não está no nível do simbólico e, por isso, revela a presença de um Outro que se interpõe, oriundo do registro do Real. É isso ainda que permite a singularidade das mulheres, de cada mulher, já que elas enquanto conjunto, não existem. O que existe é um efeito de homogeneidade do conjunto, do qual tratamos no capítulo anterior, que chamamos de “efeito-mulher”, efeito esse que, ao interpelar as mulheres como sujeito, as homogeneiza, já que permitem para elas a apropriação de um discurso do que é ser mulher, configurado por práticas discursivas pautadas em uma ideologia dominante que é machista.

Mas voltemos ao desejo, instância corporificada pela mulher. A questão do desejo está diretamente ligada à questão da perda. Vejamos como isso se processa. Ser um sujeito desejante é ser um sujeito em que algo falta, um sujeito que perdeu algo. E por haver algo perdido, passamos a vida a procurar essa parte perdida de nós. Isso explica outra máxima lacaniana: “não há relação sexual”. Melman explicita essa questão afirmando que Lacan quer com isso dizer que a relação sexual não existe porque ela se dá não pelo desejo do “todo” do outro sujeito, mas por alguma “parte” do seu corpo (2005: 24). “A parte do corpo do homem que interessa à mulher

---

como ele organiza as três instâncias psíquicas: Real, Simbólico e Imaginário, conforme a psicanálise lacaniana.

<sup>55</sup> O Nome-do-pai é a metáfora paterna ou “função paterna”, aquilo que inscreve para o sujeito a lei que o proíbe do incesto e instaura a linguagem. Pode ou não ser identificada com a figura paterna, mas funciona em termos de registro imaginário, não exatamente de uma figura empírica (o pai).

é evidente” (MELMAN, 2005: 25), entretanto o que em nós causa o desejo dos homens é algo que não sabemos exatamente. Por que estamos mencionando esse fator? Para falar de um aspecto muito recorrente nas mulheres e que se manifesta nas suas falas: a insegurança. A mulher vive angustiada sem saber o que tem que fazer para conquistar um homem. Já neles, essa característica é menos freqüente, já que possuem (e sabem que possuem) o que uma mulher procura. “A questão do que torna o corpo de uma mulher desejável para um homem se encontra naquela escrita de Lacan que sustenta que, para um homem, a imagem de uma mulher é o suporte desse objeto pequeno *a*, quer dizer, do objeto de sua fantasia” (idem, *ibidem*: 25).

Segundo esse raciocínio, o que o homem procura numa mulher é algo que está perdido nele e que pertence ao pequeno *a*, ou seja, à dimensão do Real, do impossível, do que foi recalcado, e aqui voltamos ao fato da mulher ser sintoma do homem. Não uma mulher individual, mas o conjunto das mulheres “A mulher” (que não existe), é sintoma em relação ao conjunto dos homens, que podemos relacionar com a própria civilização.

Ao afirmar que “A mulher é sintoma do homem”, estamos tratando de uma categoria que está fora do registro do simbólico: sendo da instância do Real, portanto, já que ela não “ex-siste”. Dessa forma, ela é sintoma do homem, enquanto categoria generalizada, não de um homem, ou de alguns homens. É sintoma de “O homem” enquanto humanidade, ou sociedade em geral, não especificamente do gênero masculino.

Por isso Freud afirmava já em *Feminilidade* (1976) ser a mulher a desestabilizadora do pacto civilizatório, porque ela quebra com mais facilidade do que os homens a questão da lei paterna instituída. Tudo isso porque durante o Complexo de Édipo feminino, o superego forma-se diferentemente em relação ao homem, de forma mais branda, o que, assinalaria muitos efeitos “sobre o caráter feminino em geral” (FREUD, 1976: 159). A mulher dá vazão ao desejo, e o desejo sempre está fora da lei. Esse “poder” atribuído à mulher- de conseguir fugir da lei- pode ser considerado um ponto extremamente positivo. Entretanto, sabemos que Freud tinha opiniões bastante preconceituosas em relação à mulher. Entretanto, é preciso considerar o lugar de onde fala Freud, que talvez não permitisse outra forma de conceber a mulher dentro da sociedade do século XIX.

Para Freud, é que uma mulher é simplesmente um homem diminuído, uma vez que ela renunciou a uma parte de sua virilidade. Seu gozo é deslocado para um outro lugar anatômico, mas permanece um gozo inteiramente fálico. Ou seja, Freud cai em cheio em nosso sintoma, que quer que a mulher seja de um falicismo ao menos igual àquele do homem. (MELMAN, 2005: 15).

Não vemos o fato de a mulher constituir-se diferentemente do homem em relação à lei de forma negativa, como o fez Freud. Ao contrário, o vemos positivamente, entendendo-o como um fator estrutural que nos permite uma transposição maior à lei e, portanto, uma abertura maior em direção ao desejo e ao gozo, característica da feminilidade.

Maria Rita Kehl (1996) também nos traz algumas contribuições sobre a formação do “sujeito-mulher”, conforme a Psicanálise. Ela afirma, com base na leitura freudiana inicialmente, que as mulheres são seres pouco éticos por conta de uma “falha” na formação do superego. Vejamos:

O superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Instância que se forma a partir de um duplo movimento psíquico: a renúncia às pretensões eróticas do amor edípico e o retorno de uma parte da libido sobre o próprio eu, na forma das identificações paterna e materna, e da formação dos ideais. Representa ao mesmo tempo um substituto para as pretensões do amor edípico e uma formação reativa contra ele (KEHL, 1996: 38)

Assim sendo, é pelo complexo de castração que o menino sai do Édipo, quando descobre a falta no sexo feminino, no entanto, a menina entra no complexo de Édipo justamente nesse momento, pela descoberta da castração, “reorientando seu amor da mãe castrada para o pai fálico” (idem, ibidem: 39). Dessa forma, ela, diferentemente do menino, já entra no complexo de Édipo com a descoberta da sua castração. A pergunta é: o que a faz sair, então, já que não tem nada a perder? Freud nos responde da seguinte maneira: “Na ausência do temor da castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (1976: 159).

Kehl responde da seguinte forma o mesmo questionamento: “É a ameaça da perda do amor, e não do pênis, que sinaliza a necessidade da renúncia feminina ao Édipo. É para não ser eliminada pela mãe rival e para poder ser amada de algum jeito pelo pai que a menina aceita a feminilidade como destino (KEHL, 1996: 60).

A questão do amor é colocada por Lacan como determinante na formação feminina. A mulher é caracterizada pelo “ser castrada” e, partindo desse destino, a falta fálica faz com que ela se volte para o amor de um homem (SOLER, 2005: 26), mas isso não é visto de forma pejorativa, e sim essa falta “é positivada” por Lacan. “Na impossibilidade de ser A mulher, resta ser ‘uma’ mulher, a eleita de um homem” (Idem, ibidem: 57).

Dessa forma, a segunda resposta à questão da saída do Édipo aponta não somente para uma “falha” no superego em função de uma castração já evidente para a menina. Kehl, assim como outros psicanalistas recentes, compreende que a mulher tem sim muito a perder se não sair do Édipo: tem a perder sua própria feminilidade. Tem a perder o que a faz tornar-se uma mulher.

O que nos interessa dessa discussão sobre a passagem da mulher pelo Complexo de Édipo é que, ao passar dessa forma e não de outra, é que a mulher torna-se mulher, assume sua feminilidade.

A constituição do sujeito psicanalítico deixa um legado bastante importante para nós em termos de pensar o sujeito a partir de uma falta que nos é constitutiva. No que diz respeito à mulher essa falta se coloca de maneira mais presente, tendo em vista a falta anatômica que dá origem à castração simbólica imposta pela lógica fálica a que estamos todos submetidos.

### **2.3 EFEITO OU SINTOMA? MULHER-EFEITO, SINTOMA, AFINAL, AONDE CHEGAMOS (CHEGAMOS?)?**

A questão da falta e da mulher como sintoma aponta para possíveis compreensões da mulher na contemporaneidade. A diversidade de papéis, a falta, ou assimilação de muitas identidades confirma um movimento que se processa e que não mais nos permite ver a mulher a partir de um signo homogêneo. Essas reflexões nos levam a pensar que nesse UM que é a mulher há um “Outro” que a desestabiliza. Obviamente esse movimento vem ocorrendo com homens e mulheres, mas mais nitidamente com as mulheres, tendo em vista que toda mudança em relação à lei (e aqui podemos citar o movimento feminista e todas as mudanças que a mulher vem trazendo em sua história) é mobilizada pelas mulheres. Os homens parecem estar mais fixos a uma lógica fálica e só têm se (des) estruturado em função do seu relacionamento com a mulher.

A mulher é o *sintoma* do homem porque se coloca como “objeto de desejo” dele, já que se defronta com a falta do falo. Entretanto, como para ela não há castração, já que já é castrada, não há nada a perder, o que faz com que ela, contraditoriamente, seja dotada de uma ilimitação fálica (ou SEJA o próprio falo<sup>56</sup>). Essa estruturação leva a uma **falta** que não é jamais preenchida. Como sempre foi o homem que historicamente deteve a palavra (KEHL, 1998), é ele quem vai produzir o desejo que vai habitar a mulher, por isso ela é o sintoma, posto que corporifica as angústias e conflitos, o que não é verbalizado, o que foge à lei instaurada pela linguagem.

A mulher é, portanto, sintoma do homem, e não somente dele, mas da própria cultura em que estamos inseridos. Assim, “não estarão as mulheres (...) tentando dar conta também dos aspectos da problemática masculina de que elas, receptivas, devoradoras, acabam por se ‘encarregar’?” (KEHL, 1996: 59). O questionamento colocado por Kehl (1996) progride para a afirmação de que a existência dessa mulher, que não existe para o inconsciente como preconizou Lacan, vem funcionando, portanto, como o inconsciente do mundo masculino, já que traz de volta alguns pontos recalcados, via sintoma.

Assim, se é pelas práticas discursivas, ou seja, pelos discursos que circulam sobre e pela boca da mulher que podemos construir o que entendemos por “mulher” hoje, que significante é esse “A mulher”? Será que ele é mesmo constituído a partir da palavra do homem, já que o discurso masculino se configurou (e configura ainda?) como dominante? Ou vem havendo uma subversão quando a mulher acaba verbalizando o que no homem não encontra simbolização? São pontos da construção do sujeito mulher na contemporaneidade que gostaríamos de discutir para pensar a **heterogeneidade**.

Articulando a noção de efeito-sujeito, ou “efeito-mulher”, com os pressupostos psicanalíticos, podemos dizer que, ao nomear um indivíduo “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário. Mesmo que, como afirmou Lacan, *A Mulher* não exista, ou melhor, não exista como conjunto, existe um efeito homogeneizante do que é ser mulher, o que é construído via palavra do homem.

---

<sup>56</sup> Elizabeth da Rocha Miranda, apud Kehl, (1996: 74), afirma que se o homem possui o suporte imaginário do falo, à mulher é mais acessível a SÊ-LO.

Contudo, esse efeito nem sempre funciona, porque sempre há um furo, daí a mulher se constituir como sintoma.

Quando uma mulher se constitui como objeto causa do desejo para o homem, se alojando dessa forma no fantasma masculino, ela se faz, então, objeto de gozo para este homem. Ao ser *objeto a*, ou o sintoma que o homem recupera no seu corpo ao preço do Falo na relação sexual, a mulher localiza o gozo fálico deste homem. (LAURENT, 2006: 1)

Essa relação corpórea da mulher como sintoma em relação ao homem produz uma relação simbólica da mulher e sua constituição identitária. A falta está colocada e torna-se fato, fato esse simbolizável via linguagem.

Assim, ao mesmo tempo em que a mulher é interpelada pela ideologia e pela palavra do homem -efeito-sujeito-, também carrega o fado de ser *sintoma*, portar uma verdade negada, ou seja, ser aquilo que, como diz a gasta metáfora para designar sintoma, “ao ser jogado pela porta, retorna pela janela”.

Kehl (1996) nos oferece uma reflexão bastante significativa quando pensamos na transição por que passa a mulher contemporânea:

Que a mulher tenha se tornado plenamente- não, plenamente talvez seja exigir demais até para um homem!- capaz de amar e trabalhar, é essa a revolução na natureza humana que ainda não sabemos simbolizar, pois acena para a possibilidade de retraçar as vias de circulação dos valores fálicos em nossa cultura. Que tenhamos nós, mulheres, conquistado o *falo da fala*, preparando caminho para nossa própria existência, criando a possibilidade de inscrever no inconsciente da espécie, nem que seja daqui a duzentos anos, os signos da nossa subjetividade- ambígua, sim; bissexual, sim; incestuosa, também-, tudo o que a mulher parece-que-é-mas-não-pode-ser se torna possível na medida em que adquirimos existência também sublime, sublimada, acesso ao simbólico, substituindo as possibilidades concretas, limitadas, destinadas em grande parte ao recalque (KEHL, 1996: 66)

Com isso fechamos/abrimos a discussão sobre a mulher sintoma, que corporifica e externaliza a falta, mas ainda carrega o “efeito” de ser mulher conforme a lógica masculinizadora e, por isso, está sob o signo da heterogeneidade. Deixamos as previsões futuras para o futuro. Por enquanto tratemos da mulher heterogênea e desse conceito de heterogeneidade processado na terceira fase da AD.

### **CAPÍTULO 3:**

#### **A MULHER VISTA SOB O SIGNO DA HETEROGENEIDADE**

Antes de ponderarmos sobre a mulher vista pela heterogeneidade, é importante discutir como esse conceito foi desenvolvido pela Análise do Discurso, vamos às bases teóricas, portanto.

Na terceira fase da Análise do Discurso, Pêcheux reformula grande parte da sua teoria. De uma análise automática do discurso (AAD-69) passa-se para a consideração do discurso e do sujeito visto sob o signo da heterogeneidade.

Ao enunciar o conceito de forma-sujeito, Pêcheux (1975) descreve a forma pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito ao assumir, no complexo das formações ideológicas<sup>57</sup>, sua posição como EU imaginário, entrando, assim, na evidência das significações. Dessa forma, ele aceita como sua “realidade” parte desse universo ideológico materializado nas formações discursivas para tornar-se sujeito do discurso. Vejamos nas palavras de Pêcheux:

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seus discursos) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações- aceitas-experimentadas. Ao dizer que o *EGO*, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia...*(PÊCHEUX, 1997: 162-163).

Pêcheux fala do efeito-sujeito referindo-se às teorias althusserianas da interpelação pela ideologia e lacanianas de constituição do sujeito. Entretanto, até esse momento (1975) ainda toma essa interpelação do sujeito como algo sem falhas, como se a ideologia nos assujeitasse sem lugar para furos. Depois do contato com Jacqueline Authier e da revisão de alguns pontos da teoria psicanalítica laciana, Pêcheux escreve em 1978 o artigo *Só há causa daquilo que falha*. Desse momento em diante, a AD caminha rumo à concepção de **heterogeneidade**.

---

<sup>57</sup> Formação Ideológica (FI) é “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras” (Pêcheux (1971), apud Teixeira, 2005: 33).

A chamada terceira fase da AD é o fruto do amadurecimento dos conceitos enunciados por Pêcheux, o que se acentua pelo encontro teórico com a lingüista J. Authier-Revuz, que propõe a teoria da heterogeneidade enunciativa, a partir de estudos sobre o discurso relatado.

O princípio da heterogeneidade é apresentado por J. Authier em 1981, no colóquio *Materialidades Discursivas*, do qual Pêcheux participa. As idéias debatidas nesse colóquio levarão Pêcheux a romper com a noção de formação discursiva, inaugurando o termo “discursividade” e vendo o discurso e o sujeito como heterogêneos.

O que a autora apresenta como “heterogeneidades enunciativas” compreende a **heterogeneidade constitutiva**, aquela pela qual o “eu” pensa falar- ilusão narcísica- que se constitui basicamente pela interferência do interdiscurso e do inconsciente; e a **heterogeneidade mostrada**, que é a presença do “outro” no texto, marcada explicitamente, através de aspas, discurso direto e indireto livre, glosa, citações, ironia etc.

A noção de **heterogeneidade constitutiva** nos interessa sobremaneira, já que é ela que dá novo estatuto ao sujeito discursivo, inaugura a presença determinante do “outro” no mesmo e apresenta essa como condição fundamental, ou melhor, constitutiva. Contudo, a heterogeneidade mostrada é precisamente a que confirma o assujeitamento, pois, ao se demarcar o discurso “alheio”, o sujeito afirma que o restante é autenticamente SEU, de sua autoria e propriedade. É, portanto, a heterogeneidade mostrada que nos leva à constitutiva.

A partir dos estudos sobre a presença manifestada do “outro” nos textos, pode-se pensar diferentemente a constituição do sujeito, agora não mais somente uma posição, um indivíduo plenamente assujeitado por uma ideologia. A Psicanálise contribuiu muito para essa designação de sujeito da terceira fase da AD, segundo a qual não falamos sempre o que queremos, como e da maneira que queremos, mas estamos “sujeitos” a inúmeros fatores e um deles é a manifestação do inconsciente e isso é que faz com que passemos de indivíduos a sujeitos.

Entendendo o sujeito como um efeito de linguagem, a Psicanálise busca as formas de constituição desse sujeito não no interior de uma fala homogênea, mas na diversidade de uma fala heterogênea, que é consequência de um sujeito dividido. (BRANDÃO, 1998: 43).

À abordagem psicanalítica, J. Authier (1990) conjuga a teoria bakhtiniana. Dessa teoria a autora considera o princípio dialógico constitutivo da linguagem e a afirmação de que todo dizer é atravessado por outras vozes- teoria polifônica-, o que significa que nenhum dizer é original e, mais que isso, toda palavra é carregada ideologicamente<sup>58</sup>. Vejamos o que afirma a autora sobre sua filiação teórica às duas correntes:

Para propor o que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, apoiar-me-ei, de um lado, nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano; de outro lado, apoiar-me-ei na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan (AUTHIER-REVUZ, 1990: 25)

Das concepções de Bakhtin e Lacan, a autora retira, portanto, elementos para formular a sua teoria da heterogeneidade enunciativa. Apesar de pontos de vista bastante divergentes, ambas as correntes

têm em comum o fato de terem oferecido para a concepção de sujeito, de linguagem, de sentido e da relação estabelecida entre essas posições, a idéia de não homogeneidade, de alteridade constitutiva, de heterogeneidade constitutiva, de relação não separável um-outro. É o conceito de ‘outro constitutivo do eu/discurso’, portanto, que sustenta a originalidade e a contribuição decisiva dessas duas teorias para os estudos do sujeito e da linguagem.”(BRAIT, 2001: 9).

Authier critica a posição dos estudos pragmáticos e enunciativos que consideram a noção de intenção do sujeito, a autora menciona o trabalho de Ducrot, ao qual se apóia já que ele dedicou-se aos casos do discurso relatado, entretanto considera o estudo desse teórico uma abordagem intralingüística do sentido. Critica os estudos pragmáticos pela não consideração da presença do inconsciente na linguagem, tal como enuncia a Psicanálise, encerrando-se na “categoria lacaniana do imaginário que é colocada em jogo, e a ‘função de desconhecimento’ assegurada estruturalmente no sujeito por um ‘ego’[‘moi’] ocupado em anular, no imaginário, a divisão que afeta o eu[‘je’]” (AUTHIER-REVUZ, 1998: 17).

---

<sup>58</sup> Sobre isso ver BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

Considerando o trabalho da autora acima mencionada, Pêcheux, como teórico inquieto que sempre foi, passou a reformular sua própria teoria. Com *Semântica e Discurso* ele “resolve” o problema da máquina discursiva que homogeneizava os discursos e absorvia completamente o sujeito. Entretanto, conforme já comentamos no primeiro capítulo, a forma-sujeito e o “*Efeito Münchhausen*” acabam dando uma dimensão tão perfeitamente estável da interpelação do sujeito, que não recobre uma questão que sempre pesou nos estudos de Michel Pêcheux: as ideologias dominadas.

O grande problema, agora reconhecido pelo autor, é que, ao acreditar ter cercado o sujeito, ele acaba reproduzindo o sujeito pleno, contornando o fato de que “o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é inteiramente recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (PÊCHEUX, 1997: 300). O inconsciente ou Outro (da teoria lacaniana) nunca deixa de estar lá, sendo recoberto pelo Imaginário, já que é a instância fundadora e constitutiva do sujeito, o qual se configura como desejoso, faltante.

Pêcheux começa a questionar a questão dos discursos de resistência que surgem em meio a sujeitos interpelados por ideologias dominantes. Como se daria esse processo se o assujeitamento fosse perfeito? Quer dizer que há falhas, as quais se manifestam na linguagem e pouco a pouco fazem surgir discursos de resistência. Contudo

Retraçar a vitória do lapso e do ato “falho” nas falhas da interpelação ideológica não supõe que se faça agora do inconsciente a fonte da ideologia dominada, depois do fracasso de fazê-lo o impulso do superego da ideologia dominante, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente (PÊCHEUX, 1997: 301)

O autor procura esclarecer com isso uma falha que houve em *Semântica e Discurso* (1975) ao identificar o Sujeito do inconsciente ao Sujeito ideológico de Althusser. O sujeito é sim interpelado ideologicamente, contudo esse ritual não se dá sem falhas, tendo em vista o atravessamento pelo inconsciente. A linguagem é a instauração do simbólico, e o simbólico faz-se pelo processo metafórico: um significante por outro. Sendo assim, é nesse filtro pelo simbólico que algo se perde,

já que a linguagem não dá conta de reproduzir um Real que é insuportável ao sujeito.

Todas essas inquietações são colocadas em pauta no colóquio “Materialidades Discursivas”, de junho de 1979, quando M. Pêcheux entra efetivamente em contato com J. Authier. Esse contato foi decisivo e colocou de uma vez por todas o discurso, e por conseguinte o sujeito, sob o signo da heterogeneidade. Como afirma Pêcheux (*apud* MALDIDIER, 2003: 74): “o primado do outro sobre o mesmo se impôs”. Authier, na posição de lingüista, que insiste em manter, fornece pressupostos materiais lingüísticos para a problemática da heterogeneidade no discurso.

O conceito de heterogeneidade constitutiva de J. Authier vinha em consonância ao conceito de interdiscurso, aliás, a própria autora em seu trabalho fala da ligação à AD e aos trabalhos de Althusser e Foucault (AUTHIER, 1990: 27). E a heterogeneidade mostrada, além de levar à constitutiva, também pode ser relacionada ao intradiscurso da teoria pêcheuxtiana. Intercâmbio teórico perfeito.

Pêcheux, ao comentar sobre os novos caminhos da AD em sua terceira fase, fala da consideração do *discurso-outro*, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo, pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ seqüência” (*In*: GADET; HAK, 1993: 316-317). O que ele chama de um “além” interdiscursivo, podemos entender como o Outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo que o desestabiliza “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Pêcheux, *In*: GADET; HAK, 1993: 317). A partir daí, a AD “interessa-se em fazer emergir novos procedimentos de análise a partir da consideração da heterogeneidade/equivocidade do sujeito e do sentido” (TEIXEIRA, 2005: 16).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como materialidade lingüística constituída pelo interdiscurso e também pelo inconsciente.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990:28).

Ao chegar à especificidade de um sujeito heterogêneo que se constitui como tal à medida que fala e falha, Pêcheux ocupa um lugar original dentro dos estudos lingüísticos, tendo em vista que não se opõe simplesmente a um sujeito intencional, egóico, mas o situa através do assujeitamento como sujeito ideológico e afetado pelo inconsciente, e o faz relacionando esse sujeito à materialidade específica da língua, já que a própria língua é sintoma: “a língua que todo o locutor toma como ‘instrumento de comunicação’, freqüentemente escapa a ele” (TEIXEIRA, 2005: 16). A língua, o sujeito e o sentido passam, portanto, pelo crivo da heterogeneidade.

A noção de heterogeneidade abarca principalmente o postulado de que o discurso e o sujeito são constituídos também por uma falta, legado que nos é dado pela Psicanálise. Entretanto, como operaremos segundo os mecanismos de análise da AD, é preciso compreender como essa falta se manifesta na linguagem. Acreditamos que uma noção que nos pode ser útil em termos de análise é a noção de **equivoco**. O equivoco é procedente da falha, que se origina na língua, ou seja, a língua está sujeita a falhas. No discurso é que percebemos o equivoco, pois é pela inscrição da língua na história que ele se produz, no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente (ORLANDI, 2001: 102-103). Pelo equivoco, portanto, materializado no discurso das mulheres, podemos nos voltar à falta que é constitutiva de todo sujeito e que atesta a heterogeneidade.

Como pensar, então, essa noção de heterogeneidade do sujeito em relação à mulher? Acreditamos que ao situarmos a mulher como “efeito”, mas um efeito que falha, que produz equívocos no discurso, a colocamos na tensão entre dois pólos: um regido pela determinação histórico-ideológica e outro que se coloca a partir do desejo, da falta que constitui todo sujeito. Pensando nessa bipolaridade, situamos o sujeito sob o signo da heterogeneidade. Se considerarmos ainda a formação da estrutura feminina pela Psicanálise, podemos afirmar que a mulher apresenta de forma mais clara essa manifestação heterogênea, posto que corporifica a falta e a externaliza via sintoma. A materialização dessas posições acerca da identidade feminina é o que procuraremos demonstrar a partir do discurso feminino que analisaremos na seqüência.

## **CAPÍTULO 4: ENFIM, O DISCURSO FEMININO!**

A incursão pelo discurso feminino e as leituras que procedemos acerca da mulher vista pela história, da mulher vista pela psicanálise, e da constituição do sujeito pela heterogeneidade, segundo a AD, foram delimitando um percurso teórico-analítico que mobilizou conceitos requisitados pelo *corpus*, o qual foi também se delimitando. Dessa forma foi-se construindo, como denominou Orlandi um “dispositivo de interpretação” (2002: 59). Esse dispositivo se fez por uma via de mão dupla: as questões surgidas no *corpus* “pediam” o trabalho de algumas categorias teóricas e essas categorias teóricas foram fazendo com que o *corpus* para a análise fosse se compondo. Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, é preciso explicitar esse gesto de composição do *corpus*.

### **4.1 CONVERSANDO COM MULHERES SOBRE SER MULHER: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS**

Neste tópico procuraremos justificar a coleta de *corpus*, talvez nem tanto convencional. Nos ancoramos nas teorias das quais partimos: a AD, que prevê uma constituição do *corpus* não a partir da teoria, mas um trabalho de análise em que as questões teóricas surjam do *corpus*, o qual vai se delineando conforme o andamento da pesquisa; e a Psicanálise, que trabalha com o elemento verbal pautado no princípio da associação livre.

O material sobre o qual nos debruçamos – a materialidade lingüística- permite transitar entre as várias áreas teóricas nas quais nos apoiamos, contudo, temos em vista que são diferentes as noções de discurso em cada uma das áreas, assim como outros conceitos, tais como feminilidade.

Não pretendemos tecer considerações sobre a articulação da AD e a Psicanálise, terreno bastante conflituoso e ainda em desenvolvimento. Sabemos que a relação entre ideologia e inconsciente é o ponto de encontro entre as duas teorias, mas também ponto de divergência. Considerando isso, pretendemos tomar alguns pontos da Psicanálise como base para se pensar a constituição do sujeito mulher e a produção da(s) sua(s) identidades, tendo em vista a brecha teórica da constituição heterogênea do sujeito em sua dupla interpelação: pela ideologia e pelo

Inconsciente. Todavia, a Psicanálise não será tomada para fins analíticos, problemática que mencionaremos na seqüência.

A análise do discurso feminino será feita, então, a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa da terceira fase, a qual parte de alguns princípios psicanalíticos. Trabalharemos com a fala de mulheres, voltando nosso olhar a um material coletado em entrevistas e recortado por nós.

Trata-se, portanto, de mais um “gesto de interpretação”, como se diz em AD, a fim de pensar as práticas identitárias como efeitos que se produzem na e pela linguagem. Falamos em “gesto de interpretação”, porque além da investida do analista ser uma possibilidade de leitura, precisamos considerar que os discursos analisados são produzidos por um grupo que, por sua vez, é parte de uma determinada realidade social, o que faz com que a referida pesquisa ofereça conclusões a respeito especificamente dessa realidade. É claro que isso pode contribuir para conclusões mais generalizadas acerca do tema, entretanto não pode constituir-se como algo fechado, definitivo.

A Psicanálise nos lega para a constituição do nosso objeto de estudo o princípio da associação livre, segundo o qual procuramos ancorar nossas entrevistas. Acreditamos que é no discurso oral que se produz um efeito de “naturalidade” no uso da língua, dada a não possibilidade de reformulação, de retorno ao texto. Nessa materialidade é que mais freqüentemente podemos observar o “real da língua” ou seja, aquilo que é impossível de ser dito e que aparece nos equívocos, chistes, faltas, falhas, etc.

O discurso oral ainda se justifica por um modelo bastante interessante, e já aceito por Pêcheux, que é o modelo da “Nova História”, sobretudo no que se refere aos princípios de Michel de Certeau. Esse modelo toma o discurso como base de análise e material para a história.

“O procedimento de Certeau privilegia o próprio ato de falar, passando pela escuta das práticas comuns desses usuários (homens comuns)” (TEIXEIRA, 2005: 58). Pêcheux concorda com Certeau ao priorizar a linguagem comum e o aspecto conversacional da linguagem. Na segunda parte do Tomo 2 de “A Invenção do Cotidiano” (CERTEAU, 1998) denominada “Cozinhar”, quando Luce Giard (colaboradora de Certeau) traz entrevistas com mulheres a respeito dos hábitos cotidianos acerca do ato de cozinhar, podemos ter um bom ponto de ancoramento e modelo para nossa coleta de dados.

Os autores tomam “vozes de mulheres” comuns, espécies de “conversas”, com o intuito apenas de ouvir essas mulheres, que em geral não são ouvidas. Trabalharam nessa coleta de dados com mulheres comuns, do círculo de amizades de uma conhecida, mas não da família da pesquisadora por razões óbvias de interferência por conta do contato muito íntimo e de possíveis conflitos familiares. Outro aspecto importante, conforme as próprias palavras da autora, é que “cada entrevista foi feita de acordo com um plano bem flexível, dando lugar a muita liberdade e espontaneidade à entrevistada, inclusive para dar vazão às suas associações de idéias” (CERTEAU et al, 1998: 223).

Dessa forma também procuramos proceder nas entrevistas que realizamos: colocando algumas questões para iniciar a conversa, mas deixando, sobretudo, a mulher “livre” para falar.

Tendo justificado teoricamente nosso objeto de análise, vejamos como isto se deu concretamente. A constituição do *corpus* de análise, conforme já mencionado, parte de entrevistas realizadas com mulheres de perfis diversificados. Tendo em vista que a pesquisadora é também uma mulher, podemos dizer que a coleta de dados foi constante, pois o tempo todo estamos conversando com mulheres de vários espaços e níveis sociais. Entretanto, formalmente, foram feitas 10 (dez) entrevistas, com mulheres entre 15 e 83 anos, de níveis sociais diferentes e profissões diversas, nos municípios de Guarapuava, Irati e Maringá, no Paraná.

A escolha da amostra foi aleatória e contou com a disponibilidade dos sujeitos. Não partimos de segmentos ou estratificações sociais para determinar o público pesquisado, pois gostaríamos de compor um quadro de mulheres que pudesse ser representativo da mulher “em geral” no período contemporâneo, e não de uma classe específica de mulheres. Assim, selecionamos as mulheres em função das práticas discursivas femininas mais ou menos regulamentadas que acreditávamos que poderiam apresentar mulheres de determinada faixa etária, por exemplo, ou classe social.

Dessa forma, procuramos compor um quadro diversificado de mulheres, partindo do pressuposto de que elas poderiam mostrar práticas discursivas diversas, tendo em vista o afetamento por alguns discursos (como o feminista ou machista, por exemplo), dependendo da idade, escolaridade e/ou profissão. Assim, fizemos entrevistas com dez mulheres, escolhidas em função de sua idade, profissão e

escolaridade. Quanto à idade, optamos por ter representantes das seguintes faixas etárias: dos 15-25 anos; 25-45 e acima de 45 anos; quanto à profissão, procuramos contemplar ao menos uma dona de casa e uma mulher considerada bem sucedida profissionalmente; quanto à escolaridade, selecionamos pelo menos uma mulher de cada nível: até ensino fundamental, ensino médio e ensino superior acima. Pretendemos com essa escolha dos sujeitos pesquisados conseguir uma amostra de práticas discursivas diversas a fim de obter um perfil da mulher em geral, e não estratificado, conforme já mencionamos.

Sabemos da impossibilidade de homogeneizar a mulher, tornando-a uma mulher genérica abstrata, talvez esse efeito possa ocorrer quando se fala em analisar o discurso feminino. Nossas mulheres são reais, indivíduos interpelados em sujeito, e, para que isso fique registrado, acreditamos ser importante apresentar o perfil das 10 (dez) entrevistadas.

Ao tratar disso, estamos falando de condições de produção (CP). Conforme Orlandi (2003) as CP compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Em sentido amplo diz respeito ao contexto sócio histórico e ideológico. cremos que tratamos disso no primeiro capítulo deste trabalho. Já as CP em sentido estrito dizem respeito ao contexto imediato. Partiremos primeiramente dos sujeitos pesquisados: das dez entrevistadas cinco eram solteiras, duas casadas, duas viúvas e uma separada; duas eram professoras, quatro estudantes (três universitárias e uma do Ensino Médio), uma empregada doméstica, uma funcionária pública, uma aposentada e uma dona de casa. Em relação ao grau de escolaridade, já adiantamos que três eram estudantes universitárias, uma estudante do ensino médio, duas professoras pós-graduadas (uma com nível de mestrado e a outra com especialização); duas com ensino fundamental incompleto, uma com ensino fundamental completo e uma com ensino médio completo. Os locais onde vivem essas mulheres são cidades do interior do Paraná (Guarapuava, Irati e Maringá) e a escolha se deu em função de serem os locais por onde a pesquisadora transitava. O cruzamento desses dados pode ser observado no quadro a seguir, que apresenta os sujeitos pesquisados:

| <b>Iniciais</b> | <b>estado civil</b> | <b>idade</b> | <b>Profissão</b>           | <b>escolaridade</b>        | <b>Local</b>      |
|-----------------|---------------------|--------------|----------------------------|----------------------------|-------------------|
| M.M.            | solteira            | 22 anos      | Estudante                  | superior inc.              | Irati-PR          |
| V.C.            | solteira            | 19 anos      | Estudante                  | superior inc.              | Irati-PR          |
| P.P.B           | solteira            | 15 anos      | Estudante                  | ensino médio<br>incompleto | Guarapuava-<br>PR |
| M.S.            | separada            | 30 anos      | Empregada<br>doméstica     | ens. fund.<br>incompleto   | Guarapuava-<br>PR |
| R.M. S.         | viúva               | 51 anos      | aposentada                 | ens. fund.<br>incompleto   | Guarapuava-<br>PR |
| T.V.            | casada              | 44 anos      | funcionária<br>pública     | ens. médio<br>completo     | Guarapuava-<br>PR |
| N.F.L.          | solteira            | 27 anos      | professora                 | sup. Comp.<br>Pós- Grad.   | Maringá-PR        |
| E.C.B.          | casada              | 34 anos      | Profesora<br>universitaria | sup. Comp.<br>Pós- Grad.   | Maringá-PR        |
| C. S.           | solteira            | 21 anos      | estudante                  | superior Inc.              | Maringá-PR        |
| I. M.S.         | viúva               | 83 anos      | dona de<br>casa            | Ens. fund.<br>completo     | Irati-PR          |

O procedimento das entrevistas ocorreu da seguinte maneira: abordamos as entrevistadas dizendo que estávamos fazendo uma pesquisa sobre o comportamento feminino e gostaríamos de conversar, fazer algumas perguntas. Fomos bem recebidas por todas as mulheres, todas se mostraram bastante dispostas a falar. A impressão que tivemos é de que não há um espaço de reflexão na vida dessas mulheres sobre o fato de ser mulher, daí o interesse em falar sobre o assunto.

A entrevista partia do seguinte questionamento:

### **Você gosta de ser mulher? Por quê?**

Outras questões que foram colocadas durante as entrevistas pela entrevistadora foram:

**O que a mulher pode ou não fazer?**

**Qual a diferença entre ser homem e ser mulher? Quais os pontos positivos e/ou negativos no fato de ser mulher?**

**Você quer (ou sempre quis) se casar?**

**Você quer (ou sempre quis) ser mãe?**

Daí em diante, foram surgindo muitos assuntos dependendo da entrevista, mas contemplamos na análise principalmente a resposta a essas questões.

Outro dado importante é que nove das dez entrevistas que realizamos não foram gravadas. Foram feitas anotações pela pesquisadora durante as entrevistas e logo depois delas. Contudo, a riqueza do material coletado fez com que considerássemos que ele não poderia ser desperdiçado e, materialidade lingüística que é, poderia e deveria ser analisado. Ainda é importante mencionar que o material dessas nove entrevistas, mesmo não tendo sido gravado, é a reprodução das falas das entrevistadas, procuramos não alterar nada do seu conteúdo e forma original. As frases que nos “soaram” mais importantes foram anotadas na íntegra. O material que não lembrávamos e que não foi anotado descartamos, priorizamos as respostas de questões que foram feitas para todas as entrevistadas. Compreendemos que a “tradução” desses textos orais produzidos pelas mulheres significa, faz diferença, já que se configura como outra materialidade lingüística. O recorte que fizemos já é um gesto de interpretação, sem falar da diferença que há entre o registro oral e o escrito. Os sentidos produzidos, portanto, se colocam nessa relação pelo modo como o *corpus* foi sendo constituído, entre a fala propriamente dita das entrevistadas e a transcrição feita pela pesquisadora.

A última entrevista, realizada com uma senhora de 83 anos, foi gravada e transcrita. Nela detemos grande parte da nossa análise, considerando a quantidade e qualidade do material coletado.

Uma outra ressalva ainda faz-se necessária antes de nos dirigirmos para a análise. Apesar de ter dado algumas características das entrevistadas, estamos as “homogeneizando” no processo de análise. Explicamos: no início do projeto deste trabalho acreditávamos ser importante mencionar idades, profissões, escolaridades, etc., por conta da hipótese de que o discurso feminino se manifestaria diferentemente conforme essas categorias. Todavia, no processo de descrição dos discursos, observamos que o discurso feminino, mesmo heterogêneo, era um só,

independentemente de quem falava. Em decorrência dessa constatação, em nosso gesto de interpretação não tomamos as mulheres individualmente, especificamos quem fala, mas não tomamos esses dados como categorias de análise. Consideramos a fala das entrevistadas como reflexo de suas posições-sujeito, ou seja, dadas as condições, elas estão nesse momento na posição de mulheres, respondendo pela condição “mulher”. Além disso, o objetivo do trabalho é observar via discurso a identidade feminina e não a identidade particular das entrevistadas.

À análise, então:

#### **4.2 UM PERCURSO DE ANÁLISE:**

Depois de termos lançado algumas hipóteses teóricas acerca da identidade da mulher na contemporaneidade, hipóteses que partiram do próprio *corpus*, procuraremos situar agora, na fala das entrevistadas, os pontos que mencionamos na revisão teórica, sejam eles principalmente: o “efeito-mulher” e a questão da heterogeneidade.

De que maneira essas questões se materializam no discurso de mulheres comuns, como é o caso das entrevistadas? Elas falam em ser “efeito” ou mulheres heterogêneas? Obviamente que não. Porém, procuramos pistas nas suas falas, indícios dentro da materialidade lingüística que essas mulheres nos trazem para verificar como elas se compreendem enquanto mulher. Que efeito de sentido produzem ao falar sobre o que é a mulher hoje? Essa é a nossa questão central.

Do conteúdo das falas das entrevistadas, fomos selecionando aquilo que latejava nos seus discursos. Não partimos de nenhum critério dado *a priori*, mas buscamos observar nas falas o que “saltava aos olhos”. Dessa maneira, é no conteúdo reiterante e também reticente e até negligenciado que procuramos ver o discurso feminino. Buscamos vê-lo ainda na relação com o exterior que o determina (contexto histórico-ideológico) e ainda observar os lapsos, as faltas, os resquícios de um discurso de um sujeito desejante que põe em utilização uma língua que, como já mencionamos, é lacunar tanto quanto o sujeito.

Para iniciar de algum ponto a nossa análise, partimos das regularidades discursivas, ou seja, dos pontos em comum dentro da fala das entrevistadas. O primeiro deles diz respeito ao “poder”.

#### 4.2.1 O QUE É SER MULHER?: MULHER “NÃO PODE”

No primeiro tópico da nossa análise trazemos enunciados que surgiram do questionamento feito às entrevistadas: “Você gosta de ser mulher?”. As respostas a esse questionamento trouxeram enunciados em que o “ser mulher” foi predicado através do verbo “poder”, ou melhor, “não poder”. Em decorrência disso perguntamos o que, então, a mulher pode ou não fazer. Disso surgiu uma discursividade que coloca em cena o “poder” *versus* “não poder” para designar respectivamente o masculino e o feminino.

A forma negativa “**não poder**” apareceu em maior número, o que marca a questão do **interdito** que surge na fala das entrevistadas. “*Mulher não pode fazer certas coisas*”<sup>59</sup>. Não conseguiram explicar os motivos, algumas diziam “*por que não*”, acentuando uma verdade absoluta, apesar de totalmente arbitrária, sinalização de um pré-construído no espaço interdiscursivo<sup>60</sup>. Outro fator digno de nota é que a questão do interdito aparece por duas vias: pela negação (o que a mulher não pode fazer) ou ainda pelo silenciamento demonstrado na impossibilidade de explicitar o que exatamente não se pode fazer. Isso se faz pela falta de predicação: “*mulher não pode...*”. “Não pode” o quê? Ou ainda pela indeterminação do objeto, quando aparece nas falas o vazio, o lugar do impossível de ser verbalizado: “*mulher não pode fazer certas coisas*”, “*algumas coisas*” “*muitas coisas*”, etc.

Os principais interditos do tipo 1 (negação) explicitados pelas mulheres giram em torno de sair sozinha (tanto para viajar, quanto sair à noite, ir a um bar, etc.); alguns interditos sexuais também, e outros de ordem financeira: meninas dependem mais dos pais financeiramente e têm dificuldade para encontrar um emprego.

Nesse último caso, em relação a emprego, surge um fator bastante interessante que nos remete à divisão do trabalho (manual e intelectual) vista de forma naturalizada: a via única apresentada é estudar para, depois, ter independência financeira. Entretanto o “ideal” é que isso ocorra através de profissões intelectuais, afinal “*mulher não pode trabalhar em qualquer coisa*” (M.M. 22 anos). Nesse enunciado a questão ideológica é muito marcada: a divisão do trabalho e o interdito são questões sociais arraigadas por uma ideologia capitalista e

<sup>59</sup> Colocaremos em itálico e entre aspas todas as citações retiradas das transcrições das entrevistas.

<sup>60</sup> O conceito de interdiscurso é equivalente ao de memória discursiva mencionado anteriormente e será discutido na seqüência.

patriarcal, mas que se encontram legitimadas, já que discursivizadas sem o peso da história. Queremos dizer com isso que a memória histórica desses “fatos” discursivizados: a divisão do trabalho e o interdito em relação ao sexo feminino, parece ter sido “apagada”. Esse “apagamento” ocorre pelo esquecimento nº 1<sup>61</sup>, de ordem ideológica, que, via interpelação/assujeitamento, produz a ilusão da transparência da linguagem e da forma-sujeito, ou seja, a ilusão que permite a todo indivíduo identificar-se como sujeito do discurso, ou melhor, como EGO, instância produzida pelo imaginário (no sentido lacaniano do termo).

Pela assimilação do discurso como “seu”, aparece aqui a mulher “efeito”, a que se constitui via discurso histórico-ideológico dominante. Essa mulher, ao produzir um enunciado como esse, assimila como seu um discurso de origem capitalista (divisão do trabalho intelectual e manual) e também um discurso de origem machista acerca dos tipos de trabalho que podem ser executados por mulheres.

Vejamos algumas outras ocorrências do verbo “poder” em que a interpelação ideológica se materializa via discurso:

**Enunciado 1:** *Eu queria ser meu irmão, pra poder ter mais liberdade...viajar, poder fazer muitas coisas* (M.M., 22 anos)

**Enunciado 2:** *“mulher é proibida de fazer muitas coisas, tudo não pode, enquanto homem pode tudo”.* (V.C., 19 anos).

Nos dois enunciados acima, aparecem ocorrências do tipo 2: o interdito que é silenciado. Nesses casos, a mulher é interdita de dizer quem a interdita ou mesmo de que tipo de coisas ela está interdita. “Poder”, nesse momento, não é utilizado no sentido de “possibilidade”, mas como interdito social. O interessante é que, da forma como aparece nas falas, o efeito de sentido é de um interdito natural. Nessas falas sobre o que a mulher pode ou não fazer, está inscrito um discurso que é social, imemoriável, pertencente ao que podemos chamar de uma formação ideológica (FI)

---

<sup>61</sup> Sobre esse conceito ler *Semântica e Discurso* de Michel Pêcheux ou *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*, de Eni Orlandi.

patriarcal originária na Idade Média. Esse discurso reproduz uma lógica assentada ideologicamente desde muito tempo e que acaba cerceando a ação da mulher na sociedade. Transparece no discurso que o que pertence ao “poder” está relacionado ao homem, enquanto o “não poder” diz respeito à mulher.

O enunciado 1 trata ainda da questão da divisão do espaço público e privado. À mulher cabe o espaço privado, “viajar” é coisa para homem. Para poder viajar é preciso ser homem e isso é naturalizado. O conceito de liberdade diz respeito à liberdade para ir e vir, o que vem explicitado no enunciado 1, quando a entrevistada equivale os termos “ter mais liberdade” e “viajar”. Essa liberdade para ir e vir é um direito que a mulher não possui, pelo menos completamente: seu “ir e vir” está cerceado por fatores inúmeros que a impedem de exercer sua “liberdade”.

No enunciado 2 temos além da questão do interdito silenciado, a questão da “completude” advinda das expressões “tudo não pode” e “homem pode tudo”. O significante “tudo” remete à ilusão da completude imaginária do sujeito. O efeito de sentido desliza em “tudo não pode”, já que o “tudo” pode corresponder a tudo que o homem pode fazer e a mulher não, mas também pode designar a totalidade impossível a todo sujeito, a incompletude que nos constitui. O “tudo” é o impossível, o pertencente ao Real. Também podemos pensar na organização das ocorrências. Na primeira o “tudo” vem no início: “tudo não pode”, sendo sujeito da oração. Na segunda ocorrência o “tudo” vem no final, como elemento adverbial, enquanto o sujeito é o homem. Esse fator possibilita uma leitura diferente. O efeito de sentido decorrente dessa organização frasal é que o “tudo” da segunda ocorrência diz respeito ao conjunto de coisas que o homem pode fazer, enquanto na ocorrência anterior o “tudo” diz respeito à totalidade que o sujeito renuncia na passagem pelo Édipo, quando do abandono do narcisismo primário. Manifestação do inconsciente? Talvez. Acreditamos que esse equívoco (da ordem do discurso) interposto pela ambigüidade de sentido do significante “tudo” dá margem ao vislumbamento da condição heterogênea de constituição do sujeito.

Como podemos perceber já nessa pequena amostra das falas femininas, o discurso se compõe de discursos outros oriundos de muitas formações discursivas. Ao compor sua fala com um discurso “naturalizado” de que a mulher **não pode** fazer coisas que o homem pode, ecoam na fala da mulher vozes que remetem a um discurso outro que constitui o discurso feminino de forma contraditória, já que está

ancorado num interdiscurso de base machista. O **interdiscurso** “designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição” (MALDIDIER, 2003: 53); é ainda o que Orlandi (2002) chama de o “eixo do dizível”, ou seja, o que rege o dizer. Nesse caso, temos um discurso machista, não associado empiricamente a nenhum indivíduo, mas que ressoa, possibilitando o dizível e se materializando na fala das mulheres por conta de uma dominação ideológica que as assujeita. Na verdade não é propriamente o discurso machista que aparece na fala da mulher, ele retorna sob a forma do simulacro, resignificado e, além disso, transformado numa voz imemorial, que reproduz uma ideologia já arraigada que nos interpela, mas ao mesmo tempo nos dá a ilusão de sermos sujeitos, donos do que dizemos.

Pêcheux, na terceira fase da AD, fala da consideração do *discurso-outro*, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ seqüência” (*In*: GADET; HAK, 1993: 316-317). O que ele chama de um “além” interdiscursivo, podemos entender como o Outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo que o desestabiliza “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Pêcheux, *In*: GADET; HAK, 1993: 317).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como prática discursiva e constituído pelo interdiscurso e também pelo inconsciente. “Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990: 28). É a partir desse prisma que a questão da identidade vai se colocando: sob a égide do descentramento, da divisão, do Um que é atravessado pelo outro e pelo Outro.

Também aparece nas falas das entrevistadas um discurso um pouco mais atualizado, mas não menos ilusório, de que a liberdade da mulher está muito

ampliada hoje. Esse tipo de discurso traz de uma certa forma um consolo para as mulheres, o que acaba viabilizando um conformismo perante a situação atual. Vejamos as redes parafrásticas desse enunciado nas falas:

**Enunciado 3:** *Mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer* ( R.M.S, 51 anos);

**Enunciado 4:** *Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás* (T.V., 44 anos).

Nesses enunciados está clara a presença do interdiscurso que se atualiza nessas falas graças às condições específicas de produção, ou seja, somente pode ser dito e compreendido um discurso como esse porque o momento histórico e as questões ideológicas assim o permitem. Há um discurso extremamente machista que afirma que a mulher não possui igualdade de direitos em relação aos homens; há ainda um outro discurso que nega o primeiro e é esse discurso que aparece no momento atual. Interessante perceber que, como ele aparece para negar um discurso primeiro, ambos são interdependentes e só existem um em função do outro.

A atualização do discurso machista nos enunciados 3 e 4 produz um efeito de sentido de libertação da mulher: ela pode “quase” tudo, está “quase” em pé de igualdade com o homem; e ainda um outro efeito de conformidade, já que “hoje em dia ela tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás”, enunciado que traz no seu interdiscurso um outro que afirma: “vocês já evoluíram muito, vamos com calma, não está bom assim?”. A produção de enunciados como o 3 e o 4 apresentam um lugar de transição do discurso feminino, dadas as novas condições de produção. Vejamos:

Para uma FD machista originária da Idade Média o discurso possível seria: “mulher não pode tudo”;

Numa FD feminista: “mulher pode tudo”;

E no enunciado nº 1 temos um lugar de deslocamento: “mulher pode **quase** tudo”.

O deslocamento ocorrido é decorrente das condições de produção atuais que trazem práticas do comportamento feminino regulamentadas pelos discursos que a mulher faz circular sobre si mesma. O “quase” também dá espaço ao “resto”, que não é verbalizado, mais uma vez a questão da incompletude. Dupla indeterminação: uma decorrente do “quase” e outra decorrente do “tudo” que não é especificado.

Outro ponto relevante nas falas é a questão do **interdito sexual**, que é trazida sob a forma do mesmo verbo “poder”. Como sabemos, a sexualidade da mulher sempre foi alvo de preocupação: da igreja, dos pais, do marido. Os “desvios” sexuais sempre foram punidos através de, no mínimo, discriminação social, conforme discutimos no primeiro capítulo. Com o advento do Feminismo e também o surgimento da pílula anticoncepcional, começa a circular um discurso a respeito da liberdade sexual da mulher. Contudo, ainda há o discurso da moral, que se soma a essa discursividade acerca da sexualidade feminina. O discurso moralista dialoga com o discurso machista originário da Idade Média e está presente há muito tempo na história da mulher. Dessa forma, ele ainda se apresenta fortemente na fala das mulheres, o que podemos observar nos enunciados a seguir:

**Enunciado 5:** *mulher não pode ficar com muitos parceiros, é feio* (P.P.B., 15 anos).

A expressão utilizada “é feio”, enunciado bastante comum para designar conduta reprovável pela sociedade, remete a uma formação discursiva (FD) que alia a questão estética ao padrão moral. Um outro trecho de uma outra entrevistada revela também a oposição limpeza versus sujeira:

**Enunciado 6:** *mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer, se não fica suja, mal falada* (R.M.S., 51 anos).

A divergência do enunciado 6 é que a questão sexual fica subentendida, mas não aparece literalmente. O que nos faz compreender que se trata dessa temática é

justamente o final do enunciado: “fica suja, mal falada”. O termo “suja” aparece estranhamente nessa fala, por ser oriundo de uma formação discursiva da saúde, da higiene, que se desloca para o campo da sexualidade, o que até então não havia sido mencionado. O fato também de a entrevistada juntar os adjetivos “suja” e “mal falada” numa mesma formulação, faz com que o efeito de sentido deslize para uma equivalência dos termos: a sujeira é do corpo e/ou da palavra? Talvez a ambigüidade seja mesmo o efeito prevalecente. Por esse efeito, tudo que está fora dos padrões morais impostos socialmente é visto com maus olhos, aliado mais do que ao reprovável, ao esteticamente não aceito. E quem deseja estar fora dos padrões de beleza? Instrumento bastante eficaz de controle, portanto.

Ainda há uma informação importante quanto à produção desses enunciados. As mulheres que os produzem têm, respectivamente, 15 e 51 anos, o que nos leva a crer que esse posicionamento não diz respeito a uma idade mais avançada, ao afetamento por FD's machistas mais divulgadas entre mulheres mais velhas. Esse discurso, portanto, ainda circula mesmo entre as mulheres mais jovens.

Outra entrevistada assim diz:

**Enunciado 7:** *A mulher é privada de muitas coisas. Ela não tem de jeito nenhum, apesar de toda a evolução, a mesma liberdade do homem. O homem desde cedo tem privilégios: pode sair de casa mais cedo, não há tanta vigilância por parte dos pais; pode se envolver com quantas mulheres quiser ou puder (risos). Para a mulher tudo já é mais cheio de regras, temos que manter um certo padrão moral (E.C.B, 34 anos).*

No enunciado 7 podemos separar nitidamente as predicções atribuídas aos homens e às mulheres:

Mulher: “é privada”; “tudo já é mais cheio de regras”; “manter um certo padrão moral”;

Homem: “tem privilégios”; pode sair”; “não há tanta vigilância”, “pode se envolver..”.

A oposição das predicções para homem e para mulher produz um efeito dicotômico de que há uma divisão nítida entre o comportamento de ambos. Há ainda a intercalação de um discurso bastante divulgado sobre a “evolução” da mulher. Contudo, essa fala é negada de forma veemente quando a entrevistada insiste: “ela não tem de jeito **nenhum** (..) a mesma liberdade do homem”. Esse fragmento junta-se àquele do enunciado 2: “tudo não pode”, o que denota a impossibilidade da completude, sobretudo no que diz respeito à mulher. Vejamos ainda mais um atributo dado ao homem: a liberdade, que é **dele**: “liberdade **do** homem”.

Uma outra entrevistada ainda afirma:

**Enunciado 8:** *A mulher na verdade pode fazer tudo o que quiser, o problema são as conseqüências, nosso meio ainda é muito conservador, a mulher é privada de muitas coisas* (C.S., 21 anos).

Nos enunciados acima (7 e 8), a palavra “privada” é recorrente e aparece sob outras formas como “*não é permitido*”. É interessante notar que a origem dessa privação não é mencionada, como se fosse dada *a priori*. Na verdade, é exatamente isso que ocorre: as condições para que esses discursos sejam veiculados, pertençam ao eixo do dizível, são mesmo dadas anteriormente a qualquer fala e, portanto, já estão arraigadas de tal forma na nossa memória discursiva que se colocam de forma naturalizada. No “nosso meio” a “privação” aparece como algo no âmbito social, mas esse social que priva é naturalizado e sedimentado no genérico: “a mulher é privada de **muitas** coisas”.

Ao afirmar que “o nosso meio ainda é muito conservador”, a entrevistada se filia a uma FD feminista, já que adjetiva essa posição a respeito do código de conduta feminina ditada por uma FD machista como “conservadora”. Diferentemente, no enunciado a seguir temos apenas uma fala oriunda de uma FD machista:

**Enunciado 9:** *Tudo tem um limite...tem muitas loucas que fazem, mas não é permitido e não é fácil.. Eu posso fazer o*

*que eu quiser, mas as conseqüências são mais graves*  
(M.M., 22 anos).

A construção desse enunciado e as “escolhas” lingüísticas feitas pela entrevistada denotam um pertencimento a uma FD machista. Em primeiro lugar, a questão dos limites: “tudo tem um limite” é dada sem nenhum complemento, pautada, portanto, num pré-construído sobre os limites impostos para as mulheres. Depois há ainda a utilização da palavra “loucas” para designar as mulheres que transgridem esses “limites” estabelecidos por uma lógica machista e assimilada como prática feminina. Essas mulheres são relegadas a um grupo em separado, que foge à normalidade, daí a designação. Ainda na seqüência aparece a falta de predição em “tem muitas loucas que fazem”: “fazem” o quê? Isso é silenciado. O que as denominadas “loucas” fazem não pode (ou não deve) ser nominado, pertence à ordem do que não deve ser dito, do não simbolizável, mas que é sabido por todos, inclusive pelas mulheres que, mesmo não verbalizando esses assuntos explicitamente nas suas falas, o utilizam, através das lacunas.

Sendo assim, o que a mulher **pode** ou **não pode** fazer (e falar, sobretudo, já que falar é uma prática que nos constitui identitariamente) diz respeito a toda uma construção social de conduta feminina legitimada pela história e pela ideologia e que se mantém graças aos discursos que a materializam e regulamentam. Dessa forma, podemos perceber a estreita relação entre história, ideologia e discurso como unidades que se intercalam e não podem, por isso, ser consideradas isoladamente. Atravessando todos esses aspectos, ainda há a presença quase fantasmagórica do inconsciente, instância estritamente ligada à ideologia e igualmente constitutiva do discurso e do próprio sujeito. Daí a heterogeneidade de ambos.

Através dos enunciados construídos pelo verbo “poder” a mulher fala de interditos ditados por uma formação ideológica machista. Por vezes ela reproduz esses discursos e produz um efeito de naturalidade; outras vezes ela se coloca em outra FI, dizendo-se submetida a essas regras de conduta feminina, mas não concordando com elas. Ainda há o lugar do equívoco nessas falas que se coloca sob a forma das indeterminações, ambigüidades, etc. A presença do “Outro” inconsciente parece se materializar nas falas, denotando um sujeito faltante, incompleto.

#### 4.2.2 “VOCÊ QUER SE CASAR?”

Um ponto que consideramos importante destacar na nossa análise diz respeito ao casamento e à maternidade. Como pudemos observar no primeiro capítulo, essas questões são desde muito tempo imputadas como constitutivas e determinantes no papel da mulher na sociedade, segundo preceitos de uma ideologia patriarcal de base religiosa que se manteve viva, mesmo que deslocada, quando do surgimento de uma ideologia burguesa.

Paralelamente a isso, temos um discurso feminista que vem trazer à mulher a opção (pelo menos imaginariamente) entre querer casar e ter filhos ou não, já que neste momento ela pode trabalhar e, portanto, assumir outras identidades e/ou formas de sublimação, como diria a Psicanálise.

Entretanto, o que percebemos na fala das mulheres com as quais tivemos contato é que a mulher ainda está bastante afetada por esse discurso de origem patriarcal. É claro que agora as identidades possíveis para a mulher não são somente a de esposa e mãe. Houve a assimilação de novos papéis, contudo esse fato não fez com que a mulher abandonasse as identidades anteriores, mas sim acrescentasse outras. Observemos esse tipo de funcionamento na fala das entrevistadas diante da pergunta: “você quer se casar?”.

**Enunciado 10:** *Não me vejo cuidando de uma casa, mas tenho umas pira de me vestir de noiva. (...) Não quero casar, quero ter alguém, mas não quero depender de homem (...)* *Minha mãe sempre diz que não posso me casar porque sou muito bagunceira, não seria uma boa dona de casa* (M.M., 22 anos)

No enunciado 10, o conceito de casamento está definido como cerimônia (religiosa), ritual, e não a união estável de duas pessoas. Tem-se em vista um casamento nos moldes tradicionais, o que pode ser confirmado pelo elemento símbolo do vestido de noiva e ainda pela oposição trazida em “**mas** não quero depender de homem”. O verbo “depende” é completado pelo pré-construído oriundo de uma ideologia machista de origem burguesa, configurando-se como “depende

financeiramente”, fato esse constitutivo do casamento tradicional, conforme significa a fala dessa mulher a respeito de casamento. Surge um lugar da falta instaurado pelo verbo “depende” que se completa por “financeiramente”, convocando uma memória do discurso machista nesse lugar vazio de significante.

Outro lugar considerado um vazio se dá na última seqüência do enunciado 10, quando aparece uma construção heterogênea pela forma do discurso relatado: “minha mãe sempre diz..”, predicado da seguinte forma:

“que não posso me casar”;

“porque sou muito bagunceira”;

“não seria boa dona de casa”

É um discurso indireto livre em que há a ambigüidade de vozes e tomada de posição. Não podemos determinar até onde vai a voz da mãe ou da entrevistada. A mistura das vozes demonstra a presença de um discurso “outro” que não pode ser controlado, já que a heterogeneidade do discurso é constitutiva.

A voz da mãe ou da entrevistada aponta para predicções ideais para que uma mulher seja uma boa esposa: é preciso que ela não seja “bagunceira”, mas sim saiba dar conta dos deveres de uma boa dona de casa. Tudo isso remete a uma ideologia machista originária na Idade Média, conforme descrevemos no primeiro capítulo. Segundo essa ideologia à mulher está destinada a prática dos afazeres domésticos, as prendas do lar, o que se constitui como característica elementar na identidade feminina.

Se observarmos o enunciado 10 como um todo, verificamos a composição heterogênea explícita do mesmo: ao enumerar as atribuições de uma “boa dona de casa” (fala da mãe?) temos um discurso machista. Já em “não quero depender de homem”, temos um discurso feminista. Como vemos, ambos os discursos, mesmo que contraditórios, podem e constituem a fala da mulher: uma fala heterogênea.

O enunciado a seguir, traz a questão da educação formal como fator importante na vida da mulher:

**Enunciado 11:** *Quero, mas não agora. Quero estudar primeiro, me formar, para depois pensar em ter alguém (V.C, 19 anos).*

A justificativa é composta de um discurso sobre a educação como via de acesso a uma vida melhor e o casamento aqui é concebido como uma etapa posterior ao término dos estudos. A ideologia aqui já não é mais a da Idade Média, mas da modernidade, quando a mulher já tem direito aos bancos escolares mais avançados (como a universidade). Nessas novas condições de produção, contudo, ainda se mantém presente a importância e a necessidade do casamento na vida de uma mulher. A questão do casamento ainda é algo do nível do “evidente”/naturalizado pelo imaginário. Não necessariamente nesse momento se coloca isso em questão, o que ocorre nessas novas condições de produção é um deslocamento que se dá em “quando” o casamento deve ocorrer. Surgem novas temporalidades, o que poderá ser observado no enunciado a seguir também:

**Enunciado 12:** *Quero casar, mas não tão cedo.* (P.P.B., 15 anos).

O enunciado 12 reflete essa mesma ideologia e ainda está presentificando um interdiscurso que afirma que até algum tempo atrás as mulheres deveriam se casar cedo, do contrário seriam vergonhosamente tachadas de “solteiras” ou “solteironas”.

Outro enunciado continua trabalhando com a questão da temporalidade:

**Enunciado 13:** *Quero, mas só quando encontrar o homem certo.* (M.S., 30 anos).

No funcionamento do enunciado 13, casar é algo importante, entretanto não é algo desrelacionado de algumas condições. Essas condições introduzem uma temporalidade. A mulher quer sim se casar, mas apenas “**quando** encontrar o homem certo”. O casamento já não basta por si mesmo, como numa ideologia machista originária da Idade Média, a mulher não quer mais casar com qualquer pessoa. A utilização de “homem certo” está ancorada na paráfrase “homem errado”, bastante difundida na fala feminina. Se há um “homem certo” para se casar, é porque há também “homem errado”. Isso denota também que a mulher tem direito à escolha, o que demonstra a interpelação por outra ideologia, intermediária entre o machismo e o feminismo. Contudo, a predicação ao homem “certo” não fica clara.

Quem seria esse homem certo? O sentido de “certo” repousaria no pré-construído da sociedade cristã-ocidental-machista? Ainda há um discurso bastante difundido que faz frente a essa formulação: “homem é tudo igual”. Sendo assim, dialogam discursos oponentes, contraditórios, instaurando o lugar da heterogeneidade.

O próximo enunciado trabalha com esse mesmo efeito do “homem certo”. Entretanto, aparece um discurso contrário ao discurso romântico, pautado na prática e nos conselhos maternos:

**Enunciado 14:** *Sim, gostei muito de ser casada, mas tem que ser com alguém que você se dê bem, amor só não basta* (R.M.S., 51 anos).

A frase “amor só não basta”, enunciado do senso comum, atualiza uma voz imemorial que se reproduz na fala dessa mulher como se nela fosse originado. É o eco do senso comum, já legitimado. Surge ainda no interdiscurso uma fala que se ancora em uma formação discursiva capitalista, a qual afirma que, para se casar, é preciso também ter dinheiro, segurança financeira.

Outro ponto interessante aparece no enunciado 14. Um deslocamento ocorre quando se utiliza o significante “alguém”, ao invés de “homem”, como aparece em outros enunciados. Essa “escolha” lingüística parece dar lugar ao equívoco. Se observarmos os enunciados anteriores, quando se utiliza “homem”, esse significante funciona na relação de casamento e dependência financeira. Já quando aparece “alguém”, ele significa diferentemente. Abre espaço para outras pessoas estarem nesse lugar, que não apenas um companheiro do sexo masculino. O mesmo funcionamento de “alguém” também se manifesta no enunciado seguinte:

**Enunciado 15:** *Quero me casar e ter filhos. Essa não é exatamente uma necessidade, mas acho importante ter alguém para se dividir a vida, as coisas boas e ruins. E ser mãe é uma coisa maravilhosa, não quero me privar disso* (N.F.L., 27 anos).

As ocorrências de “alguém” nos enunciados 14 e 15 deslocam o discurso machista que coloca apenas o homem como provedor. Tudo isso porque, nas novas condições de produção da sociedade capitalista a mulher também trabalha, estuda e há outras possibilidades de constituições familiares.

“Casar”, no enunciado 15, vem relacionado a “ter filhos”. Na segunda frase, quando a entrevistada diz “essa não é exatamente uma necessidade”, refere-se ao casamento como ritual, legitimado pela ideologia cristã ocidental. O conceito de casamento, portanto, está atrelado aos moldes tradicionais, contudo há um deslocamento no que se refere ao desejo dessa mulher: ela quer “ter alguém pra dividir a vida”, o que é algo necessário, mas não é propriamente “casamento”, conforme o conceito por ela mencionado.

Na fala seguinte aparece a desilusão com o casamento, aqui já conceituado de outra forma, já que o sujeito fala do lugar de alguém que já passou pela experiência e não foi bem sucedido.

**Enunciado 16:** *Sim, eu queria, mas se fosse hoje, não casaria novamente. É muito difícil, não é o sonho que a gente imagina quando é jovem e está apaixonada (T.V., 44 anos).*

Se observarmos, as adjetivações utilizadas para “casamento” são ruins: “é difícil”, “não é o sonho”. Nesses enunciados perpassam outros que vêm o casamento como algo bom, sonho de qualquer mulher, o que é negado nesse momento. A palavra “sonho” carrega uma ambigüidade de sentidos, que é dada pela filiação a duas redes discursivas: uma positiva, que vê o sonho como “algo que se deseja”; e outra negativa que vê o sonho como sinônimo de ilusão. No enunciado analisado, a palavra “sonho” se investe desses dois sentidos, significando no deslize entre um e outro.

Na próxima fala aparece um dado interessante a respeito do casamento: uma mulher que afirma estar afetada pela ideologia da época e, por isso, por questões contextuais, resolveu se casar.

**Enunciado 17:** *Na verdade eu não sei exatamente se era tanta vontade mesmo de casar. Acho que na época, no*

*contexto em que eu vivia, zona rural, não tínhamos muitas opções, todas as moças se preparavam, eram educadas para casar, e comigo não foi diferente (E.C.B., 34 anos).*

A entrevistada que produziu o enunciado 17 vê o casamento como um caminho inevitável, dadas as circunstâncias históricas que determinavam a forma como as meninas deveriam ser educadas e o caminho que deveriam seguir.

Por fim, temos um exemplo diferente de concepção de casamento:

**Enunciado 18:** *Não sei, acho que quero, mas não agora. Casamento é estar atado, e para se atar com alguém precisa ser alguém que te compreenda, e que feche com o seu modo de levar a vida. O meu é bem complicado, então não sei se vou encontrar alguém. Mas não tenho medo de ficar sozinha (C.S., 21 anos).*

Aqui, o conceito de casamento muda, significa: “estar atado”, “atar com alguém”, uma privação da liberdade. Aparece ainda o contrário de casamento: “ficar sozinha”, o que produz o efeito de sentido de que não há outra possibilidade para a mulher. É importante ressaltar que aqui o conceito de casamento não é o mesmo de alguns excertos anteriores. Casar, para essa entrevistada é viver junto com alguém, não necessariamente um ritual, uma cerimônia religiosa ou civil.

O verbo que ela utiliza ainda para falar do relacionamento a dois é bastante interessante: “fechar”, alguém que “feche” com o seu modo de levar a vida. Parece surgir um equívoco aqui, que podemos perceber através da “escolha lingüística” da entrevistada. No enunciado 18 temos:

Casamento= estar atado

E, a condição para “atar-se” com alguém é:

“ser alguém que te compreenda” e

“que ‘feche’ com seu modo de levar a vida”.

As duas últimas frases mencionadas acima são complementares. São paráfrases “alguém que te compreenda” e “alguém que feche com seu modo de levar a vida”.

O final da fala da entrevistada a respeito de casamento -“mas não tenho medo de ficar sozinha”- está ancorado num enunciado anterior, que circula pelo interdiscurso, enunciado esse que afirma que as mulheres têm medo de ficar sozinha, daí a marca de negação, articulada com o operador argumentativo “mas”, que inverte a direção argumentativa no processo de produção de sentidos sobre o “ficar sozinha”. Vejamos como funciona o discurso e os enunciados que dialogam nessa produção de sentido:

E1: Não sei se vou encontrar alguém

E2: Isso é ruim, tenho que casar, tenho medo de ficar só

E3: (mas) não tenho medo

E2 decorre de E1 e é o interdiscurso que circula de uma posição ocidental cristã, originário de um discurso religioso. E3 é o enunciado trazido pela entrevistada, enunciado que nega os anteriores, o que é possível discursivamente pelas condições de produção e pela existência dos discursos anteriores (E1 e E2); e é possível lingüisticamente pela inversão argumentativa interposta pelo “mas”.

O “mas” é um operador bastante interessante do ponto de vista discursivo. Ele marca o lugar da heterogeneidade, é o indício do “outro” no texto, já que materializa a presença de mais de uma voz, mais de um discurso que dialoga na construção do enunciado. Na maioria das respostas à questão do casamento aparece o “mas” (enunciados 10,11, 12, 13, 14, 15, 16 e 18). Isso ocorre porque essas respostas situam-se entre uma posição tradicional (de origem machista) a respeito do casamento e novas possibilidades de concepção de casamento que surgem na contemporaneidade. Dialogam vozes machistas, feministas e ainda uma outra voz que situa-se entre os dois pólos, produzindo um discurso outro da mulher contemporânea, que vem trabalhando com as duas FD’s.

Como pudemos observar pelas falas das mulheres em relação ao casamento, temos muitos conceitos, dependendo do “lugar” de onde fala essa mulher. Ele aparece como instituição religiosa, social, união com um cônjuge do sexo oposto, “atamento”, algo “eterno” ou não, enfim, várias são as maneiras de se representar o

casamento. Da mesma forma, as adjetivações variam entre algo bom, ruim, necessário, inevitável, obrigação, caminho para a felicidade, caminho para não ficar sozinha, etc.

Casamento parece ser algo do nível do “evidente”. Entretanto alguns deslocamentos são possíveis e aparecem na fala da mulher. Ela não reproduz somente um discurso machista-religioso- cristão. Apesar dele estar muito presente nas falas, surge ainda um discurso feminista e um discurso feminino da mulher contemporânea, o que possibilita outros efeitos de sentido dadas as novas configurações nos relacionamentos e dos papéis de homens e mulheres.

#### 4.2.3 “VOCÊ QUER SER MÃE?”

O outro questionamento que fizemos foi a respeito da **maternidade**. Vejamos os enunciados que surgiram:

**Enunciado 19:** *Sim, quero ter filhos, mesmo que não case ( P.P.B., 15 anos);*

**Enunciado 20:** *Não vejo problema em ficar solteira, mas quero ter um filho, meu ou adotivo, não importa (M.M., 22 anos);*

**Enunciado 21:** *Quero ter um filho sim, mas gostaria que fosse tudo direitinho, depois que estivesse casada e bem estabelecida financeiramente (V.C., 19 anos);*

**Enunciado 22:** *Claro! Meus filhos são a melhor coisa que eu tenho, quando encontrar alguém legal, quero ter outro filho, os meus filhos são a única coisa boa que sobrou do meu casamento ( M.S., 30 anos);*

**Enunciado 23:** *Sim, ser mãe é muito bom, é por causa dos meus filhos que hoje eu não estou sozinha no mundo* (R.M.S., 51 anos);

**Enunciado 24:** *Sempre quis e não me arrependo. Adoro meus filhos* (T.V., 44 anos);

**Enunciado 25:** *Sim, ser mãe era algo que eu sempre quis. Mas agora já chega, já tenho dois filhos e é o suficiente* (E.C.B., 34 anos);

Todos os enunciados produzidos pelas mulheres entrevistadas revelam o desejo de ser mãe. Uma coisa interessante é que em nenhum deles apareceu o discurso religioso. Apenas na fala de uma senhora, que analisaremos separadamente no item 4.2.5. Materializa-se nas falas um desejo de ser mãe não justificado. Todas querem ter filhos, não explicam os motivos, como se fosse algo da “essência” feminina.

Os enunciados 19 e 20 apresentam um discurso diferente do 21. Neles, a maternidade não está necessariamente ligada ao casamento, aliás é um desejo que se sobrepõe a esse último. No enunciado 20, o conceito de ser mãe não está restrito a “gerar um filho”, já que a entrevistada afirma querer ter um filho, seja ele seu ou adotivo. Já o enunciado 21 revela que algumas mulheres ainda esperam casar para depois terem filhos, discurso originário de uma FD machista:

A maternidade em 21 depende de um casamento e também de independência financeira. Essas seriam as condições “ideais” para se ter um filho, sentido produzido por uma FD cristã e também uma FD capitalista. Essas “condições”, que na verdade são externas, passam a compor o “desejo” feminino, o que se denota da utilização do verbo “gostaria”. O fato de o verbo estar no futuro do pretérito pode configurar um equívoco. Será esse um desejo que não vem mais se realizando na contemporaneidade?

Contraditoriamente a esse discurso originário de uma FD machista, o discurso da mulher liberal, que quer ter uma profissão, bem aos moldes do discurso feminista aparece no próximo enunciado sobre a maternidade que, entretanto, não se compõe

apenas de um discurso feminista, considerando que o discurso **feminino** de querer ser mãe ainda é preponderante.

**Enunciado 26:** *Quero, mas esse é um plano para um futuro ainda distante, penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos, quando eu tiver uma profissão definida e possa cuidar bem dele (C.S., 21 anos).*

Vemos aqui a maternidade totalmente desvinculada de casamento, entretanto a utilização de “talvez” em: “penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos” deixa a dúvida sobre ter um filho sozinha: o “talvez” refere-se a ter um filho sozinha ou a “daqui alguns anos”? Parece que as duas coisas. O que dá margem, mais uma vez, a um equívoco na fala dessa mulher.

Considerando os pressupostos da AD em relação à heterogeneidade do sujeito e sua constituição pela falta, o que esses equívocos nos dizem acerca do “ser mulher” na contemporaneidade? A dúvida, a ambigüidade, a transição entre discursos contraditórios parecem constituir essa (nova?) mulher. A fixidez das identificações possíveis para uma mulher parece se deslocar, o que se evidencia pelos equívocos e faltas que configuram o discurso feminino.

Bem, depois da análise desses enunciados sobre a maternidade e o casamento, podemos dizer que as formas são diversas, mas a maioria das mulheres afirma querer se casar e foi unânime a opção por ter filhos.

A Psicanálise fala da maternidade como a forma mais clara de reaver o falo que se descobriu perdido durante a passagem pelo Complexo de Édipo. É na maternidade que a mulher, enfim, tem acesso ao falo, presentificado na figura do filho, daí sua importância na vida de uma mulher. “Do Édipo a mulher herdará, na melhor das hipóteses, a feminilidade e a promessa de receber (de volta?) o falo paterno na forma da maternidade” (KEHL, 1996: 45). O casamento é, também, uma forma de possuir o falo (através de um homem) do qual se abriu mão ao saber impossível a relação com o pai.

Apesar de heterogêneos os discursos aqui apresentados, tendo em vista a presença de discursos “outros” que os constituem, acreditamos que essas falas

materializam o que chamamos anteriormente de “efeito-mulher”. Dizemos isso porque nesses enunciados falam vozes oriundas de FD’s bastantes arraigadas sobre o que é ser mulher. Temos nos excertos apresentados materializações do discurso machista, do discurso feminista, dos dois intercalados, entretanto todos dizem respeito a uma imagem já bastante delineada sobre o que é ser mulher que se refaz na fala dessas mulheres. Entretanto, percebemos que dentro mesmo desses enunciados e em outros que apresentaremos na seqüência habita uma fala que falha em muitos momentos, uma fala que denuncia que o “efeito” não ocorre perfeitamente, ou seja, o assujeitamento não se dá completamente sem falhas. É o ponto que retornaremos na seqüência:

#### **4.2.4 O QUE FALHA NESSE TAL DISCURSO FEMININO**

Como vimos nos dois itens anteriores, mesmo em temas como a maternidade e o casamento, bastante sedimentados como pertencentes ao universo feminino, algo falha na reprodução das ideologias que regem os discursos sobre tais temáticas. Neste tópico pretendemos discutir especificamente o que falha nesse discurso produzindo o equívoco que denuncia a falta constitutiva do sujeito. Eles são a marca de um desejo e a presença do inconsciente, que não deixa de comparecer, a despeito da vontade do sujeito.

É na demanda endereçada ao Outro que circula o desejo, escamoteado, escondido, disfarçado na enunciação e nos intervalos do enunciado, nas pausas, nas exclamações e reticências; em suma, é na modalização da fala do sujeito que cabe avaliar a presença do desejo e a verdade que ele oculta (DIAS, 2006: 5).

A afirmação de Dias nos permite refletir sobre o que mencionamos no início deste capítulo (item 4.1) acerca das formas de investida no discurso feminino. É no decorrer da fala de um sujeito interpelado ideologicamente que percebemos algumas falhas, marcas lingüísticas que nos permitem visualizar uma falta, oriunda de um sujeito desejante que tem como dispositivo apenas uma língua que não dá conta de um Real que está latente.

Já diz a Psicanálise sobre a constituição do significante que ele nada mais é do que algo que remete a outro significante, portanto, algo se perde no entremeio desses dois significantes: “entre dois significantes há um furo” (MELMAN, 2005: 21),

que revela a presença do “Outro”. São esses furos, esses momentos de lapsos que pretendemos observar como segundo ponto da nossa análise, entretanto observaremos esses acontecimentos segundo a noção discursiva de equívoco e de silêncio. Como já vimos anteriormente, “equívoco” é aquilo que falha no âmbito discursivo e o “silêncio” é visto por Orlandi (2002) como uma forma de significar: não dizer também é produzir sentido.

Começamos com um enunciado que se repetiu por duas vezes, o qual traz em sua formulação um furo visível da ordem do não dito:

**Enunciado 27:** *Eu gosto! Ser mulher tem muitas vantagens (não enumerou quais). Mas se eu pudesse nascer de novo, acho que preferia ser homem (M.S., 30 anos);*

**Enunciado 28:** *Gosto. Ser mulher é muito bom... (não soube dizer por quê). Há..sei lá..(T.V., 44 anos).*

**Enunciado 29:** *Eu gosto. Não sei porque, mas é bom ser mulher. (R.M.S., 51 anos).*

A primeira entrevistada (enunciado 27) responde (pelo que nos lembramos da entrevista) enfaticamente que gosta de ser mulher. A falta instaura-se quando ela é incitada a falar sobre as tais vantagens decorrentes do fato de ser mulher. E o encaminhamento do enunciado 27 soa estranhamente quando a entrevistada afirma que se pudesse nascer outra vez preferiria ser homem. No enunciado 28 ocorre a mesma coisa. A afirmação sobre gostar de ser mulher é seguida também por um silêncio a respeito dos motivos (“é muito bom” por quê? Quais as vantagens? Isso não é formulado). No enunciado 29 o “não saber” o(s) motivo(s) está formulado: “não sei porque”, mesmo assim a falta está presente constituindo o dizer e o sujeito e funcionando contraditoriamente à afirmação “é bom ser mulher”.

O silêncio é constitutivo do dizer, conforme nos ensinou Orlandi (2002). A partir da pista deixada por ele, podemos nos remeter à estrutura da mulher segundo a teoria psicanalítica: ela passa pelo Complexo de Édipo, abandona seu amor edípico sem ter um motivo palpável, a não ser o fato de obter sua feminilidade e o

amor de um homem. “Seu falo é a feminilidade mesma, e podemos dizer que na rivalidade edípica ela não tem nada a perder a não ser...a feminilidade. Nada a perder a não ser tudo o que faz dela uma mulher” (KEHL, 1996: 45). Então se ela “escolheu” esse caminho, é porque crê de alguma forma que é bom ser mulher, entretanto falta a ela uma forma de simbolizar essas características que tornariam o fato de “ser mulher” agradável. Isso ocorre por estarmos sobre a égide de uma ordem fálica, onde o que é valorizado é justamente o que pertence ao masculino, pela identificação do falo, símbolo do poder, com o pênis.

Assim, não está na ordem do dizível a continuação do enunciado que foi dito. Contudo, a afirmação de que é bom ser mulher revela uma preferência pela feminilidade. A mulher não mente quando diz que gosta de ser mulher. O prazer está presente, mas denuncia uma falta, uma impossibilidade de simbolização pela linguagem, já que essa é decorrente da inscrição da mulher numa lógica fálica.

A maioria das respostas para o questionamento “você gosta de ser mulher?” foi afirmativa, como é o caso das suas respostas apresentadas acima. Entretanto, apesar de afirmativas, essas respostas são produzidas por enunciados ou faltantes, ou ambíguos, como é o caso do seguinte:

**Enunciado 30:** *Não gosto, quer dizer, às vezes sim às vezes não* (V.C., 19 anos).

A primeira resposta do enunciado 30 é a negação à pergunta sobre gostar de ser mulher, que vem seguida de uma retificação: “quer dizer”, e de um enunciado ambíguo: “às vezes sim às vezes não”. A incerteza da resposta parte de uma incerteza da mulher em relação mesmo a sua condição. Se a feminilidade às vezes parece algo positivo, em muitos momentos também parece um destino difícil pela determinação de uma formação ideológica patriarcal.

Alguns enunciados trazem uma característica bastante atribuída à mulher: o fato dela ser sentimental, mais ligada ao aspecto emocional, o que é uma construção balizada no discurso da essência feminina.

**Enunciado 31:** *Gosto, mulher é mais sentimental e também mais respeitada* (P.P.B., 15 anos).

Algo se estilhaça no enunciado acima. As características atribuídas à mulher parecem estar numa disposição de complementariedade, mas não há nenhuma explicação razoável para isso: “mulher é mais sentimental e também mais respeitada”. Ela é respeitada porque é sentimental? Ou são duas características distintas? Que mulher é respeitada? Apenas aquela que é sentimental? Essas questões parecem circular, mas ficam no ar, em decorrência da fala dessa mulher, abrindo espaço para um equívoco que é constitutivo da mulher e da sua fala que se apresenta como lacunar. Também podemos pensar que as características “sentimental” e “respeitada”, unidas pelo operador “e também”, estão colocadas cumulativamente. Há uma relação lógica que aparece como efeito de sentido: O signifiante “mulher” é predicado através de um modo de subjetivação do discurso universal: toda mulher é “sentimental” e “mais respeitada”, portanto, se você é mulher será “sentimental e também mais respeitada”.

Apenas uma das entrevistadas disse não gostar de ser mulher. Entretanto, não deu prosseguimento ao assunto, apenas afirmou que preferiria ser homem.

**Enunciado 32:** *Não, preferia ser homem* (C.S., 21 anos).

No enunciado 32 parece assentar-se um interdiscurso bastante divulgado após o advento do feminismo, que revela as vantagens de ser homem e, sobretudo, as desvantagens da mulher em relação ao homem. É pela presença desse interdiscurso que um enunciado como esse faz sentido e basta a si mesmo, dispensando maiores explicações, já que há um pré-construído sobre as vantagens masculinas na configuração da sociedade desde muito tempo.

Esse discurso da superioridade feminina vem ancorado ainda na produção de uma formação discursiva machista e patriarcal, segundo a qual tudo o que pertence ao masculino é considerado melhor. Para a mulher a assimilação de qualquer atributo masculino é tida como um ganho, já que sua feminilidade é um destino assegurado, e a bissexualidade é um traço mais marcante na mulher. Em contrapartida, para um homem a assimilação de qualquer atributo feminino é tido como uma perda, uma perda da sua masculinidade. Sobre isso afirma Kehl (1996):

Sabemos que a mulher sente a conquista de atributos “masculinos” como um direito seu, reapropriação de algo que de fato lhe pertence e há muito lhe foi tomado. Por outro lado, a uma mulher é impossível

se roubar a feminilidade: se a feminilidade é máscara sobre um vazio, todo atributo fálico virá sempre incrementar essa função. Já para o homem toda feminização é sentida como perda- ou como antiga ameaça que afinal se cumpre (KEHL, 1996: 26).

Um discurso interessante para se pensar os equívocos decorrentes de uma interpelação da mulher pela ideologia dominante se dá através da duplicidade dos discursos presentes nos enunciados sobre a suposta emancipação da mulher nos dias atuais que analisamos em 4.2.1. Isso pode ser percebido no nível mesmo da formulação: ao dizer que a “*mulher pode fazer quase tudo*” (enunciado 3), uma falta é instaurada, afinal ela pode fazer “quase”, mas não tudo, sem falar no silenciamento sobre o que efetivamente ela não pode fazer.

No enunciado 4- “*Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás*”- podemos observar a materialidade desses discursos contraditórios através das “escolhas” lingüísticas feitas, como na oposição: “*é claro*” e “*mas*”. “É claro” insere algo dado como verdade inquestionável: o fato da mulher não poder ter a mesma liberdade que o homem; contraditoriamente, o “mas”, em seu papel adversativo, faz uma ressalva, afirmando a “liberdade” atual conquistada pelas mulheres.

Parece um paradoxo, mas o nosso dizer se constitui pela falta. É a não completude característica da linguagem e característica também do sujeito, que, por sua vez, ao utilizar a linguagem e “falhar” constantemente, demonstra essa falta constitutiva. A interpelação do sujeito pela ideologia e o atravessamento pelo inconsciente o tornam dividido, o que se materializa na sua fala. É isso que podemos observar nos exemplos que analisamos neste tópico. Entretanto, é importante ressaltar, que a fala da mulher como um todo é composta através dessa constituição faltante, ou seja, o discurso feminino é, constitutivamente, composto de muitos “outros” discursos.

#### 4.2.5 “UM CASO EXEMPLAR”:

No corpus que fomos constituindo para este trabalho, surge uma entrevista que consideramos merecer uma análise pormenorizada.

Trata-se de uma entrevista realizada com uma senhora de 83 anos<sup>62</sup>, que materializa em sua fala uma contradição bastante visível, já que apresenta discursos oriundos de FD's divergentes. A senhora entrevistada viveu efetivamente dois períodos bastante distintos no que diz respeito ao trato com a mulher em nossa sociedade, fato esse extremamente relevante na constituição do seu discurso que, sendo veiculado num momento de transição, em que as práticas discursivas femininas apontam para uma "libertação" da mulher, atualiza-se, mas ainda mantém muito firme um discurso de tradição patriarcal que entra em conflito com o outro discurso (de base feminista).

Sendo assim, acreditamos que os enunciados analisados servem como exemplo extremo da contradição das práticas discursivas que compõem a fala da mulher atual e que a constituem de forma heterogênea e "faltosa". Procuraremos demonstrar na análise que se segue de alguns fragmentos da entrevista as práticas discursivas opostas que constituem a fala dessa mulher. Consideramos que essa fala não é apenas um acontecimento individual, mas exemplo das práticas discursivas que circulam a respeito da mulher e que, por isso, pode ser estendida ao discurso feminino da contemporaneidade como um todo.

Sabemos que a nossa memória discursiva é composta por discursos que circulam desde muito tempo e nos vêm como herança, como um saber discursivo herdado: "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra" (ORLANDI, 2003: 31). Ocorre que essa memória compõe-se de muitos discursos que se contrapõem e se colocam de forma contraditória, já que as formações discursivas (FD's) perpassam uma a outra. Há "relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente" (FOUCAULT, 2004: 32), portanto os enunciados que podem ser reunidos em uma mesma FD estão sempre "dialogando" com outros, pois não podemos pensar as FD's como "blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações" (ORLANDI, 2003: 44).

---

<sup>62</sup> Entrevista gravada e transcrita (transcrição em anexo).

Dessa maneira, o discurso feminino se constitui de maneira heterogênea e, podemos dizer, muitas vezes de maneira contraditória, dada a sua constituição histórica, em que se digladiam discursos como o patriarcal e o feminista. Isso se dá em razão das tantas reconfigurações pela qual a mulher vem passando, “das contradições que sentimos entre as diferentes maneiras em que fomos representadas até para nós mesmas, das injustiças que temos há tanto tempo suportado em nossas situações” (Newton, J. *apud* SCOTT, 1992: 91-92).

Outro aspecto interessante é a questão da “falta”, do “equivoco” que percorre todo o discurso e a constituição do próprio sujeito. Quando pensamos no discurso de uma senhora de 83 anos, provavelmente acreditemos que se trata de um discurso constituído de práticas discursivas oriundas de uma ideologia de base patriarcal, tendo em vista pressupor seu assujeitamento a essa FD nas condições sócio-históricas dadas. Entretanto, ao observarmos sua fala, percebemos que esse assujeitamento não se dá sem falhas. Em sua fala perpassam enunciados divergentes em relação a um discurso de base patriarcal ou machista.

Por outro lado, poderíamos pensar que o discurso de uma mulher que vive no século XXI (caso da entrevistada), ano de 2006, se constitua a partir de falas recortadas da memória de um discurso feminino, com base num discurso feminista talvez, o que também não ocorre totalmente. Assim, o que nos parece é que a fala dessa mulher não está presa a nenhuma única constituição, mas é heterogênea, faltosa, assim como o próprio sujeito, que é interpelado, mas sempre resiste de alguma forma.

A teoria psicanalítica nos dá substrato, sobretudo, ao tratar da constituição do sujeito “para discutir a complexidade e a instabilidade de quaisquer identificações de sujeito. A masculinidade e a feminilidade são encaradas como posições de sujeito, não necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos” (SCOTT, 1992: 89). Entretanto não discutiremos esse aspecto, como já afirmamos em outro momento, mas tão somente nos remontaremos à psicanálise para pensar o “assujeitamento” e ainda considerar a influência de um “outro”, que pode a nossa memória discursiva, ou ainda um “Outro” inconsciente, condição necessária para toda simbolização e, portanto, para toda a utilização da linguagem.

A entrevistada passou efetivamente por duas fases distintas no que se refere ao trato com a mulher na sociedade, o que vem marcado em sua fala:

**Enunciado 33:** *Você sabe, homem pra mim, eu acho que agora eles já são bem mais diferentes do que no tempo que eu casei assim, né?*<sup>63</sup>

A diferença de que a senhora trata é dividida, conforme sua fala, entre o tempo em que ela se casou e o tempo atual, e toma como ponto de referência o homem: o efeito de sentido que se constrói é de que foi o homem que mudou e, por isso, as condições para a mulher também. Há dois tempos a partir dos quais ela pauta sua fala: o “agora” e o tempo em que se casou. De qualquer forma, materializa-se nessa fala o fato de que a entrevistada passou efetivamente em sua vida por períodos bastante diferenciados no que diz respeito à posição da mulher e do homem na sociedade.

Separamos em seguida enunciados recortados da entrevista em três sessões: o discurso em que aparece predominantemente uma FD feminista, depois a machista e, por último, enunciados em que ambas as FD’s estão em pé de igualdade, configurando (talvez?) uma NOVA FD. Esses discursos (machista e feminista) não aparecem reproduzidos exatamente da mesma forma na fala dessa mulher, mas retornam como simulacro, uma vez que representam outros acontecimentos discursivos.

Faz-se necessário esclarecer a diferença que estabelecemos nesta análise entre *discurso feminino* e *discurso feminista*: tomamos por discurso feminino todo discurso que se origina de uma posição discursiva feminina, os discursos logicamente estabilizados no imaginário social ocidental como produzidos por mulheres. Esses discursos, não necessariamente veiculado por mulheres empíricas, do sexo feminino, mas produzidos numa posição discursiva feminina, funcionam de tal forma que conduzem à formação de uma prática discursiva reconhecida como feminina, portando conteúdos como: maternidade, casamento, beleza, relacionamentos etc., discursos considerados como típicos femininos. Já quando falamos em discurso feminista, estamos nos remontando a discursos que se originam ou reproduzem o discurso feminista clássico, do movimento feminista, tomado numa acepção mais radical.

---

<sup>63</sup> Todo o texto apresentado em itálico são recortes da entrevista analisada. A transcrição da entrevista completa encontra-se anexada no final do texto.

#### 4.2.5.1 UM DISCURSO FEMINISTA?

O movimento feminista é um marco na mudança de paradigmas da representação feminina. Com a máxima da igualdade, “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência” (SCOTT, 1992: 67-68). Depois de algum tempo, as denominadas como “feministas radicais” foram aquelas que passaram a divulgar um discurso de superioridade feminina e tomada de lugar do homem, em resposta aos anos de subordinação. É claro que hoje em dia, sobretudo na fala de uma mulher que não está e nem esteve engajada no movimento feminista, esse discurso chamado feminista retorna de formas diferentes. Todavia, o movimento feminista “não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado” (idem, ibidem: 65).

Resquícios de um discurso “feminista”, portanto, podem ser verificados na fala da nossa entrevistada em momentos como o seguinte, em que se reproduz (apesar de haver um deslocamento que explicitaremos na seqüência) um discurso de sobreposição da mulher em relação ao homem:

**Enunciado 34:** - *Negativo? Pois... na minha opinião acho que não, acho que não tem nada negativo porque a gente que faz tudo né, a gente pensa bem, faz bem, não pode deixar pra trás né essa missão. Ser mulher é coisa louca de boa!*

No enunciado seguinte ainda aparece uma demonstração de orgulho de ser mulher, inconcebível em qualquer discurso de base patriarcal, em que a mulher fica sempre em segundo plano, relegada à invisibilidade:

**Enunciado 35:** *Gosto bastante, ser mulher é tudo na vida, sabe? Na minha opinião é o esteio da casa, assim, é mulher.*

A questão que aparece nos enunciados 34 e 35 é que há um deslocamento em relação a uma FD machista no que diz respeito ao modo de predicar a mulher: “faz tudo”, “missão”, “esteio da casa”. Tudo isso é predicado positivamente: “Ser

mulher e coisa louca de **boa**”, “ser mulher é **tudo na vida**”, No discurso machista a mulher deveria fazer tudo: educar filhos, cuidar da casa, etc., fazer tudo em relação ao espaço familiar/doméstico/da intimidade, de modo submisso, sem reivindicar direitos iguais. Dessa forma, pelo efeito ideológico, isso parecia “natural”, o “tudo” assim significado era o universo feminino.

Ao mesmo tempo que esse discurso apresentado pela entrevistada se constitui pelo discurso machista, portanto, ele faz frente, “rearranja-se”, atualiza-se em relação ao discurso feminista (que predica negativamente as atividades do ambiente doméstico). Assim teríamos:

- Discurso feminino constituído na relação com discurso machista: sem predicação (algo natural, da ordem do dever)

“é tudo na vida”

“a gente faz tudo”

“essa missão “

Esses enunciados, dentro de uma ideologia machista apontariam para um efeito de normalidade: o lugar da mulher é esse mesmo. “Tudo” é igual: missão/casa, que é igual: atividade doméstica, que é igual: espaço privado.

Já o discurso feminino constituído na relação com o discurso feminista “radical” traria uma predicação negativa: isso é ruim, “tudo” = esteio da casa = lugar doméstico é visto como algo menor, desvalorizado, que deve ser suprimido.

Entretanto, tal como se apresenta o discurso feminino, temos uma formulação em relação a um discurso feminista que possibilita uma predicação positiva:

- “gosto **bastante**”

- “coisa louca de **boa**”

O lugar doméstico é considerado algo importante, bom, a ser preservado. Percebe-se, então, nesse enunciado, um deslocamento em relação ao discurso machista, e também um deslocamento em relação ao discurso feminista clássico.

Ainda é relevante descrever que esse funcionamento se realiza sob o duplo efeito: o do pré-construído e o de sustentação, condição da presença do interdiscurso e, portanto, de sua constituição heterogênea. O “tudo” trabalha, na primeira seqüência, sob o efeito do pré-construído machista- faz tudo o quê? Faz bem o quê?- considerando como algo já dado e do conhecimento de todos as

atribuições designadas à mulher. Em “tudo na vida”, dessa mesma perspectiva, a falta do significante completa-se no pré-construído como aquilo relativo ao campo doméstico, mas também pode ser o lugar de possibilidade do deslocamento. No segundo enunciado, essa interpretação é preenchida/saturada: “esteio da casa”, reescrevendo esse pré-construído no nível da formulação.

Se partimos de uma FD feminista, entretanto, no enunciado 35 alguma coisa falha, pois se observarmos a segunda parte destacada do enunciado, a mulher é o “esteio”, entretanto é o “esteio **da casa**”, espaço reservado à mulher dentro de uma ideologia patriarcal e não feminista!

Creemos que esses enunciados estejam, portanto, na tensão entre os discursos feminista e machista, constituindo-se como um discurso feminino afetado por um discurso feminista, mas que se constitui por um deslocamento, pelo menos no que diz respeito ao discurso feminista clássico.

Numa outra questão, quando perguntamos se a mulher tem mais liberdade, a entrevistada afirma que a mulher tem mais “apoio”, ou seja, não necessariamente liberdade. Reconhece que o tratamento entre homens e mulheres mudou, afinal agora “cada qual cuida de si e pronto”, o que reflete uma postura feminista de não depender e nem dar satisfação ao homem.

**Enunciado 36: Pesquisadora:** *A senhora acha que a mulher tem mais liberdade com isso?*

*- Sabe ,eu acho que a mulher tem mais apoio né, porque assim antigamente eles eram muito como é que se diz, muito rigidamente, a vida entre um e outro né. Eles eram assim, um observava o outro, agora não, eles tem uma vida, cada qual cuida de si e pronto né e também, é bem bom isso.*

Há nessa fala um deslocamento visível em relação ao papel do homem também. Ela dá um lugar positivo para ele nessa nova conjuntura temporal. Vejamos:

- “Antigamente”:
- “muito rigidamente’
- “um observava o outro”

Temos aqui nesse tempo “antigamente” um efeito de que isso não era bom para o homem também, afinal a liberdade de ambos estava cerceada. No segundo momento “agora”, uma mudança ocorre:

- “eles têm uma vida”

Entende-se o complemento dessa “vida” como vida íntima, espaço privado em relação ao espaço público, e relação ao espaço do trabalho, uma vida em que “cada um cuida de si”, o que é predicado positivamente: “bem bom”, o que significa que a mudança é positiva tanto para a mulher quanto para o homem.

Também é interessante que ela não fala “casal”: utiliza o pronome “eles”, tanto para o passado (eles-“vida entre **um** e **outro**”), quanto para o presente (eles-**cada** qual cuida de **si**), o que produz um efeito, da perspectiva da fala dessa mulher, de que em nenhum dos tempos, eles se constituem como “casal”.

Entendemos que esses enunciados (34 a 36) trazem algo do discurso de base feminista, mesmo não tendo a força do movimento feminista em si, sobretudo por considerarmos quem é o sujeito locutor, uma senhora de 83 anos, da qual se poderia esperar apenas um discurso de base machista.

#### **4.2.5.2 UM LUGAR PARA UM DISCURSO MACHISTA NA FALA DE UMA MULHER DO SÉCULO XXI**

O discurso machista perpassa toda a fala da entrevistada, em muitos momentos de forma velada, em outros de forma explícita. Entendemos que isso ocorre em função de uma dominação muito forte e ainda presente na vida da mulher. Mesmo que não tenhamos vivido uma situação real de submissão em relação ao homem, os discursos sobre essas práticas ainda nos constituem e determinam o que chamamos de discurso feminino. A própria mulher, mesmo sem ter consciência disso, reproduz enunciados machistas, oriundos de uma ideologia patriarcal que por muito tempo dominou as práticas sociais e determinou as diferenças entre os gêneros.

Um primeiro ponto que aparece na entrevista é o fato de que a mulher deve estar sempre satisfeita, “feliz”, trabalhando. Não há nenhuma justificativa para tal satisfação e felicidade, parece ser simplesmente seu dever. O homem deve encontrar a mulher sorridente em casa, afinal ela não tem do que reclamar:

**Enunciado 37:** *E pra isso né a gente está sempre feliz, satisfeita, trabalhando né? Querendo trabalhar, e quem trabalha melhor ainda né, porque aí dá bastante valor, cuida dos afazeres, cuida dos filhos, cuida do trabalho, a vida assim, será mais interessante.*

Há, contudo, um deslocamento em relação a uma ideologia patriarcal, quando a entrevistada fala da questão do trabalho: “e quem trabalha melhor ainda né?”. Nesse discurso materializa-se a possibilidade da mulher trabalhar fora de casa, o que se torna visível (mesmo que não explícito na sua fala) a partir de um interdiscurso da atualidade baseado na prática da mulher atual trabalhar fora de casa. Esse discurso abre uma outra possibilidade de interpretação em que o trabalho pode significar duplamente: como trabalho fora de casa ou a consideração das atividades domésticas como “trabalho”. Constrói-se um espaço de ambigüidade para o significante “trabalho”, que pode ser completado tanto pela FD patriarcal, machista, no sentido de “trabalhar fora de casa”, quanto pode incorporar “atividades domésticas” (cuida dos afazeres, filhos) como trabalho com remuneração, lugar do homem, portanto. A repetição da forma lingüística “trabalho”: “trabalhando” “trabalhar”, “trabalha” “trabalho”, respectivamente enfatizam as múltiplas utilizações e efeitos de sentido. Essa hipótese dos afazeres domésticos do campo privado serem vistos como trabalho, se for correta, configuraria um deslocamento em relação a um discurso machista de ideologia patriarcal. É interessante, ainda, que quando ela afirma “dá bastante valor” há um lugar vazio de interpretação a ser preenchido no interdiscurso – o sujeito- quem dá bastante valor? O homem? E então só as expressões “valor”, “interessante”, “trabalha” designariam a posição da mulher que já reconhece a importância daquilo que faz.

Ainda é importante salientar, em relação a esses enunciados, a recorrência de expressões de intensidade, que significam o trabalho fora de casa como hierarquicamente superior (o que revelaria uma posição machista), o que é materializado lingüisticamente através das expressões: “melhor”, “bastante”, “mais”. O que observamos, é que há a tentativa na fala da mulher de escapar do discurso machista, mas ao mesmo tempo ela se constitui determinada por ele. Assim, mesmo havendo o equívoco ele não recobre toda a constituição da mulher enquanto sujeito. Aqui parece prevalecer ainda a “mulher-efeito”.

Na seqüência dos discursos que reproduzem um assujeitamento da mulher ao discurso machista, aparece nos enunciados produzidos por essa senhora, as “obrigações” da mulher:

**Enunciado 38:** *O meu dia a dia agora que estou sozinha continua assim: levantar bem cedo, fazer minhas obrigações, fazer comidinha pra meu filho.*

Ela poderia usar qualquer outra palavra, mas a “escolha” não é aleatória, porque ela realmente toma como “obrigação” os afazeres domésticos, o que vem dado por uma prática discursiva consolidada pela ideologia patriarcal, repetida por vozes masculinas desde muito tempo e incorporada à fala da mulher por reproduzir a ideologia dominante. Segundo Emanuel Araújo, no Brasil do período colonial, a educação feminina era “dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos” (ARAÚJO, 2000: 50). Assim, muitas vezes a “conquista” do mercado de trabalho pela mulher parece na verdade ter surgido como a incorporação de uma dupla jornada de trabalho, já que o serviço doméstico ainda continua destinado a ela e tomado como sua “obrigação”.

Há ainda a expressão “continua assim”, vestígio de um discurso machista, que revela interpelação à ideologia machista, tendo em vista a falta de outra forma de se subjetivar. Quando o marido estava presente, ela precisava cumprir suas “obrigações”, agora que ele já não está mais com ela, ela não vê outra forma de levar sua vida, então ela “continua assim”, como se esse fosse o único modo possível de se subjetivar como mulher.

Alia-se ao discurso machista, em muitos momentos, um discurso religioso. Sabemos que, historicamente, eles sempre estiveram ligados. O discurso cristão, mais especificamente, reproduz um discurso machista bastante latente: o casamento está ligado à procriação e ambos são “obrigações” femininas. Conforme Emanuel Araújo, “Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (idem, ibidem: 52).

Ainda compõe o discurso machista de que a mulher deve ser submissa, mãe, frágil, um discurso médico-biológico:

Na tentativa de isolar os fins aos quais a natureza feminina deveria obedecer, os médicos reforçavam tão-somente a idéia de que o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estaria ligado a um outro, moral e metafísico; ser mãe, frágil e submissa, ter bons sentimentos, etc.”(DEL PRIORE, 2000: 83).

Um enunciado como o seguinte, por exemplo, é composto de todos esses discursos que mencionamos e que se ressignificam na fala da mulher:

**Enunciado 39:** *De ser mãe, também, sabe, porque ser mãe é bem importante porque a gente luta bastante né pra cumprir as obrigações e é uma coisa divina né? Então temos que jamais deixar de ter a sua prole.*

Essa posição da mulher como mãe aparece como lugar “eterno”, o que podemos verificar a partir das pistas lingüísticas que se repetem e formam essa discursividade: “luta” (significando que sempre lutou, é uma prática contínua); “jamais deixar”, “coisa divina”. Todas essas expressões produzem o sentido da maternidade como algo eterno, que não se tira, algo da essência da mulher.

Se observarmos, no enunciado 38 também aparecem expressões do mesmo campo semântico: “continua” e “sempre”, o que vai delineando o papel da mulher sob um efeito de estabilização, continuidade, ligado à essência feminina. Esse discurso está arraigado desde muito tempo, conforme mencionamos no primeiro capítulo sobre a história da mulher.

No excerto seguinte, a senhora fala da mudança do homem e aparece um enunciado estereotipado como machista que soa estranhamente numa fala feminina, considerando que a senhora que fala não o faz em tom irônico:

**Enunciado 40: Pesquisadora:** *A senhora acha que mudou bastante coisa?*

*- Mudou, mudou, bastante eu acho que agora o homem está num caminho muito importante. Ele faz de tudo, cuida da casa, cuida dos filhos, cuida do serviço e o homem que, afinal de contas é o chefe né? É o chefe que tem que se impor bastante, não deixar a mulher passar muito na frente dele né? Tem que partilhar de tudo né?*

Mais uma vez, a sombra do discurso machista constitui a fala dessa mulher que reconhece a mudança pela qual o homem vem passando, entretanto ainda o vê numa posição de superioridade, resquício de uma ideologia patriarcal. Veja-se que há marcas lingüísticas que materializam a superioridade do homem em relação à mulher: “muito importante”, “de tudo”, “bastante”. A memória desse discurso machista é permeada mais uma vez por um discurso religioso, originário do período medieval: “o fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade” (ARAÚJO, 2000: 46).

Ocorre, entretanto, um equívoco na última linha do excerto. Na frase “não deixar a mulher passar **muito** na frente dele né?”, o advérbio “muito” denota um saber compartilhado (o que se materializa pela presença do “né” no final da frase”) de que a mulher vem passando na frente do homem. Vejamos: o homem é o chefe, assim afirma a entrevistada, entretanto, ao dizer que ele não pode deixar a mulher passar “muito” na frente dele, escapa uma fala que afirma esse acontecimento, mesmo que ainda se silencie de que forma ou em que aspectos a mulher vem tomando frente em relação ao homem.

O mesmo ocorre no próximo enunciado:

**Enunciado 41: Pesquisadora:** *A senhora acha que a mulher tem passado às vezes na frente do homem?*

*- Muitos tem a mulher já é tudo, tem mulher até assim já, que dirige carro, dirige ônibus, dirige caminhão, então o homem tem que se impor, que isso era serviço deles só, né? Agora as mulheres já estão se equiparando, estão indo carreira junto né?*

Temos aqui a paráfrase discursiva: “e o **chefe** que tem que se impor”, e “o **homem** tem que se impor”, em que são tomados como sinônimos “chefe” e “homem”, o que garante sentido de superioridade, de autoridade para o homem. Isso é complementado pelo espanto da entrevistada em relação às atividades realizadas pelas mulheres hoje em dia, o que reflete uma ideologia pautada num discurso machista, principalmente quando ela afirma que o homem precisa se impor.

A questão do trabalho, que aparece no enunciado analisado, é algo que sempre causou tumulto nas relações entre homens e mulheres e causa da grande divergência do movimento feminista que, por muito tempo, defendeu a igualdade nas condições de trabalho e a capacidade da mulher de realizar com a mesma ou até maior eficácia os trabalhos considerados “masculinos”. Contraditoriamente a essa postura feminista, o machismo, balizado numa ideologia patriarcal e também religiosa, vê a mulher como ser frágil e incapaz, e, por isso, destinado apenas aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Nessa fala materializa-se a questão de que há “serviço” de homem e serviço de mulher; e um efeito do sentido da essência e do eterno em relação aos gêneros.

#### **4.2.5.3 DISCURSOS FEMINISTA E MACHISTA INTERCALADOS: HETEROGENEIDADE**

A análise dos enunciados anteriores deixa claro que ambos os discursos- machista e feminista- constituem a fala da mulher. Em alguns momentos um se sobrepõe ao outro, mas algo sempre “escapa” e fura a interpelação ideológica. Em outros momentos, porém, percebemos que os discursos machista e feminista aparecem num mesmo enunciado de forma explícita, o que nos leva a supor que eles realmente compõem a fala da mulher de maneira contraditória. O enunciado seguinte materializa bem esse acontecimento:

**Enunciado 42:** *Porque agora eles partilham da afinidade da casa, eles ajudam criar os filhos diferente. Tem homens aí, que eu vejo por aí que fazem de tudo, até tinha, até pra uma mulher era difícil botar uma fralda, já tenho visto homem em atividade bem assim, sabe? Então é importante que o homem agora já está bem no caminho de entender aquilo que está imposto pra ele, não é de correr, não quero ser isso, não quero ser aquilo porque é feio, não senhor, ele partilha de tudo, e é muito bom.*

Ao mesmo tempo em que a entrevistada apresenta surpresa ao falar dos homens que “até” já trocam fralda, ela deixa claro que o homem deve ter as mesmas

“obrigações” da mulher, “partilhar” do cuidado da casa e dos filhos. Esse “até” é atribuído também à mulher na fala “até pra uma mulher era difícil botar fralda”, e, nesse caso, a interpretação é diferente: se nem a mulher, que seria a responsável por fazê-lo (conforme os pressupostos de uma ideologia de base patriarcal/machista), não conseguia muito bem, o homem tem feito isso: “já tenho visto homem em atividade bem assim”. Afinal o homem é superior, não era nem a função dele e ele faz. Aqui temos um discurso feminino, podemos dizer.

A palavra “obrigações” (baseada numa FD machista com origem na Idade Média) no jogo parafrástico aparece em relação com “imposto”, constituindo uma ligação que pontua a possibilidade de se escapar do eterno/daquilo que é destinado (o destino) para o homem e para a mulher. Aqui o sentido de “obrigação” se mobiliza em relação à enunciação “o homem está no caminho de entender o que esta **imposto** pra ele”; suas “funções” se modificam e as obrigações domésticas e em relação aos filhos também passam a fazer parte do universo masculino. Aparece uma FD machista advinda da expressão “obrigações” e uma feminista, quando a mulher utiliza o significante “imposto”, para designar as atividades que o homem deve realizar neste momento.

Surge ainda a negação de uma fala masculina machista, colocada em forma de discurso relatado direto: “não quero ser isso, não quero ser aquilo por que é feio”, ao qual a mulher responde, como num diálogo: “não senhor!”. Ou seja, aqui a contradição que perpassa a formação identitária da mulher da nossa época, coloca-se em forma de diálogo, coexistindo no mesmo espaço e constituindo contraditoriamente esse sujeito mulher que fala nesse momento. A mulher ao mesmo tempo fala COMO o homem e fala COM o homem.

Esse ponto é extremamente relevante para nossa reflexão sobre a mulher atual porque marca explicitamente, via heterogeneidade mostrada, a heterogeneidade constitutiva da mulher. É ainda o lugar que materializa um NOVO discurso, decorrente de uma nova posição possível para a mulher na contemporaneidade. Antes ela não podia falar COM o homem, tinha apenas que ouvi-lo e obedecê-lo; também não podia falar COMO ele, pois seu lugar de mulher não permitia, porque sua “essência” era outra (dada pela “verdade” da época). Agora os papéis se deslocam e a relação homem e mulher também, o que permite deslocamentos na fala da mulher que produz um discurso “outro”, diferente da FD machista e da feminista.

A análise, ainda que sumária, que fizemos da fala dessa senhora de 83 anos permite que reflitamos acerca da identidade feminina. Pensamos que a identidade não pode mais ser vista sob o signo da homogeneidade, mas justamente pela heterogeneidade, pela presença inquietante de um “Outro” no Um, e ainda pela quebra de paradigmas trazida pela contemporaneidade.

A sombra de um discurso machista, de base patriarcal, ainda fala em nós, assim como o discurso feminista clássico retorna ressignificado em nossa fala. Ambas as práticas discursivas, embora contraditórias, compõem o que unitariamente chamamos de discurso feminino, discurso esse que não é fechado, homogêneo, mas conjuga várias fontes, por vezes oponentes, em sua composição.

Dessa forma, a identidade feminina não pode ser tomada como um conceito fechado, dadas as condições do sujeito na contemporaneidade. Podemos dizer que ela vem sendo (des) construída, já que constituída de forma heterogênea, com base num sujeito atravessado pela memória discursiva (ou interdiscurso) e pelo inconsciente. Se a mulher se constitui justamente pela “falta”, pela contradição, é a partir daí que precisa ser vista, justamente pelo que “falha” na sua pretensa homogeneidade identitária.

#### **4.3 JUNTANDO OS PEDAÇOS: FECHAMENTO DE UMA ANÁLISE INCOMPLETA**

As palavras por vezes nos faltam, aprendemos isso na própria análise realizada e no contato com a AD e a Psicanálise. Pêcheux sabia disso, ao falar da heterogeneidade e Lacan também o sabia, ao construir uma teoria a partir de matemas para tentar dizer o indizível.

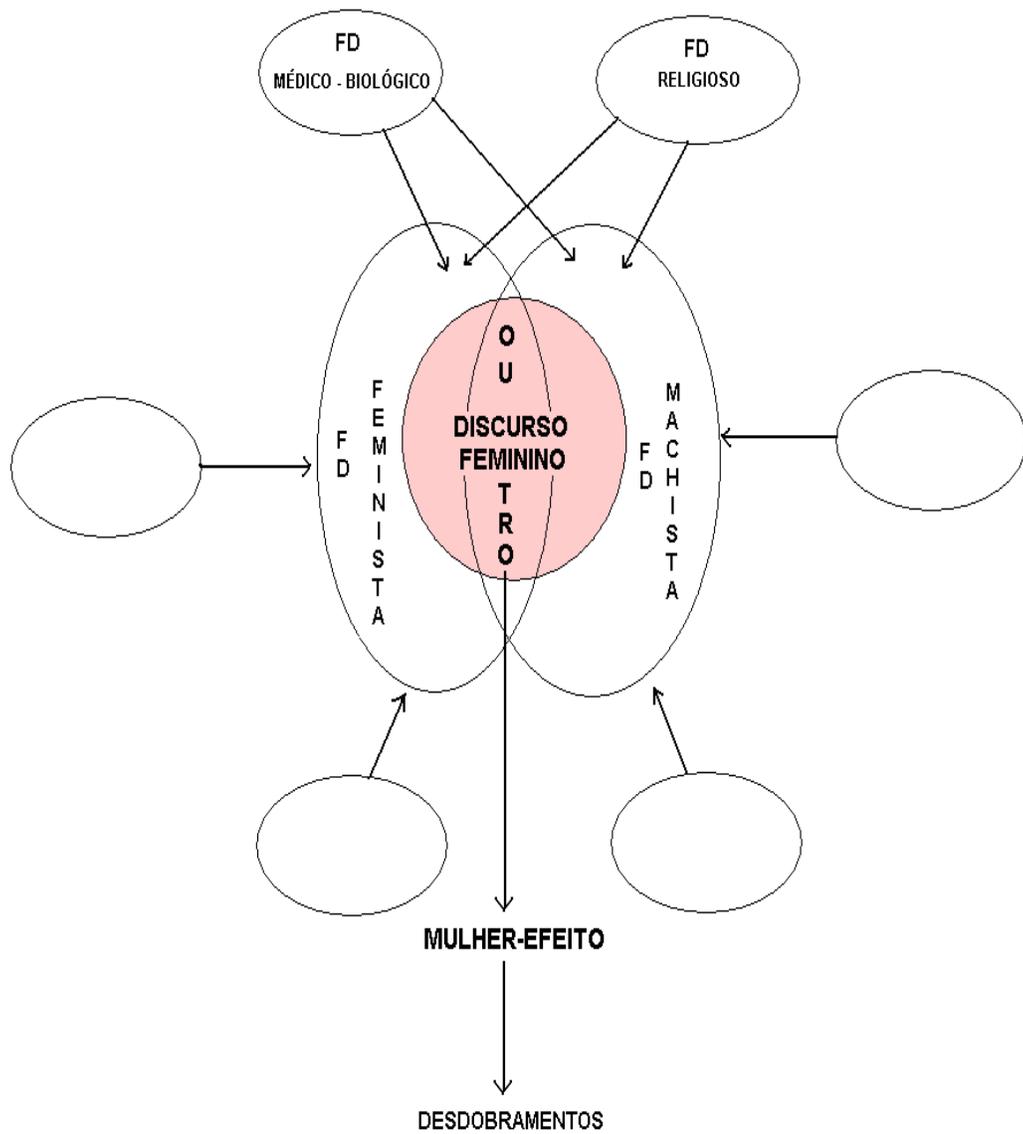
A linguagem, lacunar que é, não foi diferente conosco. Os efeitos de sentido deslizam e às vezes parece que um fechamento nos é impossível. Temos uma análise fragmentada. Um sentimento de angústia decorre disso, entretanto não há como fugir dele sendo nós seres incompletos, desejanter. Considerando isso, e sabendo da impossibilidade da completude, resolvemos fechar esta análise através de uma outra forma de simbolização. Pensamos com isso possibilitar uma visualização (no sentido concreto do termo) do discurso feminino, juntando-o em sua constituição heterogênea através de um fluxograma.

Quando falamos do discurso feminino na contemporaneidade e sua constituição heterogênea, o vislumbramos a partir dos discursos que o compõem e

podem ser nomeados: como a FD machista e a FD feminista. Essas duas FD's coexistem no discurso feminino numa relação de dominância em relação a outros discursos. Também consideramos o afetamento do discurso feminista e machista pelas FD's médico-biológica e religiosa, sendo que essas FD's aparecem com bastante freqüência (por isso as ressaltamos no fluxograma), significando diferentemente conforme o lugar em que comparecem. Junto com essas FD's há ainda várias outras possíveis que compõem o discurso feminista, machista e, portanto, o discurso feminino, daí os balões em branco, que representam essas possibilidades.

Aliado a toda essa formação heterogênea ainda há o Outro, que atravessa toda formulação por ser intrínseco à constituição do sujeito falante. Dessa determinação pelo "Outro" decorrem os equívocos, que corporificam a presença do desejo, dada a interposição de um sujeito faltante. O equívoco se coloca na tensão que se constrói pela própria constituição do sujeito mulher: a **mulher-efeito** produz uma dicotomia dada pelo assujeitamento e pela falha que ele mesmo produz. Daí resulta um sujeito feminino que corporifica ao extremo a heterogeneidade.

Se não é possível fechar sem falhas, vamos tentar unir os fragmentos que conseguimos juntar. Sem mais delongas, que o fluxograma explique-se por si mesmo. A falta? As lacunas? São necessárias!



## FALTA AINDA ALGUMA COISA... CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher, mulheres, discurso feminino, identidade, mulher-efeito, sintoma. Significantes que latejaram durante toda a realização desse trabalho. Concluir? Não sabemos se é possível concluir alguma coisa, entretanto alguns pontos foram lançados para se pensar a identidade da mulher nesse período contemporâneo, por isso preferimos falar em “considerações finais”.

Nosso objetivo neste estudo era refletir sobre a identidade da mulher no cenário contemporâneo. Para isso, resolvemos trabalhar com o discurso oral feminino, considerando que essa modalidade do discurso, sendo mais desprovida de planejamento, era o lugar de onde poderia emergir um material lingüístico que pudesse ser representativo da fala feminina. Escolhemos mulheres de perfis diversificados, ao todo 10 (dez) entrevistadas, para as quais colocamos a seguinte questão: “Você gosta de ser mulher? Por quê?”. Com esse questionamento pensamos dar vazão à fala da mulher, seguindo o princípio psicanalítico da associação livre, já que gostaríamos de observar o discurso produzido por posições discursivas femininas.

Dessa forma, acreditamos contribuir para os estudos sobre a identidade feminina, tendo em vista que a maioria dos estudos existentes enfocam a questão da construção da identidade feminina por outros meios, via mídia ou discurso masculino, por exemplo. Se o indivíduo se constitui em sujeito ao tornar-se um sujeito falante e, então, ser interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, é justamente pela SUA fala que poderemos observar sua constituição como sujeito e, em decorrência disso, as possibilidades de identificação.

A hipótese inicial do projeto era de que a mulher reproduziria em suas falas discursos de origem machista. Isso não se revelou totalmente falso. Entretanto, percebemos que aparecem outros discursos que também constituem a fala feminina, como o discurso feminista, contraditório ao discurso machista. Pensado desse modo, a interpelação da mulher como sujeito se dá não através de uma FD fechada, balizada numa FI única, mas justamente na tensão entre várias FD's, por vezes oponentes, como é o caso da FD machista e feminista. As mulheres do nosso tempo são constituídas em sujeitos falantes, o que chamamos de **efeito-mulher**, através da interpelação de FI distintas, que as perpassam concomitantemente.

Outro ponto importante das nossas considerações acerca da formação subjetiva da mulher é o atravessamento pelo inconsciente. A insistência de uma instância “Outra”, que não deixa nunca de se inscrever, perpassa toda essa formação do sujeito, deixando uma falta que se materializa na linguagem, o que verificamos nos equívocos.

A partir dessas “falhas”, faltas do discurso feminino, consideramos importante uma reflexão psicanalítica acerca da constituição da mulher. Daí a noção de sintoma, discutida no segundo capítulo, que nos permite pensar a estrutura da mulher, o que se verifica no seu discurso.

Trabalhamos com a constituição da mulher a partir do mesmo “efeito” ilusório de constituição do sujeito, pelo qual ele se pensa completo e dono do que diz- efeito-sujeito-. Tornar-se mulher é assimilar um conceito que vem junto com o significante “mulher”, conceito esse imaginário e produzido historicamente pelas práticas discursivas. Esse significante só produz o efeito de interpelação do indivíduo pela noção de gênero à medida que está investido de sentido pela determinação das posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico de (re) produção das palavras e dos discursos sobre o que é ser mulher. A esse fenômeno chamamos “efeito-mulher”.

Considerando o efeito-sujeito, ou “efeito-mulher”, podemos afirmar que, ao nomear um indivíduo “mulher”, o significante carrega o peso da história, os sentidos e atribuições do que as práticas discursivas construíram como o que é ser mulher e, portanto, o sujeito estará sob esse efeito, que entendemos como histórico e imaginário. Mesmo que, como afirmou Lacan, “*A Mulher não exista*”, ou melhor, não exista como conjunto, existe um efeito homogeneizante do que é ser mulher, o que é construído via palavra do homem.

Contudo, ao observarmos o funcionamento do discurso feminino, percebemos que esse efeito nem sempre funciona, porque sempre há um espaço para a falta. Aí entram os pressupostos psicanalíticos de constituição do sujeito. A materialização da falta no discurso feminino revela-se nos equívocos produzidos, o que denuncia uma falta que é constitutiva de todo sujeito e ainda mais evidente no caso da mulher.

Assim, ao mesmo tempo em que a mulher é interpelada pela ideologia e pelo discurso dominante (masculino) -efeito-sujeito-, ela também carrega o fado de ser sintoma, ou seja, portar uma verdade negada, uma falta que nos é impossível de ser simbolizada. A impossibilidade do ser unificado, revelado pela falta constitutiva,

afirma um sujeito heterogêneo, em que falam vozes “outras” (interdiscurso) e ainda há o afetamento pelo grande “Outro”, negligenciado ao entrarmos no nível simbólico, mas constitutivo e, portanto, sempre existente e resistente, interpondo-se onde a linguagem falha.

Como pensar, então, essa noção de heterogeneidade do sujeito em relação à mulher? Acreditamos que, ao situarmos a mulher como “efeito”, mas um efeito que falha, a colocamos na tensão entre dois pólos: um regido pela determinação histórico-ideológica e outro que se coloca a partir do desejo, da falta que constitui todo sujeito. Pensando nessa bipolaridade, situamos o sujeito sob o signo da heterogeneidade. Se considerarmos ainda a questão da constituição feminina, podemos afirmar que a mulher apresenta de forma mais clara, em função da sua estrutura, essa manifestação heterogênea.

As identidades são efeitos construídos a partir dos discursos. Dessa maneira, observamos que as mulheres, como não poderia deixar de ser, estão sob esse “efeito identitário” que é dado pelas práticas discursivas sobre o que é ser mulher e que elas (re) produzem em suas falas, mas também “escapam” a essa determinação, caminhando para outras possibilidades de identificação, o que configura os desdobramentos em relação ao “efeito-mulher”.

Dessa forma, as mulheres que entrevistamos ainda estão determinadas pelo “efeito-mulher”. Suas falas (re) produzem discursos de uma interpelação com base no que circula sobre o que é ser mulher. Ainda dão extrema importância ao casamento, à maternidade, querem trabalhar, estudar, ter “mais” liberdade, ainda são conservadoras em relação à liberdade sexual, ainda vivem a partir de uma FI patriarcal, ou seja, valorizam muito tudo que diz respeito ao mundo masculino. Entretanto, há o discurso feminista que já produz deslocamentos, entre muitos outros discursos que constituem a fala da mulher. Mais que isso, há algo que “desestabiliza” dentro do discurso da mulher, que é a presença do discurso do “Outro”, que se faz via atos falhos, conteúdos reticentes, pausas, escolhas lingüísticas que soam estranhamente, dentre outros equívocos.

A mulher de hoje se constitui, pelo que pudemos perceber através das nossas análises, pela mascarada da heterogeneidade. Explicamos: leva ao máximo o princípio da constituição do sujeito como heterogênea. Assim, a mulher parece corporificar a heterogeneidade, já que faz surgir com mais frequência a presença de um discurso repleto de equívocos, discurso que não é somente seu, mas reflete o

posicionamento de uma sociedade em vias de mudança e em fase de desestabilização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, B. M; PITANGUY, J. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 45-77.

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Trad. Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990.

\_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BARDWICK, J. M. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas*. Trad. Wanda de Oliveira Roseli. São Paulo: DIFEL, 1981.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 607-639.

BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BRAIT, B. (org). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: Fapesp, 2001.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

D'INCÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 223-240.

DIAS, M.G.L.V *O sintoma: de Freud a Lacan*. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 2, maio/ago/2006, p.p. 399-405.

ENGEL. M. *Psiquiatria e Feminilidade*; In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. p.p. 322-361.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I- Vontade de saber.* (1976) 14 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal: 2001.

FREUD, S. *Feminilidade.* In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol XXII (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.p. 139-165.

GADET, F.; TAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

GREGOLIN, M; R, V. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.* São Carlos: Claraluz, 2004. P.p. 23-44.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

KEHL, M. R. *A mínima diferença: feminino e masculino na cultura.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. Joyce, o Sintoma. In: *Outros Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.p. 560-566.

\_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.p. 653-691.

\_\_\_\_\_. *Escritos.* Trad Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário XX. Mais, Ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAURENT, D. *O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma.* Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, ano 1, nr. 02, maio a outubro de 2006. Disponível em [www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_02/traducao.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/traducao.htm). Acesso em 07/07/2007.

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação.* Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LYOTARD, J. *A condição pós-moderna.* Trad, Ricardo C. Barbosa; posfácio: Silvano Santiago. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média.* 2 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje.* Trad. Eni. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MELMAN, C. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Revista Tempo Freudiano, nº 6, Rio de Janeiro, agosto de 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado: palestras no Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NAGERA, H. *Teoria da Libido*. São Paulo: Cultrix, 1981.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed, 2003.

\_\_\_\_\_. Do sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, Sp: Pontes, 2001. p. 99-108.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio*. Campinas, UNICAMP Editora, 1992.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (1975) Trad. De Eni P. Orlandi et al. 3 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PRIORE, M. D (Org). *Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino*. In: *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 78-114.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M. e GROSSI, M. P. *Masculino, feminino, plural gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p.p. 21-41.

\_\_\_\_\_. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 578-606.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997/1998.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Soares São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.p.p. 63-96.

SOIBET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 362-400.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

STREY, M.G. *Psicologia Social Contemporânea- livro-texto*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VENÂNCIO, R.P. Maternidade negada. In: PRIORE, M. D (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.p.p. 189-222.

# ANEXOS

**ANEXO 01<sup>64</sup>****10. Entrevista: M.M. , estudante universitária , 22 anos, solteira, Irati-PR****Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não sei, pergunta difícil.. (...) Eu queria ser meu irmão, pra poder ter mais liberdade...viajar, pode fazer muitas coisas. Meu irmão desde cedo saiu de casa pra trabalhar, mas pra mulher já é mais complicado, mulher não pode trabalhar em qualquer coisa, então eu fui ficando”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Tudo tem um limite...tem muitas loucas que fazem.mas.não é permitido e não é fácil. (...) eu posso fazer o que eu quiser, mas as conseqüências são mais graves”

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Ficaria. Eles pensam que usam a gente, vamos usar eles também...” Mas não transaria com dois...”

**Você quer se casar?**

“Não me vejo cuidando de uma casa, mas tenho umas pira de me vestir de noiva...” Não quero casar, quero ter alguém..., mas não quero depender de homem..” “Minha mãe sempre diz que não posso me casar porque sou muito bagunceira, não seria uma boa dona de casa”

**Você quer ser mãe?**

Não vejo problema em ficar solteira, mas quero ter um filho, meu ou adotivo, não importa..”

**11. Entrevista: V. C., estudante universitária , 19 anos, solteira, Irati-PR.****Você gosta de ser mulher? Por quê?**


---

<sup>64</sup> As entrevistas que apresentamos a seguir são fragmentos, porque não fizemos anotações enquanto conversamos com as entrevistadas. Fizemos este relato *a posteriori*, priorizando apenas as questões principais dentro da entrevista, entretanto procuramos manter o máximo de fidedignidade ao conteúdo e forma da fala das entrevistadas.

“Não gosto, quer dizer, às vezes sim às vezes não”, “mulher é proibida de fazer muitas coisas, tudo não pode, enquanto homem pode tudo”, “o único lado bom é que, por isso o homem tem mais responsabilidades”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher hoje já pode trabalhar, escolher se quer ficar com alguém ou não, mas não pode fazer muitas coisas...”

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“ Não, acho complicado, falaria muito, só se fosse bem escondido...”

**Você quer se casar?**

“Quero, mas não agora. Quero estudar primeiro, me formar, para depois pensar em ter alguém”

**Você quer ser mãe?**

“Quero ter um filho sim, mas gostaria que fosse tudo direitinho, depois que estivesse casada e bem estabelecida financeiramente”.

**12. Entrevista: P. P. B., estudante, ensino médio incompleto, 15 anos, solteira, Guarapuava-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Gosto, mulher é mais sentimental e também mais respeitada”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher não pode ficar com muitos parceiros, é feio. Pra homem não é tão feio, mas pra mulher é”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Ficaria, se fosse escondido e tivesse chance.”

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico nervosa, choro, descontro nos outros, principalmente na minha mãe.”

**Você quer se casar?**

“Quero casar, mas não tão cedo”.

**Você quer ser mãe?**

“Sim, quero ter filhos, mesmo que não case”.

**13. Entrevista: M. S., empregada doméstica, 30 anos, separada, 2 filhos, ensino fundamental incompleto, Guarapuava-PR<sup>65</sup>.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Eu gosto!” (enfaticamente). Ser mulher tem muitas vantagens (não enumerou quais). Mas se eu pudesse nascer de novo, acho que preferiria ser homem”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher não pode sair fazer o que quiser”.

**Você ficaria com dois homens numa noite só e/ou trairia durante uma relação?**

“Não traio nunca, durante o meu casamento nunca trai o meu marido. Ficar com dois na mesma noite eu até ficaria, mas não transaria com dois, aí já é demais”

**O que você faz quando leva um fora?**

“Há...depende, quando terminou meu casamento, por exemplo, eu fiquei triste, mas ao mesmo tempo foi um alívio, porque meu marido era ruim pra mim. Agora quando levo um fora de algum namorado, fico meio pra baixo por algum tempo”.

**Você quer se casar novamente?**

“Quero, mas só quando encontrar o homem certo”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Claro! Meus filhos são a melhor coisa que eu tenho, quando encontrar alguém legal, quero ter outro filho, sos meus filhos são a única coisa boa que sobrou do meu casamento”.

**14. Entrevista: R.M.S., 51 anos, aposentada, viúva, 3 filhos, ensino fundamental incompleto, Guarapuava-PR<sup>66</sup>.**

---

<sup>65</sup> “M” tem uma história muito interessante que me contou. Ela “fugiu” aos 14 anos com um homem bem mais velho, que só conhecia por carta. Essas cartas eram escritas e lidas por uma parente sua que a encorajou a “fugir” com o “namorado”, já que seu pai era muito rígido. Com esse homem conheceu o sexo e a rotina de um relacionamento a dois bastante tradicional, em que a mulher deve ser totalmente submissa ao homem. “Você não imagina as coisas que eu tinha que fazer”, diz “M”, referindo-se à prática sexual, que afirma ter sido uma experiência horrível no início. Depois, fala que “aprendeu” a gostar do marido, mas ele batia nela, tentou por várias vezes matá-la, tudo isso porque tinha ciúmes e imaginava que ela pudesse ter outro homem, sobretudo quando ela não queria manter relações sexuais com ele.

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Eu gosto. Não sei porque, mas é bom ser mulher”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Mulher pode fazer quase tudo, só algumas coisas não pode fazer, se não fica suja, mal falada”(referindo-se a questões sexuais).

**Você ficaria com dois homens numa noite só ou teria um amante se fosse casada?**

“Não, de jeito nenhum. Não teria um amante (nunca tive) e também não ficaria com dois homens na mesma noite. Eu até fico com vários, mas um de cada vez”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico chateada, bebo, mas não choro”.

**Você sempre quis se casar, se casaria novamente?**

“Sim, gostei muito de ser casada, mas tem que ser com alguém que você se dê bem, amor só não basta”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Sim, ser mãe é muito bom, é por causa dos meus filhos que hoje eu não estou sozinha no mundo”.

**15. Entrevista: T.V, funcionária pública, 44 anos, casada, 2 filhos, ensino médio completo, Guarapuava-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Gosto. Ser mulher é muito bom...” (não soube dizer por quê) “Há..sei lá...”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Não sei, acho que pode fazer tudo. É claro que não pode ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás”.

---

<sup>66</sup> “R” é uma senhora um pouco divergente dos padrões, apesar do seu discurso não denunciar isso. Ela sai com muita frequência, tem romances ocasionais, “aproveita a vida”, conforme ela mesmo disse. Outro detalhe é que ela bebe bastante, já foi alcoólatra. Hoje, toma uns “pileques” de vez em quando. O fato de beber e sair com frequência faz com que não seja muito bem vista na sociedade, conforme pude averiguar com outras pessoas que a conhecem. Apesar disso, sua postura não é promíscua ou desequilibrada, pelo menos foi o que percebi durante a conversa que tivemos.

**Você trairia o seu marido, teria um amante?**

“Não, não faria isso. Apesar de eu ser “viúva de marido vivo”, já que ele trabalha fora e nos vemos só de vez em quando. Mesmo assim não teria um amante não”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Não sei, não me lembro de ter acontecido. Também já faz tempo que eu sou casada, que já não penso nessas coisas. Quando me decepciono ou brigo com meu marido fico triste, às vezes choro, mas tem os filhos e é preciso não demonstrar instabilidade para eles”.

**Você sempre quis se casar?]**

“Sim, eu queria, mas se fosse hoje, não casaria novamente. É muito difícil, não é o sonho que a gente imagina quando é jovem e está apaixonada”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“Sempre quis e não me arrependo. Adoro meus filhos”.

**16. Entrevista: N.F.L, professora, 27 anos, solteira, ensino superior completo, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Nunca pensei sobre isso, mas acho que gosto sim. Ser mulher é bom nós somos mais sensíveis, temos nossas dores, mas é bom...”

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher é privada de muitas coisas, é claro que isso vem diminuindo muito, mas mesmo assim ainda estamos em desvantagem em relação aos homens, principalmente no que diz respeito ao aspecto sexual”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Não sei porque teria motivos para ficar com dois garotos, acho que não. Prefiro qualidade e não quantidade”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico deprimida, se for de namorado. Fora de alguém em uma noite acho que nunca levei, não lembro, a gente sempre espera que o homem chegue, por isso não corremos muito esse risco”.

**Você quer se casar? Você quer ser mãe?**

“Quero me casar e ter filhos. Essa não é exatamente uma necessidade, mas acho importante ter alguém para se dividir a vida, as coisas boas e ruins. E ser mãe é uma coisa maravilhosa, não quero me privar disso”.

**17. Entrevista: E.C.B., 34 anos, professora universitária, casada, 2 filhos, ensino superior completo, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não sei. Na verdade não sei como é ser homem, mas imagino que talvez seja melhor, sei lá”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“Ah, a mulher é privada de muitas coisas. Ela não tem de jeito nenhum, apesar de toda a evolução, a mesma liberdade do homem. O homem desde cedo tem privilégios, pode sair de casa mais cedo, não há tanta vigilância por parte dos pais; pode se envolver com quantas mulheres quiser ou puder” (risos). “Para a mulher tudo já é mais cheio de regras, temos que manter um certo padrão moral”.

**Você ficaria trairia o seu marido, teria um amante?**

“Não, Não vejo necessidade. Amo meu marido e o dia que sentir que quero traí-lo, acho que está na hora da separação. Gosto das coisas muito bem claras, sem mentira. Traição é sacanagem”.

**O que você faz quando tem uma decepção amorosa?**

“Não sei, faz tempo que não tenho, já que sou casada há 15 anos. Mas acho que todo mundo fica chateado, depressivo, depois passa, tudo passa”.

**Você sempre quis se casar?**

“Na verdade eu não sei exatamente se era tanta “vontade” mesmo de casar. Acho que na época, no contexto em que eu vivia, zona rural, não tínhamos muitas opções, todas as moças se preparavam, eram educadas para casar, e comigo não foi diferente”.

**Você sempre quis ser mãe?**

“ Sim, ser mãe era algo que eu sempre quis. Mas agora já chega, já tenho dois filhos e é o suficiente”.

**18. Entrevista: C.S. , estudante, 21 anos, solteira, ensino superior incompleto, Maringá-PR.**

**Você gosta de ser mulher? Por quê?**

“Não, preferia ser homem”.

**O que você acha que a mulher pode ou não pode fazer?**

“A mulher na verdade pode fazer tudo o que quiser, o problema são as conseqüências, nosso meio ainda é muito conservador, a mulher é privada de muitas coisas”.

**Você ficaria com dois homens (garotos) numa noite só?**

“Sim, sem problema, se estivesse com vontade e surgisse oportunidade, acho que temos que aproveitar a vida, Há momentos em que não se pode se deixar de fazer algo por se preocupar com o que os outros pensam”.

**O que você faz quando leva um fora?**

“Fico um pouco triste, mas logo parto pra outra, se tem uma coisa que não fico é curtindo fundo-de-poço, prefiro sair numa balada e esquecer”.

**Você quer se casar?**

“Não sei, acho que quero, mas não agora. Casamento é estar atado, e para se atar com alguém precisa ser alguém que te compreenda, e que feche com o seu modo de levar a vida. O meu é bem complicado, então não sei se vou encontrar alguém. Mas não tenho medo de ficar sozinha”.

**Você quer ser mãe?**

“Quero, mas esse é um plano para um futuro ainda distante, penso em ter um filho sozinha, talvez, daqui a alguns anos, quando eu tiver uma profissão definida e possa cuidar bem dele”.

**ANEXO 2****Transcrição de entrevista:**

**“Iracema” 83 anos, dona de casa, viúva, 2 filhos.**

**Pesquisadora:** É, então, o que a senhora pensa sobre ser mulher, a senhora gosta de ser mulher?

- Gosto bastante, ser mulher é tudo na vida, sabe? Na minha opinião é o esteio da casa, assim, é mulher. E pra isso né a gente está sempre feliz, satisfeita, trabalhando né? Querendo trabalhar, e quem trabalha melhor ainda né, porque aí dá bastante valor, cuida dos afazeres, cuida dos filhos, cuida do trabalho, a vida assim, será mais interessante.

**Pesquisadora:** É...A senhora foi casada?

- Sim, sim, casada 36 anos.

**Pesquisadora:** E depois a senhora não casou mais?

- Não, não, não casei mais .Eu não acho que não ...dizem assim que ninguém é insubstituível, mas eu acho assim que meu marido foi, é insubstituível, foi, será. Eu tenho impressão assim que ele não morreu, sabe como é? Que eu ainda estou casada, que ele está viajando, está me esperando, espere lá que qualquer dia eu chego. Se Deus quiser, porque a minha vida aqui foi depois dele, além da tristeza né, foi bastante batalhada. Sozinha, eu tinha só dois filhos, casados já, eu tive que me virar e estou me virando até hoje.

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tem?

- 83 .

**Pesquisadora:**83? E como é o seu dia a dia assim, o que que a sra faz?

- O meu dia a dia agora que estou sozinha continua assim: levantar bem cedo, fazer minhas obrigações, fazer comidinha pra meu filho, sair dar umas voltinhas por aí, plantar meu jardimzinho, assim por diante.

**Pesquisadora:** A senhora tem quantos filhos?

- Dois, casados.

**Pesquisadora:** E, a senhora acha que existe algum ponto negativo no fato de ser mulher? Alguma coisa que seja ruim em ser mulher.

- Negativo? Pois... na minha opinião acho que não, acho que não tem nada negativo porque a gente que faz tudo né, a gente pensa bem, faz bem, não pode deixar pra trás né essa missão. Ser mulher é coisa louca de boa!

**Pesquisadora:** E qual é essa missão, o que a senhora entende como missão?

- Como missão é assim, né: viver, trabalhar, respeitar e ser respeitada, sabe? Tudo isso eu acho importante pra uma mulher.

**Pesquisadora:** E o fato de ser mãe?

- De ser mãe ,também, sabe, porque ser mãe é bem é bem importante porque a gente luta bastante né pra cumprir as obrigações e é uma coisa divina né? Então temos que jamais deixar de ter a sua prole.

**Pesquisadora:** A senhora sempre quis ser mãe?

- Sempre quis, não de prole grande, eu pensava sempre mais ou menos assim e fui, assim como se diz é, atendida, porque eu queria uns dois, três assim, tive dois, bem criados, bem educados e assim por diante.

**Pesquisadora:** E como a senhora vê o homem, que que a sra acha, qual que é o papel do homem na sociedade, como é que ele está hoje, qual que é a diferença com a mulher...

- Você sabe, homem pra mim, eu acho que agora eles já são bem mais diferentes do que no tempo que eu casei assim, né? Porque agora eles partilham da afinidade da casa, eles ajudam criar os filhos diferente. Tem homens aí, que eu vejo por aí que fazem de tudo, até tinha, até pra uma mulher era difícil botar uma fralda, já tenho visto homem em atividade bem assim, sabe? Então é importante que o homem agora já está bem no caminho de entender aquilo que está imposto pra ele, não é de correr, não quero ser isso, não quero ser aquilo porque é feio, não senhor, ele partilha de tudo, e é muito bom.

**Pesquisadora:** A senhora acha que a mulher tem mais liberdade com isso?

- Sabe ,eu acho que a mulher tem mais apoio né, porque assim antigamente eles eram muito como é que se diz, muito rigidamente a vida entre um e outro né. Eles eram assim, um observava o outro, agora não, eles tem uma vida, cada qual cuida de si e pronto né e também, é bem bom isso.

**Pesquisadora:**A senhora acha que mudou bastante coisa?

- Mudou, mudou, bastante eu acho que agora o homem está num caminho muito importante. Ele faz de tudo, cuida da casa, cuida dos filhos, cuida do serviço e o homem que, afinal de contas é o chefe né? É o chefe que tem que se impor bastante, não deixar a mulher passar muito na frente dele né? Tem que partilhar de tudo né?

**Pesquisadora:** A senhora acha que a mulher tem passado às vezes na frente do homem?

- Muitos tem a mulher já é tudo, tem mulher até assim já, que dirige carro, dirige ônibus, dirige caminhão, então o homem tem que se impor, que isso era serviço deles só, né? Agora as mulheres já estão se equiparando, estão indo carreira junto né?

**Pesquisadora:** E isso é bom ou é ruim será?

- Eu acho que é bom, eu acho que é bom.

**Pesquisadora:**Ta bom, a senhora quer falar mais alguma coisa?

- Pois eu acho que não, nós já falamos tudo né? Eu achei tão bom, a gente nunca conversou assim , a não ser...ainda mais assim você bonitinha, vizinha da gente né, é prazer estar conversando né? Conversando a verdade...

**Pesquisadora:** Claro. É...A sra autoriza a usar o que a senhora falou pra minha pesquisa, posso utilizar o que a senhora falou, sem divulgar a sua identidade claro.

- Pode, pode, não tem problema. É tudo verdade né?

**Pesquisadora:**Muito obrigada, então.

- Não tem de que.

